
BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
LUCY FOLEY
O APARTAMENTO EM PARIS
Planeta


BEST-SELLER DO NEW YORK TIME
LUCY FOLEY
O APARTAMENTO EM PARIS
Planeta

LUCY FOLEY

O APARTAMENTO EM PARIS

Tradução
Rui Azeredo

Planeta

Para o Al, por tudo

Prólogo

Sexta-feira

Ben

Os dedos dele pairam sobre o teclado. Tem de escrever tudo. Esta: esta é a história que o vai deixar famoso. Ben acende mais um cigarro, um *Gitane*. É algo *cliché* fumá-los aqui, mas gosta bastante do sabor. E, sim, é verdade, também gosta do ar que lhe dão quando os fuma.

Está sentado em frente às grandes janelas do apartamento que dão para o pátio central. Tudo lá fora está coberto pela escuridão, exceto o brilho fraco esverdeado de um único candeeiro. É um prédio lindo, mas há qualquer coisa podre no seu âmago. Agora que o descobriu, consegue sentir o fedor em todo o lado.

Devia sair daqui em breve. Já aqui está há demasiado tempo. Jess não podia ter escolhido uma pior altura para ter decidido vir e ficar. Mal o avisou. E não deu muitos pormenores ao telefone, mas passa-se algo, claramente; passa-se algo com qualquer que seja o bar reles onde ela trabalha agora. A meia-irmã dele tem queda para aparecer quando não é desejada. É como um íman para sarilhos: parecem segui-la para todo o lado. Nunca foi boa a limitar-se «a jogar o jogo». Nunca percebeu como a vida é tão mais fácil se dermos às pessoas o que querem, dissermos o que querem ouvir. Declaradamente, ele disse-lhe para ela vir e ficar em casa dele «sempre que quiseres»; mas não estava a falar mesmo a sério. Só Jess acreditaria na palavra dele.

Quando foi a última vez que a viu? Pensar nela fá-lo sempre sentir-se culpado. Deveria tê-la apoiado mais, olhado mais por ela…? Jess é frágil. Ou… não frágil, exatamente, mas vulnerável de uma forma que as pessoas normalmente não

veem à primeira. É um «armadilho»: possui uma certa suavidade debaixo daquele exterior duro.

Enfim. Ele devia ligar-lhe, dar-lhe algumas indicações. Quando o telefone chama até chegar ao correio de voz, deixa uma mensagem:

– Olá, Jess, então, é no número doze, rue des Amants. Percebeste? Terceiro andar.

O olhar dele é atraído para um lampejo de movimento no pátio abaixo da janela. Passa alguém por ele de forma rápida. Quase a correr. Consegue apenas ver a sombra de uma figura, não consegue perceber quem é. Mas há algo na velocidade que lhe parece estranho. É atingido por um pequeno pico de adrenalina animal.

Ben lembra-se que ainda está a gravar a mensagem e afasta o olhar da janela.

– Toca à campainha. Vou estar à tua espera…

Para de falar. Hesita, escuta.

Um ruído.

O som de passos no patamar das escadas… a aproximarem-se da porta do apartamento.

Os passos param. Está ali alguém, mesmo à porta. Espera que batam. Não batem. Silêncio. Mas um silêncio pesado, como uma respiração sustida.

Estranho.

E depois outro som. Fica parado, de ouvidos alerta, escutando atentamente. Lá está outra vez. É metal em metal, o arranhar de uma chave. Depois o tilintar da chave a entrar no mecanismo. Vê a fechadura a abrir. Alguém destranca a porta dele a partir do exterior. Alguém que tem uma chave, mas que não tem nada que vir aqui sem ser convidado.

O puxador começa a movimentar-se para baixo. A porta começa a abrir, com aquele rangido arrastado familiar.

Pousa o telefone no balcão de cozinha, mensagem esquecida. Espera e observa, aparvalhado, a porta a abrir para trás. Enquanto a figura entra na divisão.

– O que *faz* aqui? – pergunta ele. Calmo, razoável. Nada a esconder. Sem medo. Ou ainda não. – E o que raio…

É nessa altura que vê o que o intruso tem na mão.

Agora. É agora que o medo chega.

Três horas depois

Jess

Caramba, Ben. Atende o telefone. Estou aqui a morrer de frio. O meu Eurostar atrasou-se duas horas ao sair de Londres; devia ter chegado às dez e meia, mas já passa da meia-noite. E está frio, hoje, mais frio aqui em Paris do que em Londres. Estamos só em finais de outubro, mas a minha respiração vê-se no ar e não sinto os dedos dos pés nas botas. Que loucura pensar que houve uma vaga de calor há apenas umas semanas. Preciso de um casaco de jeito. Mas sempre houve muitas coisas de que preciso que nunca vou ter.

Já devo ter ligado dez vezes ao Ben: quando o meu Eurostar chegou, na caminhada de meia hora da Gare du Nord até aqui. Sem resposta. E ele não respondeu a nenhuma das minhas mensagens. Obrigada por nada, mano mais velho.

Ele disse que estaria aqui para me abrir a porta. «Toca à campainha. Vou estar à tua espera…»

Bem, aqui estou. Sendo que aqui é um beco sem saída mal iluminado e calcetado no que parece ser um bairro bastante elegante. O prédio de apartamentos à minha frente fecha este lado, sem outros à volta.

Olho para trás para a rua vazia. Junto a um carro estacionado, a pouco mais de cinco metros de distância, julgo ver as sombras a mudar. Dou um passo para o lado, para tentar ver melhor. Está ali… Semicerro os olhos, tentando perceber a forma. Podia jurar que está ali alguém, acocorado atrás do carro.

Sobressalto-me ao ouvir uma sirene a algumas ruas de distância, bem alto no silêncio. Ouço enquanto o som se esvai na noite. É diferente das de casa –

«tinoni, tinoni», como a imitação de uma criança – mas ainda faz com que o meu coração bata um pouco mais acelerado.

Volto a olhar para a área ensombrada atrás do carro estacionado. Agora não consigo ver qualquer movimento, não consigo ver sequer a forma que pensei ter vislumbrado antes. Talvez tivesse sido apenas uma ilusão de ótica.

Volto a olhar para o prédio. Os outros desta rua são lindíssimos, mas este é o mais belo de todos. Fica afastado da rua atrás de um enorme portão com um muro alto de cada lado, escondendo o que deve ser uma espécie de jardim ou pátio. Cinco ou seis andares, janelas enormes, todas com varandas de ferro forjado. Com uma grande área coberta de hera na frente que parece uma mancha escura insidiosa. Se esticar o pescoço, consigo ver o que parece ser um jardim no telhado, as formas espetadas de árvores e arbustos como se fossem recortes negros no céu noturno.

Volto a verificar o endereço. Número doze, rue des Amants. Não me enganei na morada, de maneira nenhuma. Ainda não consigo acreditar que este prédio de apartamentos elegante é onde o Ben tem vivido. Ele disse que um amigo o ajudara a consegui-lo, alguém que conhecia dos tempos da universidade. Mas o Ben sempre foi bem-sucedido. Suponho que faça sentido que tenha recorrido ao seu charme para conseguir um sítio destes. E só pode ter sido o charme. Sei que os jornalistas ganham mais do que os empregados de bar, mas não tanto.

O portão de metal à minha frente tem um batente em bronze com a forma de uma cabeça de leão: o aro grosso de metal está seguro pelos dentes rosnadores. Reparo que ao longo do cimo do portão existem picos para evitar escaladas. E ao longo do muro alto de cada lado do portão veem-se pedaços de vidro incrustados. Estas medidas de segurança parecem contrastar com a elegância do edifício.

Levanto o batente, frio e pesado na minha mão, e deixo-o cair. O barulho ecoa na calçada, tão mais alto do que o esperado no silêncio. Na verdade, está tão silencioso e escuro aqui que é difícil imaginar que pertence à mesma cidade por onde me arrastei esta noite desde a Gare du Nord: todas as luzes resplandecentes e as multidões, pessoas a entrar e a sair de restaurantes e bares. Penso na zona junto àquela catedral enorme iluminada no cimo da colina, o Sacré-Cœur, por onde passei há vinte minutos apenas: aglomerados de turistas a tirar *selfies* e tipos com ar suspeito com casacos acolchoados a serpentear pelo meio deles,

preparados para roubar uma carteira ou duas. E as ruas por onde caminhei com sinais de néon, a música aos berros, a comida durante toda a noite, as multidões a saírem dos bares, as filas para as discotecas. É um universo diferente. Volto a olhar para a rua atrás de mim: não se vê uma única pessoa. O único som real vem de um restolhar de hera morta na calçada. Consigo ouvir o rugir do trânsito ao longe, o buzinar de carros – mas até isso parece abafado, como se não se atrevesse a intrometer-se neste mundo elegante e quieto.

Não parei para pensar muito enquanto arrastava a minha mala atrás de mim pela cidade desde a estação. Estava a concentrar-me principalmente em não ser assaltada, ou em não permitir que a roda partida da minha mala empenasse e me desequilibrasse. Mas agora, pela primeira vez, tomo consciência: estou aqui, em Paris. Numa cidade diferente, num país diferente. Consegui. Deixei a minha antiga vida para trás.

Acende-se uma luz numa das janelas lá em cima. Olho para lá e vejo uma figura escura de pé, cabeça e ombros numa silhueta. Ben? No entanto, se fosse ele, teria acenado, certamente. Sei que devo estar iluminada pelo candeeiro mais próximo. Mas a figura à janela está parada como uma estátua. Não consigo perceber feições ou sequer se se trata de um homem ou de uma mulher. Mas observa-me. Só pode. Suponho que devo parecer bastante maltrapilha e como se não pertencesse aqui, com a minha velha mala partida a tentar abrir-se apesar da corda elástica enrolada à volta. É uma sensação estranha, saber que conseguem ver-me sem que eu consiga ver bem a pessoa. Baixo o olhar.

Ah-ah! À direita do portão vejo um pequeno painel de botões para os diferentes apartamentos, com uma lente embutida. A enorme cabeça de leão deve ser só para o espetáculo. Dou um passo em frente e pressiono o botão do terceiro andar, para a casa do Ben. Espero que a voz dele estrepite pelo intercomunicador.

Ninguém responde.

Sophie

Penthouse

Alguém bate à porta na entrada do edifício. Alto o suficiente para o *Benoit*, o meu *Whippet* cinzento, se levantar depressa e começar a ladrar.

– *Arrête ça!* – grito. – Para com isso.

O *Benoit* gane, e depois cala-se. Olha para mim, confusão espelhada nos seus olhos escuros. Também eu consigo ouvir a mudança na minha voz – demasiado aguda, demasiado alta. E consigo ouvir a minha própria respiração no silêncio que se segue, áspera e ofegante.

Nunca ninguém usa o batente. Seguramente ninguém familiarizado com este edifício. Vou à janela deste lado do apartamento, que tem vista para o pátio. Não consigo ver para a rua, mas a porta da frente do lado da rua dá para o pátio, por isso, se alguém tivesse entrado, eu conseguiria ver daqui. Mas ninguém entrou e devem ter passado alguns minutos desde que bateram ao portão. Claramente não se trata de alguém que a porteira pense que deva entrar. Muito bem. Nunca gostei muito da mulher, mas sei que posso confiar nela quanto a isto, pelo menos.

Em Paris, podes viver no apartamento mais luxuoso, mas nem assim a escumalha da cidade deixa de aparecer à porta de vez em quando. Os drogados, os mendigos. As prostitutas. Pigalle, o distrito da luz vermelha, fica perto, na encosta de Montmartre. Mas aqui em cima, nesta fortaleza de multimilhões de euros com as suas vistas sobre os telhados da cidade, até à Torre Eiffel, sempre me senti segura. Posso ignorar a sujidade debaixo da douradura. Sou boa a ignorar. Normalmente. Mas hoje é… diferente.

Vou ver o meu reflexo no espelho da entrada. Presto muita atenção ao que vejo no vidro. Nada mal para cinquenta anos. Em parte deve-se ao facto de ter adotado o modo francês no que diz respeito a manter a minha *forme*. O que significa estar sempre com fome, essencialmente. Sei que até a esta hora devo parecer imaculada. O meu batom está perfeito. Nunca saio do apartamento sem ele. *Chanel*, «La Somptueuse»: a minha cor característica. Uma cor azulada e de realeza que diz: «afastem-se», e não «venham cá». Os meus cabelos pretos e sedosos pelo pescoço são cortados a cada seis semanas por David Mallet em Notre Dame des Victoires. A forma foi aperfeiçoada, todas as brancas estão cobertas de forma cuidadosa. Jacques, o meu marido, deixou perfeitamente claro uma vez que abomina mulheres que se permitem ficar grisalhas. Mesmo não estando sempre aqui para o admirar.

Ainda envergo o que considero o meu uniforme. A minha armadura. Blusa de seda da *Equipment*, calças estreitas com um corte perfeito. Um lenço – seda estampada garrida da *Hermès* – em volta do pescoço, excelente para cobrir a destruição que o tempo causou na pele delicada daquela área. Um presente recente do Jacques, com o seu amor por coisas belas. Como este apartamento. Como eu, como era antes de ter tido a pouca graça de envelhecer.

Perfeita. Como sempre. Como esperado. Mas sinto-me suja. Suja pelo que tive de fazer esta noite. No espelho, os meus olhos brilham. O único sinal. Embora o meu rosto também se mostre um pouco macilento – se se olhasse perto o suficiente. Estou ainda mais magra do que o costume. Recentemente, não tive de ter cuidados com a minha dieta, de anotar cuidadosamente cada copo de vinho ou pedaço de *croissant*. Não seria capaz de dizer o que comi ao pequeno-almoço esta manhã; se é que me lembrei de comer de todo. Todos os dias o cós da minha roupa alarga, os ossos do meu esterno ficam cada vez mais protuberantes.

Desfaço o nó do meu lenço. Consigo atar um lenço como qualquer parisiense de gema. Por ele, veem-me como uma delas, aquelas mulheres endinheiradas e chiques, com os seus cãezinhos e de excelentes famílias.

Olho para a mensagem que enviei ao Jacques ontem à noite. Bonne nuit, mon amour. Tout va bien ici. *Boa noite, meu amor. Está tudo bem por aqui.*

Está tudo bem por aqui. Ah!

Não sei como chegámos a isto. Mas sei que começou quando ele veio para cá. Quando se mudou para o terceiro andar. Benjamin Daniels. Ele deu cabo de

tudo.

Jess

Saco do telemóvel. Da última vez que olhei, o Ben não tinha respondido a nenhuma das minhas mensagens. Uma no Eurostar: A caminho! E depois: Na Gare du Nord! Tens conta Uber?!!! No caso de, sabe-se lá, ele subitamente se sentir generoso o suficiente para mandar um carro para me vir buscar. Pareceu-me valer a pena tentar.

Há uma nova mensagem no meu telefone. Mas não é do Ben.

Sua cabra estúpida. Achas que te safas depois do que fizeste?

Merda. Engulo a secura súbita da minha garganta. Depois apago a mensagem. Bloqueio o número.

Como disse, foi coisa de última hora, vir até aqui. O Ben não pareceu lá muito entusiasmado quando lhe liguei mais cedo e lhe disse que estava a caminho. É verdade que não lhe dei muito tempo para se habituar à ideia. Por outro lado, sempre me pareceu que a ligação entre nós é mais importante para mim do que para o meu meio-irmão. Sugeri que passássemos o Natal passado juntos, mas ele disse que estava ocupado. «Vou esquiar», disse ele. Nem sabia que ele esquiava. Às vezes parece que o envergonho. Represento o passado e ele prefere afastar-se de tudo isso.

Tive de explicar que estava desesperada. «Com sorte, será apenas por um mês ou dois, e eu pago a minha parte», disse eu. «Mal me recomponha. Vou arranjar um emprego.» Pois. Um onde não façam muitas perguntas. É assim que se acaba

nos lugares onde eu trabalhei – não há muitos sítios que nos aceitem quando as nossas referências são um desastre.

Até esta tarde eu tinha um emprego remunerado no bar Copacabana em Brighton. A ocasional grande gorjeta fazia com que valesse a pena. Uma data de banqueiros pedantes, digamos, vindos de Londres para celebrar as núpcias iminentes de um Dick ou Harry ou Tobias qualquer e demasiado bêbedos para contar as notas – ou talvez para tipos desses não passassem de trocos. Mas, desde hoje, estou desempregada. Outra vez.

Volto a tocar à campainha. Sem resposta. Todas as janelas do prédio estão escuras outra vez – até a que se acendeu há pouco. Por amor de Deus. Ele não foi para a cama e esqueceu-se completamente de mim… pois não?

Por baixo de todos os botões há um isolado: *Concierge*, lê-se numa letra arredondada. Como algo típico de um hotel: mais provas de que este sítio é completamente topo de gama. Primo o botão, e espero. Ninguém responde. Mas não consigo evitar imaginar alguém a olhar para a minha pequena imagem de vídeo, a avaliar, e depois a decidir não abrir a porta.

Volto a levantar o batente pesado e bato várias vezes com força contra a madeira. O som ecoa pela rua: alguém deve ter ouvido. Ouço um cão a ladrar, vindo das profundezas do prédio.

Espero cinco minutos. Não aparece ninguém.

Merda.

Não tenho dinheiro para um hotel. Não tenho dinheiro suficiente para voltar para Londres – e mesmo que tivesse não havia hipótese de eu voltar. Considero as minhas opções. Ir a um bar… esperar?

Ouço passos atrás de mim, a ecoar pela calçada. Ben? Viro-me para trás, preparada para ouvir o pedido de desculpa dele, que me diga que foi só ali comprar cigarros ou qualquer coisa. Mas a figura que caminha na minha direção não é o meu irmão. É demasiado alto, demasiado largo, com o capuz de uma parca debruada a pelo a tapar-lhe a cabeça. Caminha depressa e com propósito. Agarro a pega da minha mala com mais força ainda. Tudo o que me pertence está ali, literalmente.

Ele está agora a poucos metros de mim, perto o suficiente para eu conseguir ver o reluzir dos olhos dele debaixo do capuz à luz do candeeiro. Está a levar a

mão ao bolso, e volta a retirá-la. Algo me faz dar um passo para trás. E agora vejo-o. Algo afiado e metálico, a reluzir na mão dele.

Porteira

O Loge

Observo-a pelo ecrã do intercomunicador, a estranha ao portão. O que pode estar ela aqui a fazer? Volta a tocar à campainha. Deve estar perdida. Sei, só de olhar para ela, que não tem nada que estar aqui. Exceto parecer certa de ser este o sítio que procura, tão determinada. Agora olha para a lente. Não a vou deixar entrar. Não posso.

Sou a guardiã deste edifício. Sentada aqui no meu *loge*: um pequeno casebre no canto do pátio, que caberia talvez umas vinte vezes nos apartamentos por cima de mim. Mas é meu, ao menos. É o meu espaço privado. A minha casa. A maioria das pessoas não o consideraria digno desse nome. Se me sentar na cama de abrir, consigo tocar em quase todos os cantos da divisão ao mesmo tempo. Há humidade a espalhar-se a partir do chão e do telhado e as janelas não impedem a entrada do frio. Mas tem quatro paredes. Há um lugar para pousar as minhas fotografias com os seus ecos de uma vida outrora vivida, as pequenas relíquias que colecionei e a que me agarro quando me sinto mais sozinha; as flores que apanho no jardim do pátio dia sim dia não para ter algo fresco e vivo aqui. Este lugar, com todas as suas falhas, representa segurança. Sem ele não tenho nada.

Volto a olhar para o rosto no ecrã do intercomunicador. Quando a luz o ilumina consigo ver uma familiaridade: a linha afiada do nariz e do maxilar. Mas mais do que a aparência dela, é a forma como se mexe, como olha em volta. Uma característica esfomeada e manhosa que me faz lembrar outra pessoa. Mais uma razão para não a deixar entrar. Não gosto de estranhos. Não gosto da mudança. A mudança sempre foi um perigo para mim. Ele provou-o: vindo aqui com as perguntas dele, com o seu charme. O homem que veio morar para o apartamento

do terceiro andar: Benjamin Daniels. Depois de ele ter vindo para cá, tudo mudou.

Jess

Ele vem direto a mim, o tipo com a parca. Está a levantar o braço. O metal da lâmina volta a reluzir. Merda. Estou prestes a virar-me e a fugir – para conseguir ao menos uns metros de distância…

Mas esperem, não, *não*… Consigo ver agora que o que tem na mão não é uma lâmina. É um *iPhone*, numa capa metálica. Solto a respiração que estava a suster e encosto-me à minha mala, atingida por uma súbita onda de cansaço. Tenho estado elétrica o dia todo, não admira que me assuste com sombras.

Observo o tipo enquanto ele faz uma chamada. Consigo ouvir uma vozinha metálica do outro lado; a voz de uma mulher, acho. Depois ele começa a falar, por cima dela, cada vez mais alto, até estar a gritar para o aparelho. Não faço ideia do que significam exatamente as palavras, mas não preciso de perceber muito bem francês para compreender que não se trata de uma conversa simpática ou amigável.

Mal despeja o discurso longo e zangado, o homem desliga e enfia outra vez o telemóvel no bolso com força. Depois atira uma única palavra:

– *Putain*.

Conheço essa. Tive um doze no meu exame de Francês do décimo primeiro ano, mas a dada altura pesquisei os palavrões todos e sou boa a lembrar-me de coisas que me interessam. *Puta*: é isso o que quer dizer.

Agora ele vira-se e começa de novo a andar na minha direção. E eu vejo, claramente, que apenas quer usar o portão deste prédio. Dou um passo para o lado, sentindo-me uma completa idiota por ter ficado tão agitada por nada. Mas

faz sentido; passei a viagem toda no Eurostar a olhar por cima do ombro. Nunca se sabe.

– *Bonsoir* – digo com a minha melhor pronúncia, mostrando o meu melhor sorriso. Talvez este tipo me deixe entrar e eu possa subir ao terceiro andar e bater com força na porta do apartamento do Ben. Talvez a campainha simplesmente não esteja a funcionar, ou isso.

O tipo não responde. Limita-se a virar-se para o teclado junto ao portão e insere uma série de números. Por fim, olha para mim de relance sobre o ombro. Não é o olhar *mais* amigável. Cheiro um bafo a álcool, choco e amargo. O mesmo hálito dos clientes habituais do Copacabana.

Volto a sorrir.

– Eh… *excuse-moi?* Por favor, ah… preciso de ajuda, estou à procura do meu irmão, Ben, Benjamin Daniels…

Quem me dera ter um pouco mais do estilo do Ben, do charme dele. «Benjamin Falinhas-Mansas», como a mamã lhe chamava. Sempre teve uma forma de conseguir que toda a gente fizesse o que ele queria. Talvez seja por isso que tenha acabado como jornalista em Paris enquanto eu trabalhava para um tipo conhecido afetuosamente por «O Tarado» num bar de merda em Brighton, a servir despedidas de solteiro ao fim de semana e falhados locais à semana.

O tipo vira-se para olhar para mim, lentamente.

– Benjamin Daniels – diz ele. Não se trata de uma pergunta: apenas o nome, repetido. Vejo algo: raiva ou talvez medo. Ele sabe de quem falo. – O Benjamin Daniels não está aqui.

– O que quer dizer com não está aqui? – pergunto. – É a morada que ele me deu. Vive no terceiro andar. Não o consigo contactar.

O homem vira-me as costas. Observo-o a abrir o portão. Por fim, vira-se para mim uma terceira vez e eu penso: *Talvez me vá ajudar, afinal.* Então, num inglês com bastante sotaque, muito lentamente e bem alto, diz:

– Desaparece, *miudinha*.

Antes de eu ter tempo sequer para responder, ouço um som metálico e salto para trás. Ele bateu com o portão, mesmo na minha cara. À medida que o zumbido se esvai dos meus ouvidos, fico apenas com o som da minha respiração, rápida e alta.

Porém, ele ajudou-me, mesmo sem saber. Espero um instante, olho rapidamente de novo para a rua. Depois, levo a mão ao teclado e insiro os mesmos números que o vi usar há poucos segundos: 7561. Bingo! A luzinha verde acende e ouço o mecanismo do portão a abrir. Arrastando a mala atrás de mim, entro.

Mimi

Quarto andar

Merde.

Acabo de ouvir o nome dele, lá fora, na noite. Levanto a cabeça, à escuta. Por algum motivo, estou por cima dos cobertores, não debaixo deles. O meu cabelo parece estar húmido, a almofada fria e ensopada. Estremeço.

Estarei a ouvir coisas? Imaginei o que ouvi? O nome dele… a perseguir-me por todo o lado?

Não: tenho a certeza de que foi real. Uma voz de mulher, a subir pela janela aberta do meu quarto. De alguma forma, ouvi-a quatro andares acima. De alguma forma, ouvi-a pelo meio do rugido de ruído branco que existe na minha cabeça.

Quem é ela? Porque pergunta por ele?

Sento-me na cama, puxando os meus joelhos ossudos contra o peito, e pego no meu *doudou* de infância, *Monsieur Gus*, um velho pinguim esquálido que ainda guardo ao lado da minha almofada. Encosto-o ao rosto, tentando confortar-me com a sensação da sua cabecinha dura, o amassar suave e inconstante dos feijões dentro do corpo dele, o cheiro bafiento. Tal como fazia em criança quando tinha um pesadelo. *Já não és uma menininha, Mimi.* Ele dizia isso. O Ben.

A lua está tão brilhante que todo o meu quarto se encontra pleno de uma luz azul fria. Quase lua cheia. No canto, consigo ver o meu gira-discos, com a caixa de vinis ao lado. Pintei as paredes de um azul quase preto, tão escuro que não refletem nenhuma luz de todo, mas o póster pendurado à minha frente parece reluzir. É um Cindy Sherman; fui à exposição dela no Pompidou no ano passado. Fiquei completamente obcecada pela forma como a obra dela é tão crua e

estranha e intensa: o tipo de coisa que tento fazer com a minha pintura. No póster, um dos *Untitled Film Stills*, ela enverga uma peruca preta curta e olha para nós como se estivesse possuída, ou como se estivesse prestes a devorar a nossa alma. «*Putain*!», riu-se a minha companheira de casa, Camille, quando o viu. «O que acontece quando trouxeres um tipo qualquer para casa? Ele vai ter de olhar para aquela cabra zangada enquanto fodem? Isso vai quebrar-lhe o ritmo.» *Como se isso fosse acontecer*, pensei eu na altura. *Dezanove anos e ainda virgem. Pior. Uma virgem educada num colégio de freiras.*

Olho fixamente para a Cindy, para as sombras negras em volta dos olhos que parecem pisaduras, a linha denteada do cabelo dela que se parece com o meu, desde que o cortei com uma tesoura. Parece que estou a olhar para um espelho.

Viro-me para a janela e olho para o pátio lá em baixo. As luzes estão acesas no casebre da porteira. Claro que estão: aquela velha cabra metediça nunca perde nada. A rastejar vinda de cantos escuros. Sempre a observar, sempre ali. A olhar para nós como se soubesse todos os nossos segredos.

Este prédio forma um «U» em volta do pátio. O meu quarto fica numa das pontas do U, por isso, se espreitar para baixo na diagonal, consigo ver o apartamento dele. Praticamente todas as noites nos últimos dois meses ele sentou-se ali à secretária a trabalhar pela noite dentro, com as luzes acesas. As portadas estão abertas, mas as luzes encontram-se apagadas e o espaço atrás da secretária parece mais do que vazio, ou como se o próprio vazio possuísse profundidade e peso. Desvio o olhar.

Escorrego para fora da cama e vou em bicos dos pés até à parte principal do apartamento, tentando não tropeçar nas coisas todas que a Camille lá deixa espalhadas, como se fosse uma extensão do quarto dela: revistas e camisolas caídas, chávenas de café sujas, frascos de verniz das unhas, sutiãs de renda. Das grandes janelas desta área tenho uma vista direta para a entrada principal. Enquanto observo, o portão abre-se. Uma figura pouco nítida entra pela fresta. Quando avança para a luz, consigo discerni-la: uma mulher que nunca vi antes. *Não*, digo silenciosamente. *Não, não, não, não, não. Vai-te embora.* O rugido na minha cabeça soa ainda mais alto.

– Ouviste aquele bater?

Viro-me para trás. *Putain*. A Camille está ali deitada no sofá, com um cigarro a reluzir na mão, as botas no braço do sofá: pele falsa de cobra com salto de quase

treze centímetros. Quando é que ela entrou? Há quanto tempo está ali à espreita no escuro?

– Pensei que tinhas saído – digo. Normalmente, quando vai à discoteca, fica fora até ao amanhecer.

– *Oui*. – Camille encolhe os ombros, dá uma passa no cigarro. – Só cheguei há vinte minutos. – Mesmo no escuro, consigo ver o olhar dela a desviar-se do meu. Normalmente, entraria diretamente numa história qualquer sobre a nova discoteca louca onde esteve, ou o tipo de cuja cama acabara de sair, incluindo uma descrição demasiado detalhada do pénis dele ou do quão talentoso ele era com o mesmo. Muitas vezes me senti a viver indiretamente através ela. Grata por alguém como ela escolher dar-se comigo. Quando nos conhecemos na Sorbonne, disse-me que gostava de colecionar pessoas, que eu lhe interessava por ter esta «energia intensa». Mas quando me sinto pior comigo mesma suspeito que a razão tem mais que ver com este apartamento, provavelmente.

– Onde estiveste? – pergunto, tentando soar minimamente normal.

Ela encolhe os ombros.

– Por aí.

Sinto que se passa qualquer coisa com ela, algo que não me está a dizer. Mas neste momento não consigo pensar na Camille. O rugido na minha cabeça parece estar a abafar subitamente todos os meus pensamentos.

Sei apenas uma coisa. Tudo o que aconteceu aqui foi por causa dele: Benjamin Daniels.

Jess

Encontro-me num pátio pequeno e escuro. O próprio prédio de apartamentos envolve-o em três lados. A hera passou-se completamente aqui, trepando sinuosa quase até ao quarto andar, rodeando todas as janelas, engolindo caleiras, um par de antenas parabólicas. Mais à frente, um pequeno caminho serpenteia entre canteiros de flores plantados com arbustos escuros e árvores. Consigo cheirar o odor adocicado de folhas mortas, de terra acabada de revolver. À minha direita existe uma espécie de estrutura tipo cabana, apenas um pouco maior do que um barracão de jardim. As duas janelas parecem estar com as portadas fechadas. Num dos lados, vê-se um rasgo de luz a espreitar por uma pequena frecha.

No canto oposto, vejo uma porta, que parece levar à parte principal do prédio. Dirijo-me para lá percorrendo o caminho. Quando o faço, surge de repente um rosto pálido no escuro à minha direita. Paro de imediato. Mas é uma estátua de uma mulher nua, de tamanho real, cujo corpo está envolto em mais hera preta, e com um olhar fixo e vazio.

A porta no canto do pátio tem outra palavra-passe, mas abre-se com o mesmo conjunto de algarismos, graças a Deus. Entro para um espaço escuro e ecoante. Uma escadaria sinuosa sobe para uma escuridão ainda mais profunda. Encontro o brilhozinho cor de laranja de um interruptor na parede e acendo-o. As luzes emitem um zunido leve. Ouve-se um tiquetaque: talvez uma qualquer espécie de temporizador de poupança energética. Consigo ver agora que há uma carpete vermelho-escura debaixo dos meus pés, cobrindo um chão de pedra e que sobe depois para a escadaria de madeira polida. Acima de mim, o corrimão enrola-se sobre si mesmo e no interior da escadaria há um poço de elevador – uma cápsula

minúscula e com aspeto instável que pode ser tão velha quanto o próprio prédio, com um ar tão antigo que me pergunto se ainda estará em uso. Há um cheiro a cigarros velhos no ar. Ainda assim, tudo muito elegante, tudo muito, muito longe do lugar onde tenho vivido em Brighton.

Há uma porta à minha esquerda: *Cave*, diz lá. Nunca deixei uma porta fechada permanecer fechada por muito tempo: suponho que se possa dizer que se trata do problema principal da minha vida. Empurro-a, vejo um lanço de escadas que desce. Sou atingida por um bafo de ar subterrâneo frio, húmido e bafiento.

É então que ouço um ruído, algures acima de mim. O ranger de madeira. Deixo a porta fechar-se e olho para cima. Há qualquer coisa a andar ao longo da parede vários lanços acima. Espero para ver alguém a aparecer na esquina, nas frestas entre os corrimões. Mas a sombra para, como se estivesse à espera de algo. E, então, subitamente, fica tudo às escuras: o temporizador deve ter chegado ao fim. Estico o braço e volto a acendê-lo.

A sombra desapareceu.

Dirijo-me ao elevador na sua gaiola de metal. Está mais para o antigo, sem dúvida, mas sinto-me demasiado exausta para sequer pensar em arrastar as minhas coisas pelas escadas acima. Mal tem espaço para mim e para a minha mala no interior. Fecho a portinha, primo o botão para o terceiro andar, encosto a mão à estrutura para me apoiar. A estrutura cede com a pressão da minha mão; retiro-a de lá rapidamente. Sinto um pequeno estremecer quando o elevador começa a subir; sustenho a respiração.

Lá vou eu a subir: cada andar tem uma porta, marcada com um número em bronze. Há apenas um apartamento por andar? Devem ser enormes. Imagino a presença adormecida de estranhos atrás daquelas portas. Pergunto-me quem vive neles, como são os vizinhos do Ben. E vejo-me a perguntar-me em que apartamento viverá aquele idiota que encontrei ao portão.

O elevador abana antes de parar no terceiro andar. Saio para o patamar e arrasto a minha mala atrás de mim. Aqui está ele: o apartamento do Ben, com o seu número três em bronze.

Bato à porta com força algumas vezes.

Sem resposta.

Agacho-me e espreito pela fechadura. É do tipo antigo, o mais fácil de arrombar no mundo. Faz-se o que é preciso fazer. Tiro os meus brincos de

argolas e dobro-os até ficarem sem forma – as conveniências da joalharia barata – deixando-me com duas peças compridas e finas de metal. Faço as minhas ferramentas para arrombar a fechadura. Na verdade, foi o Ben quem me ensinou isto quando éramos pequenos, por isso não pode propriamente queixar-se. Tornei-me tão boa que consigo arrombar um mecanismo simples em menos de um minuto.

Mexo os brincos para a frente e para trás na fechadura até ouvir um clique, e depois rodo a maçaneta. Sim… a porta começa a abrir-se. Paro. Algo não está bem. Tive de confiar bastante nos meus instintos ao longo dos anos. E também já estive nesta situação. Com a mão em volta da maçaneta da porta. Sem saber o que vou encontrar do outro lado…

Respiro fundo. Por um instante, parece que o ar se contrai à minha volta. Vejo-me a agarrar o pendente do meu colar. É um São Cristóvão: a mãe deu-nos um a cada um de nós, para nos manter seguros – mesmo que esse fosse o trabalho dela, e não algo que pudesse ser subcontratado a um santinho de metal. Não sou religiosa, também não tenho a certeza de que a mãe o fosse. Seja como for, não consigo imaginar separar-me alguma vez do meu São Cristóvão.

Com a minha outra mão, rodo a maçaneta. Não consigo impedir-me de franzir os olhos quando entro no espaço.

Está escuro como o breu no interior.

– Ben? – chamo.

Sem resposta.

Avanço ainda mais, apalpando a parede à procura de um interruptor. Quando as luzes se acendem, o apartamento revela-se. O meu primeiro pensamento é: Credo, é enorme. Maior até do que eu esperava. Mais grandioso. Com tetos altos. Traves de madeira escura lá em cima, chão de madeira polida em baixo, janelas enormes com vista para o pátio.

Dou mais um passo para o interior da divisão. Quando o faço, algo me bate no meio dos ombros: um golpe brusco e pesado. Depois a picada de algo afiado, entrando-me na carne.

Porteira

O Loge

Uns minutos depois de terem batido à porta, observei pela janela da minha casa de porteiro quando a primeira figura entrou no pátio, com o capuz puxado para cima. Depois vi uma segunda figura aparecer. A recém-chegada, a rapariga. A arrastar aquela mala enorme pelas pedras da calçada do pátio, fazendo barulho suficiente para despertar um morto.

Vi-a pelo ecrã do intercomunicador até a campainha ter parado de tocar.

Sou boa a observar. Varro os corredores dos residentes, vou buscar o correio deles, abro a porta. Mas também observo. Vejo tudo. E isso dá-me um tipo estranho de poder, mesmo sendo a única pessoa que tem consciência dele. Os moradores esquecem-se de mim. É-lhes conveniente fazê-lo. Imaginar que não passo de uma extensão deste prédio, apenas um elemento que se move de uma grande máquina, como o elevador que os leva aos seus lindos apartamentos. De certa forma, tornei-me parte deste lugar. Ele deixou a sua marca em mim, é certo. Estou segura de que os anos em que vivi neste casebre minúsculo fizeram com que eu encolhesse, dobrando-me sobre mim mesma, enquanto as horas passadas a varrer e a esfregar os corredores e escadas do prédio de apartamentos eliminaram a minha carne. Talvez numa outra vida tivesse engordado com a idade. Não tive esse luxo. Sou tendão e osso. Mais forte do que pareço.

Suponho que poderia ter ido lá para impedi-la. Deveria tê-lo feito. Mas o confronto não é o meu estilo. Aprendi que observar é a arma mais poderosa. E havia uma sensação de inevitabilidade no facto de ela estar aqui. Consegui ver a determinação dela. Teria conseguido entrar de alguma forma, independentemente do que eu fizesse para tentar impedi-la.

Rapariga estúpida. Teria sido muito, mas muito melhor se tivesse virado costas e deixado este lugar e nunca mais voltasse. No entanto, agora, é demasiado tarde. Que assim seja.

Jess

O meu coração bate ao dobro da velocidade, sinto os músculos tensos.

Olho para baixo para o gato, quando ele se enfia pelo meio das minhas pernas, a ronronar, um borrão de movimento. Elegante, preto, com uma gola branca. Levo a mão às costas da minha camisola. Os meus dedos regressam com um brilho de sangue. *Au*.

O gato deve ter saltado para as minhas costas do balcão junto à porta, cravando as garras para se agarrar quando caí para a frente. Agora olha para mim com uns olhos verdes semicerrados e mia, como se me perguntasse o que raio faço aqui.

Um gato! Credo. Começo a rir-me e depois paro, rapidamente, devido à forma estranha como o som ecoa pelo espaço alto.

Não sabia que o Ben tinha um gato. Ele gosta de gatos, sequer? De súbito, parece uma loucura eu não saber isto. Mas suponho que não há muito que saiba sobre a vida dele aqui.

– Ben? – chamo. De novo, o som da minha voz ecoa até mim. Sem resposta. Penso que não contaria com uma: está demasiado silencioso, demasiado vazio. Também há um cheiro estranho. Algo químico.

Subitamente, preciso mesmo de uma bebida. Vagueio até à pequena área da cozinha à minha direita e começo a vasculhar os armários. Comecemos pelo que interessa. Descubro meia garrafa de vinho tinto. Preferiria algo mais forte, mas a cavalo dado não se olha o dente e esse poderia muito bem ser o lema para toda a minha malfadada vida. Verto algum para um copo. Vejo também um maço de cigarros de lado, numa caixa azul-vivo: *Gitanes*. Não sabia que o Ben ainda

fumava. Típico da parte dele preferir uma marca francesa toda catita. Saco um, acendo-o, inalo e tusso como fiz da primeira vez que um outro miúdo da casa de acolhimento me ofereceu uma passa: é forte, picante, sem filtro. Não sei bem se gosto. Ainda assim, guardo o resto do maço no bolso de trás das minhas calças de ganga – ele está a dever-me uma – e olho bem para a casa pela primeira vez.

Estou… surpreendida, no mínimo. Não sei bem o que imaginei, mas não foi isto. O Ben é um pouco criativo, um pouco fixe (não que alguma vez o descrevesse assim à frente dele), mas, pelo contrário, este apartamento está coberto de papel de parede antigo e com ar de que pertence a uma velhota, prateado com um padrão florido. Quando estico o braço e toco na parede mais próxima, apercebo-me de que não se trata de papel de parede, afinal: trata-se de uma seda muito esbatida. Vejo sítios mais brilhantes onde é óbvio que outrora estavam quadros pendurados, pequenas manchas de idade cor de ferrugem no tecido. Do teto alto pende um lustre, com espirais de metal a segurar as lâmpadas. Um longo fio de teia de aranha oscila preguiçosamente para a frente e para trás – deve haver uma brisa a vir de algum lado. E talvez em tempos houvesse cortinas atrás daquelas portadas da janela: vejo um varão vazio lá em cima, com os aros de latão ainda no lugar. Uma secretária em frente às janelas. Uma prateleira com uns quantos livros cor de marfim, um enorme dicionário azul de francês.

No canto mais próximo está um cabide com um velho casaco caqui pendurado; tenho a certeza de ter visto o Ben com ele vestido. Talvez até na última vez que o vi, há cerca de um ano, quando ele foi a Brighton e me pagou o almoço antes de voltar a desaparecer da minha vida sem olhar para trás. Verifico os bolsos do casaco e tiro um molho de chaves e uma carteira de pele castanha.

Será estranho o Ben ter saído e ter deixado estas coisas para trás?

Abro a carteira: a divisória de trás está cheia de notas de euro. Pego numa de vinte e depois, por precaução, tiro mais algumas de dez. Teria pedido algum dinheiro emprestado se ele estivesse aqui, de qualquer das maneiras. Depois pago-lhe… um dia destes.

Há um cartão de visita na frente da secção onde se guardam os cartões de crédito. Diz: **Theo Mendelson. Editor em Paris, *Guardian*.** E escrito a esferográfica, no que parece ser a letra do Ben (às vezes ele lembra-se de me mandar um postal no meu aniversário): APRESENTAR-LHE A HISTÓRIA!

A seguir, olho para as chaves. Uma delas é de uma *Vespa*, o que é estranho, pois a última vez que o vi ele conduzia um daqueles velhos *Mercedes* cabriolé da década de 1980. A outra é grande, com um ar antigo, que parece ser desta casa. Dirijo-me à porta e experimento-a: a fechadura faz clique.

A sensação desconfortável no fundo do meu estômago aumenta. Mas ele pode ter outro conjunto de chaves. Estas podem ser as sobresselentes, as que me vai emprestar. Provavelmente, tem outra chave para a *Vespa*, também: até pode ter saído nela para qualquer lado. Quanto à carteira, provavelmente levou só dinheiro vivo.

A seguir, encontro a casa de banho. Nada a relatar aqui, além do facto de parecer que o Ben não tem toalhas, o que me parece bizarro. Regresso à divisão principal. O quarto deve ficar para lá das portas de vidro fechadas. Dirijo-me a elas, com o gato atrás de mim, próximo como uma sombra. Por um instante, hesito.

O gato volta a miar como se perguntasse: do que estás à espera? Bebo mais um longo trago de vinho. Respiro fundo. Abro as portas. Inspiro de novo. Abro os olhos. Cama vazia. Quarto vazio. Ninguém ali. Expiro.

OK. Quer dizer, não achei mesmo que fosse deparar com algo assim. O Ben não é assim. O Ben é direitinho; eu é que sou a avariada. Mas quando já nos aconteceu uma vez…

Bebo o copo até ao fim e investigo os armários do quarto. Não há muitas pistas a não ser que a maioria das roupas do meu irmão parecem ter vindo de lugares chamados Acne (quem usa roupas com nome de doença de pele?) e A.P.C.

De volta à sala, verto o resto da garrafa para o copo e bebo de um só trago. Vou até à secretária junto às enormes janelas que dão para o pátio. Não há nada na secretária para além de uma esferográfica que parece já ter visto melhores dias. Nada de computador portátil. O Ben parecia cirurgicamente ligado a ele quando me levou a almoçar daquela vez, sacando do computador e escrevendo qualquer coisa enquanto esperávamos que trouxessem os nossos pedidos. Suponho que o deva ter com ele, onde quer que esteja.

De repente, tenho a sensação de não estar sozinha, de estar a ser observada. Sinto um arrepio na nuca. Volto-me para trás. Não está ali ninguém a não ser o gato, que está sentado no balcão da cozinha. Talvez fosse só isso.

O gato olha para mim durante uns instantes, depois inclina a cabeça para o lado como se me estivesse a fazer uma pergunta. É a primeira vez que o vejo assim tão parado. Então, o gato levanta uma pata até à boca e lambe-a. É aí que reparo que tanto a pata como o pescoço branco estão manchados com sangue.

Jess

Fico gelada. Mas que…

Estico o braço para alcançar o gato e tentar ver melhor, mas ele esquiva-se da minha mão. Talvez tenha só apanhado um rato, ou isso? Uma das famílias em que fui acolhida tinha uma gata, a *Suki*. Embora fosse pequena, conseguia apanhar um pombo: uma vez, voltou coberta de sangue, como algo saído de um filme de terror, e a minha mãe de acolhimento, a Karen, encontrou o corpo sem cabeça mais tarde naquela manhã. Tenho a certeza de que há uma pequena criatura morta algures no apartamento, à espera que eu a pise. Ou talvez tenha matado qualquer coisa lá fora no pátio – há uma frincha aberta nas janelas, que deve ser a forma como ele entra e sai daqui, caminhando pelos algerozes, ou algo do género.

Ainda assim… Sobressaltou-me. Quando o vi, por um instante pensei…

Não. Estou apenas cansada. Devia tentar dormir um pouco.

O Ben vai aparecer pela manhã, explicar onde esteve, eu digo-lhe que ele é um idiota por me deixar a praticamente arrombar-lhe a casa e será como nos bons e velhos tempos, os *velhos,* velhos tempos, antes de ele ter ido viver com a sua nova família rica e esplendorosa, ter arranjado uma nova forma de falar e perspetiva sobre o mundo e eu ter andado de um lado para o outro no sistema de acolhimento até ter idade suficiente para me defender a mim mesma. Tenho a certeza de que ele está bem. As coisas más não acontecem ao Ben. Ele é o sortudo.

Dispo o meu casaco e atiro-o para o sofá. Provavelmente, devia tomar um duche – tenho a certeza que devo feder. Um pouco de suor, mas principalmente

vinagre: é impossível trabalhar no Copacana e não tresandar a vinagre, pois é o que usamos para lavar o bar ao fim de cada turno. Sinto-me demasiado cansada para me lavar. Penso que o Ben disse qualquer coisa sobre uma cama de campismo, mas não vejo sinal de nenhuma. Portanto, pego numa manta do sofá e deito-me no quarto por cima da coberta, completamente vestida. Amasso as almofadas para tentar arranjá-las. Quando o faço, algo escorrega de cima da cama para o chão.

Um par de cuecas de senhora: seda preta, renda, com ar caro. *Blergh…* Credo, Ben. Não quero pensar como chegaram aqui. Nem sequer sei se o Ben tem namorada. Não consigo evitar sentir uma pontada de tristeza. Ele é tudo o que tenho e nem sequer sei isso sobre ele.

Sinto-me demasiado cansada para fazer muito mais do que dar um pontapé nas cuecas para as afastar para longe da minha vista. Amanhã durmo no sofá.

Jess

Ouve-se um grito a rasgar o silêncio.

Uma voz de homem. Depois outra voz, a de uma mulher.

Sento-me na cama à escuta, com o coração a bater no peito. Levo um segundo a descobrir que os sons vêm do pátio, filtrados pelas janelas da sala. Olho para o despertador ao lado da cama do Ben. Cinco horas: praticamente manhã, mas ainda está escuro.

O homem volta a gritar. A voz dele parece arrastada, como se tivesse estado a beber.

Esgueiro-me pela sala até às janelas e agacho-me. O gato roça a cabeça dele na minha coxa, miando.

– Chiu – digo eu, mas gosto bastante da sensação do seu corpo quente e sólido contra mim.

Espreito para o pátio. Estão ali duas figuras de pé: uma alta, a outra muito mais baixa. O tipo tem cabelo escuro e ela é loura, o comprimento do cabelo dela prateado à luz fria do único candeeiro do pátio. Ele veste uma parca com capuz debruado a pelo que me parece familiar e apercebo-me que é o tipo que «conheci» do lado de fora do portão na noite passada.

O volume das vozes aumenta – gritam agora um por cima do outro. Tenho quase a certeza de que a ouço dizer a palavra «polícia». Com isto, a voz dele muda – não compreendo as palavras, mas há uma nova brusquidão, uma ameaça, no tom. Vejo-o a dar uns passos na direção dela.

– *Laisse-moi!* – grita ela, soando também diferente, assustada em vez de zangada. Ele dá mais um passo na direção dela. Apercebo-me que estou tão

encostada à janela que a minha respiração embaciou o vidro. Não posso simplesmente ficar aqui, a ouvir, a ver. Ele levanta a mão. É tão mais alto que ela.

Uma memória súbita. A mãe, a chorar. *Desculpa, desculpa*: uma e outra vez, como as palavras de uma prece.

Levanto a mão até à janela e bato com força no vidro. Quero distraí-lo por uns segundos, dar à mulher uma oportunidade para se afastar. Vejo ambos a olharem para cima com um ar confuso, a atenção deles virada para o som. Baixo a cabeça para fora da vista.

Quando volto a olhar lá para fora, é mesmo a tempo de o ver a pegar numa coisa qualquer do chão, algo grande, volumoso e retangular. Com um grande empurrão petulante, ele atira a coisa na direção dela – para ela. Ela dá um passo para trás e aquilo explode aos pés dela: vejo que é uma mala, espalhando roupa por todo o lado.

Então, ele olha diretamente para mim. Não há tempo para me agachar. Compreendo o que aquele olhar significa. *Vi-te. Quero que o saibas.*

Sim, penso, devolvendo-lhe o olhar. *E eu vejo-te, palhaço. Conheço o teu tipo. Não me assustas.* Exceto que todos os pelos da minha nuca estão arrepiados e o sangue ecoa nos meus ouvidos.

Observo enquanto ele se dirige à estátua e a empurra rancorosamente para fora do plinto, de modo que cai ao chão com estrondo. Depois dirige-se para a porta que leva ao prédio de apartamentos. Ouço-a bater, ecoando pelas escadas acima.

A mulher está de joelhos no pátio, tentando apanhar as coisas que caíram da mala. Outra memória: a mãe, de joelhos no corredor. A implorar…

Onde estão os outros vizinhos? Não posso ser a única a ter ouvido o barulho. Não é uma escolha descer e ajudar: é algo que tenho de fazer. Pego nas chaves, corro pelos lanços de escada abaixo e saio para o pátio.

A mulher assusta-se quando me vê. Continua com as mãos e os joelhos no chão e vejo que a maquilhagem dos olhos dela está esborratada devido ao choro.

– Ei – digo baixinho. – Está bem?

Em resposta, levanta o que parece uma camisa de seda; está manchada com a terra do chão. Depois, a tremer, num inglês com sotaque francês cerrado:

– Vim buscar as minhas coisas. Disse-lhe que estava tudo acabado, para sempre. E isto… isto é o que ele faz. Ele é um… um filho da puta. Nunca me

deveria ter casado com ele.

Credo, penso. É por isto que sei que estou melhor solteira. A mãe tinha um gosto especialmente horrível para homens. Mas o meu pai era o pior de todos. Supostamente um bom tipo. Um verdadeiro filho da mãe. Teria sido melhor se tivesse desaparecido na noite, como o pai do Ben fez antes de ele ter nascido.

A mulher resmoneia entre dentes enquanto atira roupas para dentro da mala. A raiva parece ter substituído o medo. Aproximo-me e agacho-me, ajudando-a a apanhar as coisas dela. Sapatos de salto alto com compridos nomes estrangeiros impressos no interior, um sutiã preto de seda e renda, uma pequena camisola cor de laranja feita do tecido mais fofo que já senti.

– *Merci* – diz ela, distraidamente. Depois franze o sobrolho. – Quem é você? Nunca a vi aqui antes.

– Vim para ficar em casa do meu irmão, o Ben.

– *Ben* – diz ela, arrastando o nome dele. Fita-me de alto a baixo, observando as minhas calças de ganga, a minha camisola velha. – Ele é *seu* irmão? Antes dele pensava que todos os ingleses tinham escaldões na pele, nenhuma elegância e dentes péssimos. Não sabia que podiam ser tão… tão belos, tão *charmant*, tão *soigné*. – Aparentemente, não há palavras suficientes na língua inglesa para o quão maravilhoso o meu irmão é. Ela continua a enfiar roupas na mala, com movimentos violentos, fazendo caretas de vez em quando na direção da porta que dá para os apartamentos. – É assim tão estranho que me tenha entediado por estar com a porra de um estúpido… falhado *alcoolique*? Que quisesse namoriscar um pouco? E, *d'accord*, talvez eu quisesse fazer ciúmes ao Antoine. Que ele se preocupasse com outra coisa a não ser ele mesmo. É assim tão surpreendente que eu tenha começado a olhar para outro lado?

Atira o cabelo para trás do ombro, formando uma cortina sedosa. É bastante impressionante, ser capaz de o fazer enquanto agachada a apanhar a roupa interior de renda do chão de gravilha.

A mulher olha na direção do prédio e levanta a voz, quase como se quisesse que o marido a ouvisse.

– Ele diz que eu só gosto dele por causa do dinheiro dele. É *óbvio* que eu só gosto dele por causa do dinheiro dele. Era a única coisa que fazia com que… como se diz… valesse a pena? Mas agora… – Ela encolhe os ombros. – Não vale a pena.

Passo-lhe um vestido de seda azul-elétrico, um chapéu cor-de-rosa bebé com JACQUEMUS impresso na frente.

– Tem visto o Ben? – pergunto.

– *Non* – diz ela, erguendo uma sobrancelha na minha direção como se eu estivesse a insinuar alguma coisa. – *Pourquoi*? Por que pergunta?

– Era suposto ele estar aqui ontem à noite, para me deixar entrar, mas não estava… e não tem respondido às minhas mensagens.

Ela arregala os olhos. E, então, entre dentes, murmura algo. Consigo perceber:

– Antoine… *non. Ce n'est pas possible*…

– Como disse?

– Oh… *rien*, nada. – Mas consigo apanhar o olhar que lança para o prédio – receoso, desconfiado, até – e pergunto-me o que quererá dizer.

Tenta então fechar a mala volumosa, de pele castanha com um tipo qualquer de logótipo impresso a toda a volta, mas vejo que as mãos lhe tremem, tornando os dedos dela desajeitados.

– *Merde*. – Por fim, a mala fecha-se.

– Ei – digo eu. – Quer entrar? Chamar um táxi?

– Nem pensar – diz ela, num tom agressivo. – Nunca mais volto a entrar ali. Estou à espera de um Uber… – Como se estivesse à espera da deixa, o telemóvel dela tine. Verifica o telefone e emite o que parece um suspiro de alívio. – *Merci. Putain,* já chegou. Tenho de ir. – Depois vira-se e olha para cima para o prédio. – Sabe o que mais? Que se lixe este sítio maléfico. – Depois a expressão no rosto dela suaviza-se e atira um beijo na direção das janelas acima de nós. – Mas pelo menos aconteceu-me aqui uma coisa boa.

Pega na asa da malinha dela, vira-se e começa a caminhar para o portão.

Corro atrás dela.

– O que quis dizer com maléfico?

Olha de lado para mim e abana a cabeça, fazendo o gesto de fechar a boca com um fecho-éclair.

– Quero o meu dinheiro, do divórcio.

Sai para a rua e entra no carro. À medida que este se afasta, noite dentro, apercebo-me que não cheguei a conseguir perguntar se o que tinha tido com o meu irmão passou de namoriscar.

Viro-me para o pátio e apanho um valente susto. Santo Deus! Está ali uma mulher mais velha parada, a olhar para mim. Parece brilhar com a luz branca e fria, como algo saído da série *Most Haunted*[1]. Mas depois de eu ter recuperado o fôlego, apercebo-me que é por estar debaixo do candeeiro exterior. De onde raio saiu ela?

– *Excuse-moi?* – digo. – *Madame?* – Não tenho sequer a certeza do que lhe quero perguntar. *Quem é você,* talvez? *O que faz aqui?*

Ela não responde. Limita-se a abanar a cabeça na minha direção, muito lentamente. Depois retira-se de costas, na direção do casebre no canto do pátio. Observo enquanto ela desaparece no interior. Enquanto as portadas – que, reparo agora, deviam estar abertas – são rapidamente fechadas.

---

[1] *Most Haunted* é um *reality show* britânico que investiga fenómenos paranormais. (*N. do T.*)

Sábado

Nick

Segundo andar

Inclino-me para a frente sobre o guiador da bicicleta fixa *Peloton*, levantando-me do selim para a inclinação. O suor que me escorre para os olhos arde. Os meus pulmões parecem estar cheios de ácido, e não de ar, o meu coração a bater com tanta força que parece que estou prestes a ter um ataque cardíaco. Pedalo com mais intensidade. Quero insistir para além de qualquer coisa que já tenha feito. Vejo estrelinhas a dançar nos cantos da minha visão. O apartamento à minha volta parece mudar e ficar desfocado. Por um instante, penso que vou desmaiar. Talvez o tenha feito – quando dou por ela, estou encostado para a frente sobre o guiador e o mecanismo está a abrandar. Sou acometido por uma náusea súbita. Forço-a para baixo, respirando fundo.

Meti-me no *spinning* em São Francisco. E café *bulletproof*[2], dieta Keto, ioga Bikram – praticamente qualquer moda que o resto do mundo da tecnologia adotava, para o caso de fornecer uma vantagem extra, uma fonte adicional de inspiração. Normalmente, ficaria aqui sentado e fazia uma aula, ou ouvia uma *Ted Talk*. Esta manhã não foi assim. Quis perder-me na exaustão pura, avançar até um ponto onde os pensamentos fossem silenciados. Acordei pouco depois das cinco horas da manhã, mas sabia que não ia conseguir dormir, especialmente com aquela discussão no pátio, a última – e pior – de muitas. Montar na bicicleta pareceu-me a única coisa que fazia sentido.

Desço do selim, um pouco instável. A bicicleta é um dos poucos artigos nesta sala para além do meu *iMac* e dos meus livros. Não há nada nas paredes. Não há tapetes no chão. Por um lado, porque gosto de toda aquela estética minimalista.

Por outro, porque ainda sinto que não me mudei realmente, pois aprecio a ideia de que me poderia mudar daqui a qualquer momento.

Tiro os auscultadores dos ouvidos. Parece que as coisas acalmaram, lá fora no pátio. Vou até à janela, os músculos das barrigas das pernas a contrairem-se. A princípio, não vejo nada. Mas então os meus olhos apanham um movimento e vejo que está ali uma rapariga, a abrir a porta do edifício. Há algo de familiar nela, na forma como se mexe. É difícil perceber o quê, mas a minha mente tateia como que à procura de uma palavra esquecida.

Agora, vejo as luzes a acender no apartamento do terceiro andar. Vejo-a entrar na minha linha de visão. E sei que ela tem de ter alguma coisa que ver com ele. Com o meu velho amigo e – recentemente – vizinho, Benjamin Daniels. Ele falou-me numa irmã mais nova, uma vez. Meia-irmã. Um pouco desordeira. Algo problemática. Da antiga vida dele, por muito que ele tentasse desligar-se de tudo isso. O que ele não me disse, sem dúvida, foi que ela vinha cá. Mas também não seria a primeira vez que ele escondia algo de mim, pois não?

A rapariga aparece brevemente à janela, a olhar para o exterior. Depois vira-se e afasta-se… na direção do quarto, penso. Observo-a até ela sair de vista.

---

[2] Café feito de grãos de alta qualidade misturado com manteiga sem sal e triglicerídeos de cadeia média (TGCM), como óleo de coco, por exemplo. (*N. do T.*)

Jess

Dói-me a garganta e sinto um suor oleoso na testa. Olho para o teto alto lá em cima e tento descortinar onde estou. Agora lembro-me: de ter chegado aqui ontem à noite… daquela cena no pátio há um par de horas. Ainda estava escuro lá fora, portanto ainda voltei para a cama. Não pensei que fosse capaz de dormir, mas devo ter adormecido. Contudo, não me sinto descansada. Dói-me o corpo todo como se tivesse andado à pancada com alguém. Penso que *andei* à pancada com alguém, no meu sonho. O tipo de sonho do qual é um alívio acordar. Surge-me em fragmentos. Tentava entrar num quarto trancado, mas as minhas mãos estavam desajeitadas, com dedos de manteiga. Alguém – o Ben? – gritava a dizer para eu não abrir a porta, *não abras a porta*, mas eu sabia que tinha de o fazer, sabia que não tinha alternativa. E então a porta abriu-se, finalmente, e de repente percebi que ele tinha razão – oh, porque é que não fiz o que ele disse? Porque o que me recebeu do outro lado…

Sento-me na cama. Olho para o meu telemóvel: oito horas da manhã. Nenhuma mensagem. Um novo dia e nem sinal do meu irmão. Ligo para o número dele: vai direto para o atendedor de chamadas. Volto a ouvir a mensagem de voz que ele me deixou, com aquela instrução final: «Toca à campainha. Vou estar à tua espera…»

E, desta vez, reparo em algo estranho. A forma como a voz dele parece ser cortada a meio da frase, como se algo o tivesse distraído. A seguir ouve-se um leve murmúrio de som ao fundo – palavras, talvez –, mas não consigo discernir nada.

A sensação de desconforto aumenta.

Saio para a divisão principal. À luz do dia a sala parece ainda mais algo saído de um museu: podem ver-se partículas de pó suspensas no ar. E acabo de ver uma coisa que não vira na noite passada. Há um pedaço maior e mais claro do chão de madeira a poucos centímetros da porta da frente. Dirijo-me até lá e agacho-me. Quando o faço, o cheiro – o cheiro estranho no qual reparei na noite anterior – fica preso ao fundo da minha garganta. Um gosto químico forte que queima as narinas. Lixívia. Mas não é tudo. Está qualquer coisa ali presa na frincha entre as tábuas de madeira, reluzindo na luz fria. Tento tirá-la com os dedos, mas está bem presa. Levanto-me e vou buscar dois garfos à gaveta da cozinha, juntando-os para soltar o que ali está. Por fim, consigo. Primeiro, desenrola-se uma corrente comprida dourada, depois um pendente: uma imagem de um santo envergando um manto, segurando um cajado.

O São Cristóvão do Ben. Levo a mão ao peito e sinto a textura idêntica da corrente em volta do meu pescoço, o peso do pendente. Nunca o vi sem ele. Como eu, desconfio que nunca o tira, pois veio da nossa mãe. É uma das poucas coisas que temos dela. Talvez seja sentimento de culpa, mas desconfio que o Ben é ainda mais sentimental com este tipo de coisa que eu.

Mas está aqui. E a corrente está partida.

Jess

Fico ali sentada a tentar não entrar em pânico. A tentar imaginar a explicação racional que tenho a certeza estará por detrás de tudo isto. Devo chamar a polícia? É isso o que faria uma pessoa normal? Porque agora são várias coisas. O Ben não estar aqui quando disse que estaria e não atender o telefone. O pelo do gato tingido de sangue. A mancha de lixívia. A corrente partida. Mas mais do que tudo isso é a… sensação transmitida. Parece errado. *Ouve sempre a tua voz interior,* era o que a mãe acreditava. *Nunca ignores uma sensação*. Não resultou lá muito bem para ela, claro. Mas, de certa forma, ela tinha razão. Foi assim que percebi que devia barricar-me no meu quarto à noite quando fui acolhida pelos Andersons, mesmo antes de outro miúdo me avisar sobre o Sr. Anderson e as suas preferências. E muito antes disso, antes até das famílias de acolhimento, foi assim que percebi que não devia entrar naquele quarto trancado… embora tenha entrado.

Mas não quero chamar a polícia. *Eles podem querer saber coisas sobre ti*, diz-me uma vozinha. *Podem ter perguntas às quais não queres responder.* A polícia e eu nunca nos demos muito bem. Digamos apenas que tenho tido a minha quota-parte de encontros com eles. E mesmo que ele o tenha merecido, o que eu fiz àquela besta ainda é, suponho, tecnicamente um crime. Neste momento não quero pôr-me no radar deles a menos que tenha mesmo de ser.

Além do mais, não tenho realmente o suficiente para lhes dizer, pois não? Um gato que pode ter matado um rato? Uma corrente que pode ter sido apenas partida inocentemente? Um irmão que pode ter-se apenas ido embora, outra vez, deixando-me para me defender sozinha?

Não, não é suficiente.

Levo as mãos à cabeça, tentando pensar no que vou fazer a seguir. Ao mesmo tempo, o meu estômago emite um ruído longo e alto. Apercebo-me que não me consigo lembrar da última vez que comi alguma coisa. Na noite passada, imaginei mais ou menos que ia chegar aqui e que o Ben me ia fazer uns ovos mexidos ou isso, talvez encomendássemos comida. Uma parte de mim sente-se demasiado enjoada e agitada para comer. Mas talvez seja capaz de pensar com mais clareza se tiver alguma comida no estômago.

Ataco o frigorífico e os armários, mas, além de meia embalagem de manteiga e um rolo de salame, estão vazios. Um dos armários é diferente dos restantes: é uma espécie de cavidade com o que parece um sistema de roldanas, mas não consigo perceber para que serve. Desesperada, corto algum salame com uma faca japonesa muito afiada que encontro no pote dos utensílios do Ben, mas não é propriamente um pequeno-almoço substancial.

Ponho as chaves do Ben no bolso. Agora já sei o código, tenho as chaves: posso regressar a esta casa.

O pátio parece menos assustador à luz do dia. Passo as ruínas da estátua da mulher nua, com a cabeça separada do resto do corpo, de cara para cima, com os olhos a fitar o céu. Um dos canteiros de flores parece ter sido recavado, o que explica o cheiro a terra acabada de revolver. Também há uma pequena fonte a correr. Olho para o pequeno casebre no canto e vejo uma falha escura entre as portadas fechadas; perfeita para espiar tudo o que se passa aqui. Consigo imaginá-la a observar-me através dela: a velha que vi ontem à noite, a que parece viver ali.

Absorvo a singularidade do que me rodeia enquanto me aproximo dos portões do apartamento, a estranheza de tudo isto. Os edifícios loucamente belos à minha volta, os carros com as suas matrículas nada familiares. As ruas também parecem diferentes à luz do dia – e muito mais animadas quando me afasto da quietude do beco sem saída do prédio de apartamentos. Também têm um cheiro diferente: escapes de motorizadas e fumo de cigarro e café tostado. Deve ter chovido durante a noite pois as pedras da calçada estão a brilhar de molhadas, escorregadias. Toda a gente parece saber exatamente para onde vai: entro na rua para me desviar de uma mulher que caminha direta a mim enquanto fala ao

telemóvel e quase embato nuns miúdos que partilham uma *scooter* elétrica. Nunca me senti tão despistada, como um peixe fora de água.

Vagueio passando por montras com as grades fechadas, portões de ferro forjado que levam a pátios e jardins cheios de folhas mortas, farmácias com cruzes de luz néon verde intermitentes – parece haver uma em cada rua, será que os franceses adoecem mais? - retrocedendo e perdendo-me algumas vezes. Finalmente, encontro uma pastelaria, com uma tabuleta pintada de verde-esmeralda e com letras douradas – BOULANGERIE – e um toldo às riscas. No interior, as paredes e o chão estão decorados com azulejos com padrões e cheira a açúcar queimado e manteiga derretida. Está à pinha: há uma fila enorme que se dobra sobre si mesma. Espero, cada vez com mais fome, a olhar para o balcão repleto de todo o tipo de coisas que parecem demasiado perfeitas para serem comidas: pequenas tartes com framboesas glaceadas, *éclairs* com cobertura violeta, pequenos bolos de chocolate com mil camadas finíssimas e um toque do que parece ser ouro verdadeiro por cima. As pessoas à minha frente estão a pedir coisas sérias: três pães grandes, seis *croissants*, uma tarte de maçã. Fico com água na boca. Sinto o restolhar das notas que tirei da carteira do Ben no meu bolso.

A mulher à minha frente tem um cabelo tão perfeito que não parece real: um corte pelo pescoço, preto e sedoso, sem um único fio de cabelo fora do sítio. Um lenço de seda amarrado ao pescoço, uma espécie qualquer de casaco cor de camelo e uma mala de pele preta no braço. Parece rica. Não rica extravagante. O equivalente francês de elegante. Não se tem cabelos tão perfeitos a não ser que se passe os dias sem fazer praticamente nada.

Olho para baixo e vejo um cão magrinho cinzento com uma trela de pele azul-clara. O cão olha para mim com olhos escuros desconfiados.

A mulher atrás do balcão entrega-lhe uma caixa de uma cor pastel amarrada com uma fita:

– *Voilà, Madame Meunier.*

– *Merci.*

Ela vira-se e vejo que está a usar um batom vermelho, aplicado de forma tão perfeita que podia ter sido tatuado. Se tivesse de adivinhar, diria que tem uns cinquenta anos – mas uns cinquenta muito bem conservados. Está a guardar o cartão dela de novo na carteira. Quando o faz, algo flutua até ao chão – um pedaço de papel. Uma nota?

Dobro-me para o apanhar. Observo mais de perto. Não é uma nota, o que é uma pena. Alguém como ela provavelmente não sentiria falta de uns dez euros. É um bilhete escrito à mão, em letras maiúsculas muito grandes. Leio: *DOUBLE LA PROCHAINE FOIS, SALOPE.*

– *Donne-moi ça!*

Olho para cima. A mulher está a olhar para mim com raiva, com a mão estendida. Acho que sei o que ela me pede, mas fê-lo de forma tão rude, tão como uma rainha a dar ordens a um camponês, que finjo não compreender.

– Desculpe?

Ela passa para inglês.

– Dê-me isso. – E depois, finalmente, como uma reflexão posterior: – Por favor.

Levando o meu tempo, levanto o papel. Ela saca-o da minha mão com tanta força que sinto uma das unhas compridas dela arranhar-me a pele. Sem um agradecimento, marcha porta fora.

– *Excusez-moi? Madame?* – pergunta a mulher atrás do balcão, pronta para receber o meu pedido.

– Um *croissant*, por favor. – Tudo o resto vai ser demasiado caro, provavelmente. O meu estômago volta a fazer barulho quando a vejo pôr o *croissant* num saquinho de papel. – Na verdade, quero dois.

No caminho de regresso ao apartamento pelas ruas frias e cinzentas da manhã, como o primeiro com dentadas esfomeadas e depois o segundo mais devagar, saboreando o sal da manteiga, apreciando o crocante da massa e o interior fofo. É tão bom que podia chorar, e não há muito que me faça chorar.

De volta ao prédio, entro pelo portão com o código que descobri ontem. Quando atravesso o pátio, sinto o cheiro a fumo fresco de cigarro. Olho para cima, seguindo o cheiro. Está ali uma rapariga sentada, na varanda do quarto andar, de cigarro na mão. Rosto pálido, cabelos escuros recortados, vestida de preto da cabeça aos pés, desde a camisola de gola alta às *Dr. Martens* que tem calçadas. Consigo ver daqui que é nova, talvez com uns dezanove, vinte anos. Repara que estou a olhar para ela, consigo perceber pela forma como todo o corpo dela paralisa. É a única forma que consigo descrever.

Tu. Tu sabes de alguma coisa, penso, devolvendo-lhe o olhar. *E vou fazer com que mo digas.*

Mimi

Quarto andar

Ela viu-me. A mulher que chegou ontem à noite, que observei esta manhã a andar pelo apartamento dele. Está a olhar diretamente para mim. Não consigo mexer-me.

Na minha cabeça, o ruído da estática aumenta.

Finalmente, ela vira-se. Quando respiro, o meu peito arde.

Também o vi chegar daqui. Era agosto, há quase três meses, no meio de uma vaga de calor. A Camille e eu estávamos sentadas na varanda nas velhas espreguiçadeiras que ela comprou numa loja de antiguidades, a beber *Aperol Spritz,* embora eu na verdade odeie este *cocktail*. A Camille convence-me muitas vezes a fazer coisas que eu de outro modo não faria.

O Benjamin Daniels apareceu num Uber. *T-shirt* cinzenta, calças de ganga. Cabelos escuros, para o comprido. Ele parecia famoso, de alguma forma. Ou talvez não famoso, mas… especial. Entendem? Não consigo explicar. Mas ele tinha qualquer coisa que nos fazia querer olhar para ele. *Precisar* de olhar para ele.

Eu estava de óculos escuros e observei-o pelo canto do olho, para que não parecesse que olhava para ele. Quando abriu a mala do carro, vi as manchas de suor nos sovacos e, onde a *T-shirt* dele subira, vi também como a linha do bronzeado parava abaixo da cintura das calças de ganga, onde começava a pele mais clara, com uma seta descendente de pelos escuros. Os músculos dos braços dele fletiram-se quando retirou os sacos da mala. Não tão dilatados como os de

um frequentador de ginásio. Mais elegantes. Como um baterista: os bateristas têm sempre bons músculos. Mesmo daqui, consegui imaginar como o suor dele cheiraria… não mal, apenas a sal e pele.

Ele gritou para o condutor:

– Obrigado, meu! – Reconheci logo o sotaque inglês; há um velho programa de televisão com o qual estou obcecada, *Skins*, sobre uns adolescentes britânicos que estão sempre a foder e a foderem-se, a apaixonarem-se.

– Hmm – disse a Camille, levantando os óculos escuros.

– *Mais non* – disse eu. – Ele é mesmo velho, Camille.

Ela encolheu os ombros.

– Ele só tem uns trinta e tal anos.

– *Oui*, e isso é velho. São uns… quinze anos a mais do que nós.

– Bom, pensa nisso como *experiência*. – Ela formou um «V» com os dedos e enfiou a língua entre eles.

Ri-me com o que ela fez.

– *Blergh*… és nojenta.

Ela levantou o sobrolho.

– *Pas du tout.* E tu saberias disso se o teu querido papá te deixasse chegar perto de qualquer rapaz…

– Cala-te.

– Ah, Mimi… estou a brincar! Mas sabes que um dia ele vai ter de se aperceber que já não és a menininha dele. – Ela sorriu, chupou o *Aperol* pela palhinha dela. Por um segundo, quis esbofeteá-la… Quase o fiz. Nem sempre tenho o melhor controlo sobre os meus impulsos.

– Ele é só um pouco… protetor. – Na verdade, era mais do que isso. Mas suponho que também nunca quis fazer nada para desiludir o papá, manchar aquela imagem que ele tem de mim de pequena princesa dele.

No entanto, muitas vezes desejei ser mais como a Camille. Tão descontraída sobre sexo. Para ela, não passa de outra coisa que aprecia fazer: como nadar ou andar de bicicleta ou apanhar sol. Eu nem sequer tinha tido sexo, quanto mais com duas pessoas ao mesmo tempo (uma das especialidades dela), ou experimentado com raparigas assim como com rapazes. Querem saber da melhor? O meu pai até aprovou que ela se mudasse para aqui comigo, dizendo que viver com outra rapariga «poderá impedir-te de te meteres em sarilhos».

A Camille tinha vestido o biquíni mais pequeno dela, uns meros três triângulos de um material em croché pálido que mal cobria alguma coisa. Tinha os pés encostados ao ferro forjado da varanda e as unhas dos pés pintadas de um cor-de-rosa choque. Para além do mês que passou no Sul com amigos, ela sentou-se ali fora praticamente todos os dias quentes, ficando cada vez mais morena, besuntada com creme *La Roche-Posay*. O corpo dela parecia ter sido banhado a ouro, os cabelos claros cor de caramelo. Eu não fico morena; limito-me a queimar-me, por isso sentei-me à sombra como um vampiro com o meu romance da Françoise Sagan, vestida com uma camisa de homem enorme.

Debruçou-se para a frente, ainda a ver o tipo a tirar as malas do carro.

– Oh, meu Deus, Mimi! Ele tem um gato. Que *fofo*. Consegues vê-lo? Olha, ali naquela transportadora. *Salut, minou!*

Ela fez aquilo de propósito, para que ele olhasse para cima e nos visse… a visse. Algo que ele fez.

– Ei – chamou ela, levantando-se e acenando com tal força que as *nénés* dela saltitaram na parte de cima do biquíni como se estivessem a tentar escapar. – *Bienvenue*… bem-vindo! Chamo-me Camille. Esta é a Merveille. Lindo bichinho![3]

Fiquei tão envergonhada. Ela sabia exatamente o que estava a dizer, é o mesmo calão em francês: *chatte*. Além disso, odeio que o meu nome seja Merveille. Ninguém me chama isso. Sou Mimi. A minha mãe deu-me esse nome porque significa «maravilha» e disse que foi isso que foi a minha chegada à vida dela: uma coisa inesperada, mas maravilhosa. Mas também é completamente mortificante.

Escondi-me atrás do meu livro, mas não tanto que não conseguisse vê-lo por cima dele.

O tipo escudou os olhos com a mão.

– Obrigado! – disse ele. Levantou a mão, acenou de volta. Quando o fez, voltei a ver aquela tira de pele entre a *T-shirt* e as calças de ganga. – Chamo-me Ben… amigo do Nick? Estou a mudar-me para o terceiro andar.

A Camille virou-se para mim.

– Bom – disse ela baixinho. – Parece-me que este sítio acabou de ficar *muito* mais excitante. – Sorriu. – Talvez deva apresentar-me devidamente. Oferecer-me para tomar conta do bichinho se ele se ausentar.

Não ficaria surpreendida se ela o fodesse em menos de uma semana, pensei para comigo. Não seria surpresa nenhuma. Surpresa foi o quanto odiei pensá-lo.

Está alguém a bater à porta do meu apartamento.

Arrasto-me pelo corredor, olhando pelo olho mágico. *Merde:* é ela: a mulher do apartamento do Ben.

Engulo em seco… ou tento fazê-lo. A minha língua parece ter ficado presa na garganta.

É difícil pensar com este rugido nos meus ouvidos. Sei que não tenho de abrir a porta. Este é o meu apartamento, o meu espaço. Mas o *pum pum pum* é incessante, batendo contra o meu crânio até eu sentir que algo em mim vai explodir.

Cerro os dentes e abro a porta, dou um passo atrás. O choque do rosto dela, de perto: vejo-o nas feições dela de imediato. Ela é baixa e os olhos são mais escuros e há algo, não sei, de esfomeado nela que talvez também houvesse nele, mas que ele disfarçava melhor. É como se com ela todos os ângulos fossem mais aguçados. Com ele tudo era suavidade. Ela também é desmazelada: calças de ganga e uma camisola velha com punhos puídos, cabelo ruivo-escuro amarrado no cimo da cabeça. Nisso também não se parece com ele. Mesmo de *T-shirt* cinzenta num dia de calor ele parecia tipo… composto, sabem? Como se tudo lhe assentasse bem.

– Olá – diz ela. Ela sorri, mas não se trata de um sorriso sincero. – Sou a Jess. Como te chamas?

– M-Mimi. – A minha voz sai esganiçada.

– O meu irmão, o Ben, mora no terceiro andar. Mas ele… bom, ele a modos que desapareceu. Conheces o Ben?

Durante um momento insano, penso em fingir que não falo inglês. Mas isso é estúpido.

Abano a cabeça.

– Não, não o conhecia… quer dizer, não o conheço. Desculpa, o meu inglês não é assim muito bom.

Consigo senti-la a olhar para trás de mim, como se estivesse a tentar ver o meu apartamento. Movo-me para o lado, tentando bloquear-lhe a visão. Então, em vez disso, ela olha para mim, como se tentasse ver dentro de *mim*: e isso é pior.

– Este apartamento é teu? – pergunta.

– *Oui.*

– Uau – diz ela, arregalando os olhos. – Bom trabalho, consegui-lo. E és só tu aqui?

– A minha companheira de casa, Camille, e eu.

Está a tentar espreitar outra vez para dentro do meu apartamento, olhando por cima do meu ombro.

– Queria saber se o tens visto ultimamente, ao Ben?

– Não. Ele tem estado com as portadas fechadas. Quer dizer… – Apercebo-me, demasiado tarde, de que não foi isso que ela perguntou.

Ela levanta o sobrolho.

– *OK* – diz ela –, mas lembras-te da última vez que o viste por aqui? Isso ajudar-me-ia tanto. – Ela sorri. O sorriso dela não é nada como o dele. Mas também ninguém tem um sorriso como o dele.

Apercebo-me de que não se irá embora a não ser que lhe responda. Aclaro a garganta.

– N-não sei. Não o vejo há uns tempos… suponho que talvez há uma semana?

– *Quoi? Ce n'est pas vrai! Isso não é verdade!* – Viro-me e vejo a Camille, apenas de *top* e *culotte*, a aproximar-se até ficar atrás de mim. – Foi ontem de manhã, lembras-te, Mimi? Vi-te com ele nas escadas.

Merde. Consigo sentir-me corar.

– Oh, sim. É verdade. – Volto a virar-me para a mulher na porta.

– Então ele *esteve* aqui ontem? – pergunta ela, a franzir a testa, olhando de mim para a Camille e de novo para mim. – *Viste-o*?

– Hã-hã – respondo. – Ontem. Devo ter-me esquecido.

– Ele disse se ia a algum lado?

– Não. Foi apenas por um segundo.

Imagino o rosto dele, quando passei por ele nas escadas. *Ei, Mimi. Passa-se alguma coisa?* Aquele sorriso. Ninguém tem um sorriso como o dele.

– Não posso ajudar-te – digo. – Desculpa. – Faço tenções de fechar a porta.

– Ele disse que me pediria para dar de comer ao gatinho dele se se ausentasse – diz a Camille, e a forma sensual como pronunciou «gatinho» lembra-me o «Lindo bichinho», que ela disse no dia em que ele chegou. – Mas desta vez não me pediu.

– A sério? – A mulher parece interessada nisto. – Então parece que… – Talvez ela se tenha apercebido de que estou lentamente a fechar a porta, pois faz um gesto como se estivesse prestes a entrar no apartamento. E sem sequer pensar bato com a porta na cara dela com tanta força que sinto a madeira a ceder nas minhas mãos.

Tenho os braços a tremer. Todo o meu corpo treme. Sei que a Camille deve estar a olhar para mim, perguntando-se o que se está a passar. Mas não me importa o que ela pensa agora. Encosto a cabeça à porta. Não consigo respirar. E, de súbito, sinto que me estou a engasgar. A sensação sobe dentro de mim, a náusea, e antes que consiga impedi-lo, estou a vomitar, ali mesmo no lindo chão de madeira polida.

---

[3] No original *Cute pussy*, que tanto pode referir-se a gatos como ter uma conotação sexual associada a vagina. (*N. do T.*)

Sophie

Penthouse

Estou a subir as escadas quando a vejo. Uma estranha dentro destas paredes. Isso sobressalta-me de tal forma que quase deixo cair a caixa da pastelaria. Uma rapariga, à espreita no patamar da *penthouse*. Ela não tem nada que estar aqui.

Observo-a por um instante antes de falar.

– *Bonjour* – digo friamente.

Ela vira-se, apanhada de surpresa. Ótimo. Queria chocá-la.

Mas agora é a minha vez de ficar chocada.

– Você. – É ela, da padaria: a rapariga desmazelada que apanhou o papel que eu deixei cair.

DOUBLE LA PROCHAINE FOIS, SALOPE. Para a próxima vai ser o dobro, cabra.

– Quem é você?

– Sou a Jess. Jess Hadley. Estou com o meu irmão, o Ben – diz ela depressa. – No terceiro andar.

– Se está no terceiro andar, então o que faz aqui? – Faz sentido, suponho. A esgueirar-se por aqui como se fosse dona disto. Tal como ele.

– Estava à procura do Ben. – Ela deve aperceber-se do quão absurdo isso parece, como se ele estivesse escondido num canto escuro qualquer aqui no beiral, pois de súbito parece envergonhada. – Conhece-o? Benjamin Daniels?

Aquele sorriso: uma raposa a entrar num galinheiro. O som de um vidro a partir. Uma mancha carmim num guardanapo branco engomado.

– O amigo do Nicolas. Sim. Embora só o tenha visto um par de vezes.

– Nicolas? O «Nick»? Acho que o Ben me falou nele. Em que andar mora?

Hesito. Depois respondo:

– No segundo.

– Lembra-se quando foi a última vez que o viu? – pergunta. – Ao Ben? Era suposto estar em casa ontem à noite. Tentei perguntar a uma das raparigas – Mimi? – do quarto andar, mas ela não foi muito prestável.

– Não me lembro. – Talvez a minha resposta seja demasiado rápida, demasiado definitiva. – Mas também ele não se dá muito. A menina sabe. Bastante… como é a expressão em inglês? Reservado.

– A sério? Isso não parece nada do Ben. Achei que já seria amigo de toda a gente no prédio.

– De mim, não. – Pelo menos isso é verdade. Encolho um pouco os ombros. – De qualquer forma, talvez ele tenha ido a qualquer lado e se tenha esquecido de lhe dizer?

– Não – diz ela. – Ele não faria isso.

Consigo lembrar-me da última vez que o vi? Claro que consigo.

Mas estou a pensar agora na primeira vez. Há cerca de dois meses. No meio da vaga de calor.

Não gostei dele. Percebi isso de imediato.

O riso, foi o que ouvi primeiro. Vagamente ameaçador, da forma que o riso masculino consegue ser. A natureza praticamente competitiva dele.

Eu estava no pátio. Passara a tarde a plantar à sombra. Para as outras pessoas, a jardinagem é uma forma de abandono criativo. Para mim, é uma forma de exercer controlo sobre o que me rodeia. Quando disse ao Jacques que queria tomar conta do pequeno jardim do pátio, ele não compreendeu. «Há pessoas a quem podemos pagar para fazer isso», disse-me ele. No mundo do meu marido existem pessoas a quem se pode pagar para fazer qualquer coisa.

Final do dia: a luz a desvanecer-se, o calor ainda opressivo. Observei atrás dos arbustos de rosmaninho quando os dois entraram no pátio. Primeiro, o Nick. Depois um estranho, empurrando uma motorizada. Mais ou menos da mesma idade que o amigo, mas parecia mais velho, de alguma forma. Alto e esguio. Cabelo escuro. Tinha uma boa postura. Uma confiança muito particular na forma como habitava o espaço à sua volta.

Observei quando o amigo do Nick apanhou um raminho de rosmaninho de um dos arbustos, puxando com força para o libertar. A forma como o colou ao nariz, inalou. Havia algo de presunçoso no gesto. Pareceu-me um ato de vandalismo.

Foi então que o *Benoit* correu para eles. O recém-chegado apanhou-o e pegou nele ao colo.

Levantei-me.

– Ele não gosta de ser pegado ao colo por ninguém a não ser por mim.

O *Benoit*, aquele traidor, virou a cabeça para lamber a mão do estranho.

– *Bonjour,* Sophie – cumprimentou o Nick. – Este é o Ben. Vai morar aqui, no apartamento do terceiro andar. – Orgulhoso. A mostrar o amigo como se ele fosse um brinquedo novo.

– Muito prazer em conhecê-la, *madame*. – Foi então que ele sorriu, um sorriso lânguido que de alguma forma era tão presunçoso quanto a forma como tinha arrancado um ramo daquele arbusto. *Vais gostar de mim*, dizia. *Toda a gente gosta.*

– Por favor – disse eu. – Trate-me por Sophie. – *Madame* fizera-me sentir como se tivesse uns cem anos, embora fosse o mais apropriado.

– Sophie.

Agora desejava não o ter dito. Era demasiado informal, demasiado íntimo.

– Eu levo-o, por favor. – Estiquei os braços, pedindo o cão. O *Benoit* cheirava ligeiramente a gasolina, a suor masculino. Segurei-o a alguma distância do meu corpo. – A porteira não vai gostar disso – acrescentei, apontando com a cabeça para a motorizada, depois para o casebre. – Ela odeia-as.

Queria impor-me, mas pareci mais uma matrona a repreender um rapazinho.

– Anotado – disse ele. – Obrigado pela dica. Vou ter de a amaciar, trazê-la para o meu lado.

Olhei fixamente para ele. Por que raio quereria ele fazer uma coisa dessas?

– Boa sorte com isso – disse o Nick. – Ela não gosta de ninguém.

– Ah – respondeu ele. – Mas eu gosto de um bom desafio. Vou convencê-la.

– Bem, cuidado – disse o Nick. – Não sei se a queres encorajar. Ela tem o dom de aparecer nas esquinas quando menos se espera.

Não gostei nada daquilo. Aquela mulher com os seus olhos observadores, a sua omnipresença. O que poderia ela dizer-lhe se ele a «convencesse»?

Quando o Jacques chegou a casa, contei-lhe que conhecera o novo morador do apartamento do terceiro andar. Ele franziu o sobrolho, apontou para a minha maçã do rosto.

– Tens terra, aí. – Esfreguei a cara. De alguma forma, escapara-me quando verifiquei a minha aparência… Pensei ter sido tão cuidadosa. – Então, o que achas do nosso novo vizinho?

– Não gosto dele.

O Jacques ergueu as sobrancelhas.

– Fiquei com a ideia de que poderia ser um jovem interessante. Do que não gostaste?

– Ele é demasiado… charmoso. – Aquele charme. Ele usava-o como uma arma.

O Jacques franziu o sobrolho; ele não compreendeu. O meu marido: um homem inteligente, mas também arrogante. Habituado a ter as coisas à maneira dele, a ter poder. Eu nunca adquiri esse tipo de arrogância. Nunca me senti suficientemente segura quanto à minha posição a ponto de ser complacente.

– Bom – disse ele. – Vamos ter de convidá-lo para um copo, ver como ele é.

Não gostei da ideia: convidá-lo para nossa casa.

O primeiro bilhete chegou duas semanas depois:

Sei quem você é, Madame Sophie Meunier. Sei quem realmente é. Se não quiser que mais ninguém saiba, sugiro que deixe 2000 euros debaixo do degrau solto em frente ao portão.

O «*madame*»: um pedacinho maldoso de falsa formalidade. O gozo, o tom conhecedor. Sem selo; fora entregue em mão. O meu chantagista conhecia o prédio bem o suficiente para saber do degrau solto do lado exterior do portão.

Não contei ao Jacques. Principalmente, por saber que ele se iria recusar a pagar. Quem tem mais dinheiro muitas vezes é o mais avarento quando chega a hora de o entregar. Tive demasiado receio de não pagar. Peguei na minha caixa de joias. Considerei o broche de safiras amarelas que o Jacques me dera no nosso segundo aniversário de casamento, os ganchos para o cabelo em jade e diamantes que me oferecera no Natal passado. Selecionei uma pulseira de esmeraldas como a escolha mais segura, pois ele nunca me pedia para a usar. Levei-a a uma casa de

penhores, um sítio nas *banlieues*, os bairros para lá da estrada *peripherique* que rodeia a cidade. Um mundo à parte da Paris dos postais, dos sonhos turísticos. Tive de ir a um lugar onde ninguém me reconhecesse. O penhorista sabia que eu estava fora do meu ambiente. Penso que conseguiu sentir o meu medo. Mal ele sabia que tinha menos que ver com a vizinhança do que com o meu horror em ver-me naquela situação. A forma como aquilo me rebaixava.

Regressei com o dinheiro suficiente para cobrir a ameaça – mas menos do que deveria ter conseguido. Dez notas de 200 euros. O dinheiro parecia-me sujo: o suor de outras mãos, a sujidade acumulada. Enfiei o maço de notas num envelope grosso onde pareciam ainda mais sujas em contraste com o cartão bege elegante e selei-as. Como se de alguma forma pudesse tornar a verdade sobre o dinheiro menos horrífica, menos rebaixante. Deixei-o, como instruída, debaixo do degrau solto em frente ao portão do prédio.

Por agora, cobrira as minhas dívidas.

– Talvez queira regressar agora ao terceiro andar – digo à rapariga estranha, desmazelada. A irmã dele. Difícil de acreditar. Difícil, na verdade, de imaginar que ele tivesse tido uma infância, uma família de todo. Ele parecia tão… discreto. Como se tivesse entrado no mundo completamente formado.

– Não apanhei o seu nome – diz ela.

Não o revelei.

– Sophie Meunier – respondo. – O meu marido Jacques e eu moramos no apartamento da *penthouse*, neste andar.

– Se moram na *penthouse*, o que há ali? – Ela aponta para a escada de madeira.

– A entrada para os antigos *chambres de bonne*, os antigos aposentos da criadagem, nos beirais do edifício. – Aponto com a cabeça na outra direção, para a escada que desce. – Mas tenho a certeza de que quer regressar agora ao terceiro andar.

Ela aceita a deixa. Tem de passar mesmo por mim para descer. Não me movo um centímetro enquanto ela passa. Apenas quando o meu maxilar começa a doer é que me apercebo de que tenho estado a ranger os dentes.

Jess

Fecho a porta do apartamento ao entrar. Penso na forma como a Sophie Meunier acabou de olhar para mim: como se eu fosse uma coisa que encontrou na sola do sapato. Até pode ser francesa, mas seria capaz de conhecer o tipo dela em qualquer lado. O corte de cabelo pelo pescoço, preto e brilhante, o lenço de seda, a mala elegante. A forma como acentuou «*penthouse*». É uma snobe. Não se trata exatamente de uma sensação nova, ser olhada como escumalha. Mas pensei ter sentido algo mais, uma hostilidade adicional, quando mencionei o Ben.

Penso na sugestão dela de que ele se possa ter ausentado.

«Não é uma boa altura», dissera ele, ao telefone, mas ele não desapareceria sem dizer nada… pois não? Sou a família dele, a *única* família. Por muito incomodado que ele estivesse, não acho que me abandonaria.

Contudo, também não seria a primeira vez que desaparecia da minha vida sem mais do que um olhar para trás. Como quando conseguiu subitamente uns pais novinhos em folha, prontos para o levar para uma nova vida mágica de colégios privados e férias no estrangeiro e *labradores* de família e «desculpa, mas os Daniels só querem adotar uma criança. Na verdade, pode ser melhor separar crianças da mesma família, especialmente quando partilham um trauma». Como eu disse, o meu irmão sempre foi bom a conseguir fazer com que as pessoas se apaixonassem por ele. O Ben, a ir-se embora no banco traseiro do *Volvo* azul-marinho dos Daniels, virando-se para trás uma vez e depois olhando para a frente, na direção da vida nova dele.

Não. Ele deixou-me uma mensagem de voz com indicações, por amor de Deus. E mesmo que ele tivesse de se ausentar por algum motivo, porque não está

a responder a nenhuma das minhas chamadas ou às mensagens de texto?

Não consigo evitar voltar à corrente partida do São Cristóvão. As manchas de sangue no pelo do gato. A forma como nenhuma das vizinhas do Ben pareceu preparada para me dar o mínimo de atenção – mais do que isso, pareciam ativamente hostis. Parece-me mesmo que há algo de *errado* aqui.

Pesquiso as redes sociais do Ben. A certa altura, parece ter apagado todos os seus perfis exceto o Instagram. Como é que só agora me apercebi disto? Nada de Facebook, nada de Twitter. A imagem de perfil do Instagram é o gato, que neste momento está sentado apoiado nas patas traseiras em cima da secretária, a olhar para mim com os olhos semicerrados. Não existe uma única foto na grelha dele. Suponho que seja mesmo coisa do Ben, o mestre da reinvenção, ter-se livrado de todas as coisas antigas. Mas há algo no desaparecimento de todo o conteúdo dele que me dá arrepios. Quase como se alguém o tivesse tentado apagar. Envio-lhe uma mensagem privada, mesmo assim:

> Ben, se vires isto: atende o telefone!

O meu telemóvel vibra:

> Tem apenas 50MB de Dados de Roaming. Para comprar mais, carregue no link…

Merda. Nem consigo aguentar-me com o plano mais barato.

Sento-me no sofá. Quando o faço, apercebo-me que me sentei em cima da carteira do Ben, devo tê-la atirado para ali mais cedo. Abro-a e tiro o cartão de visita preso na frente. **Theo Mendelson, Editor em Paris, *Guardian*.** E escrito no cartão: APRESENTAR-LHE A HISTÓRIA! Alguém para quem o Ben está a trabalhar, talvez, alguém com quem possa ter contactado recentemente? Vem com um número. Ligo, mas chama até chegar ao atendedor de chamadas, por isso envio uma mensagem de texto rápida:

> Olá. É sobre o meu irmão Ben Daniels. Ando à procura dele. Pode ajudar-me?

Pouso o telefone. Acabo de ouvir algo estranho.

Sento-me muito quieta, a ouvir com atenção, tentando perceber o que é o barulho. Parecem passos a percorrer um lanço de escadas. Só que o som não vem da minha frente, do lanço e da escadaria para lá da entrada do apartamento. Vem de trás da minha cabeça. Levanto-me do sofá e analiso a parede. E é agora, quando olho com atenção, que vejo algo ali. Passo as mãos sobre a seda puída que cobre a parede. Existe uma falha, um corte no tecido, horizontal acima da minha cabeça e vertical para baixo. Dou um passo para atrás e observo a forma que traça. Está muito bem escondida, e com o sofá encostado em frente a ela, por isso não se repararia a não ser que se estivesse bem perto. Mas penso tratar-se de uma porta.

Sophie

Penthouse

De regresso ao apartamento, levo a mão à minha mala – uma *Celine* em pele preta, ferozmente cara, extremamente discreta, um presente do Jacques –, tiro a minha carteira e fico quase surpreendida quando vejo que o bilhete não queimou um buraco através da pele. Não posso crer que fui tão desastrada ao ponto de o deixar cair. Normalmente, nunca sou desastrada.

Para a próxima vai ser o dobro, cabra.

Chegou ontem de manhã. O mais recente da série. Bom. Agora não tem poder nenhum sobre mim. Rasgo-o em pedacinhos e espalho-os na lareira. Puxo a corda com borlas na parede e as chamas irrompem, incinerando instantaneamente o papel. Depois percorro rapidamente o apartamento, passando as janelas do chão ao teto com a sua vista sobre Paris, pelo corredor com o seu trio de quadros abstratos de Gerhard Richter, com os tacões dos sapatos a bater brevemente sobre o parquê, depois silenciosos na seda da passadeira persa antiga.

Na cozinha, abro a caixa bege da pastelaria. Lá dentro vem uma quiche Lorraine, incrustada com pedaços de toucinho, a massa tão estaladiça que irá quebrar ao mínimo toque. O aroma a laticínio das natas e a gema de ovo provoca-me por momentos vontade de vomitar. Quando o Jacques está fora de casa numa das suas viagens de negócios, normalmente sobrevivo a café e fruta – talvez o ocasional quadrado de chocolate negro partido de uma tablete de *Maison Bonnat*.

Não me apetecia sair. Sentia que me estava a esconder do mundo aqui. Mas sou uma cliente habitual e é importante mantermos as rotinas normais.

Uns minutos mais tarde, volto a abrir a porta do apartamento e espero uns instantes à escuta, olhando para baixo pelas escadas, a certificar-me de que não está ninguém ali. Não se pode fazer nada neste prédio sem estar à espera de que a porteira apareça de um canto escuro qualquer como se tivesse sido formada pelas próprias sombras. Mas, por uma vez, não é com ela que estou preocupada. É com esta recém-chegada, esta estranha.

Quando tenho a certeza de estar sozinha, atravesso o patamar até às escadas de madeira que levam até aos antigos *chambres de bonne*. Sou a única pessoa do prédio com a chave para estes antigos aposentos. Até o acesso aos espaços públicos deste prédio da porteira termina aqui.

Amarro a trela do *Benoit* ao aro que está ao fundo dos degraus de madeira. Ele tem um conjunto a condizer em pele azul da *Hermès*: nós os dois, com as nossas coleiras caras da *Hermès*. Ele ladrará se vir alguém.

Tiro a chave do bolso e subo as escadas. Quando enfio a chave na fechadura, a minha mão treme um pouco; preciso de algumas tentativas até rodar a chave.

Abro a porta para trás. Mesmo antes de entrar, volto a verificar que não estou a ser observada. Tenho de ser cuidadosa. Especialmente agora com ela aqui, a bisbilhotar.

Passo talvez uns dez minutos ali em cima, nos *chambres de bonne*. Depois, volto a trancar a porta com todo o cuidado, enfio a pequena chave prateada no bolso. O *Benoit* está à minha espera ao fundo das escadas, a olhar para mim com aqueles olhos escuros. O meu guardador de segredos. Levo um dedo aos lábios.

Chiu.

Jess

Agarro no sofá e arrasto-o para longe da parede. O gato salta da secretária e trota na minha direção, talvez à espera que eu revele um rato ou um inseto rastejante. E sim, ali está: uma porta. Sem puxador, mas consigo agarrar uma aresta, enfio os dedos na frincha e puxo. A porta abre-se.

Solto um arquejo. Não sei o que esperava: um armário escondido, talvez. Não isto. Sou recebida pela escuridão do outro lado. O ar tão frio como se tivesse acabado de abrir um frigorífico. Sente-se um odor a ar velho e bafiento, como numa igreja. À medida que os meus olhos se habituam ao escuro, consigo discernir uma escadaria em pedra, em forma de espiral, escura e apertada. Não podia ser mais diferente da enorme escadaria do outro lado da porta do apartamento. Suponho que, dada a sua aparência, se tratava provavelmente de uma espécie de escadaria para os criados, como os aposentos da criadagem de que Sophie Meunier me falou lá em cima.

Entro e deixo a porta fechar-se atrás de mim. De súbito, fica muito escuro. Mas reparo num rasgo de luz através da porta, ligeiramente mais abaixo do que o nível da cabeça. Agacho-me e olho. Consigo ver para dentro do apartamento: a área de estar, a cozinha. Parece uma espécie de olho mágico artesanal. Suponho que possa ter estado sempre aqui, tão antigo como o próprio edifício. Ou pode ter sido feito mais recentemente. Alguém podia ter estado a vigiar o Ben através dele. Alguém podia ter estado a vigiar-me a *mim*.

Ainda consigo ouvir os passos a descer. Acendo a lanterna do meu telemóvel e sigo, tentando não tropeçar nos meus próprios pés quando os degraus se viram sobre eles mesmos. A escada parece ter sido feita num tempo em que as pessoas

eram mais pequenas: não sou assim tão grande, mas ainda assim estou bastante apertada.

Um segundo de hesitação. Não faço ideia de onde isto possa levar. Não estou certa de que seja uma boa ideia. Poderia eu estar a caminhar em direção a um qualquer perigo?

Bom. Não é que isso alguma vez me tenha impedido. Continuo a descer.

Chego a outra porta. Também aqui vejo outro pequeno olho mágico. Encosto o meu olho rapidamente, espreito. Não se vê vivalma. Sinto-me um pouco desorientada, mas suponho que deva estar no apartamento do segundo andar: a casa do Nick, o amigo do Ben. Parece-me ter a mesma disposição que o apartamento do Ben, mas com paredes caiadas sem nada pendurado. Além do enorme computador ao canto, alguns livros, e o que parece ser uma peça de equipamento de exercício físico, está praticamente vazio, com tanta personalidade como o consultório de um dentista. Parece que o Nick acabou de se mudar para aqui.

Os passos abaixo de mim continuam, convencendo-me a segui-los. Continuo a descer, a luz do meu telemóvel a balouçar à minha frente. Devo estar agora no primeiro andar. Mais um apartamento e lá está: outro olho mágico. Olho através dele. Esta casa é uma confusão: coisas por todo o lado, pacotes de batatas fritas vazios e cinzeiros a abarrotar, mesas de apoio cheias de garrafas, um candeeiro de pé deitado. Dou um passo involuntário para trás quando surge uma figura. Ele não está com a parca vestida, mas reconheço-o de imediato: o tipo do portão, daquela discussão no pátio. Antoine. Parece estar a abanar uma garrafa de *Jack Daniel's*. Bebe o resto da garrafa e levanta-a. Credo: salto quando ele a parte na mesa de apoio.

Ele balança sem sair do sítio, olhando para o pedaço partido que tem na mão como se estivesse a pensar no que fazer com ele. Depois vira-se na minha direção. Durante um instante terrível parece que olha diretamente para mim. Mas estou à espreita através de uma frincha com apenas uns milímetros de espessura… não há como ver-me aqui. Certo?

Não vou ficar aqui à espera de descobrir. Apresso-me a descer. Devo estar a passar o nível do rés do chão, o *hall* de entrada. Mais um lanço de escadas: penso estar debaixo de terra agora. O ar parece mais pesado, mais frio; consigo imaginar a terra à minha volta. Finalmente, a escada leva-me a uma porta, que

abana nas dobradiças – quem quer que eu esteja a seguir acabou de passar por ela. O meu coração acelera, devo estar a aproximar-me. Passo a porta e, mesmo estando igualmente escuro do outro lado, tenho a impressão de ter entrado num espaço largo e com eco. Silêncio. Nenhum som de passos. Onde poderão ter ido? Devo estar apenas a segundos da pessoa.

Está mais frio aqui em baixo. Cheira a húmido, a mofo. O meu telefone só consegue emitir um feixe fraco de luz na escuridão, mas consigo ver o brilho cor de laranja de um interruptor à minha frente. Carrego nele e as luzes acendem-se, o temporizador mecânico faz um clique: *tique, tique, tique, tique, tique*. Tenho provavelmente apenas uns minutos antes de voltar a ficar às escuras. Estou na cave, sem dúvida: um espaço largo e de teto baixo facilmente com o dobro do tamanho do apartamento do Ben; várias portas que saem dali. Uma armação com algumas bicicletas. E encostada a uma parede está uma motorizada vermelha. Aproximo-me dela, tiro do bolso o molho de chaves que encontrei no casaco do Ben, encaixo a da *Vespa* na ignição e rodo. As luzes acendem-se. É então que penso: o Ben não pode ter saído com a *scooter* dele. Devo ter-me encostado a ela pois começa a inclinar-se. Reparo agora que o pneu da frente está vazio, a borracha completamente esfarrapada. Um acidente? Mas há algo na destruição total que me parece intencional.

Volto-me para a cave. Talvez quem quer que fosse tenha desaparecido atrás de uma destas portas. Estão a esconder-se de mim? Arrepio-me, desconfortável, quando me apercebo de que posso ser agora eu a observada.

Abro a primeira porta. Algumas máquinas de lavar roupa – uma das quais está ligada, a roupa toda a girar numa mistura colorida.

Na divisão seguinte, cheiro os caixotes do lixo antes de os ver, aquele aroma adocicado e pútrido. Ouço um som rastejante. Fecho a porta.

A seguinte é uma espécie de armário: esfregonas, vassouras, baldes e uma pilha de panos com ar sujo no canto.

A próxima tem um cadeado na porta. mas esta está aberta. Empurro a porta. Encontra-se apinhada de vinho: prateleiras e prateleiras dele, do chão até ao teto. É bem capaz de haver mil garrafas aqui. Algumas parecem tremendamente antigas: rótulos manchados e a descascar, o vidro coberto por uma camada de pó. Puxo uma delas. Não percebo muito de vinho. Quer dizer, trabalhei em vários bares, mas do tipo de lugares onde as pessoas pedem «um copo grande de tinto,

querida» e se consegue a garrafa se se gastar umas libras extra. Mas isto, isto *parece* mesmo caro. Quem quer que seja que está a guardar isto aqui confia claramente nos vizinhos. E provavelmente não vai reparar se faltar uma garrafita. Talvez me ajude a pensar. Vou escolher qualquer coisa que pareça estar aqui há séculos, algo de que se tenham esquecido. Encontro as garrafas mais cobertas de pó e teias de aranha nas prateleiras de baixo, procuro por entre as filas, puxo uma delas um pouco. *1996*. Uma imagem de uma mansão a dourado. *Château Blondin-Lavigne*, diz o rótulo. Serve.

A luz apaga-se. O temporizador deve ter chegado ao fim. Procuro um interruptor. Está tão escuro aqui; fico imediatamente desorientada. Dou um passo para a esquerda e roço em qualquer coisa. Merda, preciso de ter cuidado: estou praticamente rodeada por paredes de vidro a oscilar.

Ali. Finalmente, vejo o brilhozinho cor de laranja de outro interruptor. Pressiono, as luzes voltam a acender.

Viro-me para encontrar a porta. *Que estranho*, pensava que a tinha deixado aberta. Deve ter-se fechado atrás de mim. Rodo a maçaneta. Mas não acontece nada quando puxo. A porta não se mexe. Mas que raio? Não pode ser. Tento outra vez: nada. E mais uma vez, usando toda a minha força, a encostar todo o meu peso contra ela.

Alguém me trancou aqui dentro. É a única explicação.

Porteira

O Loge

É de tarde e a luz já parece estar a desaparecer, as sombras a crescer ainda mais. Batem à porta do meu casebre. O meu primeiro pensamento é que é ele, o Benjamin Daniels. O único que se dignaria a visitar-me aqui. Penso na primeira vez que me bateu à porta, apanhando-me de surpresa:

«*Bonjour, madame*. Só queria apresentar-me. Estou a mudar-me para o terceiro andar. Suponho que isso faça de nós vizinhos!»

De início, presumi que estava a troçar de mim, mas o sorriso simpático dele dizia o contrário. Deveria saber que não existe mundo algum em que seríamos vizinhos, certamente? Ainda assim, causou uma boa impressão.

Batem outra vez à porta. Desta vez, ouço autoridade naquele bater. Apercebo-me do meu erro. É claro que não é ele… isso seria impossível.

Quando abro a porta, ali está ela do outro lado: Sophie Meunier. Para mim, *madame*. Em todo o seu esplendor: o casaco bege elegante, a mala preta brilhante, o capacete preto resplandecente que o cabelo dela forma, o nó de seda do lenço dela. Ela pertence à tribo de mulheres que se vê a percorrer as ruas mais elegantes desta cidade, com sacos de compras nos braços, feitos de papel rígido com escritos dourados, cheios de roupas de marca e *objets* caros. Um cãozinho com *pedigree* pela trela. Os maridos ricos com os seus casos *cinq-à-sept*, os grandes apartamentos e as casas de férias brancas na Île de Ré. Nascidas aqui, criadas aqui, oriundas da riqueza antiga francesa – ou, pelo menos, assim nos querem fazer crer. Nada espalhafatoso. Nada *nouveau*. Tudo simplicidade elegante, qualidade e património.

– *Oui, madame?* – pergunto.

Ela afasta-se da porta, como se não conseguisse tolerar estar demasiado próxima da minha casa, como se a pobreza da mesma pudesse de algum modo infetá-la.

– A rapariga – diz ela, simplesmente. Ela não usa o meu nome, nunca usou o meu nome, nem sequer tenho a certeza de que o saiba. – A que chegou ontem à noite… a que está no apartamento do terceiro andar.

– *Oui, madame?*

– Quero que a vigie. Quero que me diga quando ela sai, quando ela volta. Quero saber se tem visitas. É extremamente importante. *Comprenez-vous?* – *Compreende?*

– *Oui, madame.*

– Ótimo. – Não é muito mais alta do que eu, mas, de alguma forma, consegue olhar de cima para mim, como se estivesse a uma grande altura de distância. Depois vira-se e afasta-se o mais rapidamente possível, com o cãozinho cinzento a trotar junto aos tornozelos.

Vejo-a a ir. Depois dirijo-me à minha minúscula escrivaninha e abro a gaveta. Olho lá para dentro, verifico o conteúdo.

Ela pode olhar de cima para mim, mas o conhecimento que eu possuo dá-me poder. E penso que ela o sabe. Suspeito, se bem que ela nunca pensaria em admiti-lo, que *Madame* Meunier tem um pouco de medo de mim.

Uma curiosidade: partilhamos mais do que se poderia pensar à primeira vista. Ambas vivemos neste edifício há muito tempo. Ambas, à nossa maneira, nos tornámos invisíveis. Parte do cenário.

Mas eu sei muito bem que tipo de mulher *Madame* Sophie Meunier é realmente. E exatamente do que ela é capaz.

Jess

– Está aí alguém? – grito. – Alguém me ouve?

Consigo sentir as paredes a engolir o som, sinto o quão fútil é. Empurro a porta com toda a força que consigo, esperando que o peso do meu corpo seja capaz de partir a fechadura. Nada: bem podia estar a atirar-me a uma parede de cimento. Agora em pânico, bato com violência na madeira.

Merda. *Merda.*

– Ei! – grito, agora em desespero. – EI! SOCORRO!

A última palavra. Um súbito *flashback* de outra divisão. Aos berros a plenos pulmões, a gritar até ficar rouca, mas sem sentir que fosse alto o suficiente… ninguém vinha. *Socorro, socorro, socorro, alguém ajude, ela não está…*

Tenho o corpo todo a tremer.

E então, de repente, a porta está a abrir-se e acende-se uma luz. Está ali um homem. Dou um passo atrás. É Antoine, o tipo que acabo de ver a atirar casualmente uma garrafa contra a mesa de apoio…

Não… Agora vejo que estou errada. Foi a altura, talvez, e a amplitude dos ombros. Mas este tipo é mais novo e à luz fraca consigo ver que a cor do cabelo é mais clara, um dourado escuro.

– *Ça va?* – pergunta ele. Depois, em inglês: – Estás bem? Vim cá abaixo para recolher a minha roupa da lavandaria e ouvi…

– És britânico! – deixo escapar. Na verdade, tão britânico quanto a rainha: um sotaque respeitável, rico, elegante. Um pouco semelhante ao que o Ben adotou quando foi morar com os seus novos pais.

Fita-me como se estivesse à espera de qualquer tipo de explicação.

– Alguém me trancou aqui dentro – digo. Sinto-me trémula, agora que a adrenalina se está a esvair. – Alguém fez isto de propósito.

Ele passa uma mão pelo cabelo, franze o sobrolho.

– Não creio. A porta estava empenada quando a abri. O puxador parece um pouco preso, isso é certo.

Penso na força bruta com que me atirei a ela. Será possível que estivesse apenas empenada?

– Bem, obrigada – digo baixinho.

– Sem problema. – Dá um passo atrás e olha para mim. – O que fazes aqui? Não na cave: no apartamento?

– Conheces o Ben, do terceiro andar? É suposto ficar com ele…

Ele franze o sobrolho.

– O Ben não me disse que vinha alguém para ficar em casa dele.

– Bom, foi coisa de última hora – respondo. – Então… conheces o Ben?

– Sim. É um velho amigo. E tu és?

– Sou a Jess – digo. – Jess Hadley, a irmã dele.

– Sou o Nick. – Um encolher de ombros. – Eu… bem, fui eu quem sugeriu que ele viesse morar aqui.

Nick

Segundo andar

Sugeri à Jess que viesse até ao meu apartamento, em vez de conversarmos na escuridão fria da *cave*. Agora, lamento ligeiramente tê-lo feito: ofereci-lhe um lugar onde se sentar, mas está a andar de um lado para o outro na sala, a olhar para a minha bicicleta *Peloton*, para as minhas estantes de livros. Os joelhos das calças de ganga dela estão gastos, os punhos da camisola dela puídos, as unhas roídas parecendo pequenos pedaços de conchas partidas. Ela emana uma energia tensa, agitada: nada como o langor do Ben, as maneiras fáceis dele. A voz dela também é diferente; aposto que não frequentou uma escola privada. Mas o sotaque do Ben mudava muitas vezes, dependendo de com quem estava a falar. Levei algum tempo a aperceber-me disso.

– Olha – diz ela, de repente –, posso ir lavar a cara? Estou bastante suada.

– À vontade. – O que mais posso responder?

Regressa ao fim de uns minutos. Cheiro *Eau de Monsieur* de Annick Goutal; ou ela também a usa (o que parece improvável) ou usou a minha quando foi à casa de banho.

– Melhor? – pergunto.

– Sim, bastante, obrigada. Olha, gosto do teu chuveiro com efeito cascata. É assim que se diz, certo?

Continuo a olhar para ela enquanto observa a sala. Há ali uma parecença. De certos ângulos é quase incrível… Mas a tez dela é diferente da do Ben, o cabelo dela arruivado e o dele castanho, a estrutura dela pequena e esguia. Isso, e a forma curiosa como vagueia pela sala, avaliando-a, faz-me pensar numa pequena raposa.

– Obrigada por me ajudares – diz ela. – Por uns instantes pensei que nunca mais ia sair dali.

– Mas o que raio estavas a fazer na *cave*?

– A quê?

– *Cave* – explico –, significa «adega» em francês.

– Oh, certo. – Ela rói a pele junto à unha do polegar, encolhe os ombros. – A dar uma vista de olhos pelo prédio, suponho. – Vi aquela garrafa de vinho na mão dela. Como ela a devolveu à estante quando pensou que eu não estava a olhar. Não vou mencioná-la. O dono daquela adega pode dar-se ao luxo de perder uma garrafa ou duas. – Aquilo ali em baixo é enorme – diz ela.

– Foi usado pela Gestapo durante a guerra – informo. – O quartel-general principal deles ficava na Avenue Foch, perto do Bosque de Bolonha. Mas para o fim da Ocupação eles… transbordaram. Usaram a cave para manter prisioneiros. Membros da Resistência, esse tipo de coisas.

Ela faz uma careta.

– Suponho que faça sentido. Este sítio tem um certo ar, sabes? A minha mãe acreditava nesse tipo de coisa: energias, auras, vibrações.

Acreditava. Lembro-me de o Ben me falar da mãe. Embriagado num bar certa noite. Embora desconfie que nem sequer embriagado alguma vez deixou escapar mais do que pretendia.

– Seja como for – diz ela –, nunca acreditei muito nessas coisas. Mas consegue sentir-se algo aqui. Dá-me arrepios. – Apercebe-se do que diz. – Desculpa, não quis ofender…

– Não. Na boa. Suponho que sei do que estás a falar. Então: és irmã do Ben. – Quero perceber exatamente o que a traz aqui.

Ela assente com a cabeça.

– Sim. Mesma mãe, pais diferentes.

Reparo que não refere nada sobre o Ben ser adotado. Lembro-me do meu choque quando descobri. Mas também de pensar que fazia sentido. O facto de ser impossível classificá-lo como se fazia com as outras pessoas do nosso ano na universidade – os tipos sérios do remo, os estudiosos, os loucos das festas. Sim, havia ali um sotaque de colégio particular, um à-vontade… mas pareceu-me sempre que havia um outro tom sob tudo aquilo. Dicas de algo mais duro, mais sombrio. Talvez fosse por isso que as pessoas se sentiam tão intrigadas por ele.

– Gosto da tua *Gaggia* – diz a Jess, dirigindo-se à cozinha. – Tinham uma assim no café onde eu costumava trabalhar. – Um riso, sem muito humor. – Posso não ter andado numa escola ou universidade elegante como o meu irmão, mas sei como fazer uma bela de uma espuma. – Sinto um toque de amargura ali.

– Queres um café? Posso fazer-te um. Receio ter apenas leite de aveia.

– Tens cerveja? – pergunta ela, com um ar esperançoso. – Sei que é cedo, mas preciso mesmo de uma.

– Claro, e estás à vontade para te sentares – respondo, gesticulando para o sofá. Vê-la a percorrer a sala, juntamente com a falta de sono, está a deixar-me um pouco tonto.

Dirijo-me ao frigorífico para tirar duas garrafas: cerveja para ela, *kombucha* para mim – nunca bebo antes das sete. Antes que eu possa oferecer-me para abrir a dela, já tirou um isqueiro do bolso, encostou-o entre o dedo indicador e a tampa e, de alguma forma, conseguiu abrir a garrafa. Observo-a, fascinado e ligeiramente chocado ao mesmo tempo. Quem é esta rapariga?

– Não creio que o Ben me tenha dito que o vinhas visitar – digo, da forma mais casual possível. Não quero que pense que a acuso de algo, mas ele não me disse mesmo nada. É claro que não falámos muito nas últimas semanas, ele andava tão ocupado.

– Bom, foi uma coisa de última hora. – Ela abana vagamente a mão. – Quando foi a última vez que o viste? – pergunta. – Ao Ben?

– Há uns dias… acho eu.

– Então, não soubeste nada dele hoje?

– Não. Passa-se alguma coisa?

Observo enquanto ela ataca a unha do polegar com os dentes, com tanta força que me faz estremecer. Vejo uma gotícula de sangue no sabugo.

– Ele não estava cá quando eu cheguei ontem à noite. E não sei dele desde ontem à tarde. Sei que isto vai parecer estranho, mas será possível ele estar em apuros?

Engasgo-me no gole que acabei de dar.

– Apuros? Que tipo de apuros?

– É só que… tudo me parece errado. – Agora, está a mexer no colar de ouro que tem ao pescoço. Vejo o santo de metal libertar-se; é igual ao dele. – Ele deixou-me uma mensagem de voz. Ela… é interrompida a meio. E agora não me

atende o telefone. Não leu nenhuma das minhas mensagens. A carteira e as chaves dele ainda estão no apartamento. E eu sei que não levou a *Vespa* dele porque a vi na cave…

– Mas isso é mesmo típico do Ben, não é? – digo. – Provavelmente, ausentou-se por uns dias, para perseguir uma história qualquer com umas centenas de euros no bolso de trás. É possível apanhar um comboio para a maior parte da Europa a partir daqui. Ele sempre foi assim, desde que éramos estudantes. Desaparecia e regressava uns dias depois a dizer que tinha ido a Edimburgo porque lhe apetecera, ou queria ver o parque natural de Norfolk Broads, ou ficara num *hostel* e caminhara pelas montanhas de Brecon Beacons.

Nós, os restantes, na nossa pequena bolha, sem nos lembrarmos – alguns de nós a querer esquecer – que havia um mundo lá fora. Não nos ocorreria partir. Mas lá ia ele, sozinho, como se não estivesse a atravessar uma espécie de fronteira invisível. Aquela sede, aquela motivação dele.

– Não me parece – diz a Jess, interrompendo estas memórias. – Ele não faria isso… não sabendo que eu estava a caminho. – Mas não me parece muito segura. Parece até que está a fazer uma pergunta. – Seja como for, tu pareces conhecê-lo muito bem?

– Já não nos víamos há muito, até muito recentemente. – Isso, pelo menos, é verdade. – Sabes como é. Mas ele entrou em contacto comigo quando se mudou para Paris. E quando nos reencontrámos… parecia que não passara tempo nenhum, na verdade.

Regresso àquele encontro de há três meses. A minha surpresa – choque – ao encontrar um *e-mail* dele depois de tanto tempo, depois de tudo. Um bar desportivo em Saint-Germain. Um chão e balcão pegajosos, camisolas de râguebi francesas autografadas coladas à parede, pedaços bolorentos de charcutaria com cerveja e râguebi de clubes franceses a passar em cerca de quinze ecrãs diferentes. Mas parecia nostálgico; quase como o tipo de sítio onde íamos enquanto estudantes a embalar canecas de meio litro de cerveja e a fingirmos ser homens a sério.

Pusemos a conversa da última década em dia: o tempo que eu passei em Palo Alto; o jornalismo dele. Ele sacou do telemóvel para me mostrar o trabalho dele.

– Não é exatamente… contundente – disse ele, com um encolher de ombros. – Não é o que eu disse que queria fazer. Sejamos honestos, não passam de

banalidades. Mas as coisas estão difíceis, agora. Devia ter optado pela área da tecnologia como tu.

Tossi, envergonhado.

– Meu, eu não conquistei o mundo da tecnologia. – E isso era dizer pouco. Mas estava quase mais desiludido com a falta de sucesso dele do que com a minha. Esperava que, por esta altura, ele já tivesse escrito o seu romance vencedor de prémios literários. Conhecemo-nos num jornal estudantil, mas a ficção sempre me pareceu mais a cena dele, não os rigores factuais do jornalismo. E se alguém ia ter sucesso, eu tinha a certeza de que seria o Ben Daniels. Se ele não o conseguisse, que esperança havia para nós, os restantes?

– Sinto que estou mesmo à procura de migalhas – disse ele. – É verdade que como em alguns bons restaurantes, uma noite livre de vez em quando. Mas não é exatamente o que pensei que ia fazer. É preciso conseguir uma boa história para ter sucesso, fazer nome. Um golpe a sério. Estou farto de Londres, do clube dos bons rapazes. Pensei tentar a minha sorte aqui.

Bom, ambos tínhamos os nossos grandes planos, a última vez que nos vimos. Mesmo que os meus não envolvessem muito mais do que afastar-me o mais possível do meu pai e estar o mais longe possível de casa.

Um barulho súbito traz-me de volta à sala. A Jess, novamente a andar de um lado para o outro, deixou cair ao chão uma fotografia que estava na estante: uma das raras fotografias que ali tenho.

Ela apanha-a.

– Desculpa. Este é um lindo barco. Na foto.

– É o iate do meu pai.

– E este és tu, com ele?

– Sim. – Tenho uns quinze anos naquela foto. A mão dele está no meu ombro, ambos a sorrir para a câmara. Eu conseguira de facto impressioná-lo naquele dia, tomando o leme durante um bocado. Pode ter sido uma das poucas vezes que senti que ele tinha orgulho em mim.

Um riso súbito.

– E esta parece saída do Harry Potter – diz ela. – Estas capas negras. É em…

– Cambridge. – Uns quantos de nós depois de uma festa formal, de pé no Jesus Green junto ao rio Cam à luz de fim de tarde, envergando as nossas capas e segurando garrafas meio vazias de vinho. Olhando para a foto, consigo

praticamente cheirar aquele aroma verde, verde da relva acabada de cortar: a essência de um verão inglês.

– Foi onde conheceste o Ben?

– Sim, trabalhámos juntos no *Varsity*: ele na secção editorial, eu no *website*. E ambos frequentámos o Jesus.

Ela revira os olhos.

– Os nomes que dão a esses lugares. – Semicerra os olhos e fita a fotografia. – Ele não está nesta foto, pois não?

– Não. Ele está a tirá-la. – A rir, a mandar-nos posar. É típico do Ben ser a pessoa atrás da câmara, não em frente a ela: a contar a história em vez de fazer parte dela.

Ela avança para as estantes com livros. Olha para cima e para baixo, lendo os títulos. É difícil imaginar que alguma vez pare de se mexer.

– Tantos dos teus livros são em francês. Era isso que o Ben estava lá a fazer, não era? Estudos Franceses, ou algo assim.

– Bom, de início ele estava em Línguas Modernas, sim. Mudou para Literatura Inglesa mais tarde.

– A sério? – Algo ensombra o rosto dela. – Eu não… Eu não sabia isso sobre ele. Ele nunca me disse.

Relembro os fragmentos que o Ben me contou sobre ela quando estávamos a viajar. Como a vida dela foi muito mais difícil do que a dele. Não havia ninguém por perto para a ajudar. De um lado para o outro no sistema de casas de acolhimento, não conseguia ser colocada.

– Então, foste tu o amigo que o ajudou a conseguir esta casa? – pergunta ela.

– Eu próprio.

– Parece incrível – disse ele, quando o sugeri no dia em que nos voltámos a encontrar. – E tens a certeza, quanto à renda? Achas que pode ser assim tão baixa? Devo dizer-te que de momento estou bastante apertado de dinheiro.

– Deixa-me descobrir – disse-lhe. – Mas tenho quase a certeza, sim. Quer dizer, não está na melhor das formas. Desde que não te importes com alguns ligeiros… pormenores antiquados.

Ele sorriu.

– De todo. Tu conheces-me. Gosto de um sítio com personalidade. E digo-te que é muito melhor do que dormir nos sofás de outras pessoas. Posso trazer o meu gato?

Ri-me.

– Tenho a certeza de que podes trazer o teu gato. – Disse-lhe que ia investigar. – Mas acho que é teu, muito provavelmente, se o quiseres.

– Bom… obrigado, meu. Quer dizer… a sério, parece fantástico.

– Sem problema. Fico feliz por ajudar. Então isso é um sim, estás interessado?

– É mais do que um sim. – Riu-se. – Deixa-me pagar-te outra bebida, para celebrarmos.

Ficámos ali sentados durante horas com mais cervejas. E, de repente, era como se estivéssemos de volta a Cambridge, sem ter passado tempo algum entre nós.

Ele mudou-se poucos dias depois. Tão rápido quanto isso. Estava lá com ele no apartamento enquanto olhava em volta.

– Sei que é um pouco retro – disse-lhe.

– Tem personalidade… isso é certo – comentou. – Sabes que mais? Acho que o vou deixar assim. Gosto. É gótico.

E pensei no quão incrível era ter o meu velho amigo de volta. Ele sorriu-me e por algum motivo subitamente senti que ia correr tudo bem. Talvez mais do que bem. Como se isso me ajudasse a descobrir o tipo que eu fora, em tempos.

– Posso usar o teu computador?

– O quê? – Sou arrancado das memórias. Vejo que a Jess se foi aproximando do meu *iMac*.

– Aqueles malditos preços do *roaming* são um abuso. Pensei em voltar a consultar o Instagram do Ben, no caso de ter acontecido alguma coisa ao telemóvel dele e ele me ter devolvido a mensagem.

– Ah… Posso dar-te a palavra-passe da minha *wi-fi*? – Mas ela já se estava a sentar, com a mão no rato. Parece que não tenho voto na matéria.

Ela mexe o rato e o ecrã ilumina-se.

– Espera. – Inclina-se para a frente, espreitando para o protetor de ecrã, depois vira-se para mim. – És tu e o Ben, não é? Credo, ele parece tão novo. E tu também.

Não ligo o computador há dias. Forço-me a olhar.

– Suponho que sim. Pouco mais do que miúdos. – Que estranho, pensar nisso. Sentia-me tão adulto na altura. Como se todos os mistérios do mundo se tivessem aberto para mim de repente. E, no entanto, ainda éramos crianças, na verdade. Olho pela janela. Não preciso de olhar para a fotografia; consigo vê-la de olhos fechados. A luz dourada e oblíqua; nós de olhos semicerrados por causa do sol.

– Onde estavam, aqui?

– Alguns de nós fizemos um Interrail, durante o verão todo depois dos exames finais.

– Como assim, de comboio?

– Sim. Pela Europa toda… foi fantástico. – E foi. A melhor altura da minha vida, até.

Olho de soslaio para a Jess. Ela ficou calada; parece perdida nos seus próprios pensamentos.

– Estás bem?

– Sim, claro. – Força um sorriso. Um pouco da energia dela parece ter-se evaporado. – Então… onde foi tirada esta foto?

– Amesterdão, acho.

Eu não acho: eu sei. Como poderia esquecer-me?

Olhando para aquela fotografia, consigo sentir o sol de finais de julho no meu rosto, cheirar o fedor a enxofre da água quente do canal. De forma tão clara, apesar de as memórias terem mais de uma década. Mas tudo naquela viagem parecia importante. Tudo o que foi dito, tudo o que foi feito.

Jess

– Acabo de me aperceber – diz o Nick, olhando para o relógio –, tenho mesmo de ir. Desculpa, eu sei que querias usar o computador.

– Oh – digo eu, um pouco abalada. – Não há problema. Talvez me pudesses emprestar então a tua palavra-passe? Vou ver se consigo apanhar a *wi-fi* lá em cima.

– Claro.

De repente, ele parece bastante ansioso por se ir embora; talvez esteja atrasado para alguma coisa.

– O que é – pergunto –, trabalho?

Tenho andado a pensar no que ele faz na vida. Tudo neste tipo grita dinheiro. No entanto, sussurra-o em vez de o gritar. Enquanto olhei pela casa dele, reparei numas colunas com ar caro (*Bang & Olufsen* – mais tarde pesquiso, pois consigo perceber que são caras), uma máquina fotográfica toda gira (*Leica*), um ecrã enorme ao canto (*Apple*) e aquela máquina de café com ar profissional. Porém, é preciso olhar bem para ver a riqueza. As posses do Nick são posses de alguém que tem rios de dinheiro, mas que não se quer gabar… pode até sentir-se um pouco embaraçado com isso. Contudo, contam uma história. Assim como os livros nas estantes dele – os títulos que consigo compreender, pelo menos: *Fast Forward Investing, The Technologized Investor, Catching a Unicorn, The Science of Self-Discipline.* Assim como as coisas que tem na casa de banho. Passei uns três segundos a pôr água fria na cara e o resto do tempo a vasculhar os armários dele. Pode aprender-se bastante sobre alguém pela sua casa de banho. Aprendi isto quando fui levada a conhecer potenciais famílias de acolhimento. Ninguém nos

vai impedir se pedirmos para ir à casa de banho. Eu ia lá, vasculhava – às vezes roubava um batom ou frasco de perfume, outras vezes explorava os quartos no meu regresso – e descobria se estavam a esconder alguma coisa assustadora ou estranha.

Na casa de banho do Nick encontrei o normal: elixir dentário, pasta de dentes, *aftershaves*, paracetamol, artigos de toilete elegantes com nomes como *Aesop* e *Byredo* e depois – interessante – uma grande quantidade de oxicodona. Toda a gente tem o seu vício, eu sei disso. Meti-me em algumas coisas, no passado. Quando parecia ser mais fácil deixar de me importar com as coisas, limitar-me a esgueirar-me pela porta traseira da vida. Não era para mim, mas percebo. E pelos vistos os rapazes ricos também sofrem.

– Eu estou… entre empregos, de momento – revela o Nick.

– O que fazias antes? – pergunto, afastando-me da secretária com relutância. Tenho praticamente a certeza de que o último emprego dele não envolvia trabalhar num pardieiro com palmeiras e flamingos insufláveis pendurados no teto.

– Estive em São Francisco durante uns tempos. Palo Alto. *Start-ups* tecnológicas. Um Anjo, sabes?

– Eh… não?

– Um investidor.

– Ah. – Deve ser bom agir de forma tão casual sobre procurar emprego. Claramente, «entre empregos» não significa que está à rasca de dinheiro.

Passa por mim para se dirigir à porta; tenho estado a impedir a passagem dele e sendo um rapaz inglês simpático e elegante, provavelmente é demasiado bem-educado para me pedir que me afaste. Cheiro a água-de-colónia dele quando o faz: defumada, cara e deliciosa, a mesma com que me vaporizei na casa de banho dele.

– Oh – digo. – Desculpa. Estou a atrasar-te.

– Não faz mal. – Mas fico com a impressão de que não está tão relaxado quanto parece: algo na postura dele, talvez, uma rigidez no maxilar.

– Bom. Obrigada pela tua ajuda.

– Olha – diz ele –, tenho a certeza de que não há motivo para te preocupares. Mas ainda assim quero ajudar. Qualquer coisa que possa fazer, quaisquer perguntas a que possa responder… vou tentar fazê-lo.

– Há uma coisa – digo. – Sabes se o Ben anda com alguém?

Ele franze o sobrolho.

– Anda com alguém?

– Sim. Tipo uma namorada, ou algo mais casual.

– Porque perguntas?

– É só um palpite. – Não sou nada pudica, mas há alguma coisa em mim que sente o quão esquisito é descrever as cuecas que encontrei na cama do Ben.

– Hmm… – Ele leva uma mão ao cabelo e passa lá os dedos, o que só faz com que os caracóis dele se levantem de forma ainda mais desleixada. Ele é lindo. Sim, toda a minha concentração está em encontrar o Ben, mas também não sou cega. Sempre tive um fraquinho estúpido por rapazes elegantes e bem-educados; não estou a dizer que tenho orgulho nisso. – Que eu saiba não – acaba por dizer. – Não *penso* que tenha namorada. Mas suponho que não sei tudo sobre a vida dele aqui em Paris. Quer dizer, perdemos um bocado o contacto antes de ele ter chegado.

– Sim. – Sei como isso é.

Mas isso é mesmo típico do Ben, não é?, dissera o Nick, pouco antes. *Sempre foi assim, desde que éramos estudantes.* E tudo o que eu conseguia pensar era: *É? Foi?* E se ele estava sempre a ir-se embora de repente quando estava em Cambridge, como não arranjou mais tempo para me ir visitar? Estava sempre a dizer que estava «tão ocupado com trabalhos» ou «não posso faltar às aulas. Sabes como é». Mas eu não sabia, claro. Ele sabia que eu não sabia. Uma das únicas vezes em que foi visitar-me – eu estava numa casa de acolhimento em Milton Keyes na altura – foi quando sugeri uma viagem a Cambridge. Eu tinha a sensação de que a ameaça da irmã ranhosa que vivia em casas de acolhimento aparecer e estragar a imagem dele ia funcionar. Ao pensar nisso, sinto um pequeno toque de algo que espero ser raiva, não mágoa. A mágoa é do pior.

– Desculpa não poder ajudar mais – diz o Nick –, mas se precisares de mim, estou aqui. A apenas um andar de distância.

Os nossos olhares encontram-se. Os olhos dele são de um azul bastante escuro, não do castanho que supus que fossem. Tento ver para lá do pequeno ímpeto de atração. Posso confiar neste tipo? Ele é amigo do Ben. Ele diz que quer ajudar. O problema é que não sou muito boa a confiar em pessoas. Estou habituada a contar apenas comigo há demasiado tempo. Mas o Nick pode ser útil. Ele

conhece o Ben – aparentemente, melhor do que eu, de certo modo. Fala francês, claramente. Parece ser um tipo decente. Penso na estranha e agitada Mimi e na fria Sophie Meunier: é bom pensar que há alguém neste prédio que possa ser um aliado útil.

Observo-o enquanto ele pega num casaco elegante de lã azul e enrola um cachecol cinzento com um ar suave no pescoço.

Dirige-se à porta e abre-a para mim.

– Foi bom conhecer-te, Jess – diz ele, com um leve sorriso. Parece um quadro de um anjo. Não sei de onde veio esse pensamento – talvez por ele ter acabado de usar a palavra – mas sei que está certo; perfeito até. Um anjo caído. São os caracóis dourado-escuros, aquelas sombras arroxeadas sob os olhos azul-escuros dele. A minha mãe também tinha uma cena com anjos; estava sempre a dizer-me e ao Ben que todos temos um a olhar por nós. Que pena o dela aparentemente não ter cumprido a sua função. – E, olha – diz o Nick –, tenho a certeza de que o Ben vai aparecer.

– Obrigada. Também penso assim. – Tento acreditar nisso.

– Espera, deixa-me dar-te o meu número.

– Isso seria ótimo. – Passo-lhe o meu telemóvel: ele insere os dados dele.

Quando pego no telefone, os nossos dedos tocam-se e ele afasta a mão rapidamente.

De regresso ao apartamento do Ben fico aliviada ao descobrir que consigo aceder à *wi-fi* do Nick, usando a palavra-passe que ele me deu. Vou até ao Instagram do Ben e procuro por «Nick Miller» – o nome que ele pôs no meu telemóvel – mas não o consigo ver entre os seguidores do Ben. Tento uma pesquisa mais alargada e encontro Nick Millers de todo o lado: Estados Unidos, Canadá, Austrália. Procuro entre eles até me arderem os olhos. Mas são demasiado novos, demasiado velhos, demasiado carecas, do país errado. O Google também se revela inútil: existe um tipo fictício chamado Nick Miller de um programa de televisão que preenche os resultados Google todos. Desisto. Quando estou prestes a pôr o telefone no bolso, este vibra com uma mensagem. E por um momento penso: *Ben*. É do Ben! Seria fantástico, depois de toda esta…

É de um número desconhecido:

Recebi a sua mensagem sobre o Ben. Não sei dele. Mas ele prometeu-me alguns artigos e uma ideia. Estou a trabalhar no café Belle Epoque junto ao Jardim do Luxemburgo o dia todo. Pode encontrar-me aqui. T.

Fico confusa por um instante, depois subo até à mensagem anterior e apercebo-me que se trata do tipo a quem enviei uma mensagem mais cedo. Tiro a carteira do Ben do meu bolso de trás para me recordar do nome completo dele: Theo Mendelson, Editor em Paris, *Guardian*.

Estou a ir agora, respondo.

Mesmo antes de voltar a enfiar o cartão na carteira, reparo noutro atrás dele. Reparo nele por ser tão simples, tão pouco usual. Feito de metal, é de um azul-escuro meia-noite com uma imagem como um fogo de artifício a explodir, a dourado. Sem texto nem números nem nada. Não é um cartão de crédito. Também não é um cartão de visita, certamente. Então, o que é? Hesito, sinto o peso surpreendente dele na palma da mão, e depois enfio-o no bolso.

Quando abro a porta que dá para o pátio apercebo-me que já está a escurecer, o céu da cor de uma nódoa negra antiga. Quando é que isto aconteceu? Não reparei no passar das horas. Este lugar engoliu o tempo, como algo saído de um conto de fadas.

À medida que avanço pelo pátio, ouço um som próximo, um raspar: *scritch, scritch, scritch*. Viro-me e assusto-me quando vejo uma figura pequena e dobrada a apenas uns metros à minha direita. É a velha, a que vi ontem à noite. Está a usar um lenço amarrado em volta dos cabelos grisalhos, e uma espécie de pulôver comprido e disforme por cima de um avental. O rosto dela é todo nariz e queixo, órbitas oculares cavadas. Poderia ter de uns setenta a uns noventa anos. Segura uma vassoura, que usa para varrer folhas mortas formando um monte. Os olhos dela estão fixos em mim.

– *Bonsoir* – digo-lhe. – Hmm. Viu o Ben? Do terceiro andar? – Aponto para a janela do apartamento. Mas ela limita-se a varrer: *scritch, scritch, scriiiitch,* sempre a olhar para mim.

Depois aproxima-se mais. Com os olhos sempre postos em mim, praticamente sem pestanejar. Mas apenas uma vez, muito rápido, olha para cima para o prédio, como se estivesse a verificar qualquer coisa. Depois abre a boca e fala num silvo baixo, um som não muito diferente do raspar daquelas folhas mortas:

– *Não há nada para si aqui.*

Fico a olhar para ela.

– O que quer dizer com isso?

Ela abana a cabeça. Depois vira-se e afasta-se, e volta a varrer. Aconteceu tudo tão depressa que quase consegui acreditar que imaginei aquilo. Quase.

Fico a olhar para a forma curvada a afastar-se. Por amor de Deus: parece que toda a gente que conheço aqui está a falar por adivinhas – talvez exceto o Nick. E tenho esta vontade súbita, quase violenta, de correr para ela e, sei lá, abaná-la ou assim… forçá-la a dizer-me o que quis dizer. Engulo a minha frustração.

Quando me viro para abrir o portão, tenho a certeza de sentir o olhar dela nas minhas omoplatas, real como o toque de pontas dos dedos. E quando entro na rua não consigo evitar pensar: foi um aviso ou uma ameaça?

Porteira

O Loge

O portão bate atrás da rapariga. Ela acha que está num edifício de apartamentos normal. Um lugar que segue regras normais. Nem imagina no que se meteu aqui.

Penso nas instruções da *Madame* Meunier. Sei que não tenho outra opção a não ser obedecer. Tenho demasiado em risco aqui para não cooperar. Dir-lhe-ei que a rapariga acabou de sair, como ela me pediu para fazer. Também lhe direi quando ela regressar. Tal como o membro do pessoal obediente que sou. Não gosto da *Madame* Meunier, como deixei bastante claro. Mas fomos forçadas para um tipo de aliança difícil com a chegada desta rapariga. Ela tem andado à espreita. A fazer perguntas a quem mora aqui. Tal como ele. Não me posso dar ao luxo de a ver chamar a atenção para este lugar. Ele também queria fazer o mesmo.

Há coisas aqui que tenho de proteger, entendem? Coisas que significam que não posso deixar este emprego. E até muito recentemente senti-me segura aqui. Pois estas pessoas têm segredos. Eu estou demasiado envolvida nesses segredos. Eu sei demasiado. Eles não podem livrar-se de mim. E eu não posso livrar-me deles, nunca.

Ele era bondoso, o recém-chegado. Isso era tudo. Reparou em mim. Cumprimentava-me sempre que passava por mim no pátio ou nas escadas. Perguntava como eu estava. Comentava o estado do tempo. Não parece muito, pois não? Mas parecia que já lá ia muito tempo desde que alguém me prestou atenção, quanto mais mostrar-me bondade. Tanto tempo desde que repararam

em mim como um ser humano. E, pouco depois, começou a fazer as perguntas dele.

– Há quanto tempo trabalha aqui? – inquiriu ele, enquanto eu lavava o chão de pedra ao fundo das escadas.

– Há muito tempo, *monsieur*. – Espremi a minha esfregona no balde.

– E como veio para aqui trabalhar? Espere… deixe-me fazer isso. – Carregou o balde de água pesado pelo corredor.

– A minha filha veio para Paris primeiro. Eu segui-a até cá.

– Para que veio ela para Paris?

– Isso foi tudo há muito tempo, *monsieur*.

– Ainda assim, estou interessado.

Isso fez com que o fitasse com mais atenção. De repente, senti que lhe tinha dito o suficiente. Este estranho. Seria ele *demasiado* bondoso, *demasiado* interessado? O que queria de mim?

Fui muito cuidadosa com a minha resposta.

– Não é uma história muito interessante. Talvez noutra altura, *monsieur*. Tenho de continuar o meu trabalho. Mas obrigada pela sua ajuda.

– Claro, não quero atrapalhá-la.

Durante vários anos, a minha insignificância e invisibilidade têm sido uma máscara com a qual me posso esconder. E com isso evitei trazer o passado à baila. Trazer a vergonha à baila. Como disse, este emprego pode ter as suas pequenas perdas de dignidade. Mas não inclui vergonha.

No entanto, o interesse dele, as suas perguntas: pela primeira vez em muito tempo senti-me vista. E, como uma tola, caí na esparrela.

E agora esta rapariga seguiu-o até aqui. Ela precisa de ser encorajada a ir-se embora antes de conseguir descobrir que as coisas não são o que parecem.

Talvez eu a consiga *persuadir* a ir.

Jess

É estranho estar de novo no meio de pessoas, trânsito, barulho, depois do silêncio do prédio. Desorientador, também, pois ainda não sei realmente onde estou, como as ruas em volta se ligam umas às outras. Verifico rapidamente o mapa no meu telemóvel, para não gastar muitos mais dados. O café onde me vou encontrar com este tal de Theo fica do outro lado da cidade, do outro lado do rio, por isso decido apanhar o metro, mesmo que isso signifique ter de trocar outra das notas que tirei ao Ben.

Parece que quanto mais me afasto do prédio, mais facilmente consigo respirar. É como se parte de mim sentisse o cheiro a liberdade e nunca mais quisesse voltar a entrar naquele lugar, mesmo sabendo que tenho de o fazer.

Percorro ruas calcetadas, passando por cafés apinhados no passeio com cadeiras de verga, pessoas a conversarem bebendo vinho e fumando cigarros. Passo por um velho moinho de vento de madeira que emerge por detrás de uma sebe e pergunto-me o que raio está a fazer no meio da cidade, no jardim de alguém. Apresso-me a descer um lanço comprido de degraus de pedra e tenho de passar por cima de um tipo que está a dormir num forte de caixas de cartão ensopadas: deixo uns quantos euros no copo de papel dele. Um pouco mais à frente corto caminho atravessando duas praças com ar elegante que parecem praticamente idênticas, exceto que no meio de uma delas estão uns velhotes a jogar um tipo qualquer de petanca e na outra um carrossel com uma cobertura às riscas vermelhas e brancas, com miúdos agarrados a modelos de cavalos e peixes saltitantes.

Quando chego às ruas mais apinhadas junto à paragem de metro, há uma sensação estranha e tensa no ar, como se algo estivesse prestes a acontecer. É como um cheiro no ar – e eu tenho um nariz apurado no que diz respeito a problemas. Vejam só, avisto três carrinhas da polícia estacionadas numa rua lateral. Vejo-os lá dentro, de capacete, coletes à prova de bala. Por instinto, mantenho a cabeça baixa.

Sigo a corrente de pessoas para o subterrâneo. Fico presa no torniquete porque me esqueci de retirar o pequeno bilhete de papel; não sei como abrir as portas da carruagem quando esta chega por isso um tipo tem de me ajudar antes que parta sem mim. Tudo aquilo me faz sentir uma turista inútil, coisa que odeio: ser inútil é perigoso, torna-nos vulneráveis.

Enquanto estou ali de pé no meio da multidão fedorenta e a sentir-me demasiado quente dos corpos na carruagem, tenho a sensação de que estou a ser observada. Olho em volta: um aglomerado de adolescentes pendurados no varão, parecendo saídos de um parque de *skate* da década de 1990; uma jovem de casaco de couro; umas senhoras mais velhas com cãezinhos e carrinhos de compras; um grupo de pessoas vestidas de forma bizarra com óculos de esqui na cabeça e lenços ao pescoço, um deles com um cartaz pintado. Mas nada obviamente suspeito, e quando chegamos à estação seguinte embarca um homem a tocar acordeão, tapando meia carruagem de vista.

A saída mais rápida do metro parece ser através de um parque, o Jardim do Luxemburgo. No parque, a luz é púrpura, em mudança, não exatamente escura. No caminho, as folhas estalam sob os meus pés nos sítios onde não foram varridas para enormes pirâmides cor de laranja brilhante; os ramos das árvores estão praticamente despidos. Há um coreto vazio, um café com as persianas fechadas, cadeiras empilhadas umas nas outras. Volto a ter a sensação de estar a ser observada, seguida: certa de que consigo sentir o olhar de alguém em mim. Mas sempre que me viro para trás não há figura que se destaque.

Então vejo-o. *Ben*. Ele passa mesmo por mim, a correr ao lado de outro tipo. Mas que raio? Ele deve ter-me visto: porque não parou?

– Ben! – grito, apressando o passo. – Ben! – Mas ele não olha para trás. Começo a correr. Consigo discerni-lo, praticamente a desaparecer na direção da luz fraca. Merda. Sou muitas coisas, mas não sou uma corredora. – Ei, Ben! Que merda! – Ele não se vira para trás, embora vários corredores olhem para mim ao

passar. Finalmente, estou mesmo atrás dele, ofegante. Estico o braço, toco no ombro dele. Ele vira-se.

Dou um passo atrás. Não é o Ben. O rosto dele é completamente errado: olhos demasiado juntos, queixo recuado. Consigo ver a sobrancelha levantada do Ben, com tanta clareza como se ele estivesse mesmo à minha frente. *Confundiste-me com este tipo?*

– *Qu'est-ce que tu veux?* – pergunta o estranho, parecendo irritado, e depois: – O que queres?

Não me sai resposta, em parte por não conseguir respirar e falar ao mesmo tempo, mas principalmente por me sentir tão confusa. Ele faz um gesto de «maluquinha» para o amigo enquanto se afastam a correr.

Claro que não era o Ben. Enquanto o observo a ir-se embora, consigo ver tudo o que há de errado – corre de forma desajeitada, com os braços soltos e estranhos. Nunca houve nada de estranho no Ben. Fico com a mesma sensação que tive quando passou por mim a correr. Foi como ver um fantasma.

O Café Belle Epoque tem um ar festivo, com luzes vermelhas e douradas brilhantes viradas para o passeio. As mesas no exterior estão apinhadas de pessoas a conversar e a rir e as janelas estão embaciadas com a condensação de todos os corpos apinhados em volta das mesas no interior. Na esquina, onde não acenderam os aquecedores, está um tipo sozinho debruçado sobre um computador portátil; de alguma forma, sei que é ele.

– Theo? – Parece que estou num encontro do Tinder, se ainda me desse ao trabalho de ir a essas coisas e não fossem todos burlões e anormais.

Ele olha para cima com um esgar. Cabelo escuro há muito a precisar de um corte e os inícios de uma barba. Parece um pirata que decidiu vestir roupas normais: uma camisola de lã, puída no colarinho, debaixo de um casaco enorme.

– Theo? – volto a perguntar. – Trocámos mensagens, sobre o Benjamin Daniels… sou a Jess?

Ele acena com a cabeça de forma rígida. Puxo a pequena cadeira de metal em frente a ele. Fica colada à minha mão com o frio.

– Importas-te que fume? – Penso que a pergunta deve ser retórica: ele já está a sacar do maço amarrotado de *Marlboro* vermelho. Tudo nele é amarrotado.

– Claro, também fumo um, obrigada. – Não tenho dinheiro para o vício do tabaco, mas sinto-me suficientemente agitada para precisar de um… mesmo não tendo ele oferecido, na verdade.

Passa os trinta segundos seguintes a tentar acender o cigarro com um isqueiro de merda, resmungando entre dentes: «Por amor de Deus» e «Vá lá, seu anormal». Penso detetar um ligeiro sotaque quando o faz.

– És de Londres Oriental? – pergunto, pensando que se cair nas boas graças dele talvez se mostre mais disposto a ajudar. – De onde?

Ergue uma sobrancelha escura, não responde. Por fim, o isqueiro funciona e os cigarros são acesos. Ele tira uma passa no dele como um asmático num inalador, depois recosta-se na cadeira e olha para mim. É alto, parece desconfortável naquela cadeirinha: uma perna comprida cruzada sobre o joelho no tornozelo. Até é atraente, se se gostar de homens um pouco rudes. Mas não estou certa de gostar – e choco-me a mim mesma por sequer pensar no assunto, dadas as circunstâncias.

– Então – diz ele, semicerrando os olhos através do fumo. – O Ben? – Algo na forma como ele diz o nome do meu irmão sugere que não há muito amor entre eles. Talvez tenha encontrado a única pessoa imune ao charme do meu irmão.

Antes de poder responder, o empregado de mesa aproxima-se, parecendo aborrecido por ter de tomar nota do nosso pedido, mesmo sendo o trabalho dele. Theo, que parece igualmente aborrecido por ter de comunicar com ele e falando num francês com um sotaque inglês vincado, pede um café duplo e algo chamado *Ricard*.

– Noite longa, com um prazo de entrega – diz-me ele, um pouco na defensiva.

Principalmente para me aquecer, peço um *chocolat chaud*. Seis euros. Presumamos que é ele a pagar.

– Também vou querer a outra coisa – digo ao empregado.

– Um *Ricard*?

Assinto com a cabeça. O empregado afasta-se.

– Não creio que sirvam isso no Copacabana – digo.

– No quê?

– O bar onde trabalhava. Até há uns dias, na verdade.

Ele ergue uma sobrancelha escura.

– Parece ter classe.

– Era do pior. – Mas no dia em que «O Tarado» decidiu mostrar-me a pilinha nojenta dele foi o dia em que finalmente disse basta. Também foi o dia em que decidi que ia retribuir ao canalha todas as vezes que ele se demorou demasiado atrás de mim, com a respiração quente e molhada na minha nuca, ou me «desviou» do caminho, com as mãos nas minhas ancas, ou os comentários que fazia sobre a minha aparência, as roupas que eu vestia… tudo coisas que não eram exatamente «coisas», mas que o eram, fazendo-me sentir um pouco menos eu própria. Outra rapariga qualquer poderia ter-se ido embora nessa altura e nunca mais ter voltado. Outra poderia ter chamado a polícia. Mas eu não sou essa rapariga.

– Certo – diz o Theo, claramente sem tempo para mais conversa fiada. – O que te traz aqui?

– O Ben: trabalha para ti?

– *Nã*. Ninguém trabalha para ninguém nos dias de hoje, não neste tipo de trabalho. É a lei do mais forte, cada um por si. Mas, sim, às vezes encomendo-lhe uma crítica, uma peça sobre viagens. Ele quer entrar em artigos de investigação. Acho que sabes disso. – Abano a cabeça. – Na verdade, é suposto ele entregar uma peça sobre os tumultos.

– Os tumultos?

– Sim. – Olha para mim de soslaio como se não pudesse acreditar que eu não sei. – As pessoas estão mesmo chateadas por causa do aumento dos impostos, com o preço da gasolina. A coisa tem estado bastante feia… gás lacrimogénio, canhões de água, tudo. Não se fala de outra coisa nas notícias. Por certo, viste alguma coisa?

– Só cheguei ontem à noite. – Mas depois lembro-me: – Vi carrinhas da polícia perto da estação de metro de Pigalle. – Lembro-me do grupo com óculos de esqui na carruagem. – E talvez alguns manifestantes.

– Sim, é provável. Os tumultos têm acontecido por toda a cidade. E é suposto o Ben escrever uma peça sobre eles. Também ia falar-me sobre um suposto «furo» que tinha para mim… esta manhã, na verdade. Mostrou-se muito misterioso sobre o assunto. Mas não chegou a contactar-me.

Uma possibilidade nova. Poderia ser isso? O Ben investigou demasiado sobre uma coisa? Fugiu? Desapareceu? Ou… não quero pensar nas outras possibilidades.

As nossas bebidas chegam; o meu chocolate quente é espesso e escuro e reluzente num pequeno jarro com uma taça. Sirvo-o e dou um pequeno gole e fecho os olhos, pois pode custar seis euros, mas também é a porra do melhor chocolate quente que jamais bebi na vida.

Theo põe cinco pacotes de açúcar amarelo no café dele, mexe. Depois sorve um grande gole do seu *Ricard*. Beberrico um pouco do meu – sabe a alcaçuz, um lembrete de todos os *shots* peganhentos de *Sambuca* que bebi atrás do balcão, comprados pelos meus clientes ou tirados às escondidas da garrafa numa noite fraca. Bebo-o com um só gole. Theo ergue as sobrancelhas.

Limpo a boca.

– Desculpa. Estava a precisar disto. Têm sido umas vinte e quatro horas de merda. O Ben desapareceu, sabes? Sei que ele não te contactou, mas não fazes ideia de onde poderá estar, pois não?

Theo encolhe os ombros.

– Lamento. – Sinto desfazer-se e morrer a pequena esperança que alimentava. – O que queres dizer com ele desapareceu?

– Ele não estava no apartamento dele ontem à noite quando disse que estaria. Não responde às minhas chamadas nem lê as minhas mensagens. E há tudo o resto… – Engulo em seco, conto-lhe sobre o sangue no pelo do gato, sobre a mancha de lixívia, sobre os vizinhos hostis. Enquanto o faço tenho um momento em que penso: como cheguei a isto? Sentada aqui com um estranho numa cidade estranha, a tentar encontrar o meu irmão perdido?

Theo fica ali sentado a fumar o seu cigarro e a mirar-me com olhos semicerrados através do fumo e a expressão dele não muda de todo. O tipo tem uma expressão impassível excelente.

– A outra coisa estranha – digo eu –, ele tem estado a morar num prédio enorme e elegante. Quer dizer, não consigo imaginar que o Ben ganhe assim tanto dinheiro a escrever? – Julgando pelo estado do conjunto que o Theo tem vestido, suspeito que não.

– Nem pensar. Não se entra neste tipo de trabalho pelo dinheiro, certamente.

Lembro-me de outra coisa. O estranho cartão de metal que tirei da carteira do Ben. Tiro-o do bolso de trás das minhas calças de ganga.

– Encontrei isto. Diz-te alguma coisa?

Ele estuda o *design* do fogo de artifício dourado, franzindo o sobrolho.

– Não tenho a certeza. Sem dúvida que já vi este símbolo. Mas neste momento não estou a ver onde. Posso ficar com ele? Eu devolvo-to. – Entrego-lho, um pouco relutante, pois é uma das poucas coisas que tenho que parece uma pista. O Theo tira-mo e há algo na forma como ele o agarra que não aprecio. De súbito, parece demasiado ansioso, apesar do facto de me ter dito que não conhece o Ben assim tão bem e de não parecer de todo preocupado com o bem-estar dele. Não projeta exatamente a imagem de Bom Samaritano. Não estou segura quanto a este tipo. Ainda assim, a cavalo dado não se olha o dente.

– Há outra coisa – digo, lembrando-me. – O Ben deixou-me uma mensagem de voz ontem à noite, mesmo antes de eu ter chegado à Gare du Nord.

O Theo pega no meu telemóvel. Passa a mensagem e ouve-se a voz do Ben. «Olá, Jess…»

É estranho voltar a ouvir aquilo assim. Soa diferente da última vez que a ouvi, de certa forma não parece o Ben, como se ele estivesse ainda mais fora de alcance.

O Theo ouve-a toda.

– Parece que ele diz qualquer coisa, no fim. Conseguiste descobrir o que foi?

– Não… não consigo ouvir. Está demasiado abafado.

Ele levanta um dedo.

– Espera. – Depois enfia a mão na mochila ao lado da cadeira dele, amarrotada como tudo o resto nele, e puxa um par de auscultadores com o fio todo ensarilhado. – Pronto. Cancelam o ruído e o volume é bastante alto. Queres um? – Ele entrega-me um deles.

Enfio-o no ouvido.

Ele aumenta o volume até ao máximo e volta a carregar no *play* da mensagem de voz.

Ouvimos a parte familiar da gravação. A voz do Ben: «Olá, Jess, então, é no número doze, rue des Amants. Percebeste? Terceiro andar» e «Toca à campainha. Vou estar à tua espera…» A voz dele parece ser cortada a meio da frase, tal como em todas as vezes em que ouvi a mensagem. Mas agora ouço-o. O que parecia um estalido na gravação é na realidade um ranger de madeira. Eu *reconheço* aquele rangido. São as dobradiças da porta do apartamento.

E então ouço a voz do Ben ao longe, baixinho, mas ainda assim muito mais clara do que o que apenas parecera um murmúrio antes: «O que *faz* aqui?» Uma

longa pausa. Depois, diz: «E o que raio…?»

A seguir, ouve-se um som: um gemido. Mesmo com este volume é difícil perceber se é uma pessoa a emitir o som ou outra coisa – o chão a ranger? Depois: silêncio.

Sinto-me ainda mais gelada do que antes. Dou por mim a segurar na minha corrente, a agarrar no pendente, agarrando-o com força.

O Theo volta a passar a gravação. E finalmente uma terceira vez. Ali está. Ali está a prova. Alguém esteve no apartamento com o Ben, na noite em que ele deixou a mensagem de voz.

Ambos retiramos os auscultadores dos ouvidos. Olhamos um para o outro.

– Pois – diz o Theo. – Diria que isto é um bocadinho estranho.

Mimi

Quarto andar

Ela não está no apartamento agora. Sei disso porque tenho estado à espreita da janela do meu quarto. As luzes do terceiro andar estão todas apagadas, o quarto às escuras. Por um instante acho mesmo que o vejo; a aparecer das sombras. Depois pestanejo e é óbvio que não está ali ninguém.

Mas seria mesmo dele. Ele tinha o hábito de aparecer sem avisar. Tal como fez na segunda vez que o vi.

Parei numa velha loja de discos no meu regresso da Sorbonne: Pêle-Mêle. Estava tanto calor. Temos esta expressão em francês, *soleil de plomb*, para quando o sol parece tão pesado quanto chumbo. Estava assim naquele dia – é difícil de imaginar agora, quando está tanto frio lá fora. Estava horrível: fumo de escapes e turistas suados e com escaldões aglomerados nos passeios. Sempre odiei turistas. Mas odeio-os ainda mais no verão. A andar por aí desajeitados, com calor e zangados por terem vindo para a cidade em vez da praia. Não havia turistas na loja por ter um ar tão sombrio e depressivo vista do exterior, que é exatamente porque eu gosto dela. Estava escuro e fresco, como estar debaixo de água, os sons do exterior silenciados. Podia passar horas ali na minha pequena bolha, escondida do mundo, a flutuar entre as pilhas de vinis e a ouvir disco atrás de disco na cabina de vidro riscado.

– Ei.

Virei-me.

Ali estava ele. O tipo que se acabara de mudar para o terceiro andar. Via-o na maioria dos dias, a empurrar a *Vespa* dele pelo pátio ou por vezes a andar de um lado para o outro no apartamento dele: deixava sempre as portadas abertas.

Contudo, de perto era diferente. Conseguia ver a barba por fazer no maxilar, os pelos acobreados nos braços. Conseguia ver que usava uma corrente em volta do pescoço, que desaparecia sob a gola da *T-shirt*. Não esperava isso, de certa forma: ele parecia demasiado betinho. De perto conseguia apanhar o cheiro penetrante do suor dele, o que parece nojento – mas era um cheiro limpo e apimentado, não o fedor a cebola frita que se apanha no metro. Ele era assim para o velho, como eu disse à Camille. Mas também assim para o bonito. Na verdade, tirava-me a respiração.

– És a Merveille, certo?

Quase deixei cair o disco que tinha nas mãos. Ele sabia o meu nome. Ele lembrava-se. E, de alguma forma, embora eu odeie o meu nome, nos lábios dele soava diferente, quase especial. Assenti com a cabeça, pois não me senti capaz de falar. A minha boca sabia a metal; talvez tivesse mordido a língua. Imaginei o sangue a formar uma poça entre os meus dentes. No silêncio conseguia ouvir a ventoinha no teto, *vum, vum, vum*, como um batimento cardíaco.

Por fim, consegui falar.

– A… A maioria das pessoas chama-me Mimi.

– Mimi. Condiz contigo. Sou o Ben. – O sotaque inglês dele; a sua brusquidão. – Somos vizinhos: mudei-me para o apartamento do terceiro andar, há uns dias.

– *Je sais* – disse eu. Saiu-me como um suspiro. *Eu sei.* Parecia uma loucura que ele pensasse que eu não soubesse.

– É um prédio tão fixe. Deves adorar morar ali. – Encolhi os ombros. – Toda aquela história. Todas aquelas características fantásticas: a *cave*, o elevador…

– Também há um elevador para comida – saiu-me. É uma das minhas coisas preferidas do prédio. Não sei muito bem porquê, mas de repente quis partilhá-lo com ele.

Ele inclinou-se para a frente.

– Um elevador para comida? – Parecia tão excitado; senti um calor brilhante por ter sido a causa. – A sério?

– Sim. Do tempo em que o prédio era um *hôtel particulier* a sério… pertencia a uma condessa ou isso e havia uma cozinha na *cave*. Através dele eles enviavam comida e bebidas para cima, e para baixo a roupa para lavar.

– Isso é fantástico! Nunca vi um desses na vida real. Onde? Não, espera… não me digas. Vou tentar encontrá-lo. – Ele sorriu. Apercebi-me que lhe devolvi o

sorriso.

Ele puxou a gola da *T-shirt*.

– Credo, está muito calor hoje.

Vi o pequeno pendente da corrente dele soltar-se.

– Usas um São Cristóvão? – Mais uma vez, aquilo saiu-me. Penso que foi a surpresa de vê-lo, reconhecer o pequeno santo em ouro.

– Oh. – Ele olhou para baixo para o pendente. – Sim. Era da minha mãe. Ela deu-mo quando eu era pequeno. Nunca o tiro… às vezes esqueço-me que está aqui. – Tentei vê-lo como criança, mas não consegui. Só conseguia vê-lo alto, largo, a pele bronzeada do rosto dele. Ele tinha rugas, sim, mas agora apercebia-me que não o faziam parecer velho. Apenas faziam com que parecesse mais interessante do que qualquer um dos tipos que eu conhecia. Como se tivesse frequentado lugares, visto coisas, feito coisas. Ele sorriu. – Estou impressionado com o facto de o teres reconhecido. És católica?

Corei.

– Os meus pais mandaram-me para um colégio católico. – Um colégio católico para raparigas. *O teu papá queria mesmo que te tornasses freira,* disse a Camille. *O mais parecido que ele conseguiu encontrar com um cinto de castidade.* A maioria dos miúdos que conheço, como a Camille, frequentou grandes liceus onde vestiam as suas próprias roupas e fumavam cigarros e comiam as caras uns dos outros na rua durante o intervalo para o almoço. Frequentar uma escola como as Soeurs Servantes du Sacré-Cœur faz de nós aberrações. Como algo saído do livro infantil *Madeline*. O que isso significa é que somos olhadas no nosso uniforme por um determinado tipo de tarado no metro e somos ignoradas por todos os outros. Torna-nos incapazes de falar como um ser humano normal. Razão pela qual provavelmente o meu papá o escolheu para mim.

É claro que não fiquei sempre no SSSC. Eles tiveram lá uns problemas com um professor, um jovem: os meus pais acharam melhor que eu saísse e durante os últimos anos tive um tutor privado, o que foi ainda pior.

Vi o Benjamin Daniels a olhar para o disco que eu tinha nas mãos.

– Velvet Underground – disse ele. – Adoro-os. – O desenho da capa do vinil, de Andy Warhol, era uma série de imagens que mostravam lábios vermelhos a abrir-se para chupar refrigerante de uma palhinha. De repente, parecia um pouco sórdido e senti as minhas faces a corarem outra vez.

– Vou comprar este – disse ele, erguendo o disco dele. – Os Yeah Yeah Yeahs. Gostas deles?

Encolhi os ombros.

– *Je ne sais pas.* – Nunca ouvira falar deles. Também nunca tinha ouvido falar do disco dos Velvet Underground que eu tinha escolhido. Apenas gostava do desenho do Warhol; planeara copiá-lo no meu bloco de desenho quando chegasse a casa. Frequento a Sorbonne, mas o que gostaria mesmo de fazer (se me coubesse a mim decidir) era arte. Às vezes, quando tenho um pau de carvão ou um pincel nas mãos, parece a única altura em que me sinto completa. A única maneira em que consigo falar em condições.

– Bem, tenho de ir. – Ele fez uma careta. – Tenho um prazo de entrega a cumprir. – Até aquilo parecia fixe: ter um prazo de entrega. Ele era jornalista; observara-o a trabalhar noite dentro ao computador. – Mas vocês estão no quarto andar, certo? Lá no prédio? Tu e a tua companheira de casa? Como é que ela se chama…

– Camille. – Ninguém se esquece da Camille. Ela é a boazona, a divertida. Mas ele esquecera-se do nome dela. Lembrara-se do meu.

Uns dias depois, alguém enfiou um bilhete debaixo da porta do apartamento:

Encontrei!

De início, não consegui perceber o que queria dizer. Quem encontrara o quê? Não fazia sentido. Tinha de ser alguma coisa para a Camille. E depois lembrei-me da nossa conversa na loja de discos. Poderia ser? Fui até ao armário onde estava o elevador para comida, puxei o manípulo escondido, rodei-o para subir o pequeno carrinho. E vi que tinha lá qualquer coisa dentro: o disco dos Yeah Yeah Yeahs que ele comprara na loja. Tinha um bilhete colado a ele: Olá, Mimi. Pensei que talvez gostasses de experimentar isto. Diz-me o que pensas. B x

– De quem é isso? – A Camille aproximou-se, lendo o bilhete por cima do meu ombro. – Ele emprestou-te o disco? O Ben? – Consegui ouvir o tom de surpresa na voz dela. – Vi-o ontem – disse ela. – Ele disse-me que adoraria se eu pudesse alimentar o gatinho dele, se ele se ausentar. Deu-me a chave sobresselente. – Enrolou uma madeixa de cabelo cor de caramelo atrás da orelha. Senti uma

pontada de ciúmes. Mas lembrei-me de que ele não *lhe* deixou um bilhete. Ele não *lhe* mandou um disco.

Existe uma expressão em francês: *être bien dans sa peau* – sentir-se bem na própria pele. Não me sinto assim muitas vezes. Mas, segurando aquele disco, senti-me. Como se tivesse uma coisa que era apenas minha.

Agora, olho para o armário que tem o elevador para comida escondido. Dou por mim a aproximar-me dele. Abro o armário para expor os cabos, puxo o manípulo, tal como fiz naquele dia de agosto. Espero que o pequeno carrinho apareça.

O quê?

Fico a olhar fixamente. Está ali qualquer coisa. Tal como quando ele me mandou o disco. Mas não é um disco. É algo enrolado num pano. Estico o braço para segurar naquilo e, quando fecho o punho em volta do objeto, sinto uma picada. Levanto a mão e vejo uma pinga de sangue na palma da minha mão. *Merde*. O que quer que esteja ali dentro cortou-me, espetando-me através do tecido. Largo-o e o pano espalha o seu conteúdo no chão.

Dou um passo para trás. Olho para a lâmina, com uma crosta do que parece ser ferrugem ou terra, mas não, é algo que também está espalhado pelo pano no qual estava enrolada.

E começo a gritar.

Jess

Não consigo parar de pensar em como o Ben soava no fim daquela mensagem. O medo na voz dele.

«O que *faz* aqui?» A ênfase. Quem quer que estivesse na sala, parecia ser alguém que ele conhecia. E depois, «O que raio?» O meu irmão, sempre tão em controlo de qualquer situação. Nunca o ouvi assim. Mal parecia o Ben.

Tenho uma sensação nauseante no fundo do meu estômago. Esteve sempre ali, na verdade, a crescer desde ontem à noite. Mas agora já não a posso ignorar. Penso que aconteceu alguma coisa ao meu irmão ontem à noite, antes de eu chegar. Algo mau.

– Vais voltar àquele lugar? – pergunta o Theo. – Depois de ouvir aquilo?

Fico um pouco espantada com a preocupação dele, especialmente por ele não parecer do tipo sensível.

– Sim – respondo, tentando soar mais confiante do que me sinto. – Preciso de estar lá.

E preciso. Aliás – não digo isto – não tenho outro sítio para onde ir.

Decido caminhar em vez de voltar de metro – a distância é grande, mas preciso de apanhar ar, preciso de tentar pensar com clareza. Olho para o meu telemóvel para verificar a minha rota. O telemóvel vibra:

> Já usou quase todos os seus Dados de Roaming! Para comprar mais, carregue no link…

Merda. Volto a guardá-lo no bolso.

Passo por pequenas lojas pretensiosas pintadas a vermelho, verde-esmeralda, azul-marinho, com as suas montras bem iluminadas mostrando vestidos com padrões, velas, sofás, joias, chocolates, até uns malditos merengues especiais com corantes azul-bebé e cor-de-rosa. Há algo para toda a gente aqui, suponho, se se tiver dinheiro para gastar. Na ponte, atravesso multidões de turistas a tirarem *selfies* em frente ao rio, a beijar, a sorrir, a falar e a rir. É como se estivessem a viver num universo diferente. E agora a beleza deste lugar parece ainda mais papel de embrulho que esconde algo maléfico no interior. Consigo cheirar coisas a apodrecer sob os aromas açucarados e doces das pastelarias e lojas de chocolates: peixe em cima de gelo no exterior da peixaria a deixar poças fedorentas no passeio, o fedor de cocó de cão espalmado na estrada, o cheiro nauseabundo de canos entupidos. A sensação nauseante aumenta. O que aconteceu ao Ben ontem à noite? O que posso fazer?

Houve alturas na minha vida em que estive bastante desesperada. Sem ter a certeza de como pagar a renda naquele mês. Vezes em que agradeci a Deus por ter um meio-irmão com mais dinheiro do que eu. Porque, sim, posso ter sentido ressentimento por ele no passado, por ter tanto mais do que eu alguma vez tive. Mas tirou-me de algumas situações bastante apertadas.

Mesmo estando em pleno período de exames, certa vez veio tirar-me de uma situação complicada numa casa de acolhimento, no *Golf* que os pais dele lhe compraram.

– Temos de nos manter unidos, nós órfãos. Não: pior do que órfãos. Porque os nossos pais não nos querem. Andam por aí, mas não nos querem.

– Tu não és como eu – disse-lhe. – Tens uma família: os Daniels. Olha para ti. Ouve a forma como falas. Olha para este maldito carro. Tens tanto de tudo.

Um encolher de ombros.

– Só tenho uma irmã mais nova.

Agora chegou a minha vez de o ajudar. E mesmo embora cada parte de mim me impeça de chamar a polícia, penso que tenho de fazê-lo.

Saco do telemóvel, procuro o número, marco o 112.

Estou em linha de espera durante uns momentos, aguardo, a ouvir o toque de chamada, a mexer no meu São Cristóvão. Por fim, alguém atende:

– *Comment puis-je vous aider?* – Uma voz de mulher.

– Hmm, *parlez-vous Anglais?*

– *Non.*

– Posso falar com alguém que fale?

Um suspiro.

– *Une minute.*

Após uma longa pausa, outra voz… de homem.

– Sim?

Começo a explicar. De alguma forma, tudo parece ainda mais inconsistente quando dito em voz alta.

– Desculpe. Não compreendo. O seu irmão deixou-lhe uma mensagem de voz. Do apartamento dele? E está preocupada?

– Ele parecia assustado.

– Mas não havia sinal de arrombamento na casa dele?

– Não, acho que era alguém que ele conhecia…

– O seu irmão é… uma criança?

– Não, está na casa dos trinta. Mas desapareceu.

– E tem a certeza de que ele não se ausentou, por exemplo, durante uns dias? Porque parece ser a possibilidade mais provável, *non*?

Sou acometida por uma sensação crescente de desespero. Sinto que não estamos a chegar a lado algum.

– Tenho bastante certeza, sim. É tudo muito estranho, porra… desculpe. E ele não atende o telemóvel, deixou a carteira, as chaves.

Uma longa pausa.

– *OK*, *mademoiselle*. Dê-me o seu nome e a sua morada, eu farei um registo formal e entraremos em contacto consigo.

– Eu… – Não quero constar em nenhum registo formal de coisa nenhuma. E se eles comparam apontamentos com o Reino Unido, verificam o meu nome? E a forma como ele diz: «registo formal», naquela voz monótona e aborrecida, parece: «Sim, vamos pensar em fazer qualquer coisa daqui a uns anos depois de termos feito todas as coisas que realmente importam e talvez um bocadinho das coisas que não importam.»

– *Mademoiselle*? – encoraja ele.

Desligo a chamada.

Foi uma total perda de tempo. Mas esperava eu outra coisa? A polícia britânica nunca me ajudou antes. Porque pensei que os seus homólogos franceses seriam diferentes?

Quando levanto o olhar do telemóvel, apercebo-me que me perdi. Devo ter estado a vaguear sem rumo durante a chamada. Vou ao mapa no meu telemóvel, mas não carrega. Enquanto tento fazê-lo funcionar o meu telefone vibra e surge uma notificação:

> Usou todos os seus Dados de Roaming. Para comprar mais, carregue no link...

Merda, merda… Também está a anoitecer e de algum modo isso apenas me faz sentir ainda mais perdida.

OK. Recompõe-te, Jess. Eu consigo fazer isto. Só preciso de encontrar uma rua mais animada, depois encontrar uma estação de metro e um mapa.

Mas as ruas tornam-se cada vez mais silenciosas até eu conseguir ouvir apenas outro conjunto de passos, um pouco atrás de mim.

Há um muro alto à minha direita e apercebo-me, vislumbrando uma pequena placa lá presa, que contorno um cemitério. Acima do muro consigo discernir os túmulos mais altos, as pontas das asas e a cabeça baixa de um anjo enlutado. Está praticamente de noite agora. Paro.

Os passos atrás de mim também param.

Caminho mais depressa. Os passos aceleram.

Alguém me segue. Eu sabia. Dobro a esquina do muro para ficar longe da vista por uns segundos. Então, em vez de continuar, paro e encosto-me ao muro do outro lado. O meu coração bate com força nas minhas costelas. Isto provavelmente é muito estúpido. O que deveria fazer era fugir, encontrar uma rua animada, rodear-me de pessoas. Mas tenho de saber.

Espero até aparecer uma figura. Alta, casaco escuro. O meu peito está a arder: apercebo-me que tenho estado a suster a respiração. A figura vira-se, lentamente, olhando em volta. À minha procura. Está de capuz e, por um instante, não lhe consigo ver o rosto.

A pessoa dá um passo repentino para trás; sei que me viu. O capuz cai. Consigo ver-lhe o rosto agora à luz do candeeiro de rua. É uma mulher: jovem,

bonita o suficiente para ser modelo. Cabelos castanho-escuros com uma franja acentuada, um sinal na maçã do rosto, como um sinal de pontuação. Uma camisola de capuz debaixo de um casaco de couro. Olha para mim, surpreendida.

– Olá – digo. Dou um passo cauteloso na direção dela, o choque a dissipar-se, especialmente agora que consigo ver que ela não é a figura ameaçadora que imaginara. – Porque me estavas a seguir? – Ela recua. Parece que quem tem a vantagem agora sou eu. – O que queres? – pergunto, insistindo mais.

– Eu… Eu ando à procura do Ben. – Um sotaque forte, mas não francês. Talvez do leste da Europa, o som espesso do «E». – Ele não me está a responder. Ele disse-me, só se fosse muito importante, para ir ao apartamento. Ouvi-te a perguntar por ele ontem à noite. Na rua.

Recordo o momento em que cheguei ao prédio, quando pensei ter visto por um instante uma figura agachada nas sombras atrás de um carro estacionado.

– Eras tu? Atrás do carro?

Ela não diz nada, o que suponho ser a única resposta que vou ter. Dou mais um passo na direção dela. Ela dá um passo para trás.

– Porquê? – pergunto-lhe. – Porque procuras o Ben? O que é importante?

– Onde está o Ben? – É tudo o que ela diz. – Tenho de falar com ele.

– É exatamente isso que estou a tentar descobrir. Acho que aconteceu alguma coisa. Ele desapareceu.

Acontece tão depressa. O rosto dela fica branco como a cal. Parece tão assustada que de repente também eu própria me sinto assustada. Ela pragueja noutra língua – soando a algo parecido com «*koorvah*».

– O que se passa? – pergunto-lhe. – Porque é que estás tão assustada?

Ela abana a cabeça. Dá mais alguns passos para trás, quase tropeçando nos seus próprios pés. Depois vira-se e começa a andar, depressa, na direção oposta.

– Espera – digo. E então, quando ela se afasta ainda mais, grito: – Espera! – Mas ela começa a correr. Corro atrás dela. Merda, ela é rápida… aquelas pernas compridas. E eu sou magra, mas não estou em forma. – Para, por favor! – Tento chamar.

Persigo-a até uma rua mais animada, há pessoas a olhar para nós. À última hora, ela vira para a esquerda e desce a correr as escadas de uma estação de

metro. Um casal que sobe os degraus, de braço dado, afasta-se alarmado para a deixar passar.

– Por favor – chamo, correndo pelas escadas abaixo atrás dela, ofegante, sentindo que me estou a mover em câmara lenta –, espera!

Porém, ela já passou a barreira. Felizmente, há uma cancela avariada que foi deixada aberta: corro atrás dela. Mas quando chego a um entroncamento, o lado direito que leva aos comboios para leste e o esquerdo para oeste, apercebo-me de que não faço ideia para que lado ela foi. Suponho que tenho uma probabilidade de cinquenta por cento: escolho a direita. A ofegar, chego à plataforma para a ver do outro lado dos carris. Merda. Ela está a olhar para mim, pálida.

– Por favor! – grito, tentando recuperar o fôlego. – Por favor, só quero falar contigo…

As pessoas voltam-se para olhar para mim, mas não me importo.

– Espera aí! – grito.

Sinto um bafo de ar quente, o ribombar da composição que se aproxima vinda do túnel. Corro pelas escadas acima, pelo passadiço que leva à outra plataforma. Consigo sentir o ribombar da carruagem a passar por baixo de mim.

Desço para o outro lado a toda a velocidade. Não consigo vê-la. Há imensa gente a entrar nas carruagens. Tento entrar, mas estão cheias, há demasiados corpos empacotados ali, há pessoas a voltarem para a plataforma para esperarem pelo próximo metro. Quando as portas se fecham, consigo ver o rosto dela, pálido e assustado, a olhar para mim. Agora as carruagens estão a partir, fazendo um *clique-claque* em direção ao túnel. Olho para o quadro que mostra o percurso: existem quinze estações antes do fim da linha.

Uma ligação ao Ben, uma pista… finalmente. Mas não tenho hipótese de descobrir para onde ela vai, onde ela possa desembarcar. Ou, muito provavelmente, de alguma vez a voltar a ver.

Jess

O apartamento está o mais iluminado que eu o consigo pôr. Acendi todos os candeeiros. Até pus um disco a tocar no gira-discos elegante do Ben. Estou a tentar não entrar em pânico e pareceu uma boa ideia ter o máximo de barulho e luz possíveis. Estava tudo tão silencioso quando entrei no prédio agora mesmo. De certa forma, demasiado silencioso. Como se não houvesse ninguém atrás das portas quando passei. Como se o próprio lugar estivesse à escuta, à espera de algo.

Estar aqui é completamente diferente agora. Antes, era apenas uma sensação que não conseguia identificar. Mas agora ouvi o fim da mensagem de voz. Agora sei que a última vez que ouvi o Ben ele estava com medo, e que estava alguém com ele aqui no apartamento.

Penso também naquela rapariga. A expressão no rosto dela quando lhe disse que pensava que tinha acontecido alguma coisa ao Ben. Ela estava assustada, mas de certo modo também parecia esperar isso.

De repente, sinto-me bastante consciente do facto de que, se alguém olhar do sítio certo em qualquer dos apartamentos, é possível ver-me aqui sentada, iluminada como se estivesse num palco. Dirijo-me às janelas e fecho com força as enormes portadas de madeira. Melhor. Outrora existiram aqui cortinas, é inegável: reparo que os aros no varão estão todos partidos, como se a certo ponto tivessem sido arrancadas com um puxão.

Não posso simplesmente ficar aqui sentada a revisitar tudo na minha cabeça uma e outra vez. Tem de haver algo que me falhou. Alguma coisa que me dará uma pista quanto ao que possa ter acontecido.

Vasculho o apartamento todo. Agacho-me para ver debaixo da cama, remexo as camisas no armário do Ben, investigo os armários da cozinha. Arrasto a secretária dele da parede. Bingo: há algo que cai. Algo que estava preso entre a parede e as costas da secretária. Apanho-o. É um bloco de notas. Um daqueles elegantes em pele. Mesmo do tipo que o Ben usaria.

Abro-o. Há algumas notas escrevinhadas que parecem ser críticas a restaurantes, esse tipo de coisa. Depois, numa página perto do fim do bloco, leio:

LA PETITE MORT
Sophie M sabe.
Mimi: onde se encaixa?
A Porteira?

«La Petite Mort». Até eu sei traduzir isso: *A pequena morte.*

Sophie M tem de ser a Sophie Meunier, a mulher que mora no apartamento do último andar. *Sophie M sabe*. O que sabe ela? Mimi é a rapariga do quarto andar, a que parecia que ia vomitar o pequeno-almoço quando lhe perguntei sobre o Ben. Como *é* que ela se encaixa? Qual *é* a ligação da porteira? Porque é que o Ben estava a escrever no bloco de notas dele sobre estas pessoas, sobre «pequenas mortes»?

Folheio o resto do bloco, à espera de descobrir mais, apenas para ver que está vazio dali para a frente. Mas isso diz-me uma coisa. Há algo de estranho a passar-se com as pessoas deste prédio. O Ben estava a tirar notas sobre eles.

Bebo mais do vinho do Ben, à espera que alivie um pouco os meus nervos, mas não parece estar a ajudar. A única coisa que faz é levar a que me sinta zonza. Pouso o copo de vinho pois tenho uma vontade enorme de me manter acordada, de ficar de vigia, de continuar a pensar. Não quero adormecer aqui. De repente, não me sinto segura.

Quando os meus olhos começam a fechar-se sozinhos, apercebo-me de que não tenho escolha. Tenho de dormir. Preciso de energia para continuar. Arrasto-me até ao quarto e caio na cama. Sei que não posso fazer mais nada hoje, não enquanto me sentir assim tão exausta. Mas quando estou a apagar a luz, apercebo-me de que se passou um dia inteiro e não sei nada do meu irmão, e o sentimento de terror aumenta.

Os meus olhos abrem-se de repente. Parece que não passou tempo nenhum, mas os números a néon no despertador do Ben indicam 3:00. Algo me acordou. Sei disso, mesmo que não saiba o quê. Poderia ter sido o gato, a atirar qualquer coisa ao chão? Mas não, está ali aos pés da cama, sinto o peso do corpo dele contra os meus pés e, à medida que os meus olhos se habituam ao escuro, consigo discerni-lo mais claramente com a luz verde do despertador. Está sentado, alerta, de orelhas espetadas e a tremelicar como um radar a tentar apanhar um sinal. Está a ouvir alguma coisa.

E é então que ouço. Um rangido, o som de uma tábua do chão a ceder sob o peso do pé de alguém. Está alguém aqui no apartamento, comigo, mesmo do outro lado das portas de correr.

Bem… poderá ser o Ben? Abro a boca para chamar. Depois hesito. Lembro-me da mensagem de voz. Não se vê luz nenhuma sob as portas de correr: o meu visitante está a andar às escuras. O Ben teria acendido as luzes.

De súbito, sinto-me perfeitamente acordada. Mais do que acordada: elétrica. O volume da minha respiração está demasiado alto no silêncio. Tento acalmá-la, tornando-a o mais silenciosa possível. Será que alguém arrombou a casa? Não teria eu ouvido o vidro a partir, a porta a estalar?

Espero, ouvindo cada rangido dos passos que andam à volta do quarto. Não parece que estejam com muita pressa. Puxo o cobertor até ficar praticamente coberta por ele. E depois, no meio do ribombar do meu próprio sangue nos ouvidos, ouço as portas do quarto a começarem a abrir.

Sinto o peito tão cingido que me é difícil respirar. O meu coração salta contra as minhas costelas. Continuo a fingir que durmo. Mas ao mesmo tempo penso no candeeiro ao lado da cama, com uma boa base de metal pesado. Podia esticar um braço…

Espero, com a cabeça encostada à almofada, tentando decidir se agarro no candeeiro agora ou…

Mas… agora ouço o leve bater dos passos em retirada. Ouço as portas de correr a fechar. E então, alguns instantes depois, mais longe, o gemido da porta principal do apartamento a abrir e a fechar.

Foi-se embora.

Fico quieta por um instante, com a respiração ofegante. Depois salto, passo as portas de correr e corro para a sala. Se for rápida, posso apanhá-lo. Mas primeiro vasculho os armários da cozinha, pego numa frigideira pesada, para qualquer eventualidade, e abro a porta do apartamento. O corredor e escadaria estão às escuras e silenciosos. Fecho a porta, dirijo-me às janelas. Talvez apanhe alguém ali fora no pátio. Mas não passa de um poço escuro: as formas pretas das árvores e arbustos, sem um lampejo de movimento. Para onde foi?

Acendo uma luz. A casa parece completamente intocada. Não há vidros partidos e a porta da frente não parece danificada. Como se se tivessem limitado a entrar.

Quase posso acreditar que sonhei. Mas veio alguém aqui, tenho a certeza. Ouvi-o. O gato ouviu-o. Mesmo que, neste preciso momento, ele pareça completamente relaxado, esticado no sofá, a lavar-se delicadamente entre os dedos das patas traseiras.

Olho para a secretária do Ben, e é aí que me apercebo de que o bloco de notas desapareceu. Procuro nas gavetas, atrás da abertura atrás da secretária onde o encontrei. Merda. Sou uma idiota. Porque é que o deixei ali à vista? Porque não o escondi num sítio qualquer?

Parece tão óbvio agora. Depois de ouvir a mensagem de voz deveria ter tomado precauções adicionais. Deveria ter posto qualquer coisa à frente da porta. Deveria ter adivinhado que alguém poderia vir aqui, à procura. Porque não precisariam de arrombar nada. Se for a mesma pessoa com quem o Ben estava a falar naquela gravação, então já tem uma chave.

Trinta horas antes

Ben

Fica tudo escuro. Apenas por um instante. Depois torna-se tudo terrivelmente claro. Vai acontecer aqui, agora, neste apartamento. Aqui mesmo, neste pedaço inócuo de chão mesmo ao lado da porta, ele vai morrer.

Compreende o que deve ter acontecido. Nick. Quem mais? Mas um dos outros neste lugar pode estar envolvido… porque é claro que estão todos ligados…

– Por favor – consegue ele dizer –, eu posso explicar. – Ele sempre foi capaz de ultrapassar qualquer situação à base da conversa. *Benjamin Falinhas-Mansas*, chamava-lhe ela. Se ao menos conseguisse encontrar as palavras. Mas a fala parece subitamente muito difícil…

O golpe seguinte chega com uma rapidez espantosa, uma força espantosa. A voz dele é suplicante, aguda como a de uma criança.

– Não, não… por favor, por favor… não faça – As palavras tropeçam para fora dele, ele que é sempre tão equilibrado. Agora não há tempo para explicações. Está a implorar. A implorar por misericórdia. Mas não há ponta dela nos olhos que o miram.

Ele vê o sangue a manchar as calças de ganga, mas não compreende de imediato do que se trata. Depois vê enquanto as manchas carmim começam a cair no chão de parquê. Lentamente de início, a seguir mais depressa, depressa. Não parece real: um vermelho tão brilhante e intenso e tanto dele, todo de uma vez. Como pode tudo isto ter saído dele? Mais e mais a cada segundo. Deve estar a jorrar dele.

Depois volta a acontecer, o golpe seguinte, e ele está a cair e na descida a cabeça bate contra algo duro e afiado: o canto do balcão da cozinha.

Devia ter adivinhado. Deveria ter sido menos arrogante, menos altivo. Deveria pelo menos ter instalado uma corrente na porta. E, no entanto, pensou que era invencível, pensou que era ele quem controlava a situação. Foi tão estúpido, tão arrogante.

Agora está deitado no chão e não se acha capaz de voltar a levantar-se. Tenta levantar as mãos, implorar sem palavras, defender-se, mas as mãos dele também não lhe obedecem. O corpo dele já não está sob o seu controlo. Com isso vem um novo terror: está completamente indefeso.

As portadas… as portadas estão abertas. Está escuro lá fora: o que significa que toda esta cena deve estar iluminada para o mundo exterior. Se alguém viu, se alguém pudesse vir ajudar…

Com um esforço enorme ele abre os olhos, vira-se e começa a rastejar na direção das janelas. É tão difícil. Cada vez que posiciona uma mão esta escorrega debaixo dele: demora um instante até perceber que é por o chão estar escorregadio com o seu próprio sangue. Por fim, alcança a janela. Ergue-se um pouco acima do parapeito, estica o braço e faz uma marca sangrenta da impressão da palma da mão no vidro. Está alguém lá fora? Um rosto virado na direção dele, apanhado pela luz que sai das janelas, lá fora na escuridão? A visão dele volta a desfocar-se. Tenta bater com a palma, formar com os lábios a palavra: *SOCORRO*.

E é então que sente a dor. É enorme, mais assoberbante que qualquer coisa que jamais experienciou na vida. Sem dúvida que não consegue aguentar isto: deve ser demasiado. É aqui que termina a história.

E o último pensamento lúcido dele é: Jess. A Jess vai chegar hoje à noite e não vai estar cá ninguém para a receber. Mal ela chegue, também ela vai correr perigo.

Domingo

Nick

Segundo andar

Manhã. Entro na escadaria do prédio. Estou a correr há horas. Não faço ideia há quanto tempo, na verdade, ou o quão longe fui. Quilómetros, talvez. Normalmente teria os dados exatos, estaria a verificar o meu relógio *Garmin* de forma obsessiva, carregando tudo para a aplicação *Strava* mal regressasse. Esta manhã não me dou ao trabalho de olhar. Só precisava de arejar a cabeça. Só parei porque a dor na barriga da minha perna começou a cortar tudo o resto – embora por um momento quase apreciei correr através da dor. Uma velha mazela: forcei um charlatão de Silicon Valley a receitar-me oxicodona para ela. O que também ajudou a aliviar a pressão quando os meus investimentos começaram a correr mal.

No primeiro andar hesito do lado de fora do apartamento. Bato à porta uma, duas, três vezes. Ouço o som de passos lá dentro enquanto observo a ombreira da porta esmurrada, o fedor a cheiro de tabaco ressequido. Fico à espera um par de minutos, mas não há resposta. Provavelmente, ele apagou lá dentro num estupor embriagado. Ou talvez me esteja a evitar… não me surpreenderia. Há algo que quero – preciso – dizer ao tipo. Mas suponho que tenha de esperar.

Depois fecho a porta, começo a subir as escadas, com os olhos a arder. Levanto a bainha da minha *T-shirt* encharcada em suor para os esfregar e continuo a subir.

Estou a passar pelo apartamento do terceiro andar quando a porta se abre para trás e ali está ela: Jess.

– Eh… olá – digo, passando uma mão pelo cabelo.

– Oh – diz ela, parecendo confusa. – Deu-me ideia que estavas a subir?

– Não – respondo. – Não… na verdade, vim ver como estavas. Queria dizer… desculpa por ter saído de repente ontem. Quando estávamos a falar. Já conseguiste localizar o Ben?

Olho para ela atentamente. Tem o rosto pálido. Já não parece a raposinha matreira que parecia ontem, agora é um coelhinho encadeado por faróis.

– Jess – digo –, estás bem?

Ela abre a boca por um instante, mas não emite som algum. Fico com a impressão de que trava uma qualquer batalha interior. Por fim, ela diz de repente:

– Esteve aqui alguém, bastante cedo esta manhã. Mais alguém deve ter a chave deste apartamento.

– Uma chave?

– Sim. Entraram e andaram por aqui. – Agora, menos coelhinho encadeado por faróis. Aquele verniz duro regressa.

– O quê, *dentro* do apartamento? Levaram alguma coisa?

Ela encolhe os ombros, hesita.

– Não.

– Olha, Jess – digo –, parece-me que devias falar com a polícia.

Ela faz uma careta.

– Liguei para lá ontem. Não ajudaram nada.

– O que disseram?

– Que fariam um registo – explica, revirando os olhos. – Mas nem sequer sei por que me dei ao trabalho. Sou a idiota que veio sozinha para Paris, mal sabendo falar a língua. O que me levou a pensar que me levariam a sério…

– Como é o teu francês? – pergunto.

Ela encolhe os ombros.

– Praticamente nulo. Consigo pedir uma cerveja, mas é tudo. Completamente inútil, certo?

– Olha, e se eu fosse contigo ao *Commissariat*? Tenho a certeza de que seriam mais prestáveis se falasse com eles em francês.

Ela ergue as sobrancelhas.

– Isso seria… bom, isso seria fantástico. Obrigada. Eu… olha, fico-te grata. – Um encolher de ombros. – Não sou muito boa a pedir favores.

– Não pediste, eu ofereci. Ontem disse-te que quero ajudar. Estava a falar a sério.

– Bom, obrigada. – Ela puxa a corrente que traz ao pescoço. – Podemos ir em breve? Tenho de sair deste lugar.

Jess

Estamos lá fora na rua, a caminhar em silêncio. Os meus pensamentos andam às voltas dentro da minha cabeça. Aquela mensagem de voz fez-me sentir que não podia confiar em ninguém do prédio – incluindo o velho amigo da universidade do Ben, por mais amigável que ele possa ser. Mas, por outro lado, foi o Nick quem sugeriu ir à polícia. Com certeza não faria isso se tivesse alguma coisa que ver com o desaparecimento do Ben?

– Por aqui. – O Nick segura no meu cotovelo, o toque causa um leve formigueiro, e dirige-me para uma viela, não, mais uma espécie de túnel em pedra entre edifícios. – Um atalho – diz ele.

Em contraste com a rua apinhada que deixámos para trás, de repente não há mais ninguém à vista e está muito mais escuro. Os nossos passos ecoam. Não gosto do facto de não conseguir ver o céu.

É um alívio quando saímos do outro lado. Mas quando viramos para a rua vejo que acaba numa barricada policial. Há vários tipos com capacetes e coletes à prova de bala, segurando bastões, rádios a estrepitar.

– Foda-se – digo, com o coração acelerado.

– *Merde* – diz o Nick, ao mesmo tempo.

Ele vai até lá e fala com eles. Eu fico onde estou. Não parecem amigáveis. Consigo senti-los a observar-nos.

– São os tumultos – diz o Nick, de volta. – Estão à espera de sarilhos. – Ele olha para mim atentamente. – Estás bem?

– Sim, ótima. – Lembro a mim mesma que estamos literalmente a caminho para falar com a polícia. Eles podem ajudar. Mas de súbito parece importante

confessar uma coisa. – Ei, Nick? – começo, quando voltamos a andar.

– Sim?

– Ontem, quando falei com a polícia, eles disseram que queriam o meu nome e morada, para os registos deles ou assim. Eu, eh… Não quero dar-lhes essa informação.

O Nick franze o sobrolho na minha direção.

– Porquê?

– Eu… não vale a pena falar nisso. – Mas como ele continua a olhar para mim de forma estranha e não quero que pense que sou uma criminosa de carreira, digo: – Tive alguns problemas no trabalho, mesmo antes de vir para cá.

Mais do que alguns problemas. Há dois dias entrei no Copacabana, com um sorriso no rosto, como se o meu patrão não me tivesse exibido o pénis no dia anterior. Oh, eu consigo alinhar quando é preciso. Eu precisava daquele maldito emprego. E então ao almoço antes de abrirmos, enquanto O Tarado estava a cagar (foi para dentro com uma revista marota, eu sabia que tinha algum tempo), tirei a pequena chave do escritório dele e abri a caixa e tirei tudo o que estava lá dentro. Não era muito; ele era demasiado esperto para isso, substituía o dinheiro todos os dias. Mas era o suficiente para chegar aqui, o suficiente para escapar no primeiro Eurostar que consegui marcar. Oh, e ainda encostei dois barris em frente à porta da casa de banho, um em cima do outro e o de cima mesmo debaixo do manípulo da porta para que ele não o conseguisse rodar. Deve ter levado uma eternidade a sair dali.

Por isso não, não estou grandemente interessada em ter um registo oficial do que quer que seja. Não é que pense que a Interpol ande atrás de mim. Mas não gosto da ideia de o meu nome estar num sistema qualquer, de ter a polícia de cá a comparar notas com o Reino Unido. Vim para cá para começar de novo.

– Nada de mais – digo. – É só… delicado.

– Eh, claro – diz o Nick. – Olha, eu dou-lhes os meus dados como contacto. Pode ser?

– Sim – respondo, descaindo os ombros de alívio. – Obrigada, Nick, isso seria fantástico.

– Então – diz ele, enquanto esperamos que o sinal mude –, estou a pensar no que dizer à polícia. Vou dizer que pensas que esteve alguém no apartamento ontem à noite, claro…

– Eu não *penso* que esteve lá alguém – interrompo. – Eu sei que esteve.

– Claro – acena ele com a cabeça. – E há mais alguma coisa que queiras que eu diga?

Paro.

– Bom… falei com o editor do Ben.

Ele vira-se para mim.

– Ai sim?

– Sim. Um tipo do *Guardian*. Não sei se é importante, mas parecia que o Ben tinha uma ideia com a qual estava animado, para um artigo.

– Sobre quê?

– Não sei. Uma grande peça de investigação qualquer. Mas suponho que se envolveu em qualquer coisa…

O Nick abranda ligeiramente.

– Mas esse tal editor não sabe sobre o que era a peça?

– Não.

– Ah. Isso é uma pena.

– E olha, encontrei um bloco de notas. Mas tinha desaparecido hoje de manhã. Tinha umas notas lá, sobre pessoas do prédio. Sophie Meunier. Sabes, a senhora do andar de cima? A Mimi, do quarto andar. A porteira. Tinha esta frase: *La Petite Mort*. Acho que quer dizer «a pequena morte»…

Vejo algo mudar na expressão do Nick.

– O que é? O que quer dizer?

Ele tosse.

– Bem, também é um eufemismo para orgasmo.

– Oh. – Não é muito fácil ficar envergonhada, mas sinto-me corar. Estou também subitamente consciente do olhar do Nick em mim, do quão perto estamos um do outro na rua deserta. Ocorre um silêncio longo e estranho. – Seja como for – digo. – Quem quer que seja que andava à espreita esta manhã levou o bloco de notas. Por isso, deve haver qualquer coisa ali.

Viramos para uma rua lateral. Vejo um par de pósteres esfarrapados colados a uns tapumes. Faço uma pequena pausa diante deles. Rostos fantasmagóricos impressos a preto-e-branco olham para mim. Não preciso de perceber francês para saber o que ou quem são: Pessoas Desaparecidas.

– Olha – diz o Nick, seguindo o meu olhar. – Provavelmente, vai ser duro. Há imensas pessoas que desaparecem todos os anos. Eles têm um certo… problema cultural aqui. Há esta perspetiva de que se alguém desaparece pode ser pelos seus próprios motivos. Que têm o direito a desaparecer.

– *OK*. Mas com certeza não vão pensar que foi isso que aconteceu ao Ben. Porque há mais… – Hesito, depois decido arriscar e contar ao Nick sobre a mensagem de voz.

Uma longa pausa, enquanto ele digere a informação.

– A outra pessoa – diz ele. – Consegue-se ouvir a voz dela?

– Não. Não creio que tenham dito alguma coisa. Era só o Ben a falar. – Penso no «*O que raio?*» – Ele estava assustado. Nunca o ouvi assim. Devíamos dizer isso à polícia também, certo? Passá-la para eles a ouvirem.

– Sim, sem dúvida.

Caminhamos em silêncio durante mais alguns minutos, com o Nick a marcar o ritmo. E de repente para em frente a um edifício: grande e moderno e bastante feio, um contraste total com todos os blocos de apartamentos elegantes que o rodeiam.

– *OK,* chegámos.

Olho para o edifício à nossa frente. COMMISSARIAT DE POLICE, diz, em enormes letras pretas acima da entrada.

Engulo em seco e sigo o Nick para o interior. Espero junto à porta da frente enquanto ele fala com o tipo da receção num francês que soa fluente.

Tento imaginar como deve ser ter a confiança que o Nick denota num lugar como este, sentir que se tem o direito de estar aqui. À minha esquerda, estão três pessoas com roupas sujas a ser algemadas, rostos manchados com o que parece ser fuligem, a gritar e a resistir aos polícias que os seguram. Mais manifestantes? Sinto ter muito mais em comum com eles do que com o rapaz rico e simpático que me trouxe aqui. Dou um salto para trás quando nove ou dez tipos com equipamento antitumultos irrompem pela receção e me empurram para o lado e saem para a rua, entrando numa carrinha que os espera.

O tipo da receção assente com a cabeça para o Nick. Vejo-o a pegar no telefone.

– Pedi para falar com alguém com uma patente mais alta. – diz o Nick, quando se aproxima. – Assim, seremos ouvidos. Ele está a ligar para lá agora.

– Oh, ótimo – digo. Graças a Deus pelo Nick e o seu francês fluente e a sua pressão de rapaz rico. Sei que se tivesse entrado aqui me teriam descartado outra vez – ou, pior, ter-me-ia calado e ido embora antes de falar com alguém.

O rececionista levanta-se e faz sinal para que sigamos mais para o interior da esquadra. Engulo o meu desconforto relativo a entrar ainda mais neste lugar. Encaminha-nos por um corredor até um gabinete com uma placa na porta onde se lê COMMISSAIRE BLANCHOT e se vê um homem, creio que quase nos sessenta anos, sentado atrás de uma secretária enorme. Ele olha para cima. Um emaranhado de cabelos grisalhos e curtos, uma cara quadrada enorme, olhos escuros pequenos. Levanta-se e aperta a mão do Nick. Depois vira-se para mim, olha-me de alto a baixo, e faz um gesto para as duas cadeiras em frente à secretária.

– *Asseyez vous.*

É óbvio que o Nick puxou uns cordelinhos: o gabinete e o ar importante de Blanchot dizem-me que é um manda-chuva qualquer. Mas há algo no tipo de que não gosto. Não consigo identificar o quê. Talvez seja a cara de *Pitbull*, talvez tenha que ver com a forma como acabou de olhar para mim. Não interessa, digo a mim mesma. Não tenho de gostar dele. Tudo o que preciso é que faça o trabalho dele, encontrar o meu irmão. E não sou tão cega que não consiga ver que posso estar a trazer o meu próprio lastro para tudo isto.

O Nick começa a falar com Blanchot em francês. Mal consigo apanhar uma palavra sequer do que dizem. Apanho o nome do Ben, acho, e há um par de vezes em que olham na minha direção.

– Desculpa – diz o Nick, virando-se para mim. – Sei que estamos a falar muito depressa. Queria contar tudo. Conseguiste perceber alguma coisa? Ele não fala muito inglês, lamento.

Abano a cabeça.

– Não faria muita diferença se falasses mais devagar.

– Não te preocupes: eu explico. Descrevi-lhe a situação toda. E basicamente estamos a enfrentar aquilo que te disse antes: o «direito a desaparecer». Mas estou a tentar convencê-lo que há mais do que isso. Que tu, que nós, estamos mesmo preocupados com o Ben.

– Contaste-lhe do bloco de notas? – pergunto. – E sobre o que aconteceu ontem à noite?

O Nick assente com a cabeça.

– Sim, falei nisso tudo.

– E a mensagem de voz? – Levanto o telemóvel. – Tenho-a aqui mesmo, posso passá-la.

– É uma ótima ideia. – Nick diz qualquer coisa ao comissário Blanchot, depois vira-se para mim e acena. – Ele gostaria de a ouvir.

Entrego o telemóvel. Não gosto da forma como o tipo o arranca da minha mão. *Está só a fazer o trabalho dele, Jess*, digo a mim mesma.

Passa a mensagem de voz através de uma coluna qualquer e, mais uma vez, ouço a voz do meu irmão como nunca a ouvi antes. «*O que raio?*» E depois o som. Aquele gemido estranho.

Olho para o Nick. Ele ficou branco como a cal. Parece estar a ter a mesma reação que eu tive: isso diz-me que o meu instinto estava certo.

O Blanchot desliga e acena com a cabeça para o Nick. Como não falo francês, ou por ser mulher, ou ambos, parece que mal existo para ele.

Pergunto ao Nick:

– Agora ele tem de fazer alguma coisa, sim?

O Nick engole em seco, depois parece recompor-se. Ele faz uma pergunta ao tipo, depois vira-se para mim.

– Sim. Acho que isto ajudou. Dá-nos um bom caso.

Pelo canto do olho, consigo ver o Blanchot a olhar para nós os dois, com uma expressão vazia no rosto.

E então, de repente, acabou tudo e estão a dar um aperto de mão outra vez e o Nick está a dizer «*Merci,* Commissaire Blanchot» e eu digo «*Merci*» também, e o Blanchot sorri para mim e eu tento ignorar o desconforto que sei ter menos que ver com este tipo do que com o que ele representa. Depois estamos outra vez a ser guiados pelo corredor e a porta do Blanchot fecha-se.

– Como achas que correu? – pergunto ao Nick, quando saímos pela porta da frente da esquadra. – Ele levou a história a sério?

Ele assente com a cabeça.

– Sim, acabou por lá chegar. Acho que a mensagem de voz selou a coisa – diz ele, com voz rouca. Ainda está pálido e chocado com o que acabou de ouvir, na mensagem de voz. – E não te preocupes, dei o meu contacto, não o teu. Assim que saiba de alguma coisa, aviso-te.

Por um instante, de volta à rua, o Nick para e fica paralisado. Observo quando cobre os olhos com a mão e inspira longa e tremulamente. E penso: aqui está alguém que também se preocupa com o Ben. Talvez não esteja tão sozinha quanto pensei.

Sophie

Penthouse

Estou a preparar o apartamento para uma noite de copos. No último domingo de cada mês, o Jacques e eu recebemos toda a gente no nosso apartamento na *penthouse*. Abrimos alguns dos melhores *vintages* da adega. Mas esta noite vai ser diferente. Temos muito que discutir.

Verto o vinho para o decantador, arranjo os copos. Temos dinheiro para pagar a pessoal que faça isto. Mas o Jacques nunca quis estranhos neste apartamento capazes de coscuvilhar os assuntos privados dele. Não me tem causado incómodo. Embora suponha que se tivéssemos pessoal talvez me tivesse sentido menos sozinha aqui, ao longo dos anos. Ao pousar o decantador na mesa baixa na sala de estar, consigo vê-lo ali na poltrona em frente a mim: Benjamin Daniels, exatamente onde estava sentado há quase três meses. De perna cruzada, apoiando o tornozelo no joelho. Um copo de vinho pendurado numa mão. Tão à vontade no espaço.

Observei-o. Vi-o a analisar o espaço, a riqueza dele. Ou talvez a tentar encontrar uma falha no recheio que escolhi com o cuidado que tenho ao escolher as roupas que visto: a poltrona *Florence Knoll* de meados de século, o tapete de seda *Ghom* sob os pés dele. Para significar classe, bom gosto, o tipo de educação que não pode ser comprada.

Ele virou-se e apanhou-me a observá-lo. Sorriu. Aquele sorriso dele: uma raposa a entrar no galinheiro. Devolvi o sorriso, friamente. Não me ia desestabilizar. Eu seria a anfitriã perfeita.

Ele perguntou ao Jacques sobre a coleção de espingardas antigas dele.

– Eu mostro-lhe. – O Jacques pegou numa, uma rara honra. – Sente a baioneta? Seria possível trespassar um homem com ela.

O Ben disse todas as coisas certas. Reparou no estado, nos pormenores no bronze. O meu marido: um homem que não é facilmente seduzido. Mas estava encantado. Dava para perceber.

– O que faz, Ben? – perguntou ele, servindo-lhe um copo. Uma noite quente de fim de verão: branco teria sido melhor, mas o Jacques queria exibir o *vintage*.

– Sou escritor – disse o Ben.

– É jornalista – disse o Nick, ao mesmo tempo.

Observei o rosto do Jacques atentamente.

– Que tipo de jornalista? – A pergunta foi feita com grande ligeireza.

Ben encolheu os ombros.

– Principalmente críticas a restaurantes, exposições novas, esse tipo de coisa.

– Ah – disse o Jacques. Voltou a sentar-se na cadeira. O rei de tudo o que supervisionava. – Bom, não me importo nada de sugerir alguns restaurantes para criticar.

O Ben sorriu: aquele sorriso fácil, carismático.

– Isso seria muito útil. Obrigado.

– Gosto de si, Ben – disse-lhe o Jacques, apontando para ele. – Faz-me lembrar um pouco eu próprio quando tinha a sua idade. Sangue na guelra. Sede. Também tinha isso, essa motivação. É mais do que pode ser dito de alguns jovens nos dias de hoje.

O Antoine e a mulher, Dominique, chegaram nessa altura, do apartamento do primeiro andar. Faltava um botão na camisa do Antoine: estava aberta, a carne mole a sair por lá. Dominique, no entanto, fizera o que podia ser descrito como um esforço. Envergava um vestido feito de uma malha tão fina que se colava a cada curva pronta a ser colhida do corpo dela. *Mon Dieu*, notavam-se os mamilos dela. Havia algo de Brigitte Bardot nela: o beicinho amuado da boca, aqueles olhos escuros e bovinos. Dei por mim a pensar que toda aquela frescura se desvaneceria, tornar-se-ia em gordura (olhem só para a Bardot, pobre vaca), anátema para tantos homens franceses. A gordura neste país é considerada um sinal de fraqueza, até de estupidez. Esse pensamento gerou em mim um tipo maldoso de prazer.

Vi-a a olhar para o Ben. A olhar de cima a baixo e para *ele todo*. Suponho que ela tenha pensado que estava a ser subtil; para mim, parecia uma prostituta barata, a negociar o preço. Vi-o devolver o olhar. Duas pessoas atraentes a repararem uma na outra. Aquele *frisson*. Ela virou-se de novo para o Antoine. Vi-a curvar os lábios num sorriso enquanto falava com ele. Mas o sorriso não era para o marido. Era para o Ben. Uma exibição cuidadosamente calculada.

O Antoine estava a beber de mais. Esvaziou o copo e mostrou-o para que eu o voltasse a encher. O hálito dele, até a metros de distância, cheirava a amargo. Estava a embaraçar-se.

– Alguém fuma? – perguntou o Ben. – Vou fumar um cigarro. É um hábito horrível, eu sei. Será que posso usar o terraço no telhado?

– É por ali – disse-lhe. – A seguir à estante de livros ali e à esquerda, depois da porta: vai ver os degraus.

– Obrigado. – Sorriu-me, com aquele sorriso charmoso.

Esperei que os sensores se acendessem, o sinal de que ele encontrara o caminho para o terraço no telhado. Não se acenderam. Não devia ter levado mais do que um minuto para subir os degraus.

Enquanto os outros conversavam, subi para investigar. Não havia sinal dele no terraço, ou na outra metade da divisão a seguir à estante de livros. Voltei a sentir aquela sensação fria e arrepiante. A sensação de que uma raposa entrara no galinheiro. Percorri o corredor ensombrado que leva às outras divisões do apartamento.

Descobri-o no escritório do Jacques, com as luzes apagadas. Estava a olhar para alguma coisa.

– O que faz aqui? – A minha pele estava arrepiada de ultraje. Medo, também.

Ele virou-se no espaço escuro.

– Desculpe – disse ele. – Acho que me confundi com as direções.

– Foram bastante claras. – Era difícil manter as regras de educação, suprimir a vontade de simplesmente dizer-lhe para sair dali. – Era à esquerda – disse eu. – A seguir à porta. Na direção oposta.

Ele fez uma careta.

– Erro meu. Talvez tenha bebido demasiado deste vinho delicioso. Mas diga-me, já que estamos aqui… esta fotografia. Fascina-me. – Soube de imediato para qual ele olhava. Uma fotografia enorme a preto-e-branco, um nu, pendurado em

frente à secretária do meu marido. O rosto da mulher virado de lado, o perfil dela a dissolver-se nas sombras, os seios despidos, o triângulo escuro dos pelos púbicos entre coxas brancas. Pedira ao Jacques para se livrar dela. Não era nada apropriada. Com tão mau aspeto.

– Pertence ao meu marido – respondi num tom seco. – Estamos no escritório dele.

– Então, é aqui que o grande homem trabalha – disse ele. – E a senhora também trabalha?

– Não – disse eu. Ele devia saber, certamente. As mulheres na minha posição não trabalham.

– Mas deve ter feito alguma coisa antes de conhecer o seu marido?

– Sim.

– Desculpe – disse ele, após a pausa ter crescido tanto que parecia uma presença física no ar entre nós. – É o jornalista em mim. Sou só… curioso sobre pessoas. – Encolheu os ombros. – É incurável, receio. Por favor, perdoe-me.

Pensara naquilo da primeira vez que o vi: que ele usava o charme dele como uma arma. Mas agora tinha a certeza. O nosso novo vizinho era perigoso. Pensei nos bilhetes. No meu chantagista misterioso. Seria coincidência que tivessem chegado quase ao mesmo tempo? Este homem, com o seu ar conhecedor, e a exigência de dinheiro, ameaçando revelar os meus segredos? Se sim, não o permitiria. Não deixaria um estranho qualquer desmantelar tudo o que eu construíra.

Consegui encontrar a minha voz.

– Eu mostro-lhe o caminho para o terraço do telhado – disse-lhe. Segui-o até ele atravessar a porta certa. Ele virou-se e sorriu, acenou brevemente com a cabeça. Não devolvi o sorriso.

Regressei e juntei-me aos outros. Um pouco depois a Dominique levantou-se, anunciou que também ela ia fumar um cigarro. Talvez se sentisse envergonhada por o marido estar a beber até desfalecer no sofá. Ou, e pensei na forma como ela olhou para o Ben quando chegou, talvez não tivesse vergonha nenhuma na cara.

O braço do Antoine esticou-se; a mão dele agarrou o pulso dela, com força. O copo de vinho na mão dela abanou, um salpico carmim aterrou na malha clara do vestido dela. – *Non* – disse ele. – *Tu ne feras rien de la sorte.*

Não farás nada disso.

A Dominique olhou então para mim. De olhos arregalados. De mulher para mulher. *Está a ver como ele me trata?* Desviei o olhar. Fizeste a tua escolha, *chérie*, tal como eu fiz a minha. Eu sabia que tipo de homem era o meu marido quando casei com ele; tenho a certeza de que o mesmo se aplica a ti. Senão… bom, és uma parvinha ainda mais tonta do que pensei.

Vi quando ela puxou a mão com força para longe do punho do marido e caminhou em direção ao terraço no telhado. Imaginei-os aos dois ali, conseguia ver a cena a desenrolar-se. Os telhados de Paris dispostos diante deles, as ruas iluminadas como fios de luzes de Natal. Ela a inclinar-se para a frente ao acender o cigarro no dele. Os lábios a roçar na mão dele.

Voltaram pouco depois. Quando os viu, o Antoine levantou-se do assento onde estava estatelado. Avançou cambaleante na direção da Dominique.

– Vamos embora.

Ela abanou a cabeça.

– Não. Não quero ir.

Ele inclinou-se para junto dela e disse num silvo, alto o suficiente para todos nós ouvirmos:

– Vamos embora, sua putazinha. – *Petite salope.* E depois virou-se para o Ben. – Afasta-te da minha mulher, seu estupor inglês. *Comprends-tu?* Compreendes? – Como um último sinal de pontuação fez um gesto com o copo cheio de vinho, e não consegui perceber se foi por causa de estar embriagado ou se foi de propósito que o copo voou da mão dele. Uma explosão de vidro. Vinho espalhado pela parede.

Toda a gente parou em silêncio.

O Ben virou-se para o Jacques.

– Lamento imenso, *Monsieur* Meunier. Eu…

– Por favor. – O Jacques levantou-se. – Não peça desculpa. – Dirigiu-se ao Antoine. – Ninguém se comporta assim no meu apartamento. Não é bem-vindo aqui. Saia. – O tom de voz dele era frio, carregado de ameaça.

A boca do Antoine abriu-se. Vi os dentes dele, manchados de vinho. Por um instante, pensei que estava prestes a dizer qualquer coisa imperdoável. Depois virou-se e olhou para o Ben. Um olhar demorado que dizia mais do que qualquer palavra poderia dizer.

O silêncio que se seguiu à saída deles tocou como um diapasão.

Mais tarde, quando o Jacques atendeu uma chamada, fui tomar um duche na minha casa de banho. Vi-me a apontar quase indolentemente a cabeça do chuveiro para entre as minhas pernas. A imagem que me veio à cabeça foi deles os dois: a Dominique e o Ben, lá em cima no jardim do telhado. De todas as coisas que possam ter acontecido entre eles enquanto nós fazíamos conversa de ocasião cá em baixo. E enquanto o meu marido rugia ordens – praticamente inaudíveis através da parede – tive um orgasmo silencioso, com a cabeça encostada aos azulejos frios. Chama-se uma pequena morte. *La petite mort*. E talvez fosse o mais apropriado. Uma pequena parte de mim morrera naquela noite. Outra parte ganhara vida.

Jess

É noite e estou de volta ao apartamento. A mirar o pátio, a olhar para cima e para baixo para os quadrados iluminados das janelas dos meus vizinhos, tentando apanhar um vislumbre de um deles a andar de um lado para o outro.

Enviei algumas mensagens ao Nick a perguntar se ele tivera notícias da polícia, mas ainda não recebi resposta. Sei que é demasiado cedo, mas não consigo evitar. Estou grata por ele me ter ajudado. É bom sentir que tenho um aliado. Mas ainda não acredito que a polícia vá fazer alguma coisa. E sinto-me de novo inquieta. Não posso ficar aqui sentada à espera.

Visto o casaco e saio do apartamento para o patamar, sem saber para onde vou, mas sabendo que preciso de fazer *alguma coisa*. Quando paro, tentando decidir o que será tal coisa, apercebo-me de que consigo ouvir vozes altas algures acima de mim, ecoando pelas escadas. Não consigo resistir a seguir o som até lá ao alto. Começo a subir as escadas, passo o quarto andar da Mimi, ouvindo por um instante o silêncio atrás da porta. As vozes devem vir do último andar. Consigo ouvir um homem a falar por cima dos outros, mais alto do que os restantes. Mas agora consigo ouvir outras vozes também, embora pareçam estar todas a falar ao mesmo tempo. No entanto, não logro perceber as palavras. Mais um lanço de escadas e chego ao último patamar, com a porta da *penthouse* à minha frente e à minha esquerda aquela escada que dá para os antigos aposentos da criadagem.

Dirijo-me à porta da *penthouse*, encolhendo-me a cada rangido das tábuas do chão de madeira. Espero que as pessoas lá dentro estejam demasiado distraídas pelo som das suas próprias vozes para prestarem atenção a qualquer coisa

oriunda de fora. Chego-me à porta, depois baixo-me e encosto o ouvido à fechadura.

O homem volta a falar, mais alto do que antes. Merda, é tudo em francês, claro que é. Penso ouvir o nome do Ben e fico tensa, esticando o pescoço para ouvir melhor. Mas não consigo perceber uma única…

– *Elle est dangereuse.*

Espera lá. Até eu consigo adivinhar o que isso significa: *Ela é perigosa.* Encosto o meu ouvido ainda mais à fechadura, tentando ouvir algo mais que consiga perceber.

De repente, ouve-se ladrar, mesmo junto ao meu ouvido. Tropeço para longe da fechadura, quase caio para trás, tento levantar-me com alguma dificuldade. Merda, tenho de sair daqui. Não posso deixar que eles vejam…

– Você.

Demasiado tarde. Viro-me. Ela está ali à porta, a Sophie Meunier, envergando uma blusa de seda bege e calças pretas, diamantes resplandecentes nas orelhas – com uma expressão tão gelada no rosto que podiam ser minúsculos pingentes de gelo que lhe apareceram ali. Está um pequeno cão cinzento aos pés dela – um *Whippet*? – a olhar para mim com olhos pretos brilhantes.

– O que está aqui a fazer?

– Ouvi vozes, eu… – Não concluo a frase, apercebendo-me que ouvir vozes atrás da porta do apartamento de alguém não é propriamente uma boa desculpa para ir escutar às escondidas. O Ben Falinhas-Mansas poderia ser capaz de fazê-lo, mas não consigo encontrar uma forma de me safar desta.

Ela parece estar a decidir o que fazer comigo. Por fim, fala.

– Bom. Já que aqui está, talvez queira entrar e juntar-se a nós e partilhar uma bebida?

– Ah…

Está a olhar para mim, à espera de uma resposta. Todos os meus instintos me dizem que seria uma péssima ideia entrar naquele apartamento.

– Claro – digo. – Obrigada. – Olho para o que trago vestido: sapatilhas *Converse*, casaco maltrapilho, calças de ganga com um rasgão no joelho. – A minha roupa está bem?

A expressão dela revela que acha que não há nada de bem no que uso, mas diz:

– Está bem como está. Acompanhe-me, por favor.

Sigo-a para dentro do apartamento. Consigo cheirar o perfume que usa, algo rico e floral, embora na verdade cheire apenas a dinheiro.

Lá dentro, fico a olhar. O apartamento tem pelo menos o dobro do tamanho do do Ben, talvez maior. Um espaço aberto bem iluminado cortado por uma estante de livros enorme. Janelas do chão ao teto com vista para os telhados e edifícios de Paris. Na escuridão, as janelas iluminadas de todos os prédios de apartamentos à nossa volta compõem uma espécie de tapeçaria de luz.

Quanto custará um apartamento destes? Bastante, é tudo o que consigo dizer. Milhões? Provavelmente. Tapetes elegantes no chão, enormes obras de arte moderna nas paredes: salpicos brilhantes e riscos de cor, enormes formas vigorosas. Há um quadro pequeno, o que está mais perto de mim, de uma mulher a segurar uma espécie de jarra, com uma janela atrás dela. Descubro a assinatura no canto inferior direito: Matisse. *OK*. Santo Deus. Não percebo muito de arte, mas até eu ouvi falar em Matisse. E por todo o lado, expostas em mesas de apoio, veem-se pequenas estatuetas, jarras de vidro delicadas. Aposto que até a mais pequena valeria mais do que o que ganhei num ano inteiro naquele bar de merda. Seria tão fácil surripiar uma…

Apercebo-me subitamente de que estou a ser observada. Olho para cima e encontro um par de olhos. Pintados, não reais. Um retrato enorme: um homem sentado numa poltrona. Maxilar e nariz fortes, grisalho nas têmporas. Algo atraente, se bem que com um ligeiro ar cruel. É a boca, talvez, a forma como curva. O mais engraçado é que me parece familiar. Sinto que já vi este rosto antes mas, por tudo o que é mais sagrado, não consigo ver onde. Poderá ser alguém famoso? Um político, ou algo assim? Porém, não sei por que haveria de reconhecer um político qualquer, quanto mais um francês: não percebo nada dessas coisas. Então, deve ser de outro lado qualquer. Mas onde raio…

– É o meu marido, Jacques – diz a Sophie, atrás de mim. – De momento, está ausente numa viagem de negócios, mas tenho a certeza de que ele quererá… – uma pequena hesitação – … muito conhecê-la.

Ele parece poderoso. Rico. Obviamente rico, olhem só para este lugar.

– O que é que ele faz?

– Trabalha com vinhos – diz ela.

Isso explica os milhares de garrafas de vinho na adega. A *cave* também deve pertencer a ela e ao marido.

A seguir, os meus olhos viajam para uma estranha peça na parede oposta. De início, penso tratar-se de um tipo qualquer de instalação de arte abstrata. Mas à segunda vista vejo que é um expositor de armas antigas. Cada uma delas com uma saliência afiada e semelhante a uma faca amarrada à ponta.

A Sophie segue o meu olhar.

– Da Primeira Grande Guerra. O Jacques gosta de colecionar antiguidades.

– Falta uma – digo.

– Sim. Está a ser reparada. Precisam de mais manutenção do que se poderia pensar. *Bon.* – diz ela, secamente. – Venha conhecer os outros.

Caminhamos em direção à estante de livros. Apenas agora me apercebo da presença de pessoas atrás dela. Quando contornamos a estante, vejo-os em frente um ao outro em dois sofás beges. A Mimi, do quarto andar, e, oh não, o Antoine, do primeiro. Ele está a olhar para mim como se estivesse exatamente tão contente por me ver quanto eu estou por o ver a ele. Com certeza é o tipo de vizinho de quem se mantém a distância e se deixa em paz? Quando volto a olhar, ele fita-me fixamente. Sinto-me como se tivesse qualquer coisa a rastejar pela minha coluna abaixo.

É um aglomerado tão aleatório de pessoas, sem nada em comum a não ser o facto de morarem perto: a estranha e calada Mimi, que só pode ter uns dezanove ou vinte anos; Antoine, uma confusão de meia-idade; Sophie com a sua seda e diamantes. De que estariam a falar agora mesmo? Não parecia uma conversa educada entre vizinhos. Consigo sentir os olhos deles em mim, sentir como se estivessem todos a olhar para mim como se fosse um espécimen desconhecido trazido para um laboratório. *Elle est dangereuse.* Tenho a certeza de que não ouvi mal.

– Talvez queira um copo de vinho? – pergunta a Sophie.

– Oh, sim. Obrigada. – Ergue a garrafa e à medida que o vinho verte para um copo vejo a imagem dourada do *château* na frente e apercebo-me de que me é familiar, igual à garrafa que escolhi na adega lá em baixo.

Dou um longo trago no meu vinho; preciso dele. Sinto três pares de olhos a observarem-me. São eles que detêm o poder nesta sala, o conhecimento; não gosto disso. Sinto-me uma minoria, presa. E depois penso: que se lixe. Um deles deve saber alguma coisa sobre o que aconteceu ao Ben. É a minha oportunidade.

– Ainda não tive notícias do Ben – digo. – Estou mesmo a começar a pensar que lhe deve ter acontecido alguma coisa, sabem? – Quero despertá-los do silêncio observador deles. Por isso, digo: – Quando fui hoje à polícia…

Acontece tão rapidamente, demasiado rápido para que veja como se desenvolveu. Mas há um alvoroço súbito e vejo que a rapariga, a Mimi, virou o copo de vinho dela. O líquido carmim espalhou-se pelo tapete, numa das pernas do sofá.

Ninguém se move por um segundo. Talvez, como eu, os outros dois estejam a ver enquanto o líquido escuro encharca o tecido e a sentir-se gratos por não terem sido eles.

O rosto da rapariga está vermelho como um tomate.

– *Merde* – diz ela.

– Não faz mal – responde a Sophie. – *Pas de problème.* – Mas a voz dela parece aço.

Mimi

Quarto andar

Putain. Quero ir-me embora agora mesmo, mas isso causaria outra cena, por isso não o posso fazer. Tenho de ficar aqui sentada e aguentar enquanto todos eles olham para mim. Enquanto *ela* olha para mim. O ruído branco na minha cabeça transforma-se num rugido ensurdecedor.

De repente, consigo sentir a náusea a subir dentro de mim. Tenho de sair da sala. É a única forma. Sinto que não tenho controlo sobre mim mesma. O copo de vinho… Nem tenho bem a certeza se foi um acidente ou se o fiz de propósito.

Salto do sofá. Consigo senti-la a olhar para mim. Tropeço pelo corredor, encontro a casa de banho.

Recompõe-te, Mimi. *Putain de merde.* Recompõe-te, porra.

Vomito para a sanita e depois olho para o espelho. Tenho os olhos vermelhos com vasos sanguíneos rebentados.

Por um instante penso mesmo que o vejo; a aparecer atrás de mim. Aquele sorriso dele, a forma como parecia um segredo partilhado apenas por nós os dois.

Podia ficar a observá-lo durante horas. Naquelas noites quentes de início de outono enquanto ele trabalhava à secretária com todas as janelas abertas e eu deitada na minha cama com a ventoinha a soprar ar fresco na parte de trás do meu pescoço e as luzes apagadas para que ele não me visse nas sombras. Era como estar a vê-lo num palco. Às vezes, ele andava pela casa em tronco nu. Uma vez, apenas com uma toalha enrolada em volta da cinta, permitindo-me ver a

sombra escura dos pelos do peito dele, aquela linha de pelos que formava uma seta do estômago para debaixo da toalha: um homem, não um rapaz. Ele raramente se lembrava de fechar as portadas. Ou talvez as deixasse abertas de propósito.

Fui buscar o meu material de pintura. Ele era o meu novo tema favorito. Nunca pintara assim tão bem. Nunca cobrira uma tela com tanta rapidez. Normalmente, tinha de parar, verificar, corrigir os meus erros. Mas com ele não precisava de o fazer. Imaginei que um dia, talvez, poderia pedir-lhe para posar para mim.

Às vezes conseguia ouvir a música dele a subir através do pátio. Parecia que ele queria que eu a ouvisse. Talvez até a estivesse a passar para mim.

Uma noite olhou para cima e viu-me a observá-lo.

O meu coração parou. *Putain.* Eu observava-o há tanto tempo que me esqueci que ele também conseguia ver-me. Foi tão embaraçoso.

Mas depois ele levantou a mão num aceno. Como fez naquele primeiro dia, quando o vimos chegar no Uber. Só que então ele estava apenas a dizer olá, e era também para a Camille: principalmente para a Camille, provavelmente, no biquíni minúsculo dela. Contudo, desta vez era diferente. Desta vez era só para mim.

Levantei a minha mão em resposta.

Parecia um sinal privado entre nós.

E depois ele sorriu.

Sei que tenho a tendência de me fixar um pouco nas coisas. De ficar um pouco obcecada. Mas pareceu-me que ele também era obsessivo, o Ben. Sentava-se ali e teclava até à meia-noite, às vezes até mais tarde. Às vezes com um cigarro na boca. Às vezes eu fumava um, também. Quase parecia estarmos a fumar juntos.

Observei-o até me doerem os olhos.

Agora, na casa de banho, passo água pelo rosto, lavo o amargo do vómito da minha boca. Tento respirar.

Porque concordei em vir esta noite? Penso na Camille, enfiando o pequeno cesto de verga no braço, a viajar para a cidade mais cedo para sair com amigos, sem preocupações. Não presa aqui como eu, sem amigos e sozinha. Queria tanto trocar de lugar com ela.

De súbito, consigo ouvi-lo a falar. Tão claramente como se estivesse atrás de mim a sussurrar-me ao ouvido, a respiração dele quente na minha pele:

– És forte, Mimi. Eu sei que és. Tão mais forte do que toda a gente pensa que és.

Jess

Há um longo silêncio depois de a Mimi desaparecer. Bebo um pouco do meu vinho.

– Então – digo por fim –, como é que vocês todos…

Sou interrompida pelo som de alguém a bater à porta. Parece ecoar interminavelmente no silêncio. A Sophie Meunier levanta-se para ir abrir a porta. O Antoine e eu ficamos a olhar um para o outro. Ele olha fixamente para mim, sem pestanejar. Penso nele a estilhaçar aquela garrafa no apartamento dele enquanto eu espiava pelo buraco, no quão violento aquilo me pareceu. Penso naquela cena com a mulher dele no pátio.

E então, entre dentes, ele diz num silvo:

– O que estás a fazer aqui, menininha? Ainda não percebeste a mensagem?

Dou um gole do meu copo.

– A apreciar um pouco deste belo vinho – respondo. Não sai de forma tão indiferente quanto eu gostaria: a minha voz treme. Gosto de pensar que não tenho medo de muita coisa. Mas este tipo assusta-me.

– Nicolas – ouço a Sophie dizer, usando a pronúncia francesa do nome. E depois, em inglês: – Bem-vindo. Junta-te a nós. Queres beber alguma coisa?

Nick! Parte de mim sente-se aliviada por ele estar aqui, por não estar aqui presa sozinha com esta gente. Ao mesmo tempo pergunto-me: o que faz ele aqui?

Uns momentos mais tarde, aparece do outro lado da estante atrás da Sophie Meunier, segurando um copo de vinho. Ao que parece, viver em Paris deu-lhe mais estilo do que o tipo britânico médio: veste uma camisa branca engomada, aberta no pescoço e que contrasta perfeitamente com o bronzeado dele, e calças

azul-marinho. Os cabelos encaracolados e dourado-escuro dele estão puxados para trás do sobrolho. Parece saído de um anúncio de perfume: lindo, com um ar distante. Controlo-me. O que estou a fazer… atraída sexualmente por este tipo?

– Jess – diz a Sophie –, este é o Nicolas.

O Nick sorri-me.

– Olá. – Vira-se para a Sophie. – Eu e a Jess conhecemo-nos.

Há uma pausa ligeiramente embaraçosa. É isto algo que apenas as pessoas ricas que moram em apartamentos como este fazem, conviver? Não é como nenhuns vizinhos que eu já tenha tido. Mas, por outro lado, não vivi em sítios com muita *boa vizinhança*.

A Sophie exibe um sorriso glacial.

– Talvez, Nicolas, pudesses mostrar a vista do jardim do telhado à Jess?

– Claro que sim. – O Nick vira-se para mim. – Jess, queres subir e dar uma olhadela?

Sinto que a Sophie está a tentar livrar-se de mim, mas ao mesmo tempo é uma oportunidade para falar com o Nick sem os outros ouvirem. Sigo-o para o outro lado da estante, subindo mais um lanço de escadas.

Ele abre uma porta.

– Faça favor.

Tenho de passar por ele enquanto segura na porta, perto o suficiente para conseguir cheirar a água-de-colónia cara dele, o cheiro leve do suor dele.

Sou atingida primeiro por uma onda de ar gelado. Depois o céu noturno, as luzes lá em baixo. A cidade espalha-se debaixo de mim como um mapa iluminado, fitas brilhantes de ruas a serpentear em todas as direções, o brilho vermelho desfocado dos faróis traseiros… por um segundo parece que estou suspensa no ar. Recuo. Não: não é bem ar. Mas não há muito a separar-me das ruas cinco andares abaixo a não ser um corrimão de ferro com ar frágil.

De repente, ouve-se o zumbido da iluminação vertical a toda a nossa volta: deve estar ligada a um tipo qualquer de sensor. Agora consigo ver os arbustos e até árvores em grandes vasos de pedra, uma roseira enorme que ainda possui algumas flores brancas, estátuas parecidas com a que se partiu no pátio.

O Nick entra no terraço atrás de mim. Como fiquei parada no mesmo sítio, a olhar, não lhe dei espaço; ele tem de ficar mesmo atrás de mim. Consigo sentir o calor da respiração dele na nuca, que contrasta bastante com o ar gelado. Tenho

o súbito impulso louco de me encostar a ele. Que reação teria ele se o fizesse? Afastar-se-ia? Mas ao mesmo tempo sinto a vontade igualmente louca de me atirar para a frente para a noite. Parece que seria capaz de nadar nela.

Quando estás assim tão alto, alguma vez te apetece saltar?

– Sim – diz o Nick, e apercebo-me que devo ter feito a pergunta em voz alta.

Viro-me para ele. Mal o consigo discernir, apenas uma silhueta escura contra o brilho das luzes atrás. Mas ele é alto. Assim tão de perto tomo consciência da diferença de altura entre nós. Ele dá um pequeno passo para trás.

Olho para trás dele e reparo que acima de nós o prédio tem um patamar adicional: as janelas escuras e pequenas e sujas de pó, hera por todo o lado, como algo saído de um conto de fadas. Não me surpreenderia ver um rosto fantasmagórico a aparecer atrás do vidro.

– O que é aquilo?

Ele segue o meu olhar.

– Oh, são os antigos *chambres de bonne*, onde ficavam os antigos aposentos das criadas. – Deve ser até ali que leva a escada de madeira. A seguir, faz um gesto na direção da cidade. – Bela vista daqui de cima, não é?

– É de loucos – digo. – Quanto achas que custa um lugar destes? Uns dois milhões? Mais do que isso?

– Ah… Não faço ideia. – Mas deve fazer algum tipo de ideia; deve saber quanto vale o apartamento dele. Provavelmente, deixa-o embaraçado. Desconfio que tem demasiada classe para falar sobre este tipo de coisa.

– Tiveste notícias? – pergunto-lhe. – Daquele tipo da esquadra? Blanchot?

– Infelizmente não. – É estranho, não ser capaz de ver a expressão no rosto dele. – Eu sei que é frustrante, mas só passaram algumas horas. Vamos dar-lhes tempo.

Sinto uma onda de desespero. É claro que ele tem razão, é claro que é demasiado cedo. Mas não consigo evitar entrar em pânico por não estar mais perto de encontrar o Ben. E por não estar mais perto de perceber quem são realmente estas pessoas.

– Vocês ali parecem todos bastante amiguinhos – digo, tentando manter o meu tom leve.

Nick solta uma gargalhada curta.

– Não diria isso.

– Mas vocês juntam-se com frequência? Nunca tomei um copo com os meus vizinhos.

Consigo ouvir o encolher de ombros dele.

– Não… não com tanta frequência. Às vezes. Olha, queres um cigarro?

– Oh, claro. Obrigada.

Ouço o clique do isqueiro dele e quando a chama aparece vejo-lhe o rosto iluminado desde baixo. Os olhos dele são buracos negros, vazios como os daquela estátua no pátio. Entrega-me o meu cigarro e sinto o toque quente rápido dos dedos dele, depois o hálito dele no meu rosto quando me aproximo para ele acender a ponta. Sente-se um tremelicar de algo no ar entre nós.

Dou uma passa.

– Acho que a Sophie não gosta muito de mim.

Ele encolhe os ombros.

– Ela não gosta muito de ninguém.

– E o Jacques? O marido? O que está naquele retrato enorme. Como é ele?

Ele faz uma careta.

– Um bocado filho da mãe, para dizer a verdade. E ela só está com ele por causa do dinheiro, isso é incontestável.

Quase me engasgo com o fumo do cigarro. Foi tão casual; a forma como ele o disse. Mas com uma grande ênfase no «filho da mãe». Pergunto-me o que terá ele contra o casal. E se não é fã deles, claramente, por que raio vem conviver para o apartamento deles?

– E aquele tipo do andar de baixo? O Antoine? – pergunto. – Não acredito que ela o convidasse a vir cá acima. Surpreende-me até que o deixe sentar-se no sofá dela. E quando cheguei ele disse-me para desaparecer… isso é que é ser hostil.

O Nick encolhe os ombros.

– Bom… não é desculpa, mas a mulher dele acabou de o deixar.

– Ai sim? – digo. – Quer-me parecer que ela fugiu de boa.

– Olha – diz ele, apontando para trás de mim –, consegue ver-se o Sacré-Cœur, ali. – É óbvio que não quer falar mais sobre os vizinhos. Olhamos os dois para a catedral: iluminada, parecendo flutuar sobre a cidade como um grande fantasma branco. E ao longe… sim – ali – consigo ver a Torre Eiffel. Durante uns segundos fica iluminada como um enorme foguete e mil luzes em movimento tremeluzem para cima e para baixo. Subitamente, apercebo-me do quão enorme

e incognoscível é esta cidade. O Ben está ali algures, penso, espero… Outra vez aquela sensação de desespero.

Sacudo-me mentalmente. Deve haver algo mais que eu possa descobrir, uma perspetiva nova que ainda não explorei. Viro-me para o Nick.

– O Ben nunca mencionou o que estava a investigar, pois não? – pergunto. – Sobre o que estava a escrever? A peça de investigação.

– Ele não me contou nada sobre o assunto – responde o Nick. – Tanto quanto sei, ainda estava a trabalhar em críticas de restaurantes, esse tipo de coisas. Mas é típico dele, não é? – Penso detetar um tom de amargura.

– O que queres dizer?

– Bom, tens de questionar se alguém realmente conhece o verdadeiro Benjamin Daniels. – *A quem o dizes*, penso. Ainda assim, pergunto-me o que quer ele dizer com aquilo, exatamente. – Seja como for, é o que ele sempre quis fazer. – Parece diferente agora, mais pensativo. – Coisas de investigação. Isso ou escrever um romance. Lembro-me de ele dizer que queria escrever algo que deixasse a vossa mãe orgulhosa. Falou sobre isso tudo na viagem.

– Estás a falar na viagem que fizeram depois da universidade? – A forma como ele disse «a viagem» fez com que parecesse importante. A Viagem. Penso naquele fundo de ecrã. Há um instinto que me diz para o pressionar sobre isso. – Como foi? Viajaram pela Europa toda, não foi?

– Sim. – O tom dele está outra vez diferente: mais leve, excitado. – Passámos um verão inteiro a viajar. Quatro de nós: dois outros tipos, o Ben e eu. Quer dizer, não foi fácil. Comboios sujos sem ar condicionado, sanitas entupidas. Dias, semanas, a dormir sentados em assentos de plástico duro, a comer pão ressequido, praticamente sem lavar a nossa roupa. E quando o fazíamos tínhamos de usar lavandarias.

Ele parece deliciado. *Querido,* penso, *se achas que isso é difícil, não sabes a sorte que tens.* Penso no apartamento minimalista dele: as colunas *Bang & Olufsen*, o *iMac*, toda aquela riqueza oculta. Quase que quero odiá-lo por isso, mas não consigo. Há algo de melancólico nele. Lembro-me da oxicodona que encontrei na casa de banho dele.

– Onde foram? – pergunto.

– A todo o lado – responde. – Estávamos em Praga num dia, em Viena no outro, em Budapeste uns dias depois. Ou às vezes limitávamo-nos a passar a

semana inteira deitados na praia e a ir a discotecas todas as noites, como fizemos em Barcelona. E perdemos um fim de semana inteiro com uma intoxicação alimentar em Istambul.

Aceno com a cabeça, como se soubesse do que ele está a falar, mas não tenho a certeza de conseguir identificar todos aqueles locais num mapa.

– Então, era isso que o Ben andava a fazer – digo eu. – Parece-me bem longe de um T1 em Haringey.

– Onde fica Haringey?

Olho para ele de soslaio. Ele até o pronunciou de forma errada. Mas é claro que um miúdo rico como ele nunca ouviu falar em Haringey.

– Londres Norte? É de onde somos, o Ben e eu. Até aí ele mal podia esperar por escapar, viajar. Na verdade, faz-me lembrar uma coisa…

– O quê?

– A minha mãe, ela costumava deixar-nos sozinhos muitas vezes, quando saía. Ela trabalhava por turnos e trancava-nos em casa a partir das seis horas, para que não nos metêssemos em sarilhos, é uma zona complicada da cidade, e ficávamos tão entediados. Mas o Ben tinha um velho globo… um daqueles com uma luz por dentro, sabes? Ele passava horas a girá-lo, a apontar para os sítios onde poderíamos ir. A descrevê-los para mim: mercados de especiarias, mares azul-turquesa, cidades no topo de montanhas… Sabe Deus como ele sabia aquilo tudo. Na verdade, é provável que tenha inventado tudo. – Abandono a memória. Não tenho a certeza de alguma vez ter falado sobre isto tudo com alguém. – Seja como for. Parece que se divertiram imenso. A foto do teu fundo de ecrã, foi tirada em Amesterdão, certo?

Olho para o Nick, mas ele está a olhar para a noite. A minha pergunta fica suspensa no ar gelado de outono.

Porteira

O Loge

Olho para o terraço do telhado desde o ponto onde me encontro no pátio. Vi as luzes a acender há uns instantes. Agora, vejo alguém a aproximar-se do corrimão. Apanho o som de vozes, os leves acordes de música a flutuar até cá abaixo. Um grande contraste com os sons que vêm de algumas ruas de distância, o choro das sirenes da polícia. Acabei de ouvir na rádio: os tumultos estão a começar outra vez a sério esta noite. Não que ninguém ali em cima saiba ou se importe.

Na verdade, o rádio foi um presente dele. E há apenas umas semanas vi-o ali em cima no terraço do telhado, também, a fumar um cigarro com a mulher do bêbedo do primeiro andar.

Quando a figura junto ao corrimão se vira, apercebo-me de que é ela, a rapariga que está em casa dele. Ela de alguma forma conseguiu acesso à *penthouse*. Convidada a entrar? Certamente que não. Se ela for como o irmão, imagino que se tenha feito de convidada.

Num par de dias ela conseguiu acesso a partes deste prédio onde nunca entrei, apesar de trabalhar aqui há tantos anos. Não se esperaria outra coisa. Não sou um deles, claro. Em todo o tempo que trabalhei aqui recordo-me de o grande Jacques Meunier ter olhado para mim em apenas duas ocasiões, falando comigo numa delas. Mas é claro que para um homem como ele eu não sou propriamente humana. Sou algo menos do que visível.

Porém, esta rapariga também é uma forasteira. Tanto quanto eu… talvez ainda mais. Aparentemente também dada à ascensão, como o irmão. A insinuar-se. Será que ela sabe realmente no que se meteu? Não me parece.

Vejo outra figura aparecer atrás dela. É o jovem do segundo andar. Sustenho a respiração. Ela está muito perto do corrimão. Espero que ela saiba o que está a fazer. A subir tão alto, tão depressa: isso só torna a queda maior.

Nick

Segundo andar

Falar com a Jess sobre a viagem trouxe tudo de volta – aquela excitação. O entusiasmo de andar de cidade em cidade, a jogar rodadas de póquer sem fim com um velho baralho esfarrapado, a beber latas de cerveja morna. Falar sobre nada, falar sobre assuntos profundos – muitas vezes uma mistura de ambos. Algo real. Tudo meu. Algo que o dinheiro não consegue comprar. Foi por isso que não perdi a oportunidade de me voltar a ligar ao Ben, apesar de tudo. Não é a primeira vez que anseio regressar ali, àquela inocência.

Controlo-me. Que visão cor-de-rosa. Porque não foi tudo inocente, pois não?

Não quando o nosso amigo Guy quase morreu de *overdose* numa discoteca em Berlim e o descobrimos a atirar água à cara, tendo de o salvar antes que ele praticamente se afogasse.

Não quando tivemos de subornar um guarda de um comboio húngaro, pois os nossos bilhetes tinham expirado e ele ameaçava largar-nos no meio de um vasto pinhal.

Não quando um gangue quase nos cortou a garganta numa viela em Zagreb depois de nos ter roubado o dinheiro que nos restava.

Não em Amesterdão.

Olho agora para a Jess enquanto ela tira uma passa do cigarro. Lembro-me do Ben me falar dela numa cervejaria em Praga: «A minha meia-irmã, a Jess… Foi ela quem encontrou a nossa mãe. Ela era apenas uma miúda. A porta do quarto estava trancada, mas tinha-a ensinado a abrir uma fechadura com um pedaço de arame… Uma miúda de oito anos nunca deveria ter visto uma coisa daquelas.

Isso… *foda-se*.» Lembro-me de como a voz dele soçobrou um pouco. «Isso dá cabo de mim, o facto de não ter estado lá.»

Pergunto-me o que fará uma coisa assim a uma pessoa. Observo a Jess, recordo o tê-la encontrado ontem, prestes a roubar uma garrafa de vinho. Ou a aparecer neste apartamento, sem ser convidada. Há algo de imprudente nela, parece que é capaz de qualquer coisa. Imprevisível. Perigosa. E dada a saída desta manhã, é óbvio que tem problemas com a polícia.

– Nunca saí do Reino Unido – diz ela, de repente. – A não ser agora, claro. E vê só como está a correr bem.

Fico a olhar para ela.

– O quê… esta é a primeira vez que estás no estrangeiro?

– Sim. – Ela encolhe os ombros. – Nunca tive nenhuma razão para viajar. Nem dinheiro, sequer. Então… como foi Amesterdão?

Penso naqueles tempos. O fedor dos canais no calor. Éramos um grupo de jovens, por isso é óbvio que fomos diretamente ao bairro vermelho. Chama-se De Wallen. O brilho néon das montras: cor de laranja, cor-de-rosa fúcsia. Raparigas em *lingerie*, encostadas ao vidro, fazendo sinal de que há mais para ver se quisermos pagar por isso. E depois uma placa: SHOW DE SEXO AO VIVO NA CAVE.

Os outros queriam fazê-lo: claro que queriam. Ainda éramos miúdos excitados, basicamente.

Ao fundo de um túnel, ao fundo de umas escadas. A luz cada vez mais reduzida. Para dentro de uma sala pequena. Cheiro a suor estagnado, fumo de cigarro rançoso. Mais difícil de respirar, como se o ar estivesse a ficar mais rarefeito, como se as paredes se estivessem a fechar. Uma porta a abrir-se.

– Não consigo fazer isto – disse eu, subitamente.

Os outros olharam para mim como se estivesse a ficar doido.

– Mas é isto que se *faz* em Amesterdão – frisou o Harry. – É só por diversão. Não me estás a querer dizer que tens medo de um pedaço de rata? E, seja como for, aqui é legal. Por isso, não é como se nos fôssemos meter em apuros, se é isso que te preocupa.

– Eu sei – disse eu. – Eu sei, mas… não consigo. Olhem, eu… eu fico pelas redondezas… e encontro-me mais tarde convosco.

Percebi que me achavam um cobardolas, mas não quis saber. Não conseguia fazê-lo. Foi então que o Ben olhou para mim. E apesar de ele não o poder saber,

senti que de alguma forma percebeu. Mas esse era o Ben. O nosso líder de facto. O adulto do nosso grupinho: alguém com mais conhecimento do mundo do que o resto de nós. Aquele que conseguia convencer qualquer pessoa a deixar-nos entrar em qualquer discoteca, qualquer pousada que alegasse estar cheia – e tirar-nos de situações complicadas, também: foi ele quem pagou aquele suborno. Eu tinha tanta inveja disso. Não se consegue aprender nem comprar esse tipo de charme. Mas sempre me perguntei se talvez um pouco dessa confiança, dessa segurança, poderia passar para mim.

– Eu vou contigo, meu – disse ele.

Uivos de desilusão dos outros: «Vai ser estranho se formos só nós os dois» e «O que se passa convosco? Que porra.»

Mas o Ben pôs um braço em volta do meu ombro.

– Vamos deixar estes falhados com as suas excitações baratas – disse ele. – E se fossemos procurar um café de erva?

Saímos para a rua e senti de imediato que conseguia respirar mais facilmente. Vagueámos até um sítio a umas ruas de distância. Sentámo-nos com os nossos charros já enrolados.

Ele inclinou-se para a frente.

– Estás bem, meu?

– Sim… ótimo. – Inalei profundamente, ávido de que a névoa da erva descesse.

– O que te assustou tanto – perguntou ele, passado um instante –, naquele sítio lá atrás?

– Não sei – respondi. – Não é nada sobre o que queira falar. Se não te importares.

Começámos pelas cenas mais leves. Não pareceu ter grande efeito, a princípio. Mas à medida que foi batendo senti algo mudar. Na verdade, agora que penso nisso, talvez não fosse tanto da erva. Foi o Ben.

– Olha – disse ele. – Eu percebo que não queiras falar, mas se precisares de desabafar sobre qualquer coisa, já sabes. – Ele levantou as mãos. – Sem julgamentos.

Pensei naquele lugar, nas raparigas. Mantive-o dentro de mim durante tanto tempo, o meu segredinho sujo. Talvez fosse uma espécie de catarse. Respirei

fundo. Dei uma longa passa no charro. E depois comecei a falar. Assim que comecei não quis parar.

Contei-lhe do meu presente do meu décimo sexto aniversário. Como o meu pai me dissera que chegara a hora de me tornar um homem. A prenda dele para mim. O melhor do melhor, para o filho dele. Ele queria dar-me uma experiência que jamais esqueceria.

Lembro-me das escadas que desciam. De abrir aquela porta. De lhe dizer que não queria aquilo.

– O quê? – O meu pai ficou a olhar para mim. – Achas que és bom de mais para isto? Vais atirar-me isto à cara? O que se passa contigo, rapaz?

Contei ao Ben como fiquei. Porque tinha de fazê-lo. E como deixei aquele lugar sendo uma pessoa diferente – ainda mal um homem. Como isso deixou uma mancha em mim.

De repente, estava tudo a sair de dentro de mim, todos os meus segredos, merdas que nunca contara a ninguém, como uma cascata pútrida. E o Ben ficou ali sentado a ouvir, no escuro do café.

– Credo – disse ele, com as pupilas dilatadas. – Isso é muito mau. – Lembro-me disso, claramente.

– Nunca contei isto a ninguém – disse eu. – Não… não contes aos outros, está bem?

– O teu segredo está a salvo comigo – disse o Ben.

Depois disso, começámos com as cenas mais fortes. A incentivarmo-nos um ao outro. Foi aí que bateu mesmo. Olhávamos um para o outro e ríamos, mesmo sem saber porquê.

– Não vimos muito da cidade – conto agora à Jess. – Por isso, não sou propriamente um especialista. Se quiseres um bom café de erva provavelmente poderia sugerir um.

Se ao menos a noite tivesse terminado ali. Sem o que aconteceu depois. Sem a escuridão. As águas negras do canal.

Jess

– Espera lá – digo. – Disseste-me que tu e o Ben já não se viam há uma década quando se reencontraram?

– Sim.

– E isso foi depois dessa viagem, certo?

– Sim. Já não o via desde então.

Deixo aquilo assentar um pouco, espero que ele continue, para explicar o longo período de tempo. Silêncio.

– Tenho de perguntar – digo –, mas o que raio aconteceu em Amsterdão? – A minha intenção era fazer uma piada… principalmente. Mas parece que há algo ali. A forma como a voz dele mudou quando abordou o assunto.

Por um instante, o rosto do Nick é uma máscara. Depois, é como se ele se lembrasse de sorrir.

– Ah! Coisas de rapazes. Sabes como é.

Somos atingidos por uma rabanada de vento gelado, que arranca folhas dos arbustos e as atira para o ar.

– Caramba! – exclamo, envolvendo o corpo com os meus próprios braços.

– Estás a tremer – diz o Nick.

– Sim, bem… este casaco não foi propriamente feito para o frio. O melhor da Primarni. – Embora duvide seriamente que o Nick saiba o que é a Primark.

Ele estende a mão na minha direção, um movimento tão súbito que dou um salto para trás.

– Desculpa! – diz ele. – Não te quis assustar. Tens uma folha presa no cabelo. Espera um segundo, eu tiro-a.

– Deve haver um pouco de tudo aí – digo em tom de brincadeira. – Comida, beatas de cigarros, tudo. – Consigo sentir o fôlego quente dele no meu rosto, os dedos nos meus cabelos à medida que tira a folha.

– Ei-la – Tira-a e mostra-ma: é uma folha morta de hera. O rosto dele continua muito perto do meu. E tal como se sabe exatamente como vai correr este tipo de situação, acho que pode estar prestes a beijar-me. Já não sou beijada há muito tempo. Dou por mim a deixar que os meus lábios se abram ligeiramente.

Depois, voltamos a ficar mergulhados na escuridão.

– Merda – pragueja o Nick. – São os sensores, estivemos demasiado parados.

Ele agita um braço e as luzes voltam a acender-se. Mas o que quer que fosse que estava a acontecer entre nós quebrara-se. Pestanejo para afastar as manchas de luz dos meus olhos. O que raio me passou pela cabeça? Estou a tentar encontrar o meu irmão desaparecido. Não tenho tempo para isto.

O Nick recua um passo.

– Certo – diz ele, sem me olhar nos olhos. – E se regressássemos?

Descemos para o apartamento.

– Ei – digo –, acho que vou tentar encontrar uma casa de banho. – Preciso de me controlar.

– Queres que te mostre o caminho? – pergunta o Nick. Reparo que está claramente familiarizado com este apartamento, apesar de dizer que não fazem isto muitas vezes.

– Não, não vale a pena – respondo. – Obrigada.

Ele volta para se juntar aos outros. Vagueio por um corredor mal iluminado. Alcatifa espessa sob os meus pés. Mais obras de arte nas paredes. Vou abrindo portas à medida que avanço: não sei exatamente o que procuro, mas sei que tenho de encontrar alguma coisa que me possa dizer mais sobre estas pessoas, ou o que o Ben tinha que ver com alguma delas.

Encontro dois quartos: um muito masculino e impessoal, como imagino ser um quarto de um hotel de negócios elegante, o outro mais feminino. Parece que a Sophie e o Jacques Meunier dormem em quartos separados. Interessante, embora talvez não surpreendente. Ao lado do quarto da Sophie há um armário do tamanho de um quarto, com filas de sapatos de salto alto e botas em tons apropriados de preto, castanho e camelo, cabides de vestidos e blusas de seda,

camisolas com ar caro com tecidos intercalados entre eles. Num dos cantos vê-se um toucador ornamentado com uma cadeira antiga pouco robusta e um espelho enorme. Pensava que só as Kardashians e as pessoas nos filmes tinham divisões assim.

Encontro também a casa de banho, grande o suficiente para dar uma aula de ioga, com uma enorme banheira funda envolta em mármore, um lavatório para ele e outro para ela. A porta seguinte abre para a sanita: se se for rico o suficiente, suponho que provavelmente não se mija no mesmo sítio em que se toma banho com óleos aromáticos. Uma espreitadela pelos armários, mas não encontro mais do que uns sabonetes muito elegantes embrulhados, vindos de um sítio qualquer chamado Santa Maria Novella. Enfio dois no bolso.

A divisão em frente parece ser uma espécie de escritório. Cheira a couro e madeira velha. Uma escrivaninha enorme com ar antigo coberta com um tampo de pele bordô ao centro. Há uma grande fotografia a preto-e-branco em frente a ela que, de início, penso ser uma imagem abstrata qualquer, mas depois, de repente – como um olho mágico – apercebo-me que se trata na verdade da fotografia do torso de uma mulher: seios, umbigo, um «V» de pelos púbicos entre as pernas. Olho para ela por um instante, apanhada de surpresa. Parece ser algo muito esquisito para se pendurar num escritório, mas suponho que se pode fazer o que se quiser quando se trabalha a partir de casa.

Experimento as gavetas da escrivaninha. Estão fechadas à chave, mas este tipo de fechadura é bastante fácil de arrombar. Consigo abrir a primeira num minuto. A primeira coisa que encontro são umas quantas folhas de papel. Parece que falta a folha de cima, pois estão numeradas «2» e «3» no fundo da página. Ao que parece, é um tipo qualquer de lista de preços. Não: contas. Vinhos, penso: vejo *vintage* no topo de uma coluna. O número de garrafas compradas – reparo que nunca mais do que cerca de quatro. Um preço junto a cada vinho. Credo. Algumas destas garrafas parecem custar mais do que mil euros cada. E depois o que parece ser o nome de alguém junto a cada uma destas entradas. Quem gasta tanto dinheiro em vinho?

Tateio até à parte de trás da gaveta, para ver se há mais alguma coisa. Os meus dedos cerram-se em volta de algo pequeno e em couro. Puxo. É um passaporte. Um bastante velho, ao que parece. Na frente vê-se um desenho circular dourado e umas letras com ar estrangeiro. Russo, talvez? Parece bastante velho, também.

Abro-o e tem uma fotografia a preto-e-branco de uma jovem. Tenho a mesma sensação que tive quando olhei para aquele retrato por cima da lareira. Que conheço aquela pessoa de algum lado… embora não a consiga identificar. As maçãs do rosto e lábios cheios, o cabelo comprido, selvagem e encaracolado, as sobrancelhas arranjadas em forma de meias-luas. De repente, vejo tudo. Algo na postura da boca, na inclinação do queixo. É a Sophie Meunier, mas trinta anos mais nova. Volto a olhar para a capa. Então, na verdade, ela é russa ou assim – e não francesa. Estranho.

Fecho a gaveta. Quando o faço, algo cai com um pequeno baque da secretária para o chão. Merda. Apanho-o: não está partido, graças a Deus. Uma fotografia numa moldura de prata. Uma fotografia elegante e de aparência formal. Não sei como não reparei nela antes: devo ter estado concentrada nas gavetas. Mostra várias pessoas. Reconheço o homem primeiro. É o Jacques Meunier, o marido da Sophie: o tipo do quadro. E ali está a Sophie Meunier junto a ele, algures entre a idade que tem agora e naquela foto do passaporte, mostrando o que provavelmente deveria ser um sorriso no rosto em vez de uma careta gelada. E depois três miúdos. Franzo o sobrolho, semicerrando os olhos na direção dos rostos, depois inclino a fotografia para mim, tentando ver melhor sob a pouca luz. Dois adolescentes – rapazes – e uma menina.

O rapaz que parece mais novo, com os seus cabelos dourados, já o vi antes. E depois lembro-me. Vi-o numa fotografia no apartamento do Nick, junto a um barco à vela, com a mão de um homem no ombro. O rapaz mais novo é o Nick.

Esperem lá. Esperem lá, isto não faz sentido nenhum. Exceto que faz, de súbito, todo o sentido do mundo. Aquele rapaz mais velho de cabelo escuro e um esgar no rosto, quase um homem… acho que é o Antoine. Esta menina pequenina de cabelo escuro… olho com mais atenção. Há algo na expressão assustada no rosto dela que me é familiar. É a Mimi. As pessoas nesta fotografia são…

É então que ouço o meu nome ser chamado. Há quanto tempo aqui estou? Pouso a fotografia com um baque, as minhas mãos subitamente trapalhonas. Atravesso a divisão até à porta, espreito pela frincha para o corredor. A porta ao fundo ainda está fechada, mas enquanto a observo começa a abrir-se. Enquanto ainda há tempo de não ser vista, corro para o outro lado do corredor, para a casa de banho.

Ouço a voz do Nick chamar:

– Jess?

Abro outra vez a porta da casa de banho e entro no corredor com a minha melhor expressão de surpresa inocente. O meu coração bate com força algures perto da minha garganta.

– Ei! – digo. – Está tudo bem?

– Oh – diz o Nick. – Eu só… bem, a Sophie queria ter a certeza de que não te tinhas perdido. – Exibe aquele sorriso de rapaz simpático e penso: eu não conheço minimamente esta pessoa.

– Não – respondo. – Estou bem. – A minha voz, incrivelmente, soa quase normal. – Estava mesmo a voltar para junto de vocês.

Sorrio.

E não paro de pensar: *eles são uma família, eles são uma família.* O simpático Nick e a Sophie fria e o bêbedo Antoine e a calada e intensa Mimi.

Mas que raio?

Sophie

Penthouse

Foram-se todos embora. Sinto o maxilar rijo com o esforço de manter uma máscara de serenidade. O facto de a rapariga aparecer aqui deu cabo dos meus planos para a noite. Não consegui nada do que queria com os outros.

A garrafa de vinho está aberta em cima da mesa. Bebi mais do que teria bebido se o Jacques aqui estivesse. Ele teria ficado chocado ao ver-me beber mais do que um copo. Mas também tenho passado muitas noites aqui sozinha ao longo dos anos. Suponho que não seja muito diferente das outras mulheres da minha posição social. Deixadas para trás para vaguear pelos apartamentos enormes enquanto os maridos estão fora – com as suas amantes, presos no trabalho.

Quando casei com o Jacques, compreendi que se tratava de uma troca. A minha juventude e beleza em troca da riqueza dele. Ao longo dos anos, como é habitual neste tipo particular de contrato, o meu valor só diminuía à medida que o dele aumentava. Eu sabia no que me estava a meter, e não me arrependo da minha escolha, na maior parte das vezes. Mas talvez não tenha pensado bem na solidão, nas horas vazias. Olho para o *Benoit*, a dormir na cama dele ao canto. Não admira que tantas mulheres como eu tenham cães.

Contudo, estar sozinha é melhor do que a companhia dos meus enteados. Vejo como eles olham para mim, o Antoine e o Nicolas.

Pego na garrafa e verto o resto para um copo. O líquido chega mesmo à borda. Bebo-o todo. É um borgonha muito bom mas não me sabe bem assim. O ácido faz arder a parte de trás da minha garganta e as narinas como se fosse vómito.

Abro uma nova garrafa e começo a bebê-la também. Desta vez bebo diretamente da mesma, inclinando-a na vertical. O vinho desce com demasiada

rapidez para que o consiga engolir; tusso. A minha garganta está a arder, áspera. O vinho escorre para o meu queixo, pelo meu pescoço abaixo. A frescura é estranhamente refrescante. Sinto-o a afundar-se na seda da minha blusa.

Vejo-o no pátio na manhã seguinte à nossa noite de copos, a falar com a companheira de casa da Mimi, a Camille, numa poça de luz solar. O Jacques disse-me um dia que aprovou que aquela rapariga morasse com a nossa filha. Uma boa influência. Tenho a certeza de que não teve nada que ver com o beicinho cor-de-rosa, o nariz empinado e delicado, os pequenos seios empertigados.

Ela inclinava-se para o Benjamin Daniels como um girassol num campo da Provença aponta para o sol, *top* xadrez-Vichy a tombar nos ombros morenos, calções brancos tão curtos que se via por baixo meio rabo bronzeado. Os dois juntos eram lindos, tal como ele e a Dominique tinham sido belos; impossível não reparar.

– *Bonjour, Madame Meunier* – trinou a Camille. Um leve aceno quando mudou o peso de uma perna para a outra. O «*madame*» calculado, sem dúvida, para me fazer sentir todo o poder cruel da juventude dela. O telefone dela trinou. Leu o que quer que fosse que chegou, com um sorriso a formar-se como se lesse uma mensagem secreta qualquer de um amante. Levou os dedos aos lábios. Era tudo uma encenação dedicada a ele, talvez: destinada a seduzir, a intrigar. – Tenho de ir – disse ela. – *Salut,* Ben! – Virou-se e atirou-lhe um beijo.

E então fiquei só eu e o Benjamin Daniels no pátio. E a porteira, claro. Tenho a certeza de que ela estava a observar tudo aquilo a partir do casebre dela.

– Tornou isto tudo muito bonito aqui fora – comentou ele.

Como sabia ele que tudo isto era obra minha?

– Não está no seu melhor – disse-lhe. – Nesta altura do ano está quase tudo a morrer.

– Mas adoro as cores ricas – disse ele. – Diga-me, o que são aquelas… ali?

– Dálias. Agapantos.

Ele fez-me perguntas sobre vários canteiros. Parecia genuinamente interessado, embora soubesse que estava apenas a tentar agradar-me. Mas não parei. Estava a gostar de lhe contar – de contar a alguém – sobre o oásis que eu criara. Durante um instante quase me esqueci das suspeitas que tinha sobre ele.

E foi então que ele se virou para mim.

– Tenho estado para lhe perguntar. O seu sotaque deixa-me intrigado. É originária de França?

– Desculpe? – Lutei para não perder o controlo da minha expressão, senti a máscara a escorregar.

– Reparei que não usa sempre o artigo definido – disse ele. – E as suas consoantes: são um pouco mais duras do que num falante nativo. – Fez uma pinça com o polegar e o indicador. – Só um pouquinho. De onde é originalmente?

– Eu… – Por um instante, não consegui falar. Nunca ninguém comentara o meu sotaque, nem sequer os franceses… nem mesmo os parisienses, os piores snobes de todos. Começara a orgulhar-me de o ter aperfeiçoado. De o meu disfarce ser perfeito, à prova de bala. Mas agora apercebia-me que se ele adivinhara, e nem sequer era francês, isso significava que outros também o tinham feito, claro que sim. Era uma brecha, uma abertura na concha através da qual o meu antigo eu podia ser vislumbrado. Tudo o que eu pusera em prática, tudo para o que tanto trabalhara. Com aquela única pergunta ele estava a dizer: *tu não me enganas*.

– Não gosto dele – disse ao Jacques mais tarde. – Não confio nele.

– Mas onde raio queres chegar? Fiquei impressionado com ele ontem à noite. Consegue sentir-se a ambição emanar dele. Talvez seja uma boa influência nos vadios dos meus filhos.

O que lhe poderia dizer? *Ele comentou o meu sotaque? Não gosto da forma como parece estar a observar-nos a todos? Não gosto do sorriso dele?* Parecia tudo tão débil.

– Não o quero aqui – vinquei. Era tudo o que conseguia dizer. – Acho que devias pedir-lhe que vá embora.

– Ai sim? – disse o Jacques, bastante agradado. Demasiado agradado. – Estás a dizer-me, agora, quem é que eu posso ter ou não na minha própria casa, estás?

E ficou por ali. Eu sabia que não podia falar mais no assunto. Não por enquanto. Teria apenas de pensar noutra forma de livrar este sítio do Benjamin Daniels.

Na manhã seguinte, chegou um novo bilhete:

Conheço-te, Sophie Meunier. Sei os segredos vergonhosos que escondes por detrás dessa fachada burguesa. Podemos manter isto entre nós, ou o resto do mundo pode descobri-los também. Só peço uma pequena taxa pelo meu silêncio.

A quantia que o meu chantagista pedia tinha duplicado.

Suponho que uns quantos milhares de euros possam parecer uma ninharia para alguém que vive num apartamento que vale vários milhões. Mas o apartamento está em nome do Jacques. O dinheiro amarrado nas contas do Jacques, nos investimentos dele, nos negócios dele. O nosso acordo sempre foi um pouco antiquado; tenho sempre apenas o que me é entregue para manter a casa, para o meu guarda-roupa. Não me apercebi antes de me tornar parte deste mundo o quão invisível é o óleo – o dinheiro – que move efetivamente as suas engrenagens. É tudo guardado, investido, líquido ou imobilizado, tão pouco disponível em dinheiro vivo.

Ainda assim, não contei nada ao Jacques. Sabia o quão mal ele iria reagir, o que apenas pioraria as coisas. Sabia que se lhe contasse tornaria isto real, traria o passado à tona. E isso apenas iria sublinhar ainda mais o desequilíbrio de poder que existia entre mim e o meu marido. Não, em vez disso iria encontrar uma forma de pagar. Ainda me sentia capaz de lidar com as minhas coisas. Por pouco. Escolhi uma pulseira de diamantes, desta vez: um presente de aniversário.

Na manhã seguinte, voltei a deixar obedientemente outro maço de notas sujas num envelope bege debaixo do degrau solto.

Agora, olho para o meu reflexo no espelho do outro lado da sala. A mancha carmim de vinho que se espalha. Estou hipnotizada por essa visão. O vermelho que se entranha na seda clara da blusa. Como sangue jorrado.

Arranco a blusa do meu corpo. Rasga-se tão facilmente. Os botões de madrepérola explodem do tecido, saltitam para os cantos da sala. A seguir, as calças. A lã fina é apertada, molda-se ao corpo. Um instante depois estou no chão, a espernear para conseguir tirá-las. Suo. Ofego como um animal.

Olho para mim em *lingerie*, caríssima, comprada pelo meu marido, mas tão raramente vista por ele. Vejam só este corpo, ao qual foi negado tanto prazer,

ainda tão bem esculpido por anos de dietas. O xilofone do meu decote, o osso do peito, a minha pélvis. Outrora o meu corpo era formado por curvas e pronto a ser colhido. A provocar desejo ou escárnio. A ser tocado. Com grande esforço mudei-o para algo a ser escondido, onde pendurar o vestuário feito para uma mulher da minha posição.

Os meus lábios estão manchados de vinho. Também os meus dentes. Abro bem a boca.

Fixando o meu próprio olhar no espelho, deixo sair um grito silencioso.

Jess

Arranjei uma desculpa para abandoar a *penthouse* o mais depressa possível. Só queria ir-me embora. Houve um momento, quando os senti todos a olharem para mim, em que me questionei se algum deles poderia tentar impedir-me. Mesmo quando abri a porta pensei que poderia sentir uma mão no ombro. Desci rapidamente as escadas de volta ao apartamento do Ben, com um formigueiro na nuca.

Eles são uma família. Eles são uma família. E este apartamento não é do Ben: não realmente. Neste momento estou aqui sentada dentro da casa de família de alguém. Por que raio não me contou o Ben isto? Não lhe pareceu importante? Será que não sabia?

Penso no quão impressionada fiquei com o francês fluente do Nick na esquadra de polícia. É claro que ele é fluente, caramba: é a primeira língua dele. Estou a tentar lembrar-me da nossa primeira conversa. Em nenhuma altura, tanto quanto me lembro, ele me disse que era inglês. Aquela história sobre Cambridge, simplesmente presumi – e ele deixou.

Embora me tenha mentido sobre uma coisa, *sim*. Ele fingiu que o apelido dele era Miller. Porquê escolher esse em particular? Lembro-me dos resultados que obtive quando o pesquisei *online*: tê-lo-ia escolhido simplesmente por ser tão genérico? Marcho em direção à estante de livros do Ben, saco do dicionário de francês com cantos de páginas dobrados, folheio até ao «M». É isto que encontro:

meunier (mønje, jɛR) **nome masculino:** moleiro [miller]

Miller = Meunier. Ele deu-me uma tradução do apelido dele.

No entanto, há uma coisa que não consigo perceber. Se o Nick tem uma agenda própria misteriosa, porque mostrou tanta vontade de ajudar? Porque é que me acompanhou à esquadra da polícia, para falar com o comissário Blanchot? Não encaixa. Talvez ele tenha outra razão mais inocente para me esconder tudo isto. Talvez sejam apenas uma família bastante recatada por serem tão ricos. Ou talvez tenham feito de mim uma idiota chapada…

Sinto um arrepio quando me lembro deles esta noite na festa. A observar-me como se eu fosse um animal no jardim zoológico. Penso como não fazia sentido um grupo tão aleatório de pessoas a quererem passar tempo juntas. Que pareciam não ter nada em comum. Mas uma família… isso é diferente. Não é preciso ter nada em comum com a nossa família; a coisa que nos une é o sangue que partilhamos. Quer dizer, presumo que seja assim. Nunca tive grande coisa de família. E pergunto-me se será por isso que não vi a verdade. Não consegui ler os sinais, as pequenas pistas importantes. Não sei como funcionam as famílias.

Estou a devolver o dicionário ao lugar. Quando o faço, uma folha de papel solta-se e cai ao chão. Acho que é uma das páginas do livro, pois é bastante velho, até pegar nela. Demoro um pouco a perceber porque é que a reconheço. Tenho a certeza de que é a folha de cima daquelas contas que encontrei na gaveta da escrivaninha na *penthouse*. Sim: tem um «1» no fundo da página. O mesmo tipo de coisa: os *vintages*, os preços pagos, os apelidos das pessoas que os compraram, todos com um pequeno «M.» à frente. Mas o que *é* interessante é o que está impresso no cimo da folha de papel. O símbolo de um fogo de artifício a explodir, em relevo dourado. Tal como no estranho cartão de metal que o Ben tinha na carteira: o que emprestei ao Theo, ontem. E o que também é interessante é que o Ben – na mesma letra que usou no bloco de notas dele – escreveu algo na margem:

> os números não fazem sentido. os vinhos valem certamente muito menos do que estes preços.

Depois, por baixo, sublinhado duas vezes: *perguntar à Irina*.

O meu coração começa a bater com mais força. É uma ligação. Isto é algo importante. Mas como raio vou conseguir descobrir o que significa? E quem é o

raio da Irina?

Saco do telemóvel, tiro uma foto. Aproveitando outra vez a *wi-fi* do Nick, envio-a ao Theo:

Encontrei isto nas coisas do Ben. Alguma ideia?

Penso no nosso encontro no café. Não tenho a certeza de confiar inteiramente no tipo. Nem sequer estou convencida de que me vai contactar. Mas é literalmente a única pessoa que me resta…

O meu polegar paira sobre o telefone. Fico muito quieta. Acabo de ouvir qualquer coisa. Um arranhar, na porta da frente do apartamento. Pergunto-me brevemente se será o gato, antes de me aperceber que ele está deitado todo esticado no sofá. Sinto o peito a apertar. Está alguém lá fora, a tentar entrar.

Levanto-me. Sinto a necessidade de ter algo com que me defender. Lembro-me da faca bastante afiada na cozinha do Ben, a que tem os caracteres japoneses. Vou buscá-la. E depois aproximo-me da porta. Abro-a para trás.

– Você.

É a velha. A porteira. Ela recua um passo. Levanta as mãos. Acho que segura qualquer coisa no punho direito. Não consigo perceber o que é, os dedos estão bem fechados.

– Por favor… *Madame*… – A voz dela é arranhada, como se estivesse enferrujada por falta de uso. – Por favor… Não sabia que estava aqui. Pensei…

Ela para abruptamente, mas apanho o olhar involuntário dela para cima.

– Pensou que eu ainda estava lá em cima, certo? No último andar. – Então, ela tem vigiado os meus movimentos por aqui. – Então pensou… o quê? Que vinha aqui e dava uma olhadela? O que tem na mão? Uma chave?

– Não, *madame*… não é nada. Juro. – Mas ela não abre a mão para me mostrar.

Ocorre-me algo.

– Era a *senhora* ontem à noite? A entrar aqui às escondidas? À espreita?

– Por favor. Não sei do que está a falar.

Ela está a recuar, encolhida. E de repente não me sinto nada bem com isto. Posso não ser alta, mas ela é ainda mais baixa do que eu. É uma velha. Baixo a

faca: nem sequer me apercebera que a apontava a ela. Estou um pouco chocada comigo mesma.

– Olhe, desculpe. Não faz mal.

Porque ela não pode ser assim tão perigosa, pois não? Uma velhinha como ela?

De novo sozinha, penso nas minhas opções. Podia confrontar o Nick com tudo isto, ver o que ele diz. Perguntar-lhe o que raio pensou ele que estava a fazer, ao dar-me um nome falso. Fazer com que se explique. Mas rejeito isto bastante depressa. Tenho de fingir que não sei de nada. Se ele sabe que descobri o segredo dele – o segredo deles – isso fará com que me torne uma ameaça para ele e para o que possa estar a tentar esconder. Se ele pensar que eu ainda não sei de nada, então talvez possa continuar a investigar – invisível em plena vista. Quando olho para a situação desta forma, o meu novo conhecimento dá-me uma espécie de poder. Desde o início, desde o momento em que pus os pés neste prédio, os outros tinham todas as cartas na mão. Agora, tenho uma só minha. Apenas uma, mas pode ser um ás. E vou usá-lo.

Mimi

Quarto andar

Quando regresso ao meu apartamento, tudo o que quero é ir para o meu quarto e puxar os cobertores por cima da minha cabeça, rastejar para as profundezas da escuridão com o *Monsieur* Gus, o pinguim, e dormir durante dias. Estou exausta com as bebidas no andar de cima, o esforço que tudo aquilo exigiu. Mas quando tento abrir a porta da frente vejo que sou travada por grades de cerveja, garrafas de bebidas espirituosas e MC Solaar aos berros a sair das colunas.

– *Qu'est-ce qui se passe?* – digo. – O que se passa?

A Camille aparece envergando um par de *boxers* de homem e um top de renda, cabelos louro-escuros empilhados no cocuruto da cabeça num puxo a desfazer-se. Tem um charro aceso pendurado na mão.

– A nossa festa de *Halloween*? – diz ela – com um sorriso rasgado no rosto. – É hoje.

– Festa?

Olha para mim como se eu fosse doida.

– Sim. Lembras-te? Nove e meia, lá em baixo na *cave*, por causa do ambiente assustador… depois talvez trazer para aqui algumas pessoas para uma *after-party*. Disseste que era provável que o teu papá estivesse fora esta semana.

Putain. Esqueci-me completamente. Eu concordei com isto? Se concordei, parece que foi noutra vida. Não posso ter pessoas aqui, não consigo aguentar…

– Não podemos ter uma festa – digo-lhe. Tento soar firme, assertiva. Mas a minha voz sai baixinho e aguda.

A Camille olha para mim. Depois ri-se.

– Ha! Estás a gozar, claro. – Aproxima-se e esfrega o meu cabelo, deposita-me um beijo na face, cheira a erva e a *Miss Dior*. – Mas porquê essa cara, *ma petite chou*? – Depois afasta-se e olha bem para mim. – Espera. *Es-tu sérieuse*? Mas que *merda*, Mimi? Achas que podes simplesmente cancelar a festa agora, às quê, oito e meia? – Olha então fixamente para mim, olha bem para mim, como se fosse a primeira vez. – Estás bem? O que se passa contigo?

– *Rien* – respondo. *Nada*. – Está tudo bem. Estava só a brincar. Eu… ah… estou mesmo ansiosa pela festa, na verdade. – Mas estou a fazer figas atrás das costas, como fazia quando era miúda, escondendo uma mentira. A Camille olha atentamente para mim; não consigo enfrentar o olhar dela.

– Não dormi muito bem ontem à noite, é tudo – digo, apoiando-me num pé e depois no outro. – Olha, eu… eu tenho de ir e arranjar-me. – Consigo sentir as mãos a tremer. Cerro-as em punhos. Quero parar esta conversa agora mesmo. – Tenho de preparar o meu disfarce.

Isso distrai-a, graças a Deus.

– Eu disse-te que vou ser uma das aldeãs do *Midsommar*? – pergunta ela. – Encontrei este vestido *vintage* de camponesa fantástico numa banca do mercado de Les Puces… e também vou despejar uma data de sangue falso em cima dele. Vai ser super fixe, *non*?

– Sim – digo, com voz rouca. – Super fixe.

Corro para o meu quarto e fecho a porta atrás de mim, depois encosto-me a ela e expiro. As paredes índigo envolvem-me como um casulo escuro. Olho para o teto, onde quando era pequena colei uma data de estrelas que brilham no escuro e tento lembrar-me da miúda que costumava olhar para elas antes de adormecer. A seguir, olho para o meu póster da Cindy na parede em frente e sei que é só a minha imaginação, mas de repente ela parece diferente: os olhos arregalados e assustados.

Sempre adorei esta altura do ano, especialmente o *Halloween*. A oportunidade para mergulhar na escuridão depois de toda a alegria e calor entediantes do verão. Mas nunca fui a festas, nem nos melhores dias. Sinto-me tentada a esconder-me aqui em cima. Olho para o espaço ensombrado debaixo da cama. Talvez me possa enfiar ali como fazia em miúda – quando o papá se zangava, por exemplo – e esperar que tudo acabe…

Mas não vale a pena. Isso só vai levar a que a Camille fique ainda mais desconfiada, mais persistente. Sei que não tenho outra escolha a não ser ir e mostrar a cara e embebedar-me até não conseguir lembrar-me do meu próprio nome. Com um velho *eyeliner,* tento desenhar uma teia de aranha preta na face para a Camille não dizer que não me esforcei, mas as minhas mãos tremem tanto que não consigo segurar o lápis em condições. Por isso, ao invés, esborrato-o sob os olhos, pelas maçãs do rosto abaixo, como se tivesse estado a chorar lágrimas pretas, rios de fuligem.

Quando, a seguir, olho para o espelho, dou um passo para trás. É um pouco assustador: agora pareço como me sinto por dentro.

Porteira

O Loge

Ela apanhou-me. Não é de mim ser tão desleixada. Bom. Vou limitar-me a observar e esperar e tentar outra vez quando surgir uma oportunidade.

Estou de volta ao meu casebre. A campainha do portão toca uma e outra vez. De cada vez que toca, hesito. Esta é a minha pequena porção de poder. Podia recusar-lhes entrada se quisesse. Seria fácil mandar os convidados da festa embora. É claro que não o faço. Assim, vejo-os a entrar no pátio nos seus disfarces. Jovens, bonitos; até os que não são verdadeiramente bonitos são dourados pela sua juventude. Têm a vida toda à sua frente.

Um grito de alegria – um rapaz salta para as costas de outro. Os atos deles mostram que são crianças, na verdade, apesar dos seus corpos crescidos. A minha filha tinha a mesma idade que eles quando veio para Paris. É difícil de acreditar, parecia tão adulta, tão focada, comparada com estes jovens. Mas ser pobre faz isso às pessoas; encurta a infância delas. Endurece as suas ambições.

Falei dela ao Benjamin Daniels.

No pico da onda de calor em setembro, ele bateu à porta do meu casebre. Quando abri a porta, desconfiada, ele empurrou uma caixa de cartão na minha direção. De lado tinha uma fotografia de uma ventoinha elétrica.

– Não compreendo, *monsieur*.

Ele sorriu para mim. Tinha um sorriso vencedor.

– *Un cadeau*. Um presente: para si.

Fiquei a olhar para ele, tentei recusar.

– *Non, monsieur*… é demasiado generoso. Não posso aceitar. Já me deu o rádio…

– Ah – disse ele –, mas isto foi grátis! Juro. Uma oferta de duas pelo preço de uma no Mr. Bricolage. Comprei uma para o apartamento e agora tenho esta segunda, a mais. Não preciso dela, a sério. E vejo que deve ficar bastante abafado aí. – Com um aceno de cabeça aponta para o meu casebre. – Olhe, quer que a instale para si?

Nunca vem ninguém a minha casa. Nenhum dos restantes esteve aqui dentro. Por um momento, hesito. Mas *estava* abafado aqui: deixo as janelas todas fechadas por causa da minha privacidade, mas o ar ficou mais parado e quente até parecer que estava dentro de um forno. Por isso, abri a porta e deixei-o entrar. Ele mostrou-me as diferentes funções da ventoinha, ajudou-me a posicioná-la para que me pudesse sentar na direção do fluxo de ar enquanto olhava pelas portadas. Conseguia vê-lo a olhar em volta. A absorver a minha pequena escrivaninha, a cama de puxar, a cortina que dá para a casa de banho. Tentei não me sentir envergonhada; sabia que pelo menos estava tudo arrumado. E então, quando ele se estava a ir embora, perguntou sobre as fotografias na minha parede.

– Quem é esta, aqui? Que linda criança.

– É a minha filha, *monsieur*. – Um toque de orgulho maternal; já lá ia muito tempo desde a última vez que sentira isso. – Quando era mais nova. E aqui, quando era um pouco mais velha.

– São todas dela?

– Sim.

Ele tinha razão. Ela fora uma criança tão linda: tanto que na nossa antiga cidade, no nosso país natal, as pessoas paravam-me na rua para mo dizer. E às vezes – porque era assim que se fazia na nossa cultura – as pessoas faziam o sinal contra o mau olhado, diziam-me para ter cuidado: ela era demasiado bonita, só traria azar se eu não tivesse cuidado. Se eu fosse demasiado orgulhosa, se não a escondesse.

– Como se chama?

– Elira.

– Foi ela que veio para Paris?

– Sim.

– E também ainda cá mora?

– Não. Já não. Mas vim atrás dela para cá; fiquei depois de ela ter partido.

– Ela deve ser… o quê… atriz? Modelo? Com a aparência dela…

– Era uma bailarina muito boa – contei. Não consegui resistir. Subitamente, ao perceber o interesse dele, quis falar sobre ela. Já há muito tempo que não falava sobre a minha família. – Foi isso que ela veio fazer a Paris.

Lembrei-me da chamada telefónica, passado um mês. Na altura, não se comunicava muito por *e-mail*, nem por mensagens de texto. Eu esperava semanas por uma chamada que podia ser interrompida pelo «bip» que nos anunciava que lhe estavam a acabar as moedas.

– Encontrei um sítio, mamã. Onde posso dançar. Pagam bem.

– E tens a certeza de que esse sítio é bom? É seguro?

Ela riu-se.

– Sim, mamã. Fica numa parte boa da cidade. Devias ver as lojas aqui perto! São frequentadas por pessoas elegantes, pessoas ricas.

Agora vejo um dos convidados da festa a cambalear até ao canteiro mais próximo, o que acabou de ser replantado, a aliviar-se ali mesmo. A *Madame* Meunier ficaria horrorizada se soubesse, embora desconfie que ela tem assuntos mais urgentes com que se preocupar de momento. E normalmente pensar nos canteiros preciosos dela a serem encharcados com urina dar-me-ia um tipo mórbido de prazer. Mas não, esta não é uma altura normal. Neste momento, estou mais ansiosa com esta invasão do prédio.

Estas pessoas não deviam estar aqui. Não agora. Não depois de tudo o que aconteceu aqui.

Jess

Estou a andar de um lado para o outro do apartamento. A perguntar-me: os outros ainda estão ali, na *penthouse*, a beberem vinho? A rirem-se da minha estupidez?

Abro as janelas para tentar arejar um pouco a casa. Ao longe consigo ouvir o choro leve das sirenes da polícia – Paris soa a uma cidade em guerra consigo própria. Mas de resto está um silêncio assustador. Consigo ouvir cada rangido da madeira sob os meus pés, até o restolhar de folhas secas no pátio.

Depois um grito corta o silêncio. Paro de andar, com todos os músculos tesos. Veio de lá de fora…

Então, outra voz junta-se àquela e de repente há imenso barulho a vir do pátio: gritos de alegria e berros. Abro as portadas e vejo montes de miúdos a entrarem pelo portão da frente, atravessando as pedras da calçada e a entrarem no edifício principal, transportando bebidas alcoólicas, a gritar e a rir. Claramente está em curso uma festa. Mas quem é que está a dar aqui uma festa? Reparo nos chapéus bicudos e nas capas esvoaçantes, nas abóboras debaixo dos braços, caio na realidade. Deve ser *Halloween*. É um pouco difícil acreditar que há um mundo, que o tempo passa, fora do mistério deste apartamento e do desaparecimento do Ben. Se ainda estivesse em Brighton estaria vestida neste momento de «gatinha *sexy*», a servir *Jägerbombs* em despedidas de solteiro vindas de Londres. Não passaram muito mais de quarenta e oito horas desde que deixei essa vida, mas já me parece tão longínqua, parece que já foi há tanto tempo.

Vejo um tipo a parar e a mijar num dos canteiros enquanto os amigos dele olham, a rir às gargalhadas. Fecho as portadas com força, esperando que isso

ajude a bloquear algum do barulho.

Fico ali sentada por um instante, os sons do outro lado das janelas abafados, mas ainda audíveis. Acabo de pensar numa coisa. Há a possibilidade de alguém que vá àquela festa poder conhecer o Ben; afinal, ele já mora aqui há uns meses. Talvez consiga saber mais sobre esta família. E, francamente, qualquer coisa é melhor do que estar aqui parada, a sentir-me cercada e vigiada, sem saber o que podem estar a planear para mim.

Não tenho disfarce, mas com certeza vou conseguir usar alguma coisa daqui. Avanço para o quarto e enquanto o gato me observa curiosamente, sentado sobre as patas de trás em cima da cómoda do Ben, tiro o lençol da cama. Encontro uma faca na gaveta, faço uns furos para os olhos e atiro-o para cima da minha cabeça. Marcho até à casa de banho para ver como ficou, tentando não tropeçar nas pontas do lençol. Não vou ganhar nenhum prémio com isto, mas agora tenho um conjunto e um disfarce num só, e francamente é muito melhor do que uma maldita gata *sexy*, a cabra básica dos disfarces de *Halloween*.

Abro a porta do apartamento, ponho-me à escuta. Parece que estão a ir para a cave. Esgueiro-me pela escada em caracol, seguindo a música e o fluxo de convidados pelas escadas abaixo até à *cave*, com a batida do baixo a aumentar cada vez mais até a sentir a vibrar no meu crânio.

Nick

Segundo andar

Vou no meu terceiro cigarro da noite. Só recomecei a fumar quando aqui regressei; o sabor enoja-me, mas necessito do golpe estabilizador da nicotina. Tantos anos limpo e olhem para mim agora: a chupar um *Marlboro* como se fosse um afogado a inspirar pela última vez. Enquanto fumo, olho para baixo pela minha janela, vejo os miúdos a correrem para o pátio. Quase a beijei esta noite, lá em cima no terraço. Aquele momento a estender-se entre nós os dois. Até se tornar na única coisa que parecia fazer sentido.

Credo. Se as luzes não se tivessem apagado, despertando-me do meu transe, eu teria avançado. E onde estaria agora?

A irmã dele. A *irmã* dele.

O que me passou pela cabeça?

Deambulo até à casa de banho. Apago o cigarro no lavatório, onde chia ao molhar-se. Olho para o espelho.

Quem pensas que és?, pergunta-me o meu reflexo, em silêncio. Mais importante, *quem é que ela pensa que és?*

O tipo porreiro. Ansioso por ajudar. Preocupado com o seu amigo.

É o que ela vê, não é? É aquilo em que a levaste a acreditar.

Sabem, li algures que sessenta por cento de nós não aguenta mais de dez minutos sem mentir. Pequenas derrapagens: para sermos melhor vistos, mais atraentes, face aos outros. Mentiras inofensivas para não ofender. Por isso, não fiz nada de invulgar. Faz parte do ser humano. Mas, a sério, o importante a realçar é que na realidade não lhe menti. Não abertamente. Simplesmente, não lhe contei toda a verdade.

Não tenho culpa de que ela tenha assumido que sou britânico. Faz sentido. Apurei muito bem o meu sotaque e a minha fluência ao longo dos anos; fiz um grande esforço por isso quando andava em Cambridge e não queria ser conhecido por «aquele tipo francês». Suavizando as vogais. Endurecendo as consoantes. Aperfeiçoando um arrastar de palavras londrino. Sempre foi para mim uma questão de orgulho, uma pequena emoção quando os britânicos me tomavam por um deles – tal como ela fez.

A segunda coisa que ela assumiu foi que as pessoas deste prédio não são mais do que meros vizinhos umas para as outras. Isso foi tudo obra dela, sinceramente. Só não a contradisse. Para dizer a verdade, gostei que ela acreditasse nele: Nick Miller. Um tipo normal, nada que ver com este lugar, para lá da renda que pagava por ele.

Olhem. Alguém pode dizer que nunca desejou que a sua família fosse menos embaraçosa ou de alguma maneira diferente? Que nunca pensou como poderia ser estar livre de todos os compromissos familiares? Desse lastro. E esta família tem muito mais lastro do que a maioria.

Tive notícias do papá esta noite, por acaso. *Tudo* OK, *filho? Não te esqueças que confio em ti para tratar aqui de tudo.* O «filho» para ele foi afetuoso. Ele deve querer mesmo que eu faça o que pede. Mas a verdade é que o meu pai é imbatível em pôr os outros a fazer as coisas por ele. A segunda parte é clássica do papá, claro. *Ne merdes pas.* Não estragues tudo.

Penso naquele jantar, durante a onda de calor. Todos nós reunidos no terraço no telhado. A luz arroxeada, as lanternas a brilharem entre as figueiras, o aroma quente das suas folhas. Os candeeiros de rua a iluminarem-se desde lá de baixo. O ar espesso como sopa, como se tivesse de ser engolido e não inalado.

O papá numa ponta da mesa, a minha madrasta ao lado dele vestindo seda *eau-de-nil* e usando diamantes, tão fresca quanto a noite era quente, o perfil voltado para a linha do horizonte como se estivesse noutro lugar qualquer – ou desejasse estar. Lembro-me de quando o papá nos apresentou à Sophie. Eu devia ter uns nove anos. Como ela me pareceu glamorosa, misteriosa.

Na outra ponta da mesa encontrava-se o Ben: tanto convidado de honra como filho pródigo regressado. O papá convidara-o pessoalmente. Ele causou uma bela impressão na festa das bebidas.

– Ora bem, Ben – disse o meu pai, avançando para ele com uma nova garrafa de vinho. – Tem de me dizer o que acha disto. É evidente que tem um palato excelente. É uma daquelas coisas que não se aprende, por muito que se beba.

Olhei para o Antoine, que já ia bem avançado na sua segunda garrafa, e pensei: terá percebido a farpa? O nosso pai nunca diz nada por acaso. O Antoine é o seu suposto protegido: aquele que trabalhou para ele desde que acabou os estudos. Mas é também o capacho do papá, até mais do que eu – em especial por ter tido de aguentar o barco todos os anos em que estive fora.

– Obrigado, Jacques. – Ben sorriu, estendendo o seu copo.

Enquanto o papá vertia um jorro carmim para um dos copos Lalique da minha mãe, pousou uma mão paternal no ombro de Ben. Juntos mostravam uma descontração que eu e o papá nunca tivemos e, ao olhar para eles, senti uma inveja ridícula. O Antoine também reparara. Vi a careta que fez.

Mas se calhar aquilo poderia funcionar em meu proveito. Se o meu pai gostava assim tanto do Ben, alguém que eu convidara para esta casa, para a nossa família, talvez houvesse uma forma de ele finalmente me aceitar a mim, o seu próprio filho. Uma esperança patética, mas era mesmo assim. Sempre tive de esgaravatar por migalhas no que respeitava ao afeto paternal.

– Eu vi essa tua expressão de irritação, Nicolas – disse o meu pai, recorrendo à palavra francesa *maussade*, virando-se para mim naquele seu modo perturbador. Apanhado em flagrante, engoli demasiado depressa o meu vinho, tossi e senti a picada agridoce na garganta. Eu nem sequer aprecio particularmente vinho. Talvez uma ou outra variedade biodinâmica, não o material pesado de Velho Mundo. – É incrível – prosseguiu ele. – Exatamente o mesmo ar que a santa da tua falecida mãe. Nada era suficientemente bom para ela.

Ao meu lado, senti o Antoine a contorcer-se.

– É a merda do vinho dela que está a servir – murmurou ele entre dentes. A minha mãe vinha de uma família antiga: sangue antigo, vinho antigo de uma grande propriedade: Château Blondin-Lavigne. A adega com milhares de garrafas fazia parte da herança dela, deixada ao meu pai após a sua morte. E desde a morte dela, o meu irmão, que nunca a perdoou por nos ter abandonado, tem deitado abaixo tantas quantas consegue.

– O que disseste, meu rapaz? – perguntou o papá, virando-se para o Antoine. – Algo que desejes partilhar connosco?

O silêncio alastrou, perigosamente. Mas o Ben interrompeu-o com o sentido de oportunidade perfeito de um primeiro violino a entrar no seu solo:

– Isto está delicioso, Sophie. – Estávamos a comer o prato preferido do meu pai (claro): lombo malpassado, frio, batatas salteadas, salada de pepino. – Este deve ser o melhor bife que alguma vez provei.

– Não fui eu que cozinhei – disse Sophie. – Veio do restaurante. – Nada de lombo para ela, apenas a salada de pepino. E reparei que ela não olhou para ele, mas para um ponto logo atrás do ombro direito dele. Aparentemente, o Ben não a conquistara. Para já. Mas reparei como a Mimi lhe lançava olhares furtivos quando achava que ninguém via, quase falhando a boca com o garfo. E como a Dominique, a mulher do Antoine, o fitou com um meio-sorriso, como se o preferisse em comparação com a refeição diante dela. E, entretanto, o Antoine agarrava a sua faca de carne como se planeasse cravá-la entre as costelas de alguém.

– Ora bem, é evidente que conhece o Nicolas desde que eram rapazes – disse o meu pai ao Ben. – Ele alguma vez trabalhou alguma coisa naquele lugar ridículo?

Por aquele lugar ridículo ele referia-se a Cambridge, uma das melhores universidades do mundo. Mas o grande Jacques Meunier não necessitara de educação universitária e vejam só onde chegou. Um *self-made man*.

– Ou limitou-se a esbanjar o dinheiro que tanto me custou a ganhar? – perguntou o papá. Virou-se para mim. – És muito bom nisso, não és, meu caro?

Aquela doeu. Há uns tempos investi algum daquele «dinheiro que tanto custou a ganhar» numa *start-up* de Palo Alto dedicada aos cuidados de saúde. Quem era informado ficou intrigado: uma alfinetada para tirar sangue, o futuro dos cuidados de saúde. Usei a maior parte do dinheiro que me pôs de parte quando fiz dezoito anos. Ali estava uma oportunidade de lhe provar o meu valor; de provar que a minha avaliação na minha área era tão boa quanto a dele…

– Não sei dizer até que ponto ele se esforçou na universidade – disse o Ben, fitando-me com um sorriso irónico. E senti-me aliviado por ele cortar a tensão. – Fizemos cursos diferentes. Mas praticamente dirigimos sozinhos o jornal dos estudantes. E um grupo de nós passou um verão a viajar. Não foi, Nick?

Assenti com a cabeça. Tentei mostrar um sorriso descontraído como o dele, mas de repente tive a sensação de ver um predador escondido na erva alta.

O Ben prosseguiu:

– Praga, Barcelona, Amesterdão… – Não sei se foi coincidência, mas naquele momento os nossos olhares cruzaram-se. A expressão dele era ilegível. De repente, desejei que calasse o raio da boca. Com um olhar tentei passar esta mensagem. *Para. Já chega.* Não era o momento para conversar sobre Amesterdão. O meu pai nunca poderia vir a saber.

O Ben desviou o olhar, interrompendo o contacto ocular. E foi então que percebi como fora mal pensado da minha parte, convidá-lo para vir para cá.

Ouviu-se então um som tão alto que deu a ideia de o próprio edifício estar a colapsar sob os nossos pés. Levei uns segundos a perceber que se tratava de trovoada e logo depois um relâmpago iluminou o céu violeta. O papá pareceu furioso. Podia controlar tudo o que acontecia neste lugar, mas nem ele era capaz de dar ordens ao clima. Começaram a tombar as primeiras pingas de chuva grossas. O jantar chegara ao seu fim.

Graças a Deus.

Lembrei-me de que tinha de voltar a respirar. Mas algo mudara.

Mais à frente nessa noite, o Antoine irrompeu pelo meu quarto.

– O papá e o teu compincha inglês. Unha com carne, não são? Sabes que ele seria capaz disso, certo? Deserdar-nos e deixar tudo ao raio de um estranho qualquer?

– Isso não faz sentido – referi. Não fazia mesmo. Contudo, ao mesmo tempo senti a ideia a enraizar-se. Seria mesmo do papá. Sempre a dizer-nos, aos seus próprios filhos, como éramos uns inúteis. Uma grande desilusão. Mas o Ben seria também assim?

O que sempre tornara o meu amigo intrigante era o facto de nunca conseguirmos conhecê-lo bem. Era possível passar horas, dias, na sua companhia – era possível percorrer a Europa com ele – sem nunca se saber ao certo se se conhecera o verdadeiro Benjamin Daniels. Era um camaleão, um enigma. Eu não fazia verdadeiramente ideia de quem convidara para debaixo do meu próprio teto, para o seio da minha família.

Enfio a mão no armário por baixo do lavatório e pego no frasco de elixir bucal, despejando um pouco no copinho. Quero fazer desaparecer o sabor rançoso a tabaco. A porta do armário ainda está aberta. Há frasquinhos de comprimidos

alinhados numa fila perfeita. Seria tão simples. Tão mais eficaz do que cigarros. Tão útil para me sentir um pouco menos… presente, neste momento.

A questão é que apesar de ter estado a fingir com a Jess, quase que fingia também para mim: que era um adulto normal com vida própria, rodeado pelo fruto do seu sucesso. Um apartamento com a renda paga pelo próprio. Coisas que comprara com o seu dinheiro ganho com esforço. Porque a verdade é que quero ser esse tipo, mesmo. Tentei ser esse tipo. Não um falhado de trinta e tal anos obrigado a voltar para casa do pai por ter perdido tudo.

Acreditem em mim – por muito que tenha tentado enganar-me a mim próprio, não faz diferença ter uma tranca na porta da entrada e uma campainha independente. Ainda estou sob o teto dele; ainda estou infetado por este lugar. E estar aqui é andar para trás. Foi por isso que andei uma década fugido no outro lado do mundo. Foi por isso que me senti tão feliz em Cambridge. Foi por isso que fui a correr ter com o Ben àquele bar quando me contactou, apesar de Amesterdão. Foi por isso que o convidei a viver aqui. Achei que a presença dele poderia tornar a minha sentença mais suportável. Que a sua companhia me ajudaria a regressar a uma outra época.

Foi por isso que a deixei pensar que era outra pessoa completamente diferente. Um faz de conta inofensivo, nada mais sinistro do que isso.

A sério.

Jess

As vozes soam como um rugido por cima da música. Nem acredito que possa caber tanta gente neste espaço aqui em baixo: devem ser mais de cem. Teias de aranha falsas foram espalhadas a partir do teto e velas posicionadas no chão, iluminando as paredes toscas. O cheiro a cera queimada é intenso no espaço apertado e abafado. O reflexo das chamas bruxuleantes faz com que pareça que a pedra se move, contorcendo-se como algo vivo.

Tento misturar-me com a multidão. O meu disfarce é de longe o pior que vejo. A maioria dos convidados preparou-se a rigor. Uma freira de hábito branco ensopado em sangue beija uma mulher que pintou o seu corpo semidespido a vermelho e que usa um par de chifres à diabo. Um médico da peste vestido da cabeça aos pés com uma capa e chapéu negros ergue o comprido e curvo bico da sua máscara para tirar uma passa de um cigarro e faz o fumo sair pelos buracos dos olhos. Uma figura alta vestida de *smoking* com uma enorme cabeça de lobo sorve um *cocktail* por uma palhinha. Para onde quer que olhe, há monges loucos, ceifeiros sombrios, demónios e *ghouls*. E algo estranho: o ambiente torna todas estas figuras ainda mais sinistras do que deveriam parecer lá em cima com luz natural. Até o sangue falso de certa forma parece mais real aqui em baixo.

Tento perceber como me inserir num dos grupos e iniciar uma conversa sobre o Ben. Além disso, preciso desesperadamente de uma bebida.

De repente, sinto o meu lençol a ser-me arrancado pela cabeça. Um *cowboy* morto levanta as mãos:

– Ups!

Deve ter tropeçado na ponta do disfarce. Bolas, já está sujo de se arrastar pelo chão, humedecido com cerveja. Amarfanho-o numa bola imunda. Terei de prosseguir sem disfarce. Está aqui tanta gente que não hei de dar nas vistas.

– Oh, *salut*!

Viro-me e vejo uma rapariga estupidamente bonita a usar uma coroa de flores e um vestido de camponesa branco e esvoaçante manchado de sangue. Levo algum tempo a situá-la: a colega de casa da Mimi. Camille: era isso.

– És tu! – diz ela. – És a irmã do Ben, certo? – Lá se ia a ideia de me misturar sem dar nas vistas.

– Hum. Espero que não haja mal? Ouvi a música…

– *Plus on est de fous, plus on rit*, não é? Quantos mais, melhor! Olha, é uma pena o Ben não estar cá. – Um beicinho. – Ele parecia adorar uma boa festa!

– Então, conheces o meu irmão?

Ela enruga o seu minúsculo nariz sardento.

– O Ben? *Oui, un peau.* Um pouco.

– E todos gostam dele? Os Meuniers, quero eu dizer? A família?

– Claro que sim. Toda a gente o adora! Acho que o Jacques Meunier gosta imenso dele. Talvez mais do que dos próprios filhos. Oh… – Cala-se de repente, como se se recordasse de algo. – O Antoine. Ele não gosta do Ben.

Recordo a cena no pátio naquela primeira manhã.

– Achas que poderá ter havido algo… bem, entre o meu irmão e a mulher do Antoine?

O sorriso esmorece.

– O Ben e a Dominique? *Jamais!* – di-lo com fervor. – Namoriscaram, mas não passou disso.

Tento uma abordagem diferente.

– Disseste ter visto o Ben na sexta-feira, a conversar com a Mimi nas escadas.

Ela anui.

– A que horas foi? O que eu quero dizer… viste-o depois disso? Viste-o nessa noite?

Uma ligeira hesitação.

– Eu nessa noite não estava cá – responde. Entretanto, parece ver alguém por cima do meu ombro. – *Coucou Simone.* – Volta-se de novo para mim. – Tenho de ir. Diverte-te! – Um pequeno aceno de mão. A rapariga festiva despreocupada

parece ter voltado. Mas quando a interroguei sobre a noite em que o Ben desapareceu não pareceu tão descontraída. De repente, pareceu ansiosa por pôr fim à conversa. E por momentos pareceu-me ter visto a máscara a cair-lhe. Um vislumbre de alguém completamente diferente.

Mimi

Quarto andar

Quando desci à cave, já lá se encontrava um monte de gente amontoada. Na maioria das vezes, nunca me dou bem com multidões, com pessoas a invadirem o meu espaço. O amigo da Camille, o Henri, trouxe a aparelhagem dele e umas colunas enormes e está a passar *La femme* no máximo. À entrada, a Camille saúda quem chega com o seu vestido de *Midsommar*, a coroa de flores a vacilar na cabeça conforme saltita e abraça as pessoas.

– Ah, *salut,* Gus, Manu… *coucou* Dédé!

Ninguém me presta grande atenção apesar de esta ser a minha casa. Vieram pela Camille; são todos amigos dela. Sirvo-me de dez centímetros de vodca e começo a beber.

– *Salut*, Mimi.

Espreito para baixo. *Merde*. É a Loulou. Amiga da Camille. Está sentada no colo de um tipo, bebida numa mão, cigarro na outra. Está vestida de gata, uma bandolete com orelhas de renda pretas, vestido fluido leopardo preso por um ombro. Cabelo castanho comprido emaranhado como se tivesse saído agora da cama e o batom esborratado, mas de uma forma *sexy*. A perfeita parisiense. Como aquelas cretinas do Instagram com alpercatas *Bobo* e *eyeliner* à felina fazendo olhinhos *fode-me* para a lente. É este o aspeto que as pessoas acham que as raparigas francesas devem ter. Não como eu com o meu penteado *mullet* feito em casa e borbulhas em volta da boca.

– Já não te via há tanto tempo. – Acena com o cigarro. É também daquelas raparigas que acendem cigarros à porta dos cafés, mas que na realidade não inalam; limita-se a segurá-lo e a deixar que o fumo paire por todo o lado

enquanto gesticula com as suas mãozinhas. Aterra cinza quente no meu braço. – *Eu* lembro-me – diz, arregalando os olhos. – Foi naquele bar no parque… agosto. *Mon Dieu*, nunca te tinha visto assim. Estavas *louca*. – Um risinho giro para a estranha Mimi.

Neste momento, a música muda. Nem acredito, mas é aquela canção. *Heads Will Roll*, dos Yeah Yeah Yeahs. Parece o destino. E de repente regresso lá.

Estava demasiado quente dentro de casa, pelo que sugeri à Camille que fossemos a um bar, o Rosa Bonheur, no Parc des Buttes-Chaumont. Não disse à Camille, mas sabia que o Ben poderia lá estar. Ele andava a escrever um artigo sobre o bar; ouvi-o falar com o editor através das janelas abertas do apartamento.

Desde que ele me emprestou aquele disco dos Yeah Yeah Yeahs, pesquisei a vocalista, Karen O, no Google. Tentei vestir-me como ela e quando o fiz senti-me outra. Passei a tarde a cortar o meu cabelo ao estilo do dela, curto e com franja. E nessa noite vesti o meu conjunto Karen O: um top branco fino, pintei os lábios de vermelho e passei *eyeliner* preto em redor dos olhos. No último momento, tirei o sutiã.

– *Uou!* – expirou a Camille, quando apareci. – Estás com um ar tão… diferente. Oh, meu Deus… Consigo ver as tuas *nénés!* – Sorriu abertamente. – Para quem é isto?

– *Va te faire foutre* – disse-lhe que se fosse lixar porque me senti envergonhada. – Não é para ninguém. – E não era praticamente nada em comparação com o que ela vestia: um vestido transparente dourado de malha larga que parava logo abaixo da *chatte*.

Lá fora estava tanto calor na rua que se sentia o passeio em brasa sob os sapatos e o ar mostrava-se tomado por poeiras e fumo dos escapes. E, depois, a coincidência mais horrível: precisamente quando íamos a sair pelo portão da entrada, ali estava o papá, a vir na direção oposta. Apesar do calor, senti-me a enregelar. Só queria morrer. Percebi no exato momento em que me viu; a sua expressão alterou-se perigosamente.

– *Salut* – disse a Camille, com um pequeno aceno. Ele sorriu-lhe – havia sempre um sorriso para a Camille; como qualquer outro homem à face da terra. Ela vestia um casaco abotoado por cima do vestido, pelo que não dava para perceber que por baixo estava praticamente nua. Reparei que se comportava

exatamente como os homens queriam que se comportasse. Com o papá era sempre muito recatada, muito inocente, toda «*Oui, monsieur*» e «*Non, monsieur*» sob as suas pestanas baixadas.

O papá desviou o olhar da Camille para mim.

– O que trazes vestido? – perguntou, com os olhos a faiscar.

– Eu… – gaguejei. – Está tanto calor e achei…

– *Tu ressembles à une petite putain.* – Foi o que ele disse. Lembro-me claramente, pois senti como se as palavras me fossem gravadas a fogo: ainda sinto a pontada. *Pareces uma putazinha.* Ele nunca me tinha falado naqueles modos. – E o que fizeste ao cabelo?

Levantei a mão e toquei na minha nova franja Karen O.

– Envergonhas-me. Estás a ouvir? Nunca mais te vistas assim. Vai-te mudar.

O tom dele assustou-me.

– *D'accord, Papa.*

Segui-o de volta para o prédio. Mas assim que ele entrou na *penthouse,* a Camille agarrou-me a mão e corremos dali e pela rua fora até ao metro e tentei esquecer, tentei ser apenas mais uma adolescente despreocupada de dezanove anos a sair para mais uma noite.

O parque parecia uma selva, não uma parte da cidade: vapor a erguer-se da relva, dos arbustos, das árvores. Uma grande multidão em volta do bar. Aquele burburinho, toda aquela energia. Sentia a batida da música bem no fundo da minha caixa torácica, a vibrar por todo o corpo. Havia gente a usar ainda menos roupa do que eu, até do que a Camille: raparigas com biquínis minúsculos que terão passado o dia a apanhar sol nas Paris Plages, aquelas praias artificiais nas margens do rio que são instaladas no verão. O ar cheirava a suor e a bronzeador, a erva quente e seca e à doçura pegajosa dos *cocktails*.

Bebi o meu primeiro *Aperol Spritz* como se fosse limonada. Ainda me sentia mal pela expressão do papá. *Uma putazinha*. O modo como ele cuspiu as palavras. Também bebi rapidamente o segundo. E então deixei de me importar tanto.

A rapariga que estava a pôr música subiu o volume e as pessoas começaram a dançar. A Camille pegou-me na mão e puxou-me para o meio da multidão. Estavam lá alguns amigos nossos – ou melhor, dela – da Sorbonne. Havia

comprimidos a circular em pacotinhos de plástico. Não é a minha onda. Bebo, mas nunca me drogo.

– *Allez, Mimi* – disse a Loulou depois de ter posto a pastilha na língua e engolido. – *Pourquoi pas?* – *Vá lá, Mimi. Porque não?* – Metade?

E talvez eu me tenha tornado noutra pessoa, porque peguei na pequena metade da pastilha que me ofereceu. Mantive-a na língua por um momento, para que se dissolvesse.

Depois disso, tudo ficou turvo. De repente, dei por mim a dançar e estava mesmo no meio da multidão e só queria ficar ali para sempre entre aqueles corpos suados, aqueles estranhos. Parecia que toda a gente me sorria, transbordantes de amor.

As pessoas dançavam em cima das mesas. Alguém me içou para cima de uma. Não quis saber. Eu era alguém diferente, alguém novo. A Mimi desparecera. Era maravilhoso.

E então surgiu a canção: *Heads Will Roll*. No mesmo momento olhei em redor e vi-o. Ao Ben. Ali em baixo, no meio da multidão. Uma *T-shirt* cinzento-clara e calças de ganga, apesar do calor. Uma garrafa de cerveja na mão. Parecia algo saído de um filme. Eu tinha passado tanto tempo a observá-lo no apartamento dele, a observá-lo do outro lado da mesa ao jantar, que pareceu estranho vê-lo no mundo real, rodeado por estranhos. Tinha começado a sentir como se ele me pertencesse.

E, então, voltou-se, como se a intensidade do meu olhar tivesse bastado para que se apercebesse da minha presença, levantou uma mão e sorriu. Eu sentia-me percorrida por uma corrente. Ia a avançar para ele. Mas de repente dei por mim a cair; esquecera-me da mesa e o chão fugia-me de debaixo dos pés…

– Mimi. Mimi. Com quem vieste?

Eu não conseguia ver os outros. Todos os rostos que antes pareciam sorrir já não o faziam. Via-os a olharem para mim e ouvi os risos e pareceu-me que estava cercada por uma matilha de animais selvagens, dentes a ranger, olhares fixos. Mas ele encontrava-se ali e senti que me protegeria.

– Acho que estás a precisar de apanhar ar. – Estendeu a mão. Agarrei-a. Foi a primeira vez que me tocou. Eu não queria largar, mesmo depois de ele me ter erguido. Nunca mais o queria largar. Tinha umas belas mãos, dedos compridos e elegantes. Quis levá-los à boca, saborear-lhe a pele.

O parque estava às escuras, longe das luzes e dos sons do bar. Tudo se encontrava a um milhão de quilómetros. Quanto mais avançámos, mais me pareceu que nada do resto era real. Apenas ele. O som da sua voz.

Descemos até ao lago. Ele pretendia que nos sentássemos num banco, mas vi uma árvore mesmo ao lado da água, as raízes a espalharem-se sob a superfície.

– Aqui – disse eu. Sentou-se ao meu lado. Conseguia sentir-lhe o cheiro: suor limpo e cítrico.

Passou-me uma garrafa de *Evian*. De repente, senti sede, imensa sede.

– Não bebas muito – aconselhou. – Calma… chega. – Retirou-me a garrafa. Permanecemos ali sentados em silêncio por algum tempo. – Como te sentes? Queres voltar e procurar os teus amigos?

Não. Abanei a cabeça. Não queria nada disso. Queria ficar ali no escuro com a brisa quente a abanar as árvores altas por cima de nós e com o bater da ondulação do lago nas margens.

– Não são meus amigos.

Ele pegou num cigarro.

– Queres? Calculo que ajude…

Peguei num, levei-o aos lábios. Ele ia a dar-me o isqueiro.

– Acende tu – disse-lhe.

Adorei observar os dedos dele a mexer no isqueiro, como se lançasse alguma espécie de feitiço. A ponta acendeu, brilhou. Suguei o fumo.

– *Merci* – disse eu.

De repente, as sombras sob a árvore seguinte pareceram mover-se. Estava ali alguém. Não… duas pessoas. Enroscadas. Ouvi um gemido. A seguir um sussurro:

– *Je suis ta petite pute.* – *Sou a tua putazinha.*

Numa situação normal, eu teria desviado o olhar. Ter-me-ia sentido bastante envergonhada. Mas não fui capaz de desviar o olhar deles. A pastilha, a escuridão, ele sentado tão perto, acima de tudo isso, libertaram algo em mim. Libertaram-me a língua.

– Nunca tive aquilo – segredei, olhando para o casal debaixo da árvore. E dei por mim a contar-lhe o meu segredo mais embaraçoso. Que apesar de a Camille trazer um tipo diferente todas as semanas – às vezes raparigas – eu nunca tivera

sexo com ninguém. Só que no momento não me senti envergonhada: senti como se lhe pudesse contar tudo.

– O papá é muito severo – expliquei. Pensei no modo como olhara para mim antes. Uma *putazinha*. – Ele esta noite disse uma coisa horrível… sobre o meu aspeto. E às vezes fico com a sensação de que sente vergonha de mim, que não gosta muito de mim. Olha para mim, fala comigo, como se eu fosse… uma impostora, ou algo assim. – Não achei que estivesse a explicar-lhe muito bem. Nunca contei nada daquilo a ninguém. Mas o Ben ouvia e assentia e, pela primeira vez na vida, senti que me ouviam.

Então, ele falou.

– Já não és uma miúda, Mimi. És uma mulher adulta. O teu pai já não pode controlar-te. E aquilo que acabaste de contar? O modo como ele te faz sentir? Usa-o em teu proveito. Usa-o como inspiração na tua arte. Todos os verdadeiros artistas são marginais. – Olhei para ele. Falara com tal intensidade. Foi como se falasse por experiência própria. – Sou adotado – revelou então. – Na minha opinião, dá-se demasiada importância à família.

Olhei para ele, sentado tão perto na escuridão. Fazia todo o sentido. Justificava a ligação entre nós, aquela que senti desde que o vi pela primeira vez. Éramos ambos marginais.

– E sabes que mais? – prosseguiu ele, com uma voz ainda diferente do habitual. Mais crua. Mais ansiosa. – Não tem que ver com a tua origem. Com as merdas que podes ter suportado no passado. Tem que ver com quem *tu* és. Com aquilo que fazes com as oportunidades que a vida te apresenta.

E, então, pousou gentilmente a mão no meu braço. Um leve toque. As almofadas das pontas dos dedos quentes na minha pele. A sensação pareceu viajar diretamente do meu braço direito até ao meu núcleo. Ele poderia ter feito o que quisesse comigo ali na escuridão e eu ter-me-ia entregado.

E então sorriu.

– Está giro, já agora.

– *Quoi*?

– O teu cabelo.

Ergo a mão para lhe tocar. Sinto onde o cabelo se cola à testa com o suor.

Ele sorriu-me.

– Fica-te bem.

E foi o momento. Inclinei-me para a frente e agarrei-lhe o rosto com as mãos e beijei-o. Eu queria mais. Fui trepando para cima dele, tentei sentar-me em cima dele.

– Ei. – Riu-se, recuando, afastando-me com gentileza, limpando a boca. – Ei, Mimi. Gosto demasiado de ti para alinhar nisso.

Percebi a mensagem. Não aqui, não assim, não na primeira vez. A primeira vez entre nós teria de ser especial. Perfeita.

Poder-se-á dizer que foi da pastilha. Mas aquele foi o momento em que me senti a apaixonar-me por ele. Já em tempos me achara apaixonada, mas não resultou. Percebi então como fora falsa essa outra ocasião. Agora percebi. Eu estava à espera do Ben.

A canção termina e o feitiço é quebrado. Estou de volta à *cave*, rodeada por todos estes idiotas com disfarces estúpidos de *Halloween*. Ouve-se agora a passar Christine and the Queens, com toda a gente a gritar o refrão. Passam pessoas por mim, com encontrões, ignorando-me, como sempre.

Alto. Acabei de ver um rosto na multidão. Um rosto que não pertence a esta festa.

Putain de merde.

O que diabo faz *ela* aqui?

Jess

Avanço pela *cave*, mergulhando cada vez mais na multidão de rostos mascarados e corpos em contorção. A festa está a descontrolar-se; tenho quase a certeza de que vi um casal a fazer sexo, ou algo parecido, e um pouco ao lado um pequeno grupo a *snifar* umas linhas. Questiono-me se a divisão cheia de vinho terá sido trancada. Percebo que toda esta gente seria capaz de fazer um grande desbaste nas prateleiras de garrafas.

– *Veux-tu un baiser de vampire?* – pergunta-me um tipo. Vejo que se veste à Drácula com uma capa tipo plástico e presas falsas. É um disfarce quase tão mau como o meu de fantasma.

– Ahhh… desculpa, o quê? – digo, virando-me para ele.

– Um Beijo de Vampiro – diz ele em inglês, sorrindo. – Perguntei se querias um? – Por momentos, questiono-me se sugere que curtamos. Depois, baixo o olhar e percebo que segura um copo cheio com um líquido vermelho brilhante.

– O que tem dentro?

– Vodca, granadina… talvez um pouco de Chambord. – Encolhe os ombros. – Principalmente, vodca.

– *OK*, pode ser. – Não há de ser uma bebida a fazer-me mal. Passa-me um copo. Bebo um gole… Caramba, é ainda mais sombrio do que parece, o toque metálico da vodca sob o licor xaroposo de framboesa. Sabe a algo que poderíamos ter servido no Copacabana, e isso não tem nada de bom. Mas vale pela vodca, embora tivesse preferido tomá-la pura. Bebo mais uma longa golada, desta vez preparada para a doçura.

– Nunca te tinha visto – diz ele, quase parecendo mais francês, agora que fala inglês. – Como te chamas?

– Jess. E tu?

– Victor. *Enchanté*.

– Ah… obrigada. – Vou direta ao assunto. – Olha, conheces o Ben? Benjamin Daniels. Do terceiro andar?

Ele faz uma careta.

– *Non, désolé.* – Parece lamentar genuinamente ter-me desiludido. – Gosto do teu sotaque – acrescenta. – É fixe. És de Londres, *non*?

– Exato – digo. Não será bem verdade, mas a verdade é esta, de onde sou realmente?

– E és amiga da Mimi?

– Ah… sim, acho que pode dizer-se isso. – Tipo: Estive precisamente duas vezes com ela e nunca sentiu grande gosto em ver-me, mas não vou entrar em pormenores.

Ele ergue as sobrancelhas surpreendido e questiono-me se cometi algum erro.

– É só que… a maioria das pessoas aqui são amigas da Camille. Ninguém conhece muito bem a Mimi. Ela… como é que se diz em inglês?… Fecha-se muito em si. De uma forma algo intensa. Um pouco… – Faz um gesto que interpreto como significando: «desaparafusada».

– Não a conheço assim *tão* bem – digo de pronto.

– Há quem não entenda o que leva a Camille a ser amiga da Mimi. Mas eu digo… basta olhar para o apartamento da Mimi para perceber. A Mimi tem pais ricos. Percebes onde quero chegar? – Aponta lá para cima para o apartamento. – Nesta zona da cidade? Muito caro. É um *berço do caraças*. – Tenta proferir as três últimas palavras com uma espécie de sotaque americano.

Noutras circunstâncias até poderia sentir pena da Mimi. As pessoas assumirem que só têm amigos por causa do dinheiro… é duro. Bem, é o tipo de problema com o qual nunca tive de lidar, mas de qualquer modo…

– Então, e tu és o quê? – pergunta ele.

– O quê? – Uma batida do coração e então percebo que se refere ao meu disfarce. – Oh… pois. – Merda. Olho para a minha roupa: calças de ganga e camisola velha com borboto. – Bem, eu era um fantasma, mas agora não passo de uma ex-empregada de bar farta de merdas.

– *Quoi*? – Franze o sobrolho.

– Ah… pois, é uma coisa britânica – digo-lhe. – Não dá para traduzir.

– Oh, certo. – Assente com a cabeça. – Fixe.

Ocorre-me uma ideia. Se a Camille e a Mimi estão cá em baixo, então não há ninguém lá em cima no apartamento. Podia ir dar uma espreitadela.

– Olha – digo –, Victor… será que podes fazer-me um favor?

– Diz.

– Preciso mesmo de ir mijar, mas acho que cá em baixo não há uma, ah… *toilette*?

Ele de repente parece desconfortável: nitidamente, os rapazes franceses embaraçam-se tanto quanto os seus congéneres britânicos.

– Podes pedir à Camille se nos empresta a chave do apartamento? – Exibo o meu sorriso mais triunfante, aquele a que recorria para sacar boas gorjetas no bar. – Ficaria *tão* agradecida.

Ele também sorri.

– *Bien sûr*.

Bingo. Talvez o Ben não seja o único dotado de charme.

Beberico a minha bebida enquanto aguardo: está a saber-me melhor, ou talvez seja apenas a vodca a bater. O Victor regressa ao fim de uns minutos, com uma chave na mão.

– Espantoso – digo, estendendo a mão.

– Eu acompanho-te – diz, sorrindo. Bolas. O que será que acha que vai resultar daqui? Mas se formos juntos talvez me ajude a parecer menos suspeita.

Sigo o Victor para o exterior da *cave*, pela escadaria sombria acima. Apanhamos o elevador – sugestão dele – e acabamos praticamente encostados um ao outro pois mal cabe uma pessoa. Sinto o bafo dele – tabaco e vodca, uma combinação que não deixa de ter o seu interesse. E não é mal parecido. Mas demasiado bonito para o meu gosto: daria para cortar um limão em cima do queixo dele. Além disso, é basicamente uma criança.

De repente, tenho um *flashback* do Nick e de mim umas horas antes no terraço do telhado. Aquele momento, depois de ele me ter tirado a folha do cabelo… quando não se afastou tão depressa como devia. Aquele fugaz momento, antes de as luzes se apagarem, em que me convenci de que me ia beijar. O que teria sucedido se de repente não tivesse ficado tudo às escuras? Se

eu não tivesse ido sorrateiramente ver o resto do apartamento e descoberto aquela fotografia? Teríamos regressado ao apartamento dele, caído na cama e…

– Sabes, sempre quis estar com uma mulher mais velha – diz o Victor, com sinceridade, despertando-me de novo para a realidade.

Aguenta aí os cavalos, pá, penso eu. *E, além disso, só tenho vinte e oito anos.*

O elevador range ao parar no quarto piso. O Victor destranca a porta do apartamento. Há imensas garrafas e grades de cerveja empilhadas na divisão principal – devem ser suprimentos extra para a festa.

– Olha – digo. – Porque é que não nos preparas mais umas bebidas enquanto vou mijar? Desta vez, carrega mais na vodca, por favor, menos daquilo vermelho.

Há um corredor que liga a sala principal a várias divisões. A disposição recorda-me de certa maneira a *penthouse*, só que aqui está tudo mais atulhado e em vez de obras de arte originais, nas paredes há pósteres a descolar – CINDY SHERMAN: CENTRE POMPIDOU e uma lista de locais a visitar para alguém chamado DINOS. A primeira divisão com que me deparo é uma verdadeira lixeira: roupa espalhada pelo chão, assim como *lingerie* de renda em cores de sorvete garridas e sapatos – sutiãs e tangas presas nas pontas afiadas de tacões. Um toucador coberto de maquilhagem, cerca de vinte batons esmagados, todos eles sem tampa. O ar está de tal forma saturado com perfume e fumo de cigarro que me sinto de imediato com dores de cabeça. Numa parede há um póster enorme de Harry Styles de tutu e na parede em frente Dua Lipa de *smoking*. Penso na Mimi e na sua expressão carrancuda, na sua franja denteada e desmazelada. Tenho quase a certeza de que esta não é a onda dela. Fecho a porta.

O quarto seguinte só pode ser o da Mimi. Paredes escuras. Gravuras grandes a preto-e-branco nas paredes – uma de uma mulher passada de olhar vazio – imensos volumes sobre arte, de aspeto sério, nas estantes. Um gira-discos com um carregamento de discos de vinil num estojo especial ao lado. O que está no prato é dos Yeah Yeah Yeahs: *It's Blitz*.

Avanço discretamente até à janela. Constato que a Mimi tem uma vista perfeita na diagonal para a sala de estar do apartamento do Ben, do outro lado do pátio. Vejo a escrivaninha dele, o sofá. Interessante. Penso nela a deixar cair o copo de vinho quando lhe falei do Ben. Esconde algo, eu sei.

Abro o armário, vasculho as gavetas da roupa.

Nada digno de realce. Está tudo tão arrumado, quase de forma excessiva. Mas o problema é não saber o que procuro – e desconfio que não me resta muito tempo até o Victor começar a dar pela minha demora.

Ajoelho-me e tateio por baixo da cama. A minha mão toca num tecido que parece embrulhar algo mais duro, talvez madeira, e percebo que encontrei algo significativo. Deito a mão a tudo e puxo na minha direção. Um pedaço de material cinzento abre-se e revela uma pilha desordenada de telas de pintores, cortadas e rasgadas em pedaços. Tanta confusão e caos em comparação com o resto do quarto.

Olho com mais atenção para o tecido em que estavam embrulhadas. Trata-se de uma *T-shirt* cinzenta, exatamente igual às que o Ben tinha no armário. Tenho a certeza de que é uma das dele. Até cheira à água-de-colónia dele. Porque é que a Mimi tem as pinturas dela escondidas numa das *T-shirts* do Ben? Mais importante ainda: porque é que tem uma das *T-shirts* do Ben?

– Jessie? – chama o Victor. – Está tudo bem, Jessie?

Merda. Parece que se aproxima.

O mais depressa possível, começo a tentar ordenar os pedaços de tela. É como montar um quebra-cabeças muito complexo. Finalmente, monto parcelas suficientes do primeiro para perceber a imagem. Endireito-me. Tem imensas parecenças. Ela até conseguiu apanhar o sorriso dele, que outros consideraram encantador, mas que eu sem dúvida lhe diria que lhe dava um ar bajulador imbecil. Aqui está ele, mesmo à minha frente. O Ben. Tal como é na vida real.

Com a exceção de uma diferença terrível e assustadora. Levo uma mão à boca. Os olhos foram arrancados.

– Jessie? – volta a chamar o Victor. – *Où es-tu*, Jessie?

Monto a imagem seguinte, e mais outra. São todas dele. Há até uma dele deitado e… Meu Deus, é muito mais do meu irmão do que eu precisava ver. Em todos os retratos, os olhos foram destruídos, perfurados ou arrancados com algo.

Tive um pressentimento, ao falar com ela pela primeira vez, de que a Mimi me mentiu em relação a conhecê-lo. Desconfiei que escondia algo assim que o copo de vinho bateu no chão no apartamento da Sophie Meunier. Mas nunca contei com algo como isto. Se é para ter isto em conta, se aquele nu é uma pista, ela conhece muito bem o Ben. E sente algo suficientemente forte por ele para ter

infligido danos tão graves às pinturas: aqueles rasgões nas telas só podem ter sido feitos com algo muito afiado, ou com imensa força… ou ambos.

Levanto-me, mas quando o faço acontece algo estranho. É como se todo o quarto se inclinasse com o movimento. Uou. Tenho de me apoiar na mesinha de cabeceira. Pestanejo para tentar afastar as tonturas. Recuo um passo e volta a acontecer. Ali parada, a tentar recuperar o equilíbrio, parece que o chão ondula sob os meus pés e tudo em volta é feito de gelatina, com as paredes a colapsar para dentro.

Saio a cambalear do quarto para o corredor. Tenho de me apoiar de ambos os lados para não tombar para a frente. E então aparece o Victor, ao fundo da passagem.

– Jessie… cá estás tu. O que estavas a fazer? – Avança na minha direção pelo corredor escuro. Sorri e tem os dentes muito brancos, parece um verdadeiro vampiro. Para sair tenho de passar por ele; bloqueia a minha rota de fuga. Mesmo com o meu cérebro transformado em papa sei o que se passa. Não se trabalha em vinte bares decadentes sem se saber o que é isto. A bebida que alguns tipos se oferecem para nos pagar, uma oferta muito enganadora. Nunca, mas nunca, caí nessa merda. O que raio me passou pela cabeça? Como é que pude ser tão estúpida? São sempre os mais giros, aqueles que parecem inofensivos, os ditos tipos simpáticos.

– Victor, que merda é que a bebida tinha? – pergunto.

E então fica tudo às escuras.

Segunda-feira

Mimi

Quarto andar

Manhã. Estou sentada na varanda a ver a luz a infiltrar-se no céu. O charro que roubei à Camille não me ajudou a relaxar: só me deixou nauseada e mais tensa. Sinto… sinto-me encurralada dentro da minha própria pele. Como se quisesse trepar de lá para fora.

Saio apressadamente do meu apartamento e desço a escadaria em curva até à *cave*, sem desejar cruzar-me com ninguém pelo caminho. Está cheia de restos da festa de ontem à noite: copos partidos e bebidas derramadas e acessórios largados dos disfarces – perucas, forquilhas do diabo e chapéus de bruxas. Por norma, gosto mais de estar aqui em baixo, às escuras e no sossego: outro esconderijo. Mas neste momento também não posso aqui estar devido à presença da *Vespa* dele, encostada à parede.

Não olho para lá, não consigo, enquanto puxo a minha bicicleta da armação ao lado.

Ele saía sempre naquela *Vespa*. Eu queria saber da vida dele, queria segui-lo até à cidade, ver onde ia, o que fazia, com quem se encontrava, mas era impossível porque usava aquela *scooter* para ir a todo o lado. Assim, um dia desci à *cave* e fiz um furo no pneu da frente com a ponta afiada da minha faca de cortar tela. Foi melhor. Ele não poderia usá-la por uns dias. Só o fiz por o amar.

Nessa tarde vi-o a sair a pé. O meu plano resultou. Fui atrás dele, segui-o até ao metro e entrei na carruagem atrás da dele. Saiu numa parte muito manhosa da cidade. O que raio fazia ele ali? Instalou-se num restaurante de *kebab* com um aspeto nojento. Sentei-me num bar de *shisha* do outro lado da rua e pedi um café turco e tentei dar um ar de quem estava enquadrada entre todos aqueles velhos a

dar baforadas no seu tabaco com cheiro a rosas. O Ben estava a levar-me a fazer coisas que por norma não faria, percebi então. Estava a tornar-me corajosa.

Uns dez minutos mais tarde apareceu uma rapariga que se juntou ao Ben. Era alta e magra, com um capuz a cobrir a cabeça, que só baixou quando se sentou diante dele. Senti a barriga às voltas ao ver o rosto dela. Mesmo desde o outro lado da rua, percebi que era linda: cabelo cor de chocolate escuro com uma franja reta com muito melhor ar do que a minha feita em casa, as maçãs de rosto de uma manequim. E jovem, provavelmente da minha idade. Sim, as roupas eram de má qualidade: um casaco de couro de imitação com aquela camisola de capuz por baixo e *jeans* foleiros, mas de alguma maneira o contraste ainda a tornava mais bela. Ao vê-los juntos senti uma genuína dor no coração, uma brasa quente sob a minha caixa torácica.

Esperei que ele a beijasse, que lhe tocasse no rosto, na mão, que lhe afagasse o cabelo – qualquer coisa – esperei pela pior dor que sabia que viria quando o visse fazê-lo. Mas nada aconteceu. Ficaram apenas ali sentados a conversar. Percebi que parecia bastante formal, como se não se conhecessem muito bem. Não houve nada entre eles que sugerisse que eram amantes. Por fim, ele entregou-lhe algo. Tentei ver. Parecia um telefone, ou talvez uma câmara. A seguir, ela levantou-se e partiu, e ele fez o mesmo. Partiram em direções diferentes. Eu ainda não tinha percebido o que ele lhe dissera, ou o que lhe poderia ter dado, mas senti-me tão aliviada que até poderia ter chorado. Não me fora infiel. Eu sabia que não deveria ter desconfiado dele.

Mais tarde, de regresso ao meu quarto, recordei a noite no parque, o modo como partilhámos aquele cigarro. Os dois no escuro junto ao lago. O sabor da boca dele quando o beijei. Pensei nisso deitada à noite na cama, a explorar com os dedos. E sussurrei aquelas palavras que tinha ouvido na escuridão perto do lago. *Je suis ta petite pute.* Sou a tua putazinha.

Era isto, percebi. Foi por isto que tanto esperei. Eu era diferente da Camille. Eu não andava por aí a meter-me na cama com vários tipos. Tinha de ser algo real. *Un grand amour.* Cheguei a pensar em tempos que me apaixonara. O professor de arte, Henri, na minha escola – Les Soeurs Servantes du Sacré-Cœur. Desde o início que percebi que havia uma ligação. Sorriu-me na primeira aula, disse-me que era muito talentosa. Mas, mais tarde, quando lhe enviei as pinturas que fiz dele, chamou-me à parte e disse-me que não eram apropriadas – apesar de eu me

ter esforçado tanto em obter as proporções corretas, o tom: tal como ele nos ensinara. E quando as enviei depois para a mulher dele, mas cortadas aos pedacinhos, eles apresentaram uma espécie de queixa formal. E depois… bem, não quero muito ir por aí. Ouvi dizer que foram para outra escola no estrangeiro.

Eu não sabia onde andara escondida esta parte de mim. A parte capaz de se apaixonar. Na verdade, até sabia. Andei foi a mantê-la trancada. Bem no fundo de mim. Aterrorizada por esse tipo de fraqueza poder voltar a deixar-me vulnerável. Mas agora estava pronta. E o Ben era diferente. O Ben ser-me-ia leal.

Lá em baixo na *cave*, desvio o olhar da *Vespa*. Sinto como se tivesse uma faixa de metal em redor das minhas costelas a impedir a entrada suficiente de ar. E nos meus ouvidos ainda sinto um terrível zumbido, o ruído branco, a tempestade. Só preciso de fazer com que pare.

Puxo a minha bicicleta e levo-a pelas escadas acima. Sinto a pressão a desenvolver-se dentro de mim quando a empurro pelo pátio, pela rua empedrada… até à rua principal onde ruge o trânsito matinal da hora de ponta. Salto para o selim, olho rapidamente para os dois lados por entre as lágrimas que me turvam a vista e faço-me à estrada.

Ouço travões a chiar. Uma buzinadela. De repente, estou tombada de lado no alcatrão, com as rodas a girar no ar. Sinto todo o meu corpo pisado e dilacerado. O coração bate intensamente.

Foi por pouco.

– Vaca estúpida – grita o condutor da carrinha, dependurado na janela aberta e apontando na minha direção com o seu cigarro. – Que merda foi essa? Estavas a pensar em quê, a entrar na estrada sem olhar?

Grito em resposta, com um linguajar ainda pior do que o dele. Chamo-lhe *fils de pute*, filho da puta, *un sac à merd*, monte de merda… Digo-lhe que se vá foder. Digo-lhe que conduz mal como a merda.

De repente, a porta de entrada do prédio abre-se e a porteira sai a correr. Nunca vi aquela mulher a correr tão depressa. Parece sempre tão velha e curvada. Mas talvez se mova com mais rapidez quando ninguém vê. Porque ela está sempre presente quando menos se espera. Aparecendo de detrás de uma esquina e saindo das sombras, escondida no cenário de fundo. Não percebo sequer porque é que temos uma porteira. A maioria dos lugares já não tem. Devíamos

ter instalado um sistema de intercomunicação moderno. Seria muito melhor do que a ter por perto, a coscuvilhar a vida de todos. Não aprecio a forma como ela observa. Em especial, o modo como me observa.

Sem dizer nada, estende as mãos para me ajudar a levantar. Tão mais forte do que alguma vez me passaria pela cabeça. A seguir, olha atentamente para mim, com intensidade. Sinto que tenta dizer-me algo. Desvio o olhar. Leva-me a pensar que sabe de algo. Como se, talvez, soubesse tudo.

Afasto a mão dela.

– *Ça va* – digo, *estou bem*. – Consigo levantar-me sozinha.

Ainda me doem os joelhos como os de um miúdo que deu um trambolhão no recreio. E a corrente da minha bicicleta saltou. Mas isso foi o pior.

Podia ter terminado de forma tão diferente. Se eu não tivesse sido uma covarde. Porque a verdade é, eu *estava* a olhar. A ideia era essa.

Eu sabia o que estava a fazer.

Esteve tão perto, mas não o suficiente.

Sophie

Penthouse

Desço as escadas com o *Benoit* a trotar nos meus calcanhares. Detenho-me ao passar pelo terceiro piso. Sinto-a atrás da porta, como algo venenoso no coração deste lugar.

Passou-se o mesmo com ele. A presença dele perturbou o equilíbrio do prédio. Tinha a impressão de o ver em todo o lado depois daquele jantar no terraço: na escadaria, a cruzar o pátio, a conversar com a porteira. Nunca falamos com a porteira, além de transmitir instruções. Ela faz parte do pessoal e tal tipo de separação tem de ser respeitada. Uma vez até o vi a segui-la até ao casebre dela. Sobre o que poderiam estar a falar? O que poderia estar ela a contar-lhe?

Quando chegou o terceiro bilhete, não foi deixado na caixa do correio. Foi empurrado por baixo da porta do apartamento, num momento em que, suponho, o chantagista sabia que o Jacques estaria fora. Tinha regressado da padaria com a *quiche* preferida do Jacques que, desde que tenho memória, lhe compro todas as sextas-feiras. Quando vi o bilhete, deixei cair a caixa que tinha nas mãos. Espalharam-se pastéis pelo chão. Causou-me um calafrio que percebi que teria de ser de medo, embora por momentos tenha parecido mais tipo emoção. E isso foi igualmente perturbador.

Já há tanto tempo que me mantinha invisível, tendo pagado há muito tudo o que tivesse a pagar. Mas estes bilhetes, apesar de tanto me assustarem, era como se fosse a primeira vez em muito tempo em que fui vista.

Percebi que não poderia permanecer no prédio nem mais um minuto.

Lá fora, as ruas ainda se apresentavam brancas do calor, com o ar a tremeluzir. Nos cafés, os turistas aglomeravam-se nas esplanadas nos passeios e

transpiravam para cima dos seus *thé glacés* e *citrons pressées* e questionavam-se porque não se sentiriam refrescados. Mas no restaurante estava escuro e fresco como uma gruta subaquática, tal como eu previra. Paredes com painéis escuros, toalhas de mesa brancas, enormes quadros pendurados nas paredes. Deram-me a melhor mesa, claro – há anos que a Meunier SARL lhes fornecia os melhores *vintage* raros – e o ar condicionado projetava uma pluma gelada contra as costas da minha blusa de seda enquanto eu bebericava água mineral.

– *Madame* Meunier. – O empregado aproximou-se. – *Bienvenue*. O habitual?

Sempre que aqui comi com o Jacques pedi o mesmo. Salada de endívias com nozes e pedacinhos de Roquefort. Uma esposa a envelhecer é uma coisa; uma esposa gorda é outra.

Mas o Jacques não estava presente.

– *L'entrecôte* – disse.

O empregado olhou para mim como se eu tivesse pedido um naco de carne humana. O bife sempre fora a escolha do Jacques.

– Mas, *madame* – disse –, está tão *quente*. Quiçá as ostras… temos umas maravilhosas *pousses en Claire*… ou um pequeno salmão, cozinhado *sous vide*…

– O bife – repeti. – Muito malpassado.

A última vez que comi um bife foi quando um ginecologista, há muitos anos, o recomendou por uma questão de fertilidade; os médicos aqui ainda recomendam carne vermelha e vinho em muitos tratamentos. Meses a comer como um homem das cavernas. Não tendo isso resultado, seguiu-se a indignidade dos tratamentos. As injeções nas nádegas. Os olhares de Jacques com uma leve repulsa. Eu já herdara dois enteados. Porquê a minha obsessão em ter um filho? Não podia explicar que desejava simplesmente ter alguém a quem amar. Do fundo do coração, sem reservas, ser correspondida. Naturalmente, os tratamentos não deram frutos. E o Jacques recusou-se a adotar. A burocracia, o escrutínio aos seus negócios – ele não suportaria.

O bife chegou e cortei-o. Observei o sangue a escorrer fino e levemente rosado desde a incisão. Foi então que ergui o olhar e o vi, ao Benjamin Daniels, no canto do restaurante. Estava de costas para mim, mas via-lhe o reflexo no espelho que ocupava a parede. Havia algo de elegante na curvatura das costas dele: o modo como se sentava, de mãos nos bolsos. A postura de quem se sentia confortável na sua pele.

Senti a pulsação a acelerar. O que fazia ele ali?

Espreitou para cima e «apanhou-me» a observá-lo pelo espelho. Mas desconfiei que já se apercebera antes da minha presença, que aguardava que eu reparasse nele. O reflexo dele ergueu o copo de cerveja.

Desviei o olhar. Beberiquei a minha água.

Uns segundos mais tarde, uma sombra cruzou a mesa. Ergui o olhar. Aquele sorriso insinuante. Ele vestia uma camisa de linho amarrotada e calções, as pernas despidas e morenas. A roupa dele era completamente desadequada à formalidade do restaurante. E, todavia, parecia completamente à vontade no espaço. Odiei-o por isso.

– Olá, Sophie – disse ele.

Ericei-me com a familiaridade, mas lembrei-me que lhe pedira que não me tratasse por «*madame*». Mas o modo como pronunciou o meu nome: pareceu ofensivo.

– Posso? – Apontou para a cadeira. Fazer algo que não fosse concordar poderia ter sido rude. Assenti, para mostrar que não queria saber da opção dele.

Foi a primeira vez que estive tão perto dele. Percebi então que não era bonito, pelo menos no sentido tradicional. As suas feições não eram harmoniosas. A sua confiança, o carisma: isso é que o tornava atraente.

– O que faz aqui? – questionei.

– Estou a fazer uma crítica ao restaurante – respondeu. – O Jacques sugeriu-o no jantar. Ainda não comi, mas já estou impressionado com o espaço… o ambiente, a arte.

Espreitei para o quadro para onde ele olhava. Uma mulher de joelhos: de constituição forte, quase masculina. Membros fortes, maxilar forte. Nada de elegante nela, apenas uma espécie de força selvagem. A cabeça projetada para trás, a uivar à lua como um cão. As pernas apartadas, a saia amarrotada… era quase sexual. Se desse para uma pessoa se aproximar e cheirar, imaginei que mais do que tinta se sentiria sangue. De repente, tomei plena consciência do suor que se poderá ter embebido na seda sob os meus braços na caminhada até aqui, meias-luas de humidade escondidas no tecido.

– O que acha? – perguntou. – Adoro Paula Rego.

– Não sei se terei a mesma opinião – reagi.

Apontou para o meu lábio.

– Tem um pedacinho… ali.

Levei o canto do guardanapo à boca e limpei. Afastei-o e vi que o linho branco grosso estava manchado a sangue. Olhei para lá.

Ele tossiu.

– Eu sinto… Olhe, eu só queria dizer que espero que não tenhamos começado mal. Há dias… quando comentei o seu sotaque. Espero não ter sido grosseiro.

– *Mais non* – digo. – O que o leva a dizer isso?

– Olhe, fiz estudos franceses em Cambridge e sou fascinado por essas coisas.

– Não fiquei ofendida – garanti-lhe. – *Pas de tout. – De maneira nenhuma.*

Ele sorriu.

– Que alivio. E apreciei imenso o jantar no terraço. Foi muito amável da sua parte convidar-me.

– Eu não o convidei – frisei. – Foi ideia do Jacques. – Talvez tenha soado rude, mas também era verdade. Nenhum convite seria endereçado sem a aprovação do Jacques.

– Então, pobre Jacques – comentou ele, com um sorriso pesaroso. – O tempo que estava naquela noite! Acho que nunca vi ninguém tão furioso. Até achei que ele ia tentar enfrentar a tempestade, como o Lear. A cara dele!

Ri-me. Não tive como evitar. Deveria ter-me sentido chocada, ofendida. Ninguém brinca às custas do meu marido. Mas fui apanhada de surpresa. E ele fez uma imitação tão precisa da expressão irada do Jacques.

Tentando recompor-me, peguei na minha água e bebi. Mas já não me sentia assim tão leve há imenso tempo.

– Diga-me – disse ele –, como é ser casada com um homem como Jacques Meunier?

Engasguei-me. Comecei a tossir e fiquei com os olhos marejados. Um dos empregados apareceu de pronto para ajudar: acenei com a mão para que se afastasse. Eu só pensava: o que sabe o Ben? O que poderá ter-lhe contado o Nicolas?

– Desculpe. – Sorriu fugazmente. – Acho que não me exprimi bem. Às vezes atrapalho-me com o francês. O que eu queria dizer era: ser casada com um homem de negócios de sucesso. Como é?

Não respondi. O olhar que lhe lancei em jeito de resposta disse: *O Ben não me assusta.* Só que me sentia assustada. Era ele quem enviava os bilhetes, agora

estava certa disso. Era ele quem recolhia aqueles envelopes de dinheiro que eu deixava debaixo do degrau solto.

– Eu só pretendia dizer – explicou – que, se algum dia quiser dar uma entrevista, eu estaria muito interessado em conversar consigo. Poderia falar de como é gerir um negócio de tal sucesso…

– O negócio não é meu.

– Oh, tenho a certeza de que isso não é verdade. Estou certo de que deve…

– Não. – Debrucei-me sobre a mesa para enfatizar, batendo com a unha na toalha a cada palavra. – O negócio não tem nada que ver comigo. *Comprenez-vous? – Compreende?*

– *OK*. Bem. – Olhou para o relógio. – A oferta mantém-se. Podia ser um artigo… mais do tipo estilo de vida. Sobre si enquanto parisiense quintessencial. Sabe onde encontrar-me. – Sorriu.

Limitei-me a olhar para ele. Não deve perceber com o que lida. Houve coisas que tive de fazer para chegar até aqui. Sacrifícios que tive de fazer. Pessoas a quem tive de passar por cima. Não és nada comparado com isso.

– Seja como for – levantou-se –, é melhor ir andando. Tenho uma reunião com o meu editor. Vemo-nos por aí.

Quando tive a certeza de que saíra, chamei o empregado.

– O 1998.

Arregalou os olhos. Deu mostras de poder sugerir uma alternativa a um vinho tinto tão pesado com aquele calor. Depois, viu a minha expressão. Assentiu, afastou-se apressadamente e regressou com a garrafa.

Enquanto bebia, recordei uma noite nos primeiros tempos do meu casamento. A Opéra Garnier onde assistimos a *Madame Butterfly* sob o teto pintado por Chagall e bebemos champanhe no bar no intervalo, e esperei que o Jacques pudesse mostrar-me os famosos relevos da lua e do sol pintados a ouro nos tetos abobadados das pequenas câmaras de cada ponta. Porém, mostrou-se mais interessado em apontar pessoas, clientes dele. Ministros de determinados departamentos governamentais, homens de negócios, figuras significativas dos média franceses. Até reconheci alguns, apesar de eles não me conhecerem. Mas todos conheciam o Jacques. Retribuindo o aceno de cabeça dele com pequenos e tensos acenos.

Sabia exatamente com que tipo de homem estava a casar. Lancei-me de olhos bem abertos. Sabia o que tinha a ganhar. Não, o nosso casamento não seria sempre perfeito. Mas qual o casamento que o era? E ele acabou por me dar a minha filha. Só por isso, poderia perdoar tudo.

Agora, faço uma breve pausa no patamar à porta do apartamento do terceiro piso. Olho para o número «3» em bronze. Recordo ter estado parada neste exato local naquela semana. Passei o resto da tarde no restaurante a beber o meu *vintage* 1998, sem dúvida a ser observada por todos os empregados, horrorizados. *Madame Meunier enlouqueceu*. Enquanto bebia, pensei em Benjamin Daniels e na sua impertinência, nos bilhetes, no poder horrível que exerciam sobre mim. A minha ira floresceu. Pela primeira vez em muito tempo senti-me verdadeiramente viva. Como se fosse capaz de fazer qualquer coisa.

Regressei ao apartamento ao final da tarde, subi as escadas, parei neste mesmo lugar e bati à porta dele.

Benjamin foi rápido a atender, antes de eu ter a oportunidade de mudar de ideias.

– Sophie – disse ele –, que agradável surpresa.

Ele vestia uma *T-shirt*, *jeans* e estava descalço. Tocava música no gira-discos atrás, com um disco a rodar ociosamente. Uma cerveja aberta na mão. Ocorreu-me que poderia estar acompanhado, algo que eu nem sequer ponderara.

– Entre – disse. Segui-o para o interior do apartamento. De repente, senti-me como se estivesse a invadir-lhe a casa, o que era absurdo. Esta era a minha casa, ele era o intruso.

– Posso preparar-lhe uma bebida? – questionou.

– Não, obrigada.

– Por favor… tenho vinho aberto. – Apontou para a sua garrafa de cerveja. – Parece mal… eu a beber e a Sophie não.

De alguma maneira, já conseguira dar-me a volta, sendo tão educado, tão charmoso. Devia ter vindo preparada para aquilo.

– Não – respondi. – Não quero nada. Não se trata de uma visita social. – Além do mais, ainda sentia a cabeça às voltas devido ao vinho bebido no restaurante.

Ele fez uma careta.

– Peço desculpa – disse ele. – Se isto tem que ver com o restaurante… com as minhas perguntas… sei que foi presunçoso da minha parte. Efetivamente, pisei o risco.

– Não se trata disso. – O meu coração batia furiosamente. Eu fora ali levada pela ira, mas comecei a sentir-me receosa. Dar voz àquilo iria trazê-lo à luz do dia, iria finalmente torná-lo real. – É o Ben, não é?

Ele franziu o sobrolho.

– O quê?

Não estava a contar com aquilo, pensei. Agora, era a vez dele de ficar de pé atrás. Tal deu-me a confiança de que necessitava para prosseguir.

– Os bilhetes.

Pareceu desconcertado.

– Bilhetes?

– Sabe muito bem ao que me refiro. Os bilhetes… as exigências de pagamento. Vim para o avisar que é bom que não me ameace. Sou capaz de tudo para me proteger. A mim… a mim nada me para.

Ainda consigo ouvir a gargalhada desajeitada e pesarosa.

– *Madame* Meunier… Sophie… Lamento, mas não faço a mínima ideia do que está a falar. Que bilhetes?

– Aqueles que me tem deixado – respondi. – Na caixa do correio. Debaixo da porta.

Observei atentamente a expressão dele, mas vi apenas confusão. Ou era um belo ator, o que eu não descartaria, ou o que eu dizia passava-lhe completamente ao lado. Poderia ser verdade? Olhei para ele, para a sua expressão de perplexidade, e percebi que, apesar de contrariada, acreditava nele. Mas não fazia sentido. Se não era ele, então quem poderia ser?

– Eu… – A sala pareceu inclinar um pouco: uma combinação do vinho que eu ingerira com aquela nova constatação.

– Quer sentar-se? – questionou.

E sentei-me, porque de repente não sabia se me aguentaria de pé.

Serviu-me um copo de vinho, desta vez sem perguntar se eu queria. Eu estava a precisar. Aceitei o copo e tentei não agarrar o pé com tal força que o partisse.

Sentou-se junto a mim. Olhei para ele – aquele homem que fora um espinho cravado no meu pé desde que apareceu, que ocupara tanto espaço nos meus

pensamentos. Que fez com que me sentisse vista, apesar de todo o desconforto que isso acarretou, precisamente quando achei que me tinha tornado definitivamente invisível. Invisível representara segurança, e também por vezes solidão. Mas eu esquecera como podia ser entusiasmante ser vista.

Eu estava numa espécie de transe, talvez. Todo o vinho que bebera antes de ir ali para o confrontar. A pressão que se fora acumulando em mim ao longo de semanas enquanto o meu chantagista me atormentava. A solidão que se fora desenvolvendo ao longo de anos em segredo e em silêncio.

Inclinei-me para a frente e beijei-o.

Recuei quase de imediato. Nem acreditava no que fizera. Levei uma mão à cara e toquei na minha bochecha quente.

Sorriu-me. Eu nunca vira aquele sorriso. Era algo novo. Algo íntimo e secreto. Algo só para mim.

– Eu… eu tenho de ir-me embora. – Pousei o meu copo de vinho e ao fazê-lo deitei a garrafa dele ao chão. – Oh, *mon Dieu*. Desculpe…

– Quero lá saber da cerveja. – E então aconchegou a minha cabeça nas suas mãos e puxou-me para ele e beijou-me.

O odor dele, o exotismo, a sensação estranha dos lábios dele nos meus, a perda de controlo: tudo isso se revelou uma surpresa. Porém, não o beijo em si, nem por isso. Algures bem fundo em mim eu sabia que o desejava.

– Desde o primeiro dia – disse ele, como se me lesse os pensamentos –, quando a vi no pátio, quis saber mais sobre si.

– Isso é ridículo – disse eu, porque era mesmo. Mas o que levou a que parecesse menos ridículo foi o modo como olhava para mim.

– Não é. Tinha a esperança de o fazer desde a noite da festa. Quando estávamos só nós os dois, no escritório do seu marido…

Pensei no modo como me senti revoltada, ao dar com ele ali a olhar para aquela fotografia. O medo. Mas medo e desejo na verdade entrelaçam-se imenso um no outro.

– Isso é absurdo – disse eu. – E a Dominique?

– A Dominique? – Pareceu genuinamente confuso.

– Vi-vos juntos nas bebidas.

Ele riu-se.

– Ela é capaz de comer uma estátua com os olhos. E foi-me conveniente para poder distrair o seu marido do facto de eu estar a cobiçar a mulher dele.

Estendeu a mão e voltou a puxar-me para ele.

– Isto não pode acontecer…

Contudo, acho que ele se apercebeu da minha falta de convicção, pois sorriu.

– Detesto ter de o dizer, mas já *está* a acontecer.

– Temos de ter cuidado – sussurrei uns minutos mais tarde quando comecei a desabotoar a minha blusa. Ao expor a *lingerie* que custara bem caro, mas que raramente era vista por outros olhos que não os meus. Expus o meu corpo, ao qual foi negado tanto prazer, guardado e tratado para um homem que mal olhava para ele.

Ajoelhou-se diante de mim, como se me adorasse aos meus pés. Baixou a lã cingida das minhas calças, encontrando com os lábios a renda fina das minhas calcinhas, abrindo a boca contra mim.

Nick

Segundo andar

Não dormi bem na noite passada e não foi apenas por causa do baixo da festa na cave a bombar pela escadaria toda a noite. Na casa de banho agito mais dois comprimidos azuis na mão. São praticamente a única coisa que neste momento me mantém operacional. Volto a guardá-los.

Deambulo pelo apartamento. Ao passar pelo *iMac* o ecrã ganha vida. Será que o sacudi? Se o fiz, não dei por nada. Mas ali está. A fotografia de mim com o Ben. Fico parado diante dela. Por ela atraído da mesma forma, suponho, que alguém que se quer magoar a si próprio se sente tentado a passar uma lâmina sobre a pele do pulso.

Após aquele jantar no telhado tudo ficou diferente. Algo mudou. Não gostei do modo como o papá tratou bem o Ben. Não gostei do modo como o olhar do Ben se desviou do meu quando falou da viagem pela Europa. Também não apreciei nada o facto de sempre que sugeri que fossemos tomar um copo, ele estar demasiado ocupado. Tinha de sair a correr para ir ter com o editor, para fazer uma crítica a um restaurante novo qualquer, evitando o meu olhar quando nos cruzávamos nas escadas.

Isto não era suposto correr assim. Não foi o que planeei quando lhe propus o apartamento. Foi ele a entrar em contacto comigo. O *e-mail* despertou o passado com estrondo. Corri um grande risco ao convidá-lo para vir para cá. Assumi que tínhamos um acordo tácito.

Avanço para a parede atrás do meu *iMac* e passo as mãos pela superfície. Sinto a fenda fina no estuque. Há aqui uma segunda escadaria. Escondida. Em criança, eu e o Antoine usávamo-la para brincarmos. E também para nos escondermos

do papá quando tinha um dos seus acessos de má disposição. Envergonha-me admiti-lo, mas usei-a também um par de vezes para observar o Ben, espreitando para o seu apartamento, para a sua vida. A tentar descobrir o que andava a tramar. A pensar no que estaria a escrever tão afincadamente no seu computador portátil, a quem ligava pelo telemóvel - esforcei-me por ouvir, mas não apanhei nada.

Apesar de me ter dado para trás, pareceu ter tempo para os outros moradores deste prédio. Dei com eles na cave certa tarde ao descer para lavar a roupa. Comecei por ouvir os risos. A seguir a voz do papá:

– É evidente, quando herdei o negócio da mãe deles, estava uma desgraça. Tive de o tornar lucrativo. Hoje em dia, no negócio dos vinhos, temos de ser criativos. Em especial quando a herdade já não produz e em breve vai tudo transformar-se em vinagre. Temos de encontrar formas de diversificar.

– O que se passa? – questionei. – Uma prova de vinhos privada?

Saíram da adega como dois alunos malcomportados. O papá segurava uma garrafa numa mão, dois cálices na outra. Quando o Ben sorriu, viam-se os dentes manchados devido ao vinho que bebera. Segurava uma das poucas garrafas *magnum* que sobravam do *vintage* de 1996. Uma oferta do meu pai, aparentemente.

– Nicolas – disse o papá, com uma voz arrastada –, presumo que vieste para pôr fim à festa?

E não: *Filho, gostarias de te juntar a nós? Queres um copo?* Durante todo o tempo que vivemos sob o mesmo teto, o meu pai nunca sugeriu que fizéssemos algo como a agradável prova de vinhos deles. Foi como deitar sal para uma ferida. A primeira verdadeira traição. Eu contara ao Ben que tipo de homem era o meu pai. Ter-se-ia esquecido?

O Ben sorri-me desde a fotografia no protetor de ecrã. E ali estou eu a sorrir ao lado dele, como o verdadeiro pateta que era. Julho, Amesterdão. O sol a dar-nos nos olhos. Conversar com a Jess trouxe tudo de volta. Aquela noite que eu e Ben passámos no café de erva. A contar-lhe tudo sobre o meu aniversário, a «prenda» do papá. Foi como uma catarse. Senti-me limpo e purgado.

Mais tarde, eu e o Ben deambulámos pelas ruas escuras. Fomos caminhando e conversando. Eu não sabia bem para onde íamos; acho que ele também não fazia

ideia. A dada altura, pelo caminho, deixámos para trás a zona turística da cidade e as multidões: estes canais eram mais sossegados, menos iluminados. Casas antigas elegantes com janelas compridas, através das quais víamos as pessoas no interior: a conversarem de copo de vinho na mão, a jantarem, um tipo a escrever numa secretária. Era um lugar onde as pessoas efetivamente viviam.

Não se ouvia mais nada a não ser a água a bater nas margens de pedra. Água preta, preta retinta, as luzes das casas a dançarem nela. E o cheiro a musgo e a mofo. Um cheiro antigo. Ali, não havia nuvens de erva enjoativas para atravessar. Estava farto do fedor daquilo. Farto também dos encontrões das pessoas amontoadas, do rumor das conversas dos outros. Estava até farto dos outros dois tipos: das vozes deles, do fedor dos sovacos deles, dos pés transpirados. Naquele verão passámos demasiado tempo juntos. Ouvi todas as piadas ou histórias que tinham para contar. Com o Ben de certa forma era diferente – embora eu não soubesse explicar bem porquê.

O sossego: praticamente apetecia-me bebê-lo como se fosse um copo de água fria. Parecia mágico… E contar ao Ben tudo aquilo sobre o meu pai – sabem quando se come algo mau e depois de se vomitar sentimos um vazio, mas ao mesmo tempo uma certa limpeza, quase melhor do que antes, de uma forma indefinível?

– Obrigado – voltei a dizer. – Por me ouvires. Não contas a ninguém, pois não? Aos outros tipos?

– Claro que não – respondeu. – É o nosso segredo, pá. Se quiseres.

Caminhávamos ao longo de uma parte do canal que era ainda mais escura; acho que um par de candeeiros deixara de funcionar. Silêncio de morte.

Sabem aqueles momentos na vida que parecem decorrer tão suavemente como se escritos antecipadamente? Foi assim. Não me recordo de nenhuma decisão consciente para avançar para ele. Porém, quando dei por mim, estava a beijá-lo. Sem dúvida que fui eu a tomar a iniciativa, tenho a noção disso – mesmo tendo sido o meu corpo a avançar antes de a minha mente se aperceber do que se passava.

Eu já beijara imensa gente. Raparigas, quero eu dizer. Sempre raparigas. Em festas caseiras ou bêbedo depois de um baile formal universitário. Na brincadeira. E não era desagradável. Mas nunca senti que fosse mais intimista ou excitante do que, sei lá, um aperto de mão. Não que me repugnasse, mas sempre

que acontecia dava por mim a pensar na logística – se estaria a usar bem os dedos e a língua, a sentir-me algo enojado com a quantidade de saliva a ser trocada entre nós. Parecia um desporto que eu praticava, talvez a tentar tornar-me melhor. Nunca o senti como sendo algo excitante, algo que me acelerasse a pulsação.

Mas isto… isto era diferente. Era tão inato como respirar. Era estranho como a boca dele pareceu firme depois da suavidade das raparigas que beijei. Nunca teria pensado que haveria uma diferença. E de certa forma pareceu-me tão correto. Como se fosse aquilo por que esperara, aquilo que fazia sentido.

Agarrei a corrente que ele tinha ao pescoço, aquela que eu vira tantas vezes aparecer e desaparecer sob a gola da camisa, aquela com a figurinha do santo pendurada. Puxei-o um pouco mais para mim.

E depois recuávamos para a escuridão – eu puxava-o para um recanto oculto, ajoelhando-me diante dele, uma vez mais com movimentos fluidos como se tudo tivesse sido escrito antecipadamente, como se fosse suposto acontecer. Desapertando o fecho-éclair dele e tomando-o na boca, o calor e a rigidez, o odor secreto da sua pele. Senti os joelhos a doerem de me ter ajoelhado no empedrado áspero. E apesar de nunca me ter permitido pensar nisto, devo ter pensado no assunto, algures no meu subconsciente, algures nos meus pensamentos mais profundos, pois sabia exatamente o que fazia.

Ele depois sorriu. Um sorriso sonolento, preguiçoso e pedrado.

Mas, para mim, após aquele acesso de euforia, houve uma queda abrupta. Nunca tivera uma derrocada daquelas. Doíam-me os joelhos, os meus *jeans* estavam húmidos de me ter ajoelhado em cima de algo.

– Foda-se. Foda-se. Não sei o que se passou. Merda. Eu… eu sinto-me tão pedrado. – O que era mentira. Eu estava pedrado, sim. Mas nunca me senti tão lúcido na vida. E também nunca me senti tão vivo… elétrico, acelerado… tantas coisas diferentes.

– *Meu* – disse ele, com um sorriso. – Não tens de te preocupar. Estávamos um bocado passados, muito pedrados. – Apontou à nossa volta e encolheu os ombros. – E não é que alguém tenha visto.

Eu não queria acreditar na descontração dele. Mas talvez lá no fundo da mente já soubesse isso em relação a ele; essa sua faceta. Ouvira alguém em tempos descrevê-lo em Cambridge como um «omnívoro»; pensei no que quereria dizer.

– Não contes a ninguém – disse-lhe. De repente, sentia-me zonzo de medo. – Olha, tu não percebes. Isto… tem de ficar entre nós. Se isto se sabe… olha, o meu pai não ia entender. – Só de pensar nele a descobrir foi como levar um soco no estômago, pensar no assunto deixou-me cambaleante. Via a cara dele, ouvia-lhe a voz. Ainda me recordava do que dissera quando recusei aquela prenda de aniversário naquele quarto: *Qual é o teu problema, filho? És* maricas*?* A repulsa na voz dele.

Ele até pode matar-me, pensei. Se desconfiasse. Provavelmente, preferiria isso a ter um filho como eu. No mínimo, deserdar-me-ia. E apesar de não saber o que sentia ao aceitar o dinheiro dele, não me sentia ainda pronto para abdicar do mesmo.

Depois de Amesterdão, decidi que nunca mais queria ver o Benjamin Daniels. Afastámo-nos. Tive várias namoradas. Parti para os Estados Unidos onde fiquei quase uma década, sem olhar para trás. Sim, houve lá um ou outro tipo: a liberdade facultada por milhares de quilómetros de terra e água – embora nunca deixasse de ouvir a voz do meu pai na minha cabeça. Mas nada de sério.

Não significa que mais tarde não tenha pensado naquela noite. De certa forma, sei que andava a pensar nela desde então; a tentar não o fazer. E então, tantos anos mais tarde, o *e-mail* do Ben. Teria de haver ali alguma coisa, ele entrar em contacto, do nada. Não podia ser só para pôr a conversa em dia.

Só que depois daquele jantar no terraço, onde ele tanto impressionou o papá, só o vi ou falei com ele de passagem. Até teve tempo para a porteira, por amor de Deus, mas não para mim – o seu velho amigo. Abrigou-se aqui praticamente sem pagar renda. Pegou no que precisava e cortou os laços. Comecei a sentir-me usado. E ao pensar na forma como se mostrou manhoso sempre que o abordei também me senti assustado, embora sem saber explicar porquê. Pensei no que o Antoine disse sobre o papá nos deserdar por capricho. Na altura, pareceu-me uma loucura. Mas agora… comecei a achar que afinal não queria o Ben aqui. Comecei a achar que queria retirar o convite. Mas não sabia como o fazer. Ele sabia demasiado. Tinha tanto que podia usar contra mim. Tinha de encontrar uma forma de o fazer partir.

O cronómetro do computador deve ter chegado ao fim; o ecrã do meu *iMac* ficou preto. Não interessa. Ainda vejo a imagem. Há mais de uma década que sou assombrado por ela.

Penso em como quase beijei a irmã dele na noite passada. A súbita, chocante e maravilhosa parecença com ele quando rodava a cabeça como ele, ou franzia o sobrolho, ou ria. E também a parecença do momento: a escuridão, a serenidade. Nós os dois apartados do mundo por uma fração de segundo.

Aquela noite em Amesterdão. Foi a coisa mais vergonhosa e horrível que alguma vez fiz.

Foi a melhor coisa que alguma vez me aconteceu.

Pelo menos, era assim que eu a encarava. Até ele se instalar aqui.

Jess

Acordo na escuridão. Sinto um peso enorme no peito, um sabor horrível na boca, a língua seca e pesada como se não me pertencesse. Por um longo momento, tudo o que me aconteceu antes não passa agora de uma branca. É como espreitar para a frente e olhar para um buraco negro.

Tateio em redor, tentando descobrir onde me encontro. Pareço estar deitada numa cama. Mas, que cama? De quem?

Foda-se. O que é que me aconteceu?

Pouco a pouco, recordo-me: a festa. Aquela bebida nojenta. Victor, o vampiro.

E, então, vejo algo que reconheço. Uns dígitos verdes a brilhar na escuridão. É o despertador do Ben. Não sei como, estou de volta ao apartamento. Pestanejo ao olhar para os números. 17:38. Mas não pode estar certo. Isso é de tarde. Significaria que dormi – credo – todo o dia.

Tento sentar-me. Distingo dois olhos enormes, brilhantes e com pupilas como fendas a poucos centímetros do meu rosto. O gato está sentado em cima de mim – então, daí o peso no peito. Começou a massagear as suas garras na minha garganta como pequenos dardos dolorosos. Afasto-o: salta da cama. Olho para baixo para mim própria. Estou completamente vestida, graças a Deus. E então recordo, em *flashes* de memória: foi o Victor que me trouxe para aqui depois de eu ter apagado no apartamento da Mimi. Não era o predador sexual que eu de repente achei que poderia ser. Na verdade, pareceu assustado com o meu estado – foi-se embora assim que pôde. Calculo que pelo menos tenha tentado ajudar.

Uma centelha de memória. Encontrei algo na noite passada. Algo que me pareceu importante. Mas de início tudo o que aconteceu vem-me à mente em fragmentos vagos e desconexos. Há grandes porções em falta como buracos num *puzzle*. Sei que os meus sonhos foram muito loucos. Recordo uma imagem do Ben a gritar-me através de um vidro; mas não consegui ver-lhe bem a cara, o vidro parecia deformado. Ele tentava avisar-me de algo – mas eu não conseguia ouvir o que dizia. E então, de repente, consegui ver nitidamente a cara dele, só que isso revelou-se muito, muito pior, pois ele não tinha olhos. Alguém lhos arrancara.

Recordo então as pinturas debaixo da cama da Mimi. Credo. Foi isso que encontrei na noite passada. Aqueles rasgões nas telas, como se ela os tivesse desfeito num acesso de loucura. Os golpes, os buracos onde deveriam estar os olhos. E a *T-shirt* do Ben a envolver as pinturas.

Levanto-me da cama e cambaleio até à divisão principal. Sinto a cabeça a latejar. Posso ser pequena, mas aguento bem a bebida – um copo não basta para me deixar neste estado. Não terá sido o Victor, mas tenho a certeza de uma coisa: alguém me fez isto.

Um trinado sonoro, tão alto no silêncio que me assusta. O meu telemóvel. Surge o nome do Theo no ecrã.

Atendo.

– Estou?

– Já sei o que é aquele cartão. – Sem delicadezas, sem preâmbulos.

– O quê? – pergunto. – Estás a falar do quê?

– O cartão que me deste. O metálico, com o fogo de artifício estampado. Já sei o que é. Olha, podes encontrar-te comigo às sete menos um quarto? Ou seja… daqui a cerca de uma hora. Estação do metro Palais Royal; podemos seguir a pé a partir de lá. Oh, e tenta vir o mais elegante possível.

– Eu não…

Mas ele já desligou.

Mimi

Quarto andar

Pus aquilo na bebida dela na noite passada. Foi tão fácil. Havia cetamina a rodar e arranjei alguma, agitei o pó no copo dela até dissolver e pedi a um dos amigos da Camille para o oferecer à rapariga britânica de cabelo ruivo. Ele pareceu todo contente por alinhar: suponho que ela será bastante gira.

Tive de o fazer. Não podia tê-la ali. Mas isso não significa que não me sinta mal… ao longo da vida sempre fui tão cuidadosa com as drogas. Com a exceção daquela noite no parque. E fazer com que alguém as ingerisse sem sequer saber. Isso não foi nada fixe. Não foi culpa dela ter cometido o erro de vir para cá. Essa é a parte pior. Provavelmente, nem será má pessoa.

Mas eu sei que sou.

A Camille sai do quarto dela com uma camisa de noite de seda, círculos negros de maquilhagem esborratada em redor dos olhos. Ainda não se levantara hoje.

– Ei, a noite passada foi a *loucuuuura*. O pessoal curtiu mesmo, não achas? – Olha para mim com atenção. – *Putain*, estás com um ar de merda. O que é que te aconteceu aos joelhos? – Ainda me doem de ter batido no alcatrão em frente àquela carrinha; a porteira insistiu em aplicar um antissético nos arranhões. – Alguém teve uma noite em grande, *non*?

Encolho os ombros.

– *Oui*. Calculo que sim. – Na verdade, terá sido provavelmente uma das piores noites da minha vida. – Só que eu… não dormi bem. – Não dormi de todo.

Fita-me ainda com mais atenção.

– Ohhh. Foi *daquele* tipo de não dormir?

– Como assim? – Gostava que parasse de olhar para mim com tanta intensidade.

– Sabes onde quero chegar! O teu tipo misterioso?

De repente, sinto o coração a bater muito depressa.

– Oh, não, não foi nada disso.

– Espera lá. – Sorri. – Nunca me contaste. Resultou?

– Como assim, resultou? – Incomoda-me a proximidade dela, o cheiro a *Miss Dior* e a tabaco estagnado de repente a revelar-se opressivo. Preciso que me dê espaço.

– O material que fomos buscar, Mimi! – Ergue uma sobrancelha. – Como é que podes ter esquecido? Foi só há umas duas semanas!

Já quase parece que aconteceu a outra pessoa. Vejo-me como a personagem de um filme, a bater à porta do quarto da Camille. A Camille sentada na cama a pintar as unhas dos pés, o quarto a tresandar a verniz das unhas e a erva.

– Quero ir comprar *lingerie* – disse-lhe.

Sempre foi a minha mãe a comprar-me a roupa interior. Íamos juntas, em todas as estações, à *Eres*, e ela comprava-me três conjuntos simples: preto, branco, cor da pele. Mas eu queria algo diferente. Algo escolhido por mim. Só que não fazia ideia de onde ir. Sabia que a Camille teria alguma ideia.

A Camille soergueu de repente as sobrancelhas.

– Mimi! O que se passa contigo? Um novo *look* e agora… *lingerie*? Quem é ele? – Sorriu maliciosamente. – Ou ela? *Merde*, és tão misteriosa que nem sequer sei se na realidade preferes raparigas. – Outro sorriso travesso. – Ou se calhar és como eu e depende do estado de espírito?

Será que ela não sabia mesmo de quem se tratava? A mim parecia-me mais do que evidente. Não só que me sentia atraída por ele, mas também que havia entre nós uma ligação especial. Achei que seria óbvio para o mundo exterior, para quem nos visse.

– Vamos – disse ela, levantando-se de um pulo e atirando para o lado os algodões que tinha entre os dedos. – Vamos agora.

Arrastou-me até à Passage du Desir em Châtelet. É uma *sex shop* – de uma cadeia – numa grande e movimentada rua comercial ao lado de sapatarias e lojas de roupa porque, calculo, estamos em França e foder é tipo algo que faz parte do

orgulho nacional. Vê-se casais a sair carregados de sacos, sorrindo secretamente um para o outro, mulheres a entrar lá determinadas na sua pausa para almoço para comprar vibradores. Eu nunca entrei numa. Para ser sincera, sempre que passei diante de uma das lojas da cadeia corei ao ver as montras e desviei o olhar.

Senti como se toda a gente lá dentro estivesse a olhar para mim, a pensar no que faria aquela virgem falhada e enrubescida entre todo aquele látex de roupas fetiche e lubrificantes. Baixei a cabeça, tentando esconder-me atrás da nova franja. Imaginei coisas horríveis como o papá a passar na rua e a conseguir ver-me no interior, arrastando-me de lá puxada pelo cabelo: a chamar-me *une petite salope* diante de toda a gente.

A Camille desenterrou caixas com coisas chamadas «*kits* do amor»: *lingerie* de cintas e ligas por dez euros. Mas abanei a cabeça; não eram suficientemente sofisticados. Ela pegou num enorme dildo cor-de-rosa brilhante com veios salientes, acenando com ele diante de mim.

– Talvez devas arranjar um destes, já que aqui estamos.

– Pousa isso – silvei, prestes a morrer de vergonha. Sim, também temos essa expressão em francês: *mourir de honte*.

– A masturbação é saudável *chérie* – disse a Camille, bem mais alto do que necessitaria. Estava a divertir-se, deu para perceber. – Sabes o que não é saudável? Não se masturbar. Aposto que aquela escola para onde o teu pai te enviou te ensinou que era pecado.

Eu falei da escola à Camille, só não contei porque tive de sair.

– *Va te faire foutre* – disse eu, empurrando-a.

– Ah, mas é precisamente disso que precisas. Foder-te a *ti mesma*.

Arrastei-a de lá para fora. Fomos a uma loja com mais classe onde fui olhada de lado pelas funcionárias com os seus penteados *chignon* e os seus batons vermelhos perfeitos. A minha camisa à homem, as minhas grandes botas, a minha franja cortada em casa. Um segurança olhou para nós. Isso por si só bastaria, por norma. Ter-me-ia ido embora. Mas eu precisava daquilo. Por ele.

– Também quero levar algo – disse-me a Camille, segurando um arnês de seda junto ao corpo.

– Tu tens mais peças do que toda esta loja.

– *Oui*. Mas quero algo mais sofisticado, percebes?

– Para quem? – perguntei-lhe

– Alguém novo. – Sorriu de forma reservada. Foi estranho. A Camille nunca era misteriosa com nada. Se tinha um novo parceiro de cama, toda a gente ficava naturalmente a saber cerca de meia hora depois da primeira queca.

– Conta-me – digo. No entanto, recusou-se a contar. Não gostei daquela nova e misteriosa Camille. Mas sentia-me tão nas nuvens com o entusiasmo das minhas compras que nem me dei ao trabalho de pensar no assunto. Estava ansiosa.

Junto às prateleiras de brinquedos sexuais de *designer* procurámos entre cabides de rendas e seda, sentimos o tecido entre os dedos. A *lingerie* teria de ser perfeita. Alguma era exagerada: sem nada a tapar ao centro, fivelas e correias, couros. A Camille rejeitou algumas peças por serem «algo que a tua *maman* compraria»: flores e seda em tons pastel – rosa, pistácio, lavanda.

E então:

– Encontrei a perfeita para ti. – Segurou-a para que eu visse. Era o conjunto mais caro de todos os que vimos. Renda preta e seda tão fina que mal se dava por ela entre os dedos. Chique, mas *sexy*. Adulto.

Experimentei o conjunto num provador com cortinados de veludo. Puxei o cabelo para cima e semicerrei os olhos. Já me sentia menos envergonhada. Nunca olhara para mim daquela maneira. Achei que me sentiria estúpida, desajeitada. Achei que me preocuparia com as minhas mamas pequenas, a minha barriga ligeiramente saliente, as minhas pernas arqueadas.

Mas não foi assim. Em vez disso, imaginei-me a revelar-me diante dele. Imaginei a cara dele. Vi-o a despir-me a *lingerie*.

Je suis ta petite pute.

Depois de me ter trocado, levei o conjunto para a caixa e disse à funcionária para fazer a conta. Gostei do modo como tentou disfarçar o espanto quando saquei do cartão de crédito. *Sim, vai-te foder, sua vaca. Se quisesse, podia comprar tudo o que aqui está.*

No regresso ao apartamento pensei no saco que levava no braço. Não pesava nada, mas de repente era tudo.

Nas noites seguintes observei-o através das janelas. Acabavam cada vez mais tarde, aquelas sessões de escrita: alimentadas por jarros de café que ele preparava no fogão e sorvia olhando pelas janelas para o pátio. Dava para perceber que se tratava de algo importante. Vi como escrevia depressa, curvado sobre o teclado.

Talvez em breve me deixasse ler. Seria a primeira pessoa com quem partilharia o texto. Vi-o a curvar-se e a fazer festas na cabeça do gato e imaginei-me a ser o gato. Imaginei que um dia me estenderia ali no seu sofá com a cabeça no colo dele e que me afagaria o cabelo como o fazia ao pelo daquele gato. E escutaríamos discos e conversaríamos sobre todos os planos que traçaríamos. Vi-nos tão nitidamente ali juntos no apartamento dele que foi quase como se estivesse mesmo a observar a situação. Tão nitidamente que pareceu uma premonição.

Nick

Segundo andar

Uma batida forte à porta do meu apartamento. Dou um salto com o susto.

– Quem é?

– *Laissez-moi entrer.* – *Deixa-me entrar.* Mais batidas. A porta estremece nas dobradiças.

Vou abri-la. O Antoine entra de repente na sala envolvido numa nuvem de álcool e suor rançoso. Recuo um passo.

Já há duas semanas entrara aqui assim de rompante:

– A Dominique anda a trair-me. Eu sei que anda. Aquela puta. Chega a casa com um cheiro diferente. Liguei-lhe ontem nas escadas e ouvi o toque dela a vir de algures neste prédio. Da segunda vez que liguei, ela desligou. Disse-me que estava na pedicura em Saint-Germain. É ele. Eu sei que sim. É aquele *connard* inglês que convidaste a morar aqui…

E eu a pensar: poderá ser verdade? O Ben e a Dominque? Sim, houve namorisco naquela festa no terraço. Não retirei nada de especial dali. O Ben namoriscava com toda a gente. Mas poderia representar isto uma explicação para andar a evitar olhar para mim, para ignorar os meus telefonemas? Porque é que andava tão *ocupado*?

O Antoine estala os dedos diante da minha cara.

– Acorda, *petit frére*! – Não o diz com afeto. Tem os olhos raiados a sangue, o hálito tresanda a vinho. Eu não pude acreditar na mudança quando regressei ao fim de tantos anos fora. Quando parti, o meu irmão era um feliz recém-casado. Agora, é uma desgraça de um alcoólico abandonado pela mulher. É o que nos faz trabalharmos para o nosso pai.

– O que vais fazer em relação a ela? – Quer ele saber. – A rapariga?

– Acalma-te lá…

– *Acalmo-me?* – Espeta um dedo no ar à minha frente. Recuo mais um passo. Pode estar uma desgraça, mas serei sempre o irmão mais novo, pronto para me esquivar a um soco. E é tão parecido com o papá quando se irrita. – Sabes que a culpa é toda tua, não sabes? Toda esta confusão? Se não tivesses convidado aquele imbecil a viver aqui. Chega cá e acha que pode… servir-se à vontade? Tens a noção de que se aproveitou de ti? Mas não percebeste, pois não? Não percebeste nada. – Faz uma careta, como se refletisse. – Na verdade, agora que penso nisso, o modo como olhavas para ele…

– *Ferme ta gueule.* – *Cala-me essa boca.* Dou um passo na direção dele. A fúria surge de forma repentina, ofuscante. Quando tomo consciência do que faço, percebo que lhe aperto a garganta com uma mão e tem os olhos salientes. Afrouxo o aperto… mas a custo, como se uma parte de mim resistisse à ordem.

O Antoine ergue uma mão, massaja o pescoço.

– Toquei num ponto sensível, não foi, maninho? – A voz dele é rouca, o olhar algo assustado, o tom não tão impertinente como ele provavelmente gostaria. – O papá não ia gostar nada de saber, pois não? Não, não gostaria nada.

– Desculpa – digo, envergonhado. Doem-me as mãos. – Merda, desculpa. Isto não ajuda em nada, nós assim desentendidos.

– Oh, olha só para ti. Tão adulto. Envergonhado com a tua explosãozinha de fúria porque gostas de fingir que és uma pessoa controlada, não é? Só que és tão fodido da cabeça como eu. – Quando diz a palavra «fodido», um intenso *foutu* em francês, aterra na minha bochecha uma enorme pinga de saliva. Levo lá a mão e limpo. Quero ir lavar a cara, esfregar com água quente e sabão. Sinto-me *infetado* por ele.

Quando a Jess falou do Antoine na noite passada, vi-o pelos olhos de uma estranha. Senti vergonha dele. Ela tem razão. Ele é uma desgraça. No entanto, detestei ouvi-la dizer isso. Porque ele é também meu irmão. Podemos deitar abaixo à vontade os membros da nossa família. Porém, assim que alguém de fora os insulta, ferve-nos o sangue. A verdade é que não gosto dele… mas amo-o. E vejo nele as minhas próprias falhas. Para o Antoine é a bebida, para mim são os comprimidos o exercício autopunitivo. Posso ser um pouco mais controlado nos

meus vícios. Posso não ser uma desgraça tão grande… pelo menos em público. Contudo, isso é mesmo algo de que valha a pena gabar-me?

O Antoine sorri para mim.

– Aposto que gostavas de nunca ter cá voltado, hein? – Aproxima-se mais um passo. – Diz-me, se eras assim tão tu cá tu lá com os figurões de Silicon Valley, porque é que regressaste? Ah, *oui*… porque não és melhor do que nós. Tentas fingir que és, que não precisas dele, do dinheiro dele. Mas a verdade é que vieste a rastejar, como todos fazemos, a querer chupar mais um bocadinho da teta paternal…

– Foda-se, vê lá se te calas! – grito, cerrando as mãos em punhos.

Inspiro fundo: quatro para dentro, oito para fora, como me indica a minha aplicação de *mindfulness*. Não me orgulho por perder assim a cabeça. Sou superior a isto. Não sou este tipo. Mas ninguém me conhece melhor do que o Antoine. Ninguém mais sabe exatamente o que dizer, e como, para potenciar o impacto. Exceto, claro, o meu pai.

Mas o pior é que o meu irmão tem razão. Eu regressei. Regressei ao *pater familias* como uma ave migratória a regressar ao mesmo lago envenenado.

– Regressaste a casa, filho – disse-me o papá, quando nos sentámos no terraço do telhado na minha primeira noite. – Sempre soube que regressarias. Temos de ir à Île de Ré, pegar naquele barco um fim de semana.

Talvez ele tivesse mudado. Amolecido. Não me provocou por causa do dinheiro que perdi no investimento… ainda. Até me ofereceu um charuto, que fumei apesar de detestar o sabor. Talvez tivesse sentido saudades minhas.

Só mais tarde percebi que não era nada disso. Era mais uma prova do seu poder. Eu falhara na tentativa de encontrar uma vida para lá dele.

– Se queres mais do meu dinheiro – disse-me –, podes voltar a viver debaixo do meu teto para eu estar de olho em ti. Acabaram-se os passeios pelo mundo. Quero um retorno do meu investimento. Quero saber que não andas a esbanjar tudo nos copos. *Tu comprends?* Entendes?

Antoine anda de um lado para o outro à minha frente.

– Então, o que vamos fazer em relação a ela? – pergunta, com uma beligerância embriagada.

– Fala baixo – digo. – Ela pode perceber alguma coisa. – As paredes aqui têm ouvidos.

– Bem, o que raio é que ela ainda faz aqui? – Dá um pontapé no caixilho da porta. –E se ela for à polícia?

– Já tratei disso.

– Como assim?

– Ajuda ter amigos bem colocados.

Ele compreende.

– Mas ela tem de ir. – Agora murmura só para si. – Podíamos trancá-la lá fora. Seria tão fácil. Basta mudar a combinação do portão da entrada… assim, ela não conseguia entrar.

– Não – digo –, isso não…

– Ou podíamos obrigá-la a partir. Uma miúda pequena como ela? Não seria difícil.

– Não. Isso só a levaria a ir de novo à polícia, sozinha…

O Antoine solta algo entre um rugido e um gemido. Ele é mesmo um problema. Família, hein? Porque no final o que contam são os laços de sangue. Ou, como dizemos em francês, *la voix du sang est la plus forte*. A voz do sangue fala mais alto. O que me chamou de volta a este lugar.

– É melhor que ela permaneça aqui – digo, contundente. – Tens de perceber isso. É melhor se ficarmos de olho nela. Para já, temos de nos controlar. O papá saberá o que fazer.

– Tens sabido dele? – pergunta o Antoine. – Do papá? – O tom dele alterou-se. Notei ali uma certa carência. Quando proferiu «papá» pela segunda vez, soou como o rapazinho que foi em tempos, o rapazinho que se sentava à porta do quarto da mãe enquanto iam e vinham os melhores médicos de Paris, incapazes de compreenderem a doença que a devorava.

Assinto com a cabeça.

– Contactou hoje de manhã.

Espero que estejas a aguentar o forte, filho. Mantém o Antoine controlado. Regresso assim que puder.

O Antoine franze o sobrolho. Ele é o braço-direito do papá no negócio de família. Mas, neste momento, para já, é em mim que o papá confia. Deve doer. Sempre foi assim, o nosso pai a picar-nos um contra o outro numa luta por migalhas de afeto paternal. Exceto nas ocasiões em que nos unimos contra um inimigo comum.

Quarenta e oito horas antes

Ela espreita pelas portadas enquanto ele é levado do prédio. Tal como observa tudo neste lugar. Às vezes, desde o seu casebre no jardim, outras vezes desde os recantos do prédio onde pode espiá-los sem que deem por ela.

O corpo na sua mortalha improvisada é visivelmente pesado. Já a enrijecer, talvez, desajeitado. Um peso morto.

As luzes do apartamento do terceiro andar mantiveram-se acesas até agora, a iluminar a noite. Entretanto, são apagadas e ela vê as janelas a tornarem-se mantos escuros, disfarçando o que possa haver no interior. Mas será necessário mais do que isso para apagar a memória do que sucedeu lá dentro.

Agora, acende-se a luz do pátio. Observa enquanto eles deitam mãos à obra, escondidos do mundo exterior atrás das paredes altas, fazendo o que é preciso.

Ao vê-lo, ela achou que sentiria algo, mas nada ocorreu. Sorri ao de leve ao pensar que o sangue dele faria agora parte do lugar, o seu segredo sombrio. Bem, ele gostava de segredos. Agora, a sua mancha permaneceria aqui para sempre, as suas mentiras sepultadas com ele.

Algo terrível aconteceu aqui esta noite. Ela não falará do que viu, nem por cima do cadáver dele. Ninguém neste prédio é completamente inocente. Nem sequer ela.

Uma nova luz acende-se: quatro pisos acima. Junto ao vidro ela vê um rosto pálido, cabelo escuro. Uma mão apoiada no vidro. Afinal, se calhar ainda há alguém inocente.

Jess

Vasculho o armário do Ben em busca de algum conjunto de roupa deixado por alguma antiga namorada, algo que possa levar emprestado. Antes de o Theo desligar a chamada, ia dizer-lhe que não tinha nada elegante para vestir esta noite. Nem tempo nem dinheiro para arranjar algo. Ele avisou-me em cima da hora.

Faço uma breve pausa na volta que dou às camisas do Ben e encosto uma delas à cara. Tento, pelo odor, chamá-lo aqui, para acreditar que o verei em breve diante de mim. Mas o cheiro dele – a sua água-de-colónia, a sua pele – já parece ter-se desvanecido um pouco. Parece de certa forma simbólico de todo o nosso relacionamento: eu constantemente a perseguir um fantasma.

Afasto-me a custo. Escolho uma das minhas duas camisolas sem buracos e escovo o cabelo: ainda não o lavei desde que cheguei, mas pelo menos agora já não se parece tanto com um ninho. Visto o meu casaco. Enfio mais um par de argolas baratas nas orelhas. Olho para o espelho. Não estarei propriamente «elegante», mas terá de servir.

Abro a porta do apartamento. As escadas estão completamente às escuras. Tateio em busca do interruptor. Sente-se um odor a tabaco, mas até mais forte do que o habitual. É como se alguém tivesse estado a fumar um cigarro mesmo agora. Algo me leva a espreitar para cima para a esquerda. Um som, quiçá, ou simplesmente um movimento de ar.

E então avisto algo fora do lugar: um pontinho vermelho brilhante a pairar lá no alto na escuridão. Levo um momento a perceber do que se trata. Olho para a ponta de um cigarro, que alguém escondido na escuridão lá em cima segura.

– Quem está aí? – pergunto, ou tento perguntar, porque sai como um balido estrangulado. Remexo atabalhoadamente em busca do interruptor junto à porta e finalmente dou com ele, acendendo as luzes. Ninguém à vista.

O meu coração ainda bate a dobrar ao atravessar o pátio. Ao chegar ao portão que dá para a rua, ouço o som de passos apressados atrás de mim. Viro-me.

É a porteira, emergindo uma vez mais das sombras. Tento desviar-me e quando o meu pé bate em metal constato que já estou encurralada contra o portão. Ela dá-me apenas pelo queixo, e eu não sou propriamente grande, mas há algo de ameaçador na proximidade dela.

– Sim? – digo. – O que é?

– Tenho algo para lhe contar – cicia. Espreita para cima para o prédio de apartamentos que nos rodeia. Recorda-me um pequeno animal a farejar o ar em busca de um predador. Acompanho o olhar dela para o alto. A maioria das janelas são espaços escuros, refletindo o brilho dos candeeiros de rua. Há apenas uma luz lá no alto, na *penthouse*. Não vejo ninguém a observar-nos – tenho a certeza de que é isso que ela verifica – mas a verdade é que se lá estivesse alguém eu não lograria propriamente detetá-los.

De repente, estende uma mão na minha direção. É um gesto tão rápido e violento que por momentos acho que me vai bater. Não tenho tempo para me desviar, é demasiado rápido. Só que em vez disso agarra o meu pulso com a sua mão recurvada. O aperto é surpreendentemente forte; parece uma picada.

– O que está a fazer?

– Venha comigo – diz-me, e com tal autoridade que não me atrevo a desobedecer. – Venha já comigo.

Não vou chegar a horas junto do Theo, mas ele pode esperar. Isto parece-me importante. Sigo-a até ao outro lado do pátio, até ao pequeno casebre dela. Avança depressa, naquele seu modo ligeiramente curvado, como alguém a tentar esquivar-se a um temporal. Sinto-me como uma criança num livro de histórias a ser levada para a cabana da bruxa no bosque. Espreita para cima para o prédio mais umas quantas vezes, como se procurasse observadores. Mas parece entender que vale a pena arriscar.

A seguir, abre a porta e indica-me que entre. É ainda mais pequeno lá dentro do que dá a entender visto de fora, se é que é possível. Está tudo atafulhado num

espaço minúsculo. Há uma cama presa à parede por um sistema de roldanas e de momento erguida para nos dar espaço; um lavatório, um fogão minúsculo antigo. Logo à minha direita encontra-se uma cortina que calculo dê para alguma espécie de casa de banho – simplesmente porque não há outro lugar onde se possa encontrar.

Está arrumado de uma forma quase assustadora, com todas a superfícies a cintilar de limpas. Cheira a lixívia e detergente – não há nada fora do seu lugar. De certa forma, não esperaria menos da parte desta mulher. E, todavia, o asseio, o pequeno vaso de flores, de algum modo tornam tudo ainda mais deprimente. Uma pequena desarrumação poderia funcionar como distração para o facto de ser tão apertado, ou para as manchas de humidade no teto que, estou certa, não sairão com qualquer limpeza. Já vivi em alguns buracos, este bate-os aos pontos. E como será viver nesta choça minúscula rodeada pelo luxo e pelo espaço do resto do prédio? Como será viver todos os dias a ser lembrada logo à porta do quão pouco se tem?

Não admira que ela me odeie, ao aparecer aqui de um momento para o outro para me instalar no terceiro andar. Se imaginasse como me sinto deslocada, como sou muito mais parecida com ela do que possa pensar. Sei que não posso permitir que se aperceba da pena que sinto: seria o pior insulto possível. Fico com a impressão de que será uma mulher muito orgulhosa.

Atrás da cabeça dela e da minúscula mesa de jantar e cadeira vejo várias fotografias desbotadas afixadas à parede. Uma miudinha, sentada ao colo de uma mulher. O céu atrás é de um azul brilhante, com oliveiras a servir de fundo. A mulher tem um copo diante dela do que parece ser chá, com uma pega de prata. A seguinte é de uma jovem. Magra, cabelo preto, olhos pretos. Uns dezoito ou dezanove anos. A fotografia não é nova: percebe-se pelas cores saturadas, pelo ar turvo. Mas ao mesmo tempo é sem dúvida demasiado recente para ser da idosa. Deve ser algum ente querido. De certa forma, é impossível imaginar esta mulher idosa a ter uma família ou um passado longe deste lugar. É até impossível imaginar que alguma vez foi jovem. Como se sempre aqui tivesse estado. Como se fizesse parte do próprio prédio de apartamentos.

– É linda de morrer – comento. – A rapariga na parede. Quem é?

Segue-se um longo silêncio, tão longo que acho que ela poderá não ter compreendido. Até que por fim responde:

– A minha filha.

– Uau. – Volto a observá-la à luz desta informação, a beleza da filha dela. É difícil ver para lá das rugas, dos tornozelos inchados, das mãos tipo garra, mas se calhar até vejo ali umas ténues semelhanças.

Ela aclara a garganta.

– *Vous devez arrêter* – ruge ela, de repente, interrompendo-me os pensamentos. *Tem de parar.*

– Como assim? – questiono. – Parar o quê? – Inclino-me para a frente. Talvez possa revelar-me algo.

– Todas as perguntas – responde. – Todo o seu… *espreitar*. Só está a arranjar problemas para si própria. Agora não pode ajudar o seu irmão. Tem de compreender…

– Como assim? – pergunto. Sou percorrida por um calafrio. – Como assim? Agora não posso ajudar o meu irmão?

Limita-se a abanar a cabeça.

– Passam-se aqui coisas que não consegue compreender. Mas eu vi-as, com os meus próprios olhos. Eu vejo tudo.

– O quê? – pergunto-lhe. – O que é que viu?

Não responde. Limita-se a abanar a cabeça.

– Estou a tentar ajudá-la rapariga. Desde o início que tento. Não percebe isso? Se sabe o que é bom para si, vai parar de procurar. Vai deixar este lugar. Sem olhar para trás.

Sophie

Penthouse

Alguém bate à porta. Vou ver quem é e dou com a Mimi ali parada do outro lado.

– Mamã. – A forma como pronuncia a palavra. Como fazia em criança.

– O que se passa, *ma petite*? – pergunto, com gentileza. Acredito que a terceiros possa soar frio, mas o amor que sinto pela minha filha… desafio-vos a encontrarem algo semelhante.

– Mamã, tenho medo.

– Pronto. – Avanço para a abraçar. Cinjo-a bem, sentindo os altos frágeis das omoplatas dela sob as minhas mãos. Parece ter decorrido tanto tempo desde a última vez que a abracei assim, desde que *permitiu* que a abraçasse assim, como fazia quando ela era criança. Cheguei a achar que poderia nunca mais o fazer. Nem que me chamasse «*mamã*». É ainda um milagre, tal como da primeira vez que a ouvi proferir a palavra.

Sempre achei que era mais minha do que do Jacques. O que até fará um certo sentido: porque, de certa forma, ela foi o maior presente que o Jacques me deu, bem mais valioso do que qualquer broche de diamantes, do que qualquer pulseira de esmeraldas. Algo, alguém, que poderia amar sem reservas.

Certa noite – cerca de uma semana depois da noite em que bati à porta do Benjamin Daniels – o Jacques passou por casa para um jantar rápido. Apresentei-lhe a *quiche* Lorraine que tinha comprado na padaria, ainda a escaldar saída do forno.

Tudo estava como devia estar. Tudo seguia o padrão habitual. Com a exceção de uns dias antes eu ter ido para a cama com o homem do apartamento do terceiro andar. Ainda não tinha caído em mim. Não conseguia acreditar no que acontecera. Um momento – ou melhor, uma noite – de loucura.

Pousei uma fatia de *quiche* no prato do Jacques. Servi-lhe um copo de vinho.

– Esta noite, cruzei-me com o nosso inquilino nas escadas – contou ele, enquanto comia e eu depenicava uma salada. – Agradeceu-nos pelo jantar. Muito cortês… cortês o suficiente para não mencionar o desastre do tempo. Manda-te cumprimentos.

Beberico um pouco do meu vinho antes de reagir:

– Oh?

Ele riu-se e abanou a cabeça, divertido.

– A tua cara… quem não soubesse acharia que isto sabe a rolha. Não gostas mesmo dele, pois não?

Não soube o que dizer.

Fui salva pelo toque do telemóvel do Jacques. Ele foi para o escritório atender a chamada. Quando regressou, a sua expressão era de raiva.

– Tenho de ir. O Antoine cometeu um erro estúpido. Um dos clientes não está satisfeito.

Apontei para a *quiche*.

– Eu mantenho isto quente para quando regressares.

– Não. Eu como fora. – Vestiu e ajeitou o casaco. – Oh, e esqueci-me de dizer. A tua filha. Vi-a na rua numa destas noites. Estava vestida como uma prostituta.

– A minha filha? – questionei. Agora que fez algo que lhe desagradou era «minha» filha?

– Tanto dinheiro gasto a enviá-la para aquela escola católica, para tentar torná-la uma jovem bem-comportada, e acabou por se desgraçar lá – comentou. – E agora sai vestida como uma rameira. Mas se calhar até nem é surpresa.

– Como assim?

Mas eu nem precisava de perguntar. Sabia exatamente onde ele pretendia chegar.

E então saiu. E fiquei sozinha no apartamento, como era habitual.

Pela segunda vez numa semana, senti-me enfurecida. De forma abrasadora e intensa. Bebi o resto da garrafa de vinho. A seguir, levantei-me e desci dois

lanços de escadas.

Bati à porta dele.

Ele abriu. Puxou-me para dentro.

Desta vez não houve preâmbulos. Nada de conversas educadas a fingir. Acho que nem trocámos uma palavra que fosse. Não fomos respeitosos, gentis ou cautelosos um com o outro. A minha saia de seda foi-me arrancada do corpo. Arquejei junto à boca dele como alguém a afogar-se. Mordi-o. Rasguei-lhe a pele das costas com as unhas. Abdiquei por completo do controlo. Senti-me possuída.

A seguir, entrelaçados nos lençóis, lá consegui falar:

– Isto não pode voltar a acontecer. Compreende isso, certo?

Ele limitou-se a sorrir.

Nas semanas seguintes tornámo-nos imprudentes. Testando os limites, assustando-nos um pouco. A corrente de adrenalina, o medo… uma sensação tão semelhante à da aceleração da excitação. Cada um parecia elevar o outro, como o impulso facultado por uma droga. Tinha-me comportado tão bem durante tanto tempo.

Os espaços secretos deste prédio tornaram-se o nosso recreio particular. Tomei-o na minha boca nas antigas escadas da criadagem, as minhas mãos a deslizarem para as calças dele, hábeis, sedentas. Possuiu-me na lavandaria na *cave*, de pé contra a máquina de lavar enquanto esta tamborilava o seu ciclo.

E eu tentava sempre pôr um fim àquilo. E em todas as ocasiões sei que ambos ouvíamos a mentira por detrás das palavras.

– Mamã – diz agora a Mimi, e com o choque desperto de forma abrupta, com uma sensação de culpa, daquelas recordações. – Mamã, não sei o que fazer.

O meu maravilhoso milagre. A minha Merveille. A minha Mimi. Recebi-a depois de ter perdido todas as esperanças de ter um filho. Entendam, ela nem sempre foi minha.

Ela era, muito simplesmente, perfeita. Uma bebé: apenas com umas semanas. Não soube ao certo de onde veio. Eu tinha as minhas ideias, mas guardei-as só para mim. Aprendera que por vezes era importante olhar para o outro lado. Quando já se sabe que não se vai gostar da resposta, mais vale não perguntar. Havia apenas uma coisa que eu precisava de saber e para isso obtive resposta: a mãe morrera. «E era ilegal. Não tens de te preocupar com rastos de papelada.

Conheço uma pessoa na *mairie* que arranja a certidão de nascimento.» Uma mera formalidade para a grande e poderosa casa de Meunier. Ajuda ter amigos bem posicionados.

E então ela tornou-se minha. E isso é que era importante. Eu podia oferecer-lhe uma vida melhor.

– Pronto – digo. – Estou aqui. Vai correr tudo bem. Desculpa ontem à noite ter sido tão rígida, com o vinho. Mas tu entendes, não é? Eu não queria uma cena. Deixa tudo comigo, *ma chérie*.

Era – é – tão feroz, essa sensação. Apesar de ela não ter saído do meu corpo, percebi assim que a vi que faria tudo para a proteger, para a manter em segurança. Outras mães poderiam dizer esse tipo de coisas descontraidamente. Mas talvez já tenha ficado claro que não faço ou digo nada por acaso. Quando digo algo, é sentido.

Jess

Saio da estação do metro de Palais Royale. Até ele avançar na minha direção, quase não reconheço o tipo alto e vestido de forma elegante que me espera ao cimo dos degraus.

– Estás quinze minutos atrasada – diz o Theo.

– Não me deste muito tempo – digo. – E fui apanhada…

– Anda – diz o Theo. – Ainda deve dar se formos rápidos. – Olho para ele, tentando descobrir o que o torna tão diferente em relação à última vez que nos vimos. Apenas uma sombra de barba por fazer, revelando um maxilar firme. Cabelo preto ainda a precisar de um corte, mas penteou-o e afastou-o do rosto. Um *blazer* escuro por cima de uma camisa branca e *jeans*. Sinto até o aroma a água-de-colónia. Sem dúvida que se lavou desde o café. Ainda parece um pirata, mas agora um que se lavou e barbeou e arranjou umas roupas à civil.

– Essa roupa não vai dar – diz ele, apontando com a cabeça. Nitidamente, não tem os mesmos pensamentos simpáticos sobre o meu conjunto.

– Não tinha mais nada para vestir. Eu tentei dizer…

– Tudo bem, achei que poderia acontecer. Trouxe-te umas coisas.

Passa-me um saco de supermercado do Monoprix. Espreito para o interior: vejo um emaranhado de roupas. Um vestido preto e um par de sapatos de salto alto.

– *Compraste* isto?

– Ex-namorada. Diria que vocês são praticamente do mesmo tamanho.

– Eh… *OK*. – Recordo a mim mesma que isto de alguma maneira pode ajudar-me a descobrir o que aconteceu ao Ben, que a cavalo dado não se olha o dente no

que toca a vestir roupa assombrada de namoradas de outros tempos. – Porque é que tenho de usar este tipo de coisas?

Ele encolhe os ombros.

– Eles é que ditam as regras. – E então, ao ver a minha expressão: – A sério, é mesmo. O sítio tem um código de vestuário. As mulheres não podem vestir calças e os saltos altos são obrigatórios.

– Isso é giro e sexista. – Ecos de O Tarado a insistir que eu mantivesse desapertados os quatro botões de cima da camisa, «para os clientes»: *Queres dar um ar de quem trabalha num jardim infantil, querida? Ou no raio de um McDonald's?*

O Theo encolhe os ombros.

– Pois, bem, eu concordo. Mas é uma certa parte de Paris. Hiperconservadora, hipócrita, sexista. Seja como for, não me culpes. Não vou levar-te lá num encontro. – Tosse. – Vamos, não temos a noite toda. Já estamos atrasados.

– Para quê?

– Vês quando lá chegarmos. Digamos apenas que não encontras este sítio no teu guia *Lonely Planet*.

– Como é que isso nos ajuda a encontrar o Ben?

– Explico quando lá chegarmos. Há de fazer mais sentido.

Meu Deus, ele é irritante. Não tenho a certeza absoluta de poder confiar nele, embora não saiba bem porquê. Se calhar é apenas por ainda não ter percebido o que tem ele a ganhar, porquê tanto interesse em ajudar.

Apresso-me para junto dele, para tentar acompanhá-lo. Há dias no café não o vi de pé. Calculei que fosse alto, mas agora percebo que terá à vontade mais uns trinta centímetros do que eu e tenho de dar dois passos para cada um dos dele. Ao fim de uns minutos da caminhada, já me sinto ofegante.

À nossa esquerda vejo uma grande pirâmide de vidro, a brilhar com luz, parecendo algo acabado de aterrar vindo de outro planeta.

– O que é aquilo?

Lança-me um olhar incrédulo. Parece que eu disse algo estúpido.

– É a Pirâmide? Em frente ao Louvre? Estás a ver… o famoso museu?

Não gosto que me façam sentir uma idiota.

– Oh. A *Mona Lisa*, é isso? Pois, bem, tenho andado muito ocupada à procura do meu irmão e ainda não tive tempo de dar um belo passeio turístico.

Avançamos por entre multidões de turistas a conversarem em todas as línguas existentes debaixo do sol. Conforme caminhamos, conto-lhe o que descobri: sobre formarem todos uma família. Uma frente unida, a agir em conjunto… e provavelmente contra mim. Não me sai da cabeça o momento em que fui parar ao apartamento da Sophie Meunier, todos ali sentados – um retrato de família assustador. As palavras que ouvi, agachada à porta. *Elle est dangereuse.* E descobrir que o Nick não era o aliado que eu supunha… essa parte ainda dói.

– E há pouco quando ia a sair a porteira lançou-me uma espécie de aviso. Disse-me para «parar de procurar».

– Posso dizer-te uma coisa que aprendi na minha longa e não particularmente ilustre carreira? – questiona o Theo.

– O quê?

– Quando alguém te diz para parares de procurar algo, por norma significa que estás no caminho certo.

Mudo rapidamente de roupa na casa de banho subterrânea de um bar *chi-chi* enquanto o Theo compra uma cerveja *demi* no andar de cima para que o pessoal não nos expulse. Sacudo o cabelo, observo o meu reflexo no espelho desbotado. Nem pareço eu. Parece que represento um papel. O vestido cola-se ao corpo, mas com mais classe do que esperaria. Na etiqueta no interior lê-se *Isabel Marant*, o que, penso, será um patamar acima do meu habitual *Primark*. Os sapatos – *Michel Vivien* é o nome gravado na palmilha – são mais altos do que quer que eu já tenha calçado, mas surpreendentemente confortáveis; acho que até serei capaz de caminhar com eles. Por isso, acho que desempenho o papel de ex-namorada do Theo; não sei bem o que pensar disso.

Sai uma rapariga do cubículo ao lado do meu: cabelo preto comprido brilhante, um vestido sedoso a tombar de um ombro sob um casaco demasiado grande, asas de *eyeliner* preto. Começa a realçar os lábios com batom. É disso que preciso: um toque final.

– Ei. – Inclino-me na direção dela, mostrando o meu sorriso mais obsequioso. – Emprestas-me isso?

Faz uma careta, parece um pouco enojada, mas passa-mo.

– *Si tu veux.*

Ponho um pouco num dedo e aplico nos lábios – trata-se de um vermelho vampírico – e devolvo-o à rapariga.

Levanta uma mão.

– *Non, merci*. Fica com ele. Tenho outro. – Lança o seu cabelo reluzente por cima do ombro.

– Oh, obrigada. – Volto a pôr a tampa, que fecha com um satisfatório clique magnético. Reparo que tem uns «C» pequenos entrelaçados estampados em cima.

A mãe tinha um batom destes, apesar de nitidamente não lhe sobrar dinheiro para gastar em maquilhagem cara. Mas a mãe era mesmo assim: estourar tudo num batom e não ter nada para jantar. Eu, sentada numa cadeira, com as pernas penduradas. Ela a pressionar o toco ceroso nos meus lábios. Virando-me para o espelho. *Pronto, querida. Diz lá se não estás bonita?*

Vejo-me agora ao espelho. Faço um pouco de beicinho tal como ela me pedira há tantos anos – um milhão de anos, toda uma vida. Pronto; feito. Traje completo.

Regresso lá para cima.

– Prontinha – digo ao Theo. Ele esvazia os restos do seu copo estupidamente pequeno de cerveja. Sinto-o a passar rapidamente os olhos pelo conjunto. Abre a boca e por momentos acho que é capaz de dizer algo simpático. Ora bem, em parte, não saberia como reagir a um elogio neste momento, mas ao mesmo tempo poderia ser agradável de ouvir. E a seguir ele aponta para a minha boca.

– Falta aí um bocado – diz. – Mas, sim, de resto deve servir.

Oh, vai à merda. Esfrego a beira dos lábios. Odeio-o por me ter interessado sequer pelo que ele pensou.

Abandonamos o bar, viramos para uma rua repleta de pessoas elegantes a entrar e a sair de lojas. Era capaz de jurar que o ar aqui cheira a couro caro. Passamos pelas montras cintilantes das lojas dos ricos: *Chanel*, *Celine* e… aha!… *Isabel Marant*. Ele conduz-me para longe das multidões para uma rua lateral muito mais pequena. Carros reluzentes ladeiam os passeios. Em contraste com a avenida de lojas à pinha, aqui não se vê vivalma e está mais escuro, há menos candeeiros públicos. Uma quietude que a tudo se impõe.

O Theo para então diante de uma porta.

– Cá estamos. – Olha para o relógio. – Estamos mesmo um bocadinho atrasados. Esperemos que nos deixem entrar.

Olho para a porta. Nada de número, mas há uma placa com um símbolo que reconheço: uma explosão de fogo de artifício. Onde *é* que *estamos*?

O Theo estende o braço para lá de mim – de novo um vestígio daquela água-de-colónia cítrica – e prime uma campainha que me passara despercebida. A porta abre-se para trás com um clique. Aparece um homem envergando fato preto e lacinho. Vejo o Theo a retirar um cartão do bolso, aquele que encontrei na carteira do Ben.

O porteiro espreita para o cartão e anui com a cabeça na nossa direção.

– *Entrez, s'il vous plaît.* A noite está prestes a começar.

Tento espreitar para lá do porteiro para perceber o que haverá atrás. Ao fundo do corredor apercebo-me de umas escadas que descem, parcamente iluminadas por castiçais com velas verdadeiras a arderem.

O Theo assenta uma mão ao fundo das minhas costas e, com um leve empurrão, faz-me avançar.

– Vamos – diz. – Não temos a noite toda.

– *Arrêtez* – diz o porteiro, barrando a nossa entrada com uma mão. Olha para mim.

– *Votre mobile, s'il vous plaît.* Não são permitidos telemóveis… nem câmaras.

– Ah… porquê? – Espreito para o Theo. Ocorre-me de novo que não sei nada sobre este tipo além do que diz no cartão de visita dele. Pode ser qualquer um. Pode ter-me trazido a um sítio qualquer.

O Theo assente ligeiramente a cabeça, como quem diz: *Não armes confusão. Faz o que o tipo diz.*

– *O…K.*

Com relutância, entrego o meu telemóvel.

– *Vos masques.* – O homem segura dois pedaços de tecido. Pego num. Uma máscara preta, em seda.

– O que…

– Põe lá isso – murmura o Theo junto ao meu ouvido. E a seguir mais alto: – Deixa-me ajudar-te, querida. – Tento agir com naturalidade enquanto me afaga o cabelo e amarra a máscara atrás.

O porteiro faz-nos sinal para que entremos.

Com o Theo bem colado atrás de mim, começo a descer as escadas.

Jess

Uma sala subterrânea. Vejo paredes vermelho-escuras, luz reduzida, uma pequena multidão de vultos parcamente iluminados sentados diante de um palco tapado por uma cortina de veludo cor de vinho. Rostos mascarados viram-se para ver à medida que descemos os derradeiros degraus. Somos sem dúvida os últimos a chegar.

– Que raio de lugar é este? – sussurro ao Theo.

– *Chiu*.

Um arrumador de fato preto recebe-nos ao fundo das escadas, indicando-nos que avancemos. Passamos por paredes decoradas com manequins dançantes dourados estilizados e depois serpenteamos por entre pequenas cabinas com vultos mascarados sentados atrás de mesas, mais rostos a voltarem-se na nossa direção. Sinto-me desconfortavelmente exposta. Felizmente, a mesa para onde somos encaminhados está enfiada num canto – sem dúvida a pior vista para o palco.

Enfiamo-nos na cabina. Não há aqui grande espaço, não com as pernas compridas do Theo, que ele tem de puxar para si, os joelhos colados à madeira em volta. Parece tão desconfortável que em circunstâncias diferentes eu até me teria rido. A pequena quantidade de assento que sobra significa que tenho de me sentar com a coxa encostada à dele.

Olho em redor. É difícil perceber se este lugar é mesmo velho ou apenas uma boa imitação. Os outros à nossa volta são todos gente rica; a julgar pelas roupas poderiam ter saído para uma noite de teatro. Mas o ambiente é errado. Recosto-me na minha cadeira e tento mostrar um ar descontraído, como se encaixasse

aqui entre estes fatos à medida, os lóbulos de orelhas e pescoços encrustados de joias, o cabelo de gente rica. Um murmúrio de energia estranho e ávido emana deles, insinuando-se na sala – um toque de entusiasmo, de expectativa.

Surge um empregado para anotar o nosso pedido. Abro o menu com capa em couro. Nada de preços. Espreito para o Theo.

– Um copo de champanhe para a minha esposa – diz ele, de pronto. Volta-se para mim com um sorriso de adoração fingida, tão convincente que até arrepia. – Já que estamos a festejar, querida. – Espero mesmo que seja ele a pagar. Baixa os olhos para o menu. – E para mim um copo deste tinto.

O empregado regressa num minuto, ostentando duas garrafas em guardanapos brancos. Verte um fio de champanhe para um copo e entrega-mo. Beberico um pouco. Está muito frio e sinto bolhas eletrizantes na ponta da língua. Não me lembro de quando bebi verdadeiro champanhe. A mãe costumava dizer que era uma «miúda de champanhe», mas não sei se alguma vez o provou: apenas imitações baratas e adocicadas.

Enquanto o empregado serve o tinto do Theo, o guardanapo desliza um pouco e reparo no rótulo.

– É o mesmo vinho – segredo ao Theo, assim que o empregado se afasta. – Os Meuniers têm isso na adega deles.

O Theo vira-se para mim.

– Que nome é que disseste agora? – De repente, soou entusiasmado.

– Os Meuniers. A família de que te falava.

Theo baixa o tom de voz.

– Ontem submeti um pedido para ver a *matrice cadastrale,* tipo o Registo de Propriedade, deste espaço. É detido pela Meunier Wines SARL.

Sento-me muito direita, com tudo a focar-se. Uma sensação como a de um milhar de alfinetadas na superfície da minha pele.

– São eles. É a família com quem o Ben tem vivido. – Tento refletir. – Mas qual era o interesse do Ben neste lugar? Estaria para escrever uma crítica? Algo do género?

– Para mim, não estava. E não sei se, sendo algo tão exclusivo, será o tipo de lugar que aprecia propriamente a cobertura da imprensa.

A luz começa a esmorecer. Mas antes de ficar às escuras, um vulto na multidão atrai-me a atenção, estranhamente familiar apesar da máscara usada. Tento

incidir o olhar de novo no mesmo ponto, mas a iluminação esmorece mais, as vozes baixam de tom e a sala cai na escuridão.

Ouço um leve rumorejar de roupas, uma ou outra fungadela, as pessoas a inspirar. Alguém tosse e soa ensurdecedor no súbito silêncio.

Então, a cortina de veludo começa a abrir-se.

Vê-se um vulto no palco contra um fundo negro. Pele iluminada a azul-claro. Rosto na sombra. Completamente nua. Não… não está nua, é um truque de luz – duas tiras de tecido cobrem as suas partes íntimas. Ela começa a dançar. A música é profunda, latejante, algum tipo de *jazz*, calculo… sem melodia, mas uma espécie de ritmo. E ela está tão sincronizada com a música que é como se esta emanasse dela, como se, mais do que segui-la, os seus movimentos a criassem. A dança é estranha, intensa, quase ameaçadora. Não sei se devo olhar fixamente ou desviar o olhar; algo naquilo me perturba.

Aparecem mais raparigas, vestidas – ou despidas – da mesma maneira. A música começa a soar cada vez mais alto, com tal intensidade que o seu pulsar é como o som da minha própria batida do coração nos meus ouvidos. Com a luz azul-clara, os corpos a remexer, ondulantes, no palco, sinto-me como se estivesse debaixo de água, como se os contornos de tudo ondulassem e se misturassem uns nos outros. Penso na noite passada. Poderá haver algo no champanhe? Ou será apenas o efeito da iluminação, da música, da escuridão? Espreito para o Theo. Remexe-se no seu assento junto a mim; bebe um pouco de vinho, com o olhar preso no palco. Estará excitado com o que se passa no palco? *Eu* estou? De repente, tomo consciência de como estamos chegados um ao outro, como a minha perna está pressionada contra a dele.

O ato seguinte são apenas duas mulheres: uma vestida com um fato preto cingido e laço, a outra num minúsculo vestido deslizante. Aos poucos retiram a roupa uma à outra até se ver que despidas são praticamente idênticas. Sinto a plateia a chegar-se mais para a frente nos assentos, absorvendo tudo.

Inclino-me para o Theo e sussurro:

– Que lugar *é* este?

– Um clube bastante exclusivo – murmura em resposta. – Ao que parece é conhecido por La Petite Mort. Tens acesso apenas com um daqueles cartões. Como o que encontraste na carteira do Ben.

As luzes voltam a baixar de intensidade. Abate-se o silêncio sobre a multidão. Outra rapariga semidespida – esta envergando uma espécie de toucado de penas mais do que uma máscara – é baixada do teto num arco prateado. Todo o seu número é confinado ao arco: faz um salto mortal, uma espécie de salto para trás, deixa-se cair e depois prende-se com um rodar de tornozelo – a plateia arqueja.

Theo inclina-se mais para ela.

– Com cuidado olha para trás de ti – segreda ele, com a respiração a fazer-me cócegas na orelha. Começo a rodar a cabeça. – Não… caramba, mais discretamente.

Meu Deus, que condescendente. Mas obedeço. Espreito por diversas vezes discretamente para trás de mim. E ao fazê-lo reparo numa série de cabinas ocultas nas sombras nos fundos, os seus ocupantes escudados da vista dos clientes regulares por cortinas de veludo e servidos por um fluxo constante de empregados transportando garrafas de vinho e bandejas de canapés. De vez em quando alguém sai ou entra e reparo que parece tratar-se sempre de um homem. Todos de um tipo e idade semelhantes: elegante, de fato, máscara, com ar de rico e importante.

O Theo inclina-se mais como se me segredasse algo ternurento.

– Reparaste?

– Que são todos homens?

– Sim. E de vez em quando um deles sai por aquela porta.

Sigo a direção do olhar dele.

– Mas agora é melhor parar com as espreitadelas – murmura –, antes que comecemos a dar nas vistas.

Viro-me de novo para o palco. A rapariga desceu do arco. Sorri para a plateia, abarcando-nos a todos com um olhar abrangente. Quando chega até mim, ela para. Não estou a imaginar: ela congela. Olha para mim com um ar que parece horrorizado. Sinto um arrepio de excitação. A franja castanha vincada, a altura, e até o pequeno sinal por baixo do olho esquerdo que distingo agora sob a luz. Conheço-a.

Sophie

Penthouse

Entram em fila no apartamento: o Nicolas, o Antoine e a Mimi. Ocupam as mesmas posições da noite passada nos sofás, quando a rapariga nos interrompeu. O pé do Nick bate num ritmo frenético no tapete *Ghom*. Ao observar estou certa de que distingo uma pequena chamuscadela negra logo por baixo do pé dele. Uma das várias queimadelas na seda inestimável. Mas sem se saber nunca se daria com elas.

De repente, sou tomada por recordações. Foi a minha maior transgressão, convidá-lo a vir aqui. Roubámos uma garrafa da adega do Jacques: um dos melhores *vintage*. Possuímo-nos mutuamente ali mesmo no tapete, com Paris, cintilante, a espreitar para nós através das amplas janelas. A seguir, deixámo-nos ficar ali deitados, entrelaçados, aquecidos pela coberta de caxemira com que envolvi os nossos corpos despidos. Se o Jacques tivesse regressado inesperadamente… Mas não havia uma parte de mim que queria ser apanhada? Olha para mim, aquela a quem deixaste aqui abandonada todos estes anos. Almejada. Desejada.

Enquanto ali estávamos estendidos, afaguei-lhe o cabelo, desfrutando por entre os meus dedos da maciez densa e aveludada. Ele acendeu um cigarro que fomos partilhando como enamorados adolescentes, cinza quente a espalhar-se, crepitando na seda do tapete. Não me importei. Tudo o que me importava era que com ele ali o apartamento de repente pareceu mais acolhedor, cheio de vida, sons e paixão.

– A minha mãe costumava afagar-me o cabelo.

Afastei repentinamente a mão.

– Não quis dizer nesse sentido – esclareceu ele, de pronto. – Queria apenas dizer que nunca tinha percebido o quanto isso me fazia falta. – E quando se virou para olhar para mim vi na sua expressão algo indefeso e frágil, algo que se escondera por debaixo de todo aquele charme. Pareceu-me ver ali refletida a minha própria solidão. Mas no momento seguinte ele sorriu e tudo se extinguiu.

Cerca de um minuto mais tarde ele sentou-se, observando o apartamento vazio em nosso redor.

– O Jacques passa muitas noites fora, não é?

Assenti com a cabeça. Estaria ele já a planear o nosso encontro seguinte?

– É um homem muito ocupado.

O olhar dele pareceu abarcar todos os quadros nas paredes, o mobiliário, a riqueza do lugar.

– Isso é sinal de que o negócio deve estar a correr bem.

Paralisei. Ele disse-o com ligeireza. Demasiada ligeireza? Trouxe-me de volta à realidade: a loucura do que estávamos a fazer, tudo o que estava em jogo.

– É melhor ires indo – disse-lhe, de repente irritada com ele… comigo própria. – Não posso continuar a fazer isto. – Desta vez acreditei mesmo que era verdade. – Tenho demasiado a perder.

Fecho os olhos. Abro-os de novo e concentro-me no rosto da minha filha. Ela não me olha nos olhos. Ainda assim, despertou-me de novo para a realidade. Para o que era importante. Bebo um gole de vinho para me ajudar a recompor. Afasto as memórias à força.

– Então – digo a todos. – Comecemos.

Nick

Segundo andar

A minha madrasta deu início à reunião. Estávamos instalados lá em cima na *penthouse*. Um encontro de uma pequena família disfuncional. Como aquele que ia ter lugar na noite passada antes de a Jess ter aparecido de surpresa, libertando um gato entre os pombos[4]. Sempre fui um ávido estudioso de expressões idiomáticas inglesas. Na verdade, temos uma francesa semelhante: *jetter un pavé dans la mare* – atirar uma pedra da calçada ao lago. E talvez se trate de uma descrição mais precisa do que aconteceu quando ela cá apareceu. Pôs tudo fora do lugar.

Olho para os outros. O Antoine emborca o vinho – é bem capaz de ter deitado a garrafa abaixo sozinho. A Mimi está pálida e aparentemente pronta para saltar daqui para fora. A Sophie encontra-se rigidamente sentada, inexpressiva. A minha madrasta não parece estar bem em si. De início, não consigo perceber o que há de diferente nela. O seu corte *Chanel* preto reluzente não tem um fio de cabelo desalinhado, o lenço de seda com um nó perfeito na garganta. Mas há algo deslocado. E então percebo: não usa batom. Não sei se alguma vez a vi sem ele. Parece de certa forma diminuída. Mais velha, mais frágil, mais humana.

O Antoine é o primeiro a falar:

– Aquela cabra estúpida está no clube. – Vira-se para mim. – Ainda achas que não é de fazer nada, maninho?

– Eu… eu acho que o importante é remarmos todos para o mesmo lado – digo. – Uma frente unida. Enquanto família. Isso é o mais importante. Não podemos ceder agora.

Mas percebo, ao olhar para os seus rostos, que não sei com o que posso contar. Sinto que não conheço aquela gente. Não a fundo. Estive demasiado tempo afastado. E somos todos tão distantes uns dos outros que o que nos une não parece genuíno. Nem sequer uns aos outros.

– Sim, porque até agora tens sido mesmo um elemento essencial a esta família – comenta o Antoine, fazendo com que me sinta ainda mais um impostor, uma fraude. Aponta para a Sophie. – E a Sophie não vai apanhar-me a fazer de enteado adorável com aquela *salope*.

– Ei – digo –, vamos só…

– Tento na língua – diz Sophie ao Antoine, num tom cáustico. – Estás em minha casa.

– Oh, é a sua casa, sim? – Simula uma vénia. – Lamento imenso, não tinha percebido. Pensei que fosse apenas uma parasita a viver às custas do dinheiro do papá… não sabia que tinha *ganhado* algum por si.

Eu tinha uns oito ou nove anos quando o papá casou com esta nova mulher misteriosa que surgira nas nossas vidas, mas o Antoine era mais velho, um adolescente. A mamã já há tanto tempo que se encontrava inválida, definhando nos seus aposentos no terceiro andar. Esta recém-chegada pareceu tão jovem, tão glamorosa. Senti-me um pouco enfeitiçado. O Antoine encarou a situação de forma bem diferente. Sempre esteve de pé atrás em relação a ela.

– Para com isso – disse de repente a Mimi, com as mãos a tapar os ouvidos. – Todos. Já não aguento mais…

O Antoine vira-se para a Mimi, ostentando um sorriso horrível.

– *Ah* – diz ele, incidindo agora nela o tom insultuoso –, e quanto a ti, bem, tu na verdade não és bem da família, pois não, *ma petite soeur*…

– Para com isso – ordena a Sophie ao Antoine, num tom gélido: a leoa a proteger a sua cria.

Aos pés dela, o *Whippet* assusta-se e solta um latido.

– Oh, acho que ela sabe defender-se – comenta o Antoine. – E aquilo tudo na escola com o professor? O papá teve de fazer um belo donativo e concordar em tirá-la de lá para que nada se soubesse. Mas, provavelmente, não será uma surpresa, certo? – Vira-se para a Mimi. – Tendo em conta de onde ela veio.

– Não te atrevas a falar dessa maneira com ela – diz a Sophie. O tom dela é ameaçador.

Espreito para a Mimi. Está simplesmente ali sentada, a olhar para o Antoine, ainda mais pálida do que o habitual.

– *OK* – digo. – Pronto, vamos lá…

– E para acabar posso dizer – prossegue o Antoine – que, como seria de esperar, o nosso querido *pére* decidiu marimbar-se para isto tudo. Típico, certo?

Todos espreitamos instintivamente para o retrato do meu pai na parede. Sei que deve ser imaginação minha ou uma ilusão gerada pela luz, mas é como se aquele rosto pintado tivesse franzido ainda mais a testa. Arrepio-me. Mesmo estando a quilómetros de distância, ainda sinto a presença dele neste apartamento, de certa forma a sua autoridade. O omnipresente e todo-poderoso Jacques Meunier.

– O teu pai – diz a Sophie agora ao Antoine, num tom severo –, tem os seus negócios para tratar. Como muito bem sabes. Se ele regressasse, só iria complicar ainda mais as coisas. Na ausência dele, temos de aguentar o forte.

– Que surpresa, ele não está cá quando a coisa corre para o torto. – O Antoine ri-se, mas não há ali qualquer humor.

– Ele acredita que és capaz de lidar com a situação – frisa a Sophie. – Mas se calhar é pedir demais. Olha só para ti, um homem de quarenta anos ainda a viver sob o teto dele, como uma sanguessuga a chupar-lhe o dinheiro. Ele deu-te tudo. Nunca tiveste de crescer. Sempre te foi tudo oferecido de bandeja pelo teu pai. Vocês são umas florezinhas de estufa inúteis, demasiado fracos para o mundo exterior. Incapazes de abandonarem o ninho. – Esta doeu. – Por amor de Deus – diz ela –, demonstrem algum respeito pelo vosso pai.

– Ai, sim? – O Antoine brinda-a com um sorriso maldoso. – Vai mesmo dar-me lições sobre respeito, *putain*? – A derradeira palavra silvou por entre dentes.

– Como te atreves a falar-me nesses modos? – Ela lança sobre ele uma torrente de pura raiva que quebra a fachada glacial.

– Como me atrevo? – O Antoine brinda-a com um sorriso malicioso. – *Vraiment*? A sério? – Ele vira-se para mim. – Sabes o que ela é? Sabes o que é verdadeiramente a nossa muito elegante madrasta? Sabes de onde ela vem?

Eu tinha as minhas suspeitas. Conforme fui crescendo, também elas cresceram. Mas nunca me foi verdadeiramente permitido que refletisse nas mesmas, quanto mais dar-lhes voz, temendo a ira do meu pai.

O Antoine levanta-se e abandona a sala. Regressa pouco depois trazendo algo numa moldura grande. Dá a volta para que todos possamos ver. Trata-se de uma fotografia a preto-e-branco, um nu enorme: aquele que está no escritório do meu pai.

– Volta a pôr isso no sítio – ordena a Sophie, num tom ameaçador. Tem as mãos cerradas em punhos. Olha para a Mimi, que está sentada muito quieta, de olhos arregalados e assustada.

O Antoine recosta-se na cadeira, parecendo agradado consigo mesmo, pousando a foto ao seu lado como se fosse o projeto de ciências de uma criança.

– Olha para ela – diz, apontando para a imagem e depois para a Sophie. – Não se safou bem? Os lenços *Hermés*, as gabardinas. *Une vraie bourgeoise.* Ninguém diria, pois não? Ninguém diria que foi uma verdadeira…

Um estampido, sonoro como o disparo de uma pistola. Acontece demasiado depressa para se perceber o que se passa: ela moveu-se demasiado depressa. E então vê-se o Antoine ali sentado com a mão na cara e a Sophie parada diante dele.

– Ela bateu-me – diz o Antoine, mas com uma voz frágil e assustada como a de um rapazinho. Não é a primeira vez que apanha assim. O papá sempre teve a mão leve e o Antoine, sendo o mais velho, terá sido o que mais apanhou. – Foda-se, ela bateu-me. – Ele afasta a mão e todos vemos a marca da mão na face, um rosado bem vincado.

Sophie permanece parada diante dele.

– Pensa bem no que diria o teu pai se te ouvisse falar assim comigo.

O Antoine volta a olhar para o retrato do papá. Desvia o olhar com esforço. É um tipo grande, mas até parece encolher dentro de si mesmo. Todos sabemos que na presença do papá nunca se atreveria a falar com a Sophie naqueles termos. E todos sabemos que quando o papá regressar vai ser o inferno se souber do sucedido.

– Será que podemos concentrar-nos no que é importante? – pergunto, tentando manter algum controlo. – Temos um problema maior com que lidar.

A Sophie lança mais um olhar maléfico ao Antoine, e depois vira-se para mim e assente com a cabeça, tensa.

– Tens razão. – Volta a sentar-se e num instante aquela máscara gélida está de volta. – Acho que o mais importante é não permitirmos que ela descubra mais.

Temos de estar prontos para ela, quando regressar. E se ela for demasiado longe, Nicolas?

Assinto. Engulo em seco.

– Sim. Eu sei o que fazer, se chegar a esse ponto.

– A porteira – diz de repente a Mimi, falando num tom baixo e rouco.

Todos nos voltamos para ela.

– Eu vi essa mulher, a Jess, a entrar no casebre da porteira. Ela ia na direção do portão e a porteira foi a correr para ela e agarrou-a. Estiveram lá pelo menos uns dez minutos. – Olha para todos nós. – Do que… do que podem ter estado a falar durante aquele tempo todo?

---

[4] No original em inglês: «… *set the cat among the pigeons*.»

Jess

Olho fixamente para a rapariga no palco. É ela, a rapariga que me seguiu há dois dias, a que persegui no metro. Ela também olha para mim. O momento parece arrastar-se. Parece tão aterrorizada como quando a composição partiu da plataforma. E então, como que despertada de um transe, incide o olhar de novo na plateia, sorri, sobe ao arco quando este começa a ascender – e desaparece.

O Theo volta-se para mim.

– O que foi aquilo?

– Também reparaste?

– Sim, reparei. Ela estava a olhar fixamente para ti.

– Eu cruzei-me com ela – explico. – Logo depois de ter falado contigo daquela primeira vez no café. – Explico tudo: ter dado com ela a seguir-me, persegui-la até ao metro. O meu coração agora bate mais depressa. Penso no Ben. A família. A bailarina misteriosa. Todas parecem peças do mesmo *puzzle*… sei que são. Mas como é que se encaixam?

Depois de terminado o espetáculo, os membros da audiência esvaziam o que resta nos copos e sobem as escadas, saindo para a noite.

O Theo dá-me uma ligeira cotovelada.

– Vamos embora, vamos. Segue-me.

Eu ia a protestar – não íamos mesmo embora, certo? – mas detenho-me ao ver que, em vez de continuar a subir as escadas com os restantes clientes, o Theo

empurrou uma porta à nossa esquerda. É aquela na qual reparámos antes, durante o espetáculo, aquela por onde os homens de fato iam desaparecendo.

– Vamos tentar falar com a tua amiga – murmura ele.

Esgueira-se pela porta. Sigo-o de perto. Abaixo de nós vê-se uma escadaria escura com paredes aveludadas. Começamos a descer. Ouço sons vindos de baixo, mas abafados, como se viessem de debaixo de água. Ouço música, parece-me, e vozes murmuradas e de repente um grito agudo que pode ser masculino ou feminino.

Chegamos praticamente ao fundo das escadas. Hesito. Pareceu-me ter ouvido algo. Outros passos além dos nossos.

– Para – digo. – Ouviste aquilo?

O Theo fita-me com um ar inquiridor.

– Tenho a certeza de que ouvi passos.

Permanecemos uns momentos em silêncio à escuta. Nada. Então, aparece uma rapariga ao fundo das escadas. Uma das bailarinas. De perto, percebe-se que está tão maquilhada que parece usar máscara. Olha fixamente para nós. Por momentos, tenho a impressão de que por detrás daquela base espessa há uma miudinha assustada a olhar por entre pestanas falsas e lábios vermelhos brilhantes.

– Andamos à procura de uma amiga – digo, de pronto. – A rapariga que faz o número no baloiço? É sobre o meu irmão, o Ben. Podes dizer-lhe que andamos à procura dela?

– Vocês não podem estar aqui – sibila ela. Parece apavorada.

– Não tem mal – digo, tentando soar calma –, não vamos demorar.

Passa apressadamente por nós, pelas escadas acima, sem olhar sequer para trás. Nós seguimos em frente. Ao fundo do corredor vê-se uma porta. Encosto lá o ombro, mas não cede. De repente, tenho a sensação de como estamos bem fundo abaixo do solo: pelo menos dois pisos. O pensamento torna mais difícil respirar. Tento domar o meu medo.

– Acho que está trancada – comento.

Os sons agora são mais altos. Através da porta, ouço uma espécie de gemido que quase parece animal.

Volto a tentar a maçaneta.

– Está mesmo trancada. Tenta tu…

Mas o Theo não me responde.

E percebo antes sequer de me virar que se encontra alguém atrás de nós. Agora, vejo-o: o porteiro que nos recebeu à entrada, com o seu corpo enorme a preencher o corredor, o rosto nas sombras.

Merda.

– *Qu'est-ce qui se passe?* – questiona, num tom perigoso e discreto, conforme avança para nós. – O que fazem aqui em baixo?

– Perdemo-nos – digo, com uma voz hesitante. – Eu… andava à procura da casa de banho.

– *Vous devez partir* – diz. E depois repete em inglês. – Têm de se ir embora. Ambos. Já. – A voz dele permanece tranquila, ainda mais ameaçadora do que se gritasse. Diz, *nem pensem em foder-me.*

Agarra-me o antebraço com uma das suas mãos enormes. O seu aperto queima. Tento libertar o braço. Aperta ainda mais. Fico com a sensação de que nem sequer faz grande esforço.

– Ei, ei… isso não é preciso – diz o Theo. O porteiro não reage, nem larga. Em vez disso, com a outra mão agarra também o braço do Theo. E o Theo, que até então tive como sendo um tipo grande, de repente parece uma criança, uma marioneta, ali agarrado.

Por momentos, o porteiro mantém-se completamente imóvel, com a cabeça inclinada para um lado. Olho para o Theo e ele franze o sobrolho, visivelmente tão baralhado como eu. A seguir, ouço um leve murmúrio e percebo que o porteiro está à escuta. Alguém lhe transmite instruções pelo auricular.

Ele endireita-se.

– Por favor, *madame*, *monsieur*. – Ainda aquele tom assustadoramente educado, apesar de as mãos cingirem ainda mais o meu bíceps, queimando a pele. – Não façam uma cena. Devem acompanhar-me, já. – E então conduz-nos, com alguma força, pelo corredor, de volta ao primeiro lanço de escadas, de volta à sala com as mesas, o palco. A maioria das luzes foram apagadas e agora encontra-se completamente vazia. Não, completamente não. Pelo canto do olho, penso ver um vulto alto muito quieto de pé, a observar-nos desde os recessos escuros de um canto. Mas não consigo olhar bem, pois agora estamos a ser levados pelo lanço de escadas seguinte, até ao piso térreo.

Então, a porta abre-se e somos empurrados para a rua, com o porteiro a dar-me um tal empurrão nas costas que tropeço e caio de joelhos.

A porta bate ao fechar-se atrás de nós.

O Theo, que conseguiu manter-se equilibrado, estende o braço e iça-me. Levo imenso tempo a recuperar o ritmo da batida do meu coração. Mas assim que consigo controlar de alguma forma a respiração, percebo que apesar de me doerem os joelhos e de sentir o braço bastante pisado, poderia ter sido muito pior. Sinto-me com sorte por ter regressado ao exterior e estar a encher bem os pulmões de ar frio. E se a voz ao ouvido do porteiro tivesse dado instruções diferentes? O que poderíamos estar neste momento a passar?

É este pensamento, mais do que o frio, que me arrepia. Cinjo mais o casaco.

– Vamos embora daqui – diz o Theo. Penso se lhe irá pela cabeça o mesmo que na minha: *Não vamos esperar que mudem de ideias.*

A rua encontra-se mergulhada num silêncio quase absoluto, completamente deserta: apenas o piscar das luzes de segurança nas montras das lojas e o eco dos nossos pés no empedrado.

E então ouço um novo som: outro par de passos, atrás de nós e a avançar depressa, cada vez mais rápido, cada vez mais alto consoante o meu coração começa a bater mais depressa. Volto-me para olhar. Um vulto alto, encapuzado. E quando a luz lhe apanha o rosto, vejo que se trata dela. A rapariga que me seguiu há duas noites, a rapariga do arco, que olhou fixamente para mim na plateia esta noite como se estivesse cara a cara com um pesadelo.

Porteira

O Loge

Estou a limpar o pó, no último piso. Por norma, trato dos corredores e das escadas a esta hora do dia – a *madame* é muito exigente em relação a isso. Porém, esta noite invadi o patamar. É o segundo risco que corro; o primeiro foi falar mais cedo com a rapariga. Podemos ter sido vistas. No entanto, eu estava desesperada. Tentei deixar-lhe ontem um bilhete debaixo da porta, mas ela apanhou-me lá e ameaçou-me com uma faca. Tive de encontrar outra forma. Porque percebi quem ela era na noite em que chegou, indo em auxílio daquela mulher, ajudando-a a pôr a roupa de novo na mala. Não podia ficar parada a ver mais uma vida a ser destruída.

Estão lá todos, na *penthouse*: todos exceto ele, o chefe de família. Eu podia ter ido pelas escadas das traseiras, às vezes uso-as para vigiar, mas a acústica aqui é muito melhor. Não consigo escutar tudo o que dizem, mas de vez em quando apanho uma palavra ou uma frase.

Alguém profere o nome dele: Benjamin Daniels. Encosto-me um pouco mais à porta. Agora também falam sobre a rapariga. Penso naquele modo de ser dela, ávido, interessado, inteligente. Algo nos modos dela. Sim, faz-me recordar o irmão. Mas também a minha filha. Não no aspeto, evidentemente: em termos de aspeto ninguém chega aos calcanhares da minha filha.

Certo dia, quando o calor se começou a dissipar, convidei o Benjamin Daniels para vir ao meu casebre tomar um chá. Disse a mim própria que era para manifestar a minha gratidão pela ventoinha. Mas o que queria mesmo era

companhia. Não me apercebi do quanto me sentia só até ele manifestar interesse. Perdi toda a vergonha que até então sentia do meu modo de vida modesto. Comecei a apreciar a companhia.

Ele espreitou de novo para as fotografias nas paredes ao sentar-se com o seu copo de chá aconchegado nas mãos.

– Elira. Percebi bem? O nome da sua filha?

Olhei fixamente para ele. Não podia acreditar que ele se lembrava. Senti-me comovida.

– É isso mesmo, *monsieur*.

– É um belo nome – disse ele.

– Significa «a livre».

– Oh… em que língua?

Fiz uma pausa.

– Albanês. – Foi a primeira coisa que lhe confiei. A partir deste pormenor ele poderia ser capaz de adivinhar o meu estatuto aqui, em França. Observei-o com atenção.

Limitou-se a sorrir e a anuir.

– Já estive em Tirana. É uma cidade maravilhosa… tão vibrante.

– Já ouvi dizer… mas não conheço bem. Sou de uma aldeia pequena na costa adriática.

– Tem fotografias?

Uma hesitação. Mas que mal poderia fazer? Fui à minha minúscula escrivaninha e peguei no meu álbum. Ele sentou-se no lugar diante do meu. Reparei que teve o cuidado de não desordenar as fotografias ao virar as páginas, como se manuseasse algo muito precioso.

– Quem me dera ter algo como isto – disse ele, de repente. – Não sei o que foi feito das fotos de quando eu era pequeno. Mas também não sei se conseguiria olhar…

Calou-se a meio da frase. Pressenti ali algum tipo de dor acumulada. Então, como se o tivesse esquecido – ou quisesse esquecê-lo – apontou para uma fotografia.

– Olhe só para isto! A cor deste mar!

Segui o olhar dele. Ao olhar para lá senti o cheiro ao tomilho silvestre, ao ar salgado.

Ele espreitou para cima.

– Recordo-me que disse que acompanhou a sua filha até Paris. Mas ela já cá não está?

Vi o olhar dele a deambular pelo casebre. Escutei a pergunta não proferida. Eu não tinha propriamente deixado a pobreza para trás para encontrar aqui uma vida de riqueza. O que levaria uma pessoa a abandonar a sua vida a troco disto?

– Eu não pretendia ficar – respondi. – Pelo menos, de início.

Espreitei para as fotografias nas paredes. A Elira olhava para mim – aos cinco anos, aos doze, aos dezassete – a beleza a desenvolver-se, a alterar-se, mas sempre com o mesmo sorriso. O mesmo se passava com os olhos. Recordava-me a dar-lhe peito em bebé: olhos negros a olhar para mim com um tal brilho, uma inteligência superior à idade. Quando falei, não me dirigi a ele, mas antes à imagem dela.

– Vim para cá por estar preocupada com ela.

Ele inclinou-se para a frente.

– Porquê?

Espreitei para ele. Por momentos, quase esquecia que ali se encontrava. Hesitei. Nunca abordara este assunto com ninguém. No entanto, parecia tão interessado, tão preocupado. E havia a dor que pressenti nele. Antes, até quando se revelou bondoso e atencioso para comigo, encarei-o como sendo um deles. Uma espécie diferente. Rico, mimado. Mas a dor dele tornou-o humano.

– Ela esqueceu-se de ligar quando era suposto fazê-lo. E quando finalmente soube dela não parecia a mesma. – Olhei para as fotografias. – Eu… – Tentei encontrar uma forma de o descrever. – Ela disse-me que andava ocupada, a trabalhar imenso. Tentei não dar importância. Tentei sentir-me feliz por ela.

Só que eu sabia. Com o instinto maternal, percebi que se passava algo de errado. A voz dela soou como se estivesse mal. Rouca, doente. Mas pior do que isso, soou vaga; não parecia ela. De todas as vezes anteriores que tínhamos falado, senti-a próxima de mim apesar da distância de centenas de quilómetros. Só que ali senti-a a escapar-se. Assustou-me.

Inspirei fundo.

– Ela voltou a ligar umas semanas mais tarde.

De início, eu só conseguia ouvi-la a arquejar. Até que por fim percebi as palavras:

– Sinto-me tão envergonhada, mamã. Sinto-me tão envergonhada. Este lugar… é mau. Acontecem aqui coisas terríveis. Não é boa gente. E… – A parte seguinte soou tão abafada que não percebi. E então compreendi que ela chorava: chorava tanto que não conseguia falar. Agarrei o telefone com tal força que me doeu a mão.

– Não te ouço, minha querida.

– Eu disse… Eu disse que também não era boa pessoa.

– Tu és boa pessoa – disse-lhe, com fervor. – Conheço-te: és minha e és boa.

– Não sou, não, mamã. Fiz coisas terríveis. E já nem sequer posso continuar a trabalhar lá.

– Porque não?

Uma longa pausa. Tão demorada que comecei a achar que a chamada tivesse ido abaixo.

– Estou grávida, mamã.

Primeiro, achei que não a tinha ouvido bem.

– Tu estás… grávida? – Não só não era casada, como nunca me referira qualquer companheiro; ninguém especial. Fiquei tão chocada que por momentos não consegui falar. – Quantos meses?

– Cinco meses, mamã. Já não dá para esconder. Não posso trabalhar.

Depois daquilo, só consegui ouvir o som do choro dela. Eu sabia que tinha de dizer algo positivo.

– Mas eu… eu sinto-me tão feliz, querida – disse-lhe. – Vou ser avó. Que maravilha. Vou começar a juntar algum dinheiro. – Tentei que não se apercebesse do meu pânico, sobre como poderia tratar disso suficientemente depressa. Teria de trabalhar ainda mais – teria de pedir favores, empréstimos. Levaria o seu tempo. Mas arranjaria uma forma. – Vou para Paris – disse-lhe. – Ajudo-te a tomar conta do bebé.

Olhei para o Benjamin Daniels.

– Levou algum tempo, *monsieur*. Não foi barato. Levei seis meses. Mas finalmente consegui o dinheiro para vir para cá. – Também obtive o meu visto, o que me permitiria ficar por umas semanas. – Sabia que o bebé já teria nascido, embora estivesse há semanas sem receber notícias dela. – Tentei não entrar em pânico. Tentei, antes, imaginar como seria segurar pela primeira vez no meu

neto ou neta. – Mas estaria lá para a ajudar a cuidar do bebé. E para cuidar dela. Isso é que importava.

– Claro. – Ele assentiu, compreendendo.

– Quando cheguei, não tinha nenhuma morada dela. Por isso, fui ao local de trabalho dela. Eu conhecia o nome, ela contara-me pelo menos isso. Parecia um lugar tão elegante e requintado. Na zona rica da cidade, tal como ela dissera.

»O porteiro olhou para as minhas pobres roupas e disse: «A entrada para a limpeza é pelas traseiras.»

»Não me senti ofendida, seria de esperar. Dei com a entrada e esgueirei-me lá para dentro. E, dado o meu aspeto, era invisível. Ninguém me prestou atenção, ninguém me disse que não devia estar ali. Dei com as mulheres… as raparigas… que tinham trabalhado com a minha filha, que a conheciam. E foi então que…

Por momentos, falhou-me a voz.

– Que? – incentivou ele com gentileza.

– A minha filha morreu, *monsieur*. Morreu no parto há dezanove anos. Vim trabalhar para aqui e cá fiquei desde então.

– E o bebé? O bebé da sua filha?

– Mas, *monsieur*. Obviamente, não compreendeu. – Retirei o álbum fotográfico das mãos dele e voltei a fechá-lo na escrivaninha com as minhas relíquias, os meus tesouros. As coisas que colecionei ao longo dos anos: um dente de leite, um sapato de criança, um certificado escolar. – A minha neta está aqui. Foi por isso que vim para cá. Foi o que me levou a trabalhar tantos anos aqui, neste prédio. Queria estar perto dela. Queria vê-la crescer.

Uma palavra, vinda detrás da porta da *penthouse*, e de repente sou puxada de volta ao presente. Ouvi algum deles dizer claramente: «Porteira.» Recuo um passo para a escuridão, com passos cautelosos para não ranger nenhuma tábua do soalho. Um instinto: eu não devia aqui estar. Tenho de regressar ao meu casebre. Já.

Mimi

Quarto andar

Irrompo pelo meu apartamento. Sigo diretamente para o meu quarto, diretamente para a janela, e olho pelo vidro para o exterior. Foi um inferno, estar ali sentada com todos eles. A falarem, a gritarem uns com os outros. Eu só queria que parasse. Desejava imenso estar sozinha.

Mimi. Mimi. Mimi.

Levo algum tempo a perceber de onde vem o som. Viro-me e dou com a Camille ali parada à porta, de mãos nas ancas.

– Mimi? – Avança na minha direção, estala os dedos na minha cara. – Alô? O que estás aí a fazer?

– *Quoi?* – O quê? Olho fixamente para ela.

– Estavas parada a olhar pela janela. Parecias um *zombie*. – Faz uma imitação: olhos arregalados, queixo descaído. – Estavas a olhar para onde?

Encolho os ombros. Nem sequer me apercebera. Mas devia ter estado a olhar para o apartamento dele. Os velhos hábitos não desaparecem de um dia para o outro.

– *Putain*, estás a assustar-me, Mimi. Tens-te comportado de forma tão… tão estranha. – Faz uma pausa. – Mais estranha ainda do que o normal. – A seguir franze o sobrolho, como se refletisse em algo. – Desde aquela noite. Em que eu vim tarde e ainda estavas a pé. O que é?

– *Rien* – respondo. *Não é nada*. Porque é que não me deixa em paz?

– Não acredito em ti – diz. – O que é que se passou aqui naquela noite, antes de eu regressar? O que se passa contigo?

Fecho os olhos, cerro os punhos. Não consigo lidar com todas aquelas perguntas. Toda a inquirição. Sinto-me prestes a explodir. Com todo o controlo que consigo reunir, digo:

– Eu só… Preciso de estar sozinha neste momento, Camille. Preciso do meu espaço.

Ela não percebeu a dica.

– Olha… tem algo que ver com aquele tipo sobre quem tens sido tão misteriosa? Não correu bem? Se me contares, talvez eu consiga ajudar…

Já não aguento mais. O ruído branco zumbe na minha mente. Levanto-me. Odeio o modo como ela me olha: a preocupação e a inquietação na expressão dela. Como é que não percebe? De repente, sinto vontade de nunca mais ver a cara dela. Como se fosse muito melhor que ela não estivesse aqui.

– Cala-te lá! *Fous le camp! – Desaparece.* –Deixa-me lá em paz.

Ela recua um passo.

– Estou farta que me dês cabo da cabeça – digo. – Estou farta desta confusão toda aqui para onde quer que olhe. Estou farta que tragas cá os teus, teus… parceiros de queca. Posso ser esquisita… sim, sei que todos os teus amigos acham isso… mas tu… tu és uma puta nojenta.

Agora, acho que foi o fim. Ela arregala os olhos ao recuar mais um pouco em relação a mim. A seguir, desaparece do quarto. Não me sinto bem, mas pelo menos já consigo respirar.

Ouço sons provenientes do quarto ao lado, gavetas a serem abertas, portas de armários a baterem. Pouco depois, ela aparece com um par de sacos de lona em cada braço, com peças a sair de dentro.

– Sabes que mais? – diz ela. – Até posso ser uma puta nojenta, mas tu és uma vaca louca. Não estou para continuar a aturar isto, Mimi, não preciso disto. E a Dominique agora tem uma casa só dela. Já chega de andar às escondidas. Vou-me embora.

Só há uma pessoa que eu conheça com aquele nome. Não faz o mínimo sentido.

– Dominique…

– Sim, a *ex* do teu irmão. E todo aquele tempo que ele achou que ela estava a fazer-se ao Ben. – Um pequeno sorriso. – Foi um belo engodo, certo? Não interessa. Isto é diferente. Isto é a sério. Amo-a. É a mulher certa para mim,

agora. Chega de Camille a… o que é que me chamaste?… puta nojenta. – Iça ainda mais o saco no ombro. – *Bof*. Quero lá saber. Vemo-nos por aí, Mimi. Boa sorte com o raio que se passar contigo.

Uns minutos mais tarde ela partiu. Volto para a janela. Vejo-a a atravessar o pátio em passos firmes, com os sacos no braço.

Por uns minutos até me sinto melhor, mais calma, mais livre. Como se, quiçá, conseguisse pensar mais claramente depois de ela ter ido. Mas, agora, está demasiado calmo. Pois ainda aqui permanece; a tempestade na minha cabeça. E não sei se é isso que me assusta mais… ou se aquilo que ela abafa.

Desvio o olhar do pátio. Olho para o apartamento dele. Há uns dias, entrei lá com a chave que roubei no casebre da porteira. Vou àquele casebre desde miúda, enfiando-me lá quando tinha a certeza de que a velha estava nos andares superiores a tratar da limpeza. Fascinava-me: era como uma cabana num bosque num conto de fadas. Ela tinha todas aquelas fotografias nas paredes, a prova de que tivera efetivamente outra vida antes de vir para aqui, por muito que custe a acreditar. Uma jovem bela em tantas delas: como uma princesa do mesmo conto de fadas.

Agora, claro, sou mais velha, e sei que não há nada de mágico no casebre. É apenas o lar minúsculo e solitário de uma pobre e velha senhora; é deprimente. Mas ainda me recordo do lugar onde guarda o conjunto principal de chaves. Como é evidente, ela não pode utilizá-las. Estão ali em caso de emergência, caso houvesse uma inundação num dos apartamentos, digamos, enquanto estivéssemos algures de férias. E não tem um conjunto do apartamento dos meus pais: isso está fora dos limites.

Estava a anoitecer, crepúsculo. Esperei, vi-o sair pelo pátio, tal como ainda agora vi a Camille. Ele vestia apenas uma camisa e estava frio, pelo que não achei que fosse longe. Talvez apenas umas ruas para comprar cigarros na *tabac*, o que ainda me dava tempo suficiente para fazer o que precisava

Desci em passo de corrida o único lanço de escadas e entrei no apartamento do terceiro andar.

Por baixo das minhas roupas vestia a *lingerie* nova que comprei com a Camille. Sentia o secreto deslizar a roçar na minha pele. Sentia-me mais corajosa. Mais ousada.

Ia esperar até ele regressar. Queria surpreendê-lo. E desta forma seria eu a controlar a situação.

Observara-o tantas vezes a partir do meu quarto, mas era algo bem diferente estar no apartamento dele, eu *sentia* a presença dele. Sentia-lhe o cheiro sob o estranho e bolorento odor a senhora idosa do lugar. Dei por lá umas voltas, a inspirar o cheiro dele. Durante todo aquele tempo o gato dele seguiu-me, observando-me. Como se soubesse que eu andava a preparar alguma.

Abri o frigorifico dele e passei revista aos armários. Passei os olhos pelos discos e pela coleção de livros. Fui ao quarto e deitei-me na cama, que ainda tinha a marca do corpo dele, e inalei o odor nas almofadas. Olhei para os artigos de higiene na casa de banho, abri as tampas. Pulverizei a água-de-colónia com aroma a limão na parte da frente da minha blusa e no meu cabelo. Abri o guarda-fatos e enterrei a cara nas camisas, mas o melhor foi com as camisas no cesto da roupa suja – as que ele vestira, as que cheiravam à pele e ao suor. Mas ainda melhor foram os pelos curtos que descobri em volta do lavatório onde se barbeara sem conseguir escorrê-los a todos. Reuni vários num dedo. Engoli-os.

Se me observasse a mim própria, poderia ter dito que parecia alguém apanhada por um *amour fou*: um amor obsessivo e louco. Mas um *amour fou* por norma não é correspondido. E eu *sabia* que ele sentia o mesmo: isso é que importava. Só queria fazer parte daquilo, deste mundo, do seu mundo. Mentalmente, tive milhares de conversas com ele. Falei-lhe dos meus irmãos. De como o Antoine sempre fora horrível comigo. De como o Nick é mesmo um grande falhado que vive do dinheiro do papá e sinceramente não sei como é que o Ben se tornou amigo dele. De como assim que me licenciasse partiria daqui. Para viajar pelo mundo. Podíamos ir juntos.

Encontrei um copo na cozinha e servi-me do vinho dele, bebi-o como se fosse um copo de granadina. Precisava de me embebedar o suficiente para o fazer. A seguir, despi a minha roupa. Estendi-me na cama dele: à espera como uma prenda deixada na almofada. Mas ao fim de algum tempo senti-me estúpida. Talvez o vinho estivesse a perder o efeito. Sentia um pouco de frio. Não foi assim que imaginei isto. Achei que ele regressaria mais cedo.

Passou meia hora. Quanto tempo iria ele demorar?

Deambulei até junto da secretária dele. Queria ler o que escrevia até tão tarde – a rabiscar notas, a teclar no portátil.

Encontrei um bloco. Um *Moleskine*, como os que uso para os meus desenhos. Outro sinal de que estávamos destinados um ao outro: almas gémeas. A música, a escrita. Éramos tão parecidos. Era o que ele me dizia naquela noite quando nos sentámos juntos no parque às escuras. E antes disso, quando me ofereceu o disco. Marginais, mas marginais juntos.

O livro estava cheio de notas para críticas a restaurantes. Pequenos rabiscos entre a escrita. Cartões de restaurantes enfiados entre as páginas. Levou a que me sentisse muito próxima dele. A sua escrita: maravilhosa, elegante, algo pontiaguda. Tal como eu teria imaginado. Elegante como os dedos que tocaram o meu braço naquela noite. Senti-me um pouco mais apaixonada, ao ver aquela escrita.

E então, na última página, havia uma nota com o meu nome escrito. Um ponto de interrogação, assim:

Mimi?

Oh, meu Deus. Ele andava a escrever sobre mim.

Tinha de descobrir o significado daquilo. Abri o portátil dele. Pediu-me a palavra-passe. *Merde*. Não tinha como aceder. Podia ser literalmente qualquer coisa. Tentei um par de vezes. O apelido dele. A equipa de futebol preferida – tinha dado com uma camisola do Manchester United pendurada no armário. Não tive sorte. E, então, ocorreu-me uma ideia. Pensei na corrente que ele usava ao pescoço, a que fora oferecida pela mãe. Escrevi: StChristopher.

Não: não deu em nada. Foi tentar adivinhar às cegas, pelo que não me surpreendeu. Mas apenas porque podia tentar de novo, com números a substituir algumas das letras, uma encriptação mais apertada: 5tChr1st0ph3r.

E desta vez, quando carreguei em *enter*, a caixa da palavra-passe fechou e deu acesso ao ambiente de trabalho.

Fiquei a olhar para o ecrã. Nem podia acreditar que adivinhara. Isso só *podia* significar algo, não era? Foi como que uma confirmação do quão bem o conhecia. E sei que quem escreve é muito recatado com o seu trabalho, tal como eu o sou com a minha arte, mas agora era praticamente como se ele desejasse que o que estava no seu computador pudesse ser encontrado e lido por mim.

Fui aos seus documentos; a «Recente». E ali estava no topo. Todos os outros tinham nomes de restaurantes, eram nitidamente críticas. Mas havia um chamado: *Meunier Wines SARL*. Segundo o pequeno indicador de horas, tratava-se daquele em que estivera a trabalhar uma hora antes. Abri-o.

Merde, o meu coração estava acelerado.

Entusiasmada e aterrorizada, comecei a ler.

Mas assim que o fiz desejei parar; desejei nunca ter visto nada daquilo.

Não sabia com o que contava, mas não era com aquilo.

Foi como se todo o meu mundo se desmoronasse à minha volta.

Senti-me doente.

Mas não consegui parar.

Jess

A rapariga avança para a luz do candeeiro de rua. Parece completamente diferente do que parecia no seu número. Veste um casaco de couro de imitação barata, *jeans* e uma camisola de capuz – mas também por ter tirado a maquilhagem. Parece muito menos glamorosa e ao mesmo tempo muito mais bela. E jovem. *Muito* mais jovem. Da outra vez não olhei devidamente para ela na escuridão junto ao cemitério – se alguém me perguntasse, diria vinte e muitos anos. Mas agora diria algo próximo dos dezoito ou dezanove, a mesma idade da Mimi Meunier.

– Porque é que apareceram? – sibila ela com o seu sotaque cerrado. – No clube?

Recordo-me de como deu a volta e fugiu a correr da primeira vez que nos encontrámos. Sei que devo tratá-la com pinças, sem a assustar.

– Ainda andamos à procura do Ben – digo, calmamente. – E sinto que és capaz de saber algo que nos possa ajudar. Tenho razão?

Murmura algo baixinho, uma palavra que soa como «*koorvah*». Por momentos, acho que pode estar prestes a fugir. Mas não se vai embora… até se aproxima mais um pouco.

– Aqui não – segreda. Olha para trás dela, nervosa como um gato. – Temos de ir para outro sítio. Longe daqui.

Guiados por ela, afastamo-nos das ruas chiques com os carros elegantes e as montras deslumbrantes. Percorremos avenidas com cafés de fachadas vermelhas

e douradas com cadeiras de verga no exterior, como aquele onde conheci o Theo, placas a anunciar menus *Prix Fixe*, grupos de turistas ainda a vaguearem sem destino. Também os deixamos para trás. Percorremos ruas com bares e tecno aos berros, passamos por uma espécie de discoteca com uma fila a serpentear para lá da esquina. Entramos num outro bairro onde os restaurantes ostentam nomes escritos em árabe, chinês, outras línguas que eu nem sequer reconheço. Passamos por lojas de cigarros eletrónicos, lojas de telefones que parecem todas exatamente iguais, montras com manequins usando perucas de diferentes estilos, armazéns que vendem mobiliário barato. Esta não é a Paris dos turistas. Atravessamos um cruzamento rodoviário com um amontoado de tendas instáveis sobre o pequeno relvado ao meio, um grupo de tipos a cozinhar algo num forno improvisado, de mãos nos bolsos, próximos uns dos outros para se manterem aquecidos.

A rapariga encaminha-nos para um estabelecimento de *kebab* aberto toda a noite com um sinal tremeluzente sobre a porta e um par de pequenas mesas metálicas nos fundos, filas de lâmpadas tubulares no teto. Instalamo-nos ao canto numa mesa de fórmica engordurada. É difícil imaginar um local mais diferente do *glamour* pouco iluminado do clube que acabámos de deixar. Talvez tenha sido exatamente por isso que ela o escolheu. O Theo pede um pacote de batatas fritas para cada um de nós. A rapariga pega numa grande porção das dela e mergulha-as num dos frascos de molho de alho e depois não sei como enfia tudo avidamente na boca.

– Quem é ele? – murmura, apontando com a cabeça para o Theo.

– Este é o Theo – respondo. – Trabalha com o Ben. Está a ajudar-me. Sou a Jess. Como te chamas?

Uma breve pausa.

– Irina.

Irina. O nome é-me familiar. Recordo o que o Ben escrevinhou na folha de registo de vinho que descobri no dicionário dele. *Perguntar à Irina.*

– O Ben disse que voltava – diz ela de repente, ansiosa. – Disse que viria buscar-me. – Há algo na expressão dela que reconheço. Ah. Mais alguém que se apaixonou pelo meu irmão. – Ele disse que me tirava daquele lugar. Que me ajudava a encontrar um novo emprego.

– Tenho a certeza de que ele estava a trabalhar nisso – digo, com cautela. *É mesmo típico do Ben*, penso eu. Prometer o que se calhar não pode dar. – Só que,

como eu já disse, ele desapareceu.

– O que é que aconteceu? – pergunta ela. – O que acham que lhe aconteceu?

– Não sabemos – respondo-lhe. – Mas encontrei um cartão do clube no meio das coisas dele. Irina, se houver algo que nos possas contar, seja o que for, pode ajudar-nos a encontrá-lo.

Avalia-nos a ambos. Parece confusa por estar na posição pouco habitual de poder. E também assustada. Espreitando constantemente por cima do ombro.

– Podemos pagar-te – digo. Olho para o Theo. Ele revira os olhos e saca da carteira.

Quando concordamos na quantia que deixa a Irina feliz – deprimentemente baixa, na verdade – e depois de ela terminar as batatas fritas e ter usado os nossos frascos de molho de alho, encosta uma perna à mesa de forma protetora, com a pele do joelho pálida e pisada num ponto na zona rasgada da ganga. Por algum motivo isto evoca-me arranhões no recreio da escola, a criança que ela ainda há pouco tempo era.

– Tens um cigarro? – pergunta ao Theo. Ele passa-lhe um e ela acende-o. O joelho dela vibra contra a mesa, de tal forma que o saleiro e o pimenteiro saltitam para cima e para baixo.

– Estiveste muito bem, já agora – digo, tentando começar por algo seguro. – A tua dança.

– Eu sei – diz ela, séria, anuindo com a cabeça. – Sou muito boa. A melhor do La Petite Mort. Treinei para bailarina antes, de onde vim. Quando me candidatei, disseram-me que era para dançar.

– Parece que o público gostou muito – comento. – Do espetáculo. Achei que a tua atuação foi muito… – Tento pensar na palavra adequada. – Sofisticada.

Ela ergue as sobrancelhas, e depois faz uma espécie de som *ha* sem qualquer tipo de humor.

– O espetáculo – murmura. – Era sobre isso que o Ben queria saber. Parece que ele já sabia umas coisas. Acho que se calhar alguém lhe contou.

– Contou-lhe o quê? – instigo.

Puxa uma longa passa no cigarro. Reparo que a mão dela treme.

– Que o espetáculo, tudo, é apenas… – Parece procurar as palavras certas. – Janela… olhar. Não. Uma montra. Não o que aquele lugar efetivamente é. Porque a seguir eles descem. Os convidados especiais.

– Como assim? – questiona o Theo, puxando-se mais para a frente. – Convidados especiais?

Um olhar nervoso para a rua, através da montra. Então, de repente, retira do bolso do casaco o rolo de notas que o Theo lhe deu, atirando-lho.

– Não posso fazer isto…

– Irina – digo, de pronto, e com cuidado –, não estamos a tentar meter-te em apuros. Confia em mim. Não vamos contar a ninguém. Só estamos a tentar perceber o que o Ben sabia porque acho que pode ajudar-nos a encontrá-lo. Tudo o que possas dizer-nos pode de alguma forma ser útil. Eu… eu estou muito assustada com o que pode ter-lhe acontecido. – Quando o digo, a minha voz soçobra: não é fingido. Inclino-me para a frente, implorando-lhe. – Por favor. Por favor, ajuda-nos.

Ela parece estar a absorver tudo, a decidir. Vejo-a a inspirar fundo. Depois, em voz baixa, começa a falar.

– Os convidados especiais pagam um bilhete diferente. Homens ricos. Homens importantes. Homens casados. – Levanta a mão para dar mais ênfase, toca no dedo anelar. – Não sabemos nomes. Mas sabemos que são importantes. Com… – Esfrega o polegar e o indicador: *dinheiro*. – Eles vão lá abaixo. Para outras divisões, em baixo. Nós fazemos com que se sintam bem. Dizemos-lhe que são muito atraentes, *sexy*.

– E eles… – O Theo tossica. – … compram… alguma coisa?

Irina fita-o inexpressivamente.

Penso que a subtileza dele se perdeu na tradução.

– Eles pagam por sexo? – pergunto, baixando o tom de voz até um murmúrio, querendo demonstrar que a protegemos. – É o que ele quer dizer.

Ela olha de novo pelas janelas, para a rua escura. Praticamente paira sobre o seu assento, como se estivesse pronta a partir a qualquer momento.

– Queres mais dinheiro? – incentivo. Quase desejo que peça mais. Tenho a certeza de que o Theo pode pagar.

Ela assente rapidamente com a cabeça.

Dou um toque de cotovelo ao Theo.

– Força.

Com uma certa relutância, saca de mais um par de notas do bolso e empurra-as pela mesa na direção dela. A seguir, quase como se lesse um guião, ela diz:

– Não. É ilegal neste país. Pagar.

– Oh. – Eu e o Theo entreolhamo-nos. Acho que devemos estar ambos a pensar no mesmo. *Nesse caso, então o que…?*

Mas ela ainda não terminara.

– Eles não compram *isso*. É inteligente. Eles compram vinho. Gastam *imenso* dinheiro em vinho. – Abre as mãos para o demonstrar. – Há um código. Se pedem um *vintage* «mais jovem», é o tipo de rapariga que querem. Se pedem um dos *vintage* «especiais», significa que gostam de… extras. E nós fazemos tudo o que eles querem. Fazemos tudo o que pedem. Nessa noite, somos deles. Escolhem a rapariga, ou raparigas, que querem e vão para o quarto especial com uma fechadura na porta. Ou vamos a algum lado com eles. Hotel, apartamento…

– Ah – diz o Theo, fazendo uma careta.

– As raparigas do clube. Não temos família. Não temos dinheiro. Algumas fugiram de casa. Algumas… muitas… são ilegais. – Inclina-se para a frente. – Eles também têm os nossos passaportes.

– Então, vocês não podem deixar o país – constato, virando-me para o Theo. – Isto é sombrio como a merda.

– Eu de qualquer maneira não posso voltar para lá – diz ela de repente, com fervor. – Para a Sérvia. Não era… não era uma situação boa. – Acrescenta, defensivamente: – Mas nunca pensei… nunca pensei que acabaria aqui, num lugar como este. Eles sabem que não vamos à polícia. Um dos clientes, algumas das raparigas dizem que ele *é* polícia. Polícia importante. Há outros lugares que passam a vida a ser fechados. Mas este lugar não.

– E podes provar isso? – pergunta o Theo, debruçando-se para a frente.

Neste momento, ela espreita por cima do ombro e baixa o tom de voz. A seguir, assente com a cabeça.

– Tirei algumas fotos. Daquele que dizem que é polícia.

– Tens fotos? – O Theo inclina-se para a frente, ansioso.

– Eles tiram-nos os telemóveis. Mas quando comecei a falar com o Ben, ele deu-me uma câmara. Eu ia entregar isto ao teu irmão. – Uma hesitação. O olhar dela saltita entre nós e a montra. – Mais dinheiro – diz.

Ambas nos viramos para o Theo, esperamos enquanto ele procura mais dinheiro e o pousa na mesa entre nós.

Ela enfia a mão no bolso do casaco e depois retira-a, com o punho fechado, os nós dos dedos brancos com a força. Com muito cuidado, como se lidasse com algo explosivo, pousa um cartão de memória na mesa e empurra-o na minha direção.

– As fotos não são grande coisa. Tive de ser muito cuidadosa. Mas acho que chega.

– Dá cá – diz o Theo, estendendo uma mão.

– Não – diz a Irina, olhando para mim. – Ele não. Tu.

– Obrigada. – Pego-lhe e enfio-o no bolso do meu casaco. – Lamento – digo, porque de repente me parece importante. – Lamento que te tenha acontecido isto.

Ela sobe e desce os ombros, encolhida em si mesma.

– Talvez seja melhor do que outras coisas. Sabes? Pelo menos não acabas morta no Bosque de Bolonha ou violada no carro de um tipo qualquer. Nós temos mais controlo. E às vezes oferecem-nos prendas, para nos agradar. Algumas das raparigas recebem roupas giras, joias. Algumas vão sair com eles, tornam-se namoradas. Toda a gente fica feliz.

Só que ela parece tudo menos feliz.

– Até corre uma história… – Aproxima-se mais e baixa a voz.

– Qual? – questiona Theo.

– Que a mulher do dono do clube veio de lá.

Fico a olhar para ela.

– O quê, do clube?

– Sim. Que ela era uma das raparigas. Por isso, acho que para algumas correu bem.

Estou a tentar processar isto. A Sophie Meunier? Os brincos de diamantes, as saias de seda, o olhar glacial, o apartamento *penthouse*, todo aquele ar de ser melhor do que os outros… ela era uma *delas*? Uma trabalhadora do sexo?

– Mas não há maridos ricos para todas. Alguns tipos… recusam-se a usar o que seja. Ou tiram quando não se está a ver. Algumas raparigas ficam, sabem como é… doentes.

– Referes-te a doenças sexualmente transmissíveis? – pergunto.

– Sim. – E depois falando baixinho: – Apanhei algo. – Faz uma careta, um esgar de repulsa e vergonha. – Depois disso, percebi que tinha de sair. E algumas

raparigas engravidam. Acontece, não é? Corre também uma história, sobre uma rapariga há muito, muito tempo… se calhar é só um rumor. Mas dizem que engravidou e queria ficar com o bebé, ou talvez já fosse tarde para fazer algo… não vem ao caso. Quando ela entrou… – Imita curvar-se com dores.

– Em trabalho de parto?

– Sim. Quando isso aconteceu, ela foi ao clube, não tinha mais onde ir. Quando se é ilegal, temos medo de ir ao hospital. Ela teve o bebé *no* clube. Mas dizem que o parto correu mal. Demasiado sangue. Levaram o corpo dela… ninguém sabe que ela alguma vez existiu. Sem problemas. Ela era ilegal.

Meu Deus.

– E contaste tudo isso ao Ben? – pergunto.

– Sim. Ele garantiu-me que eu ficava segura. Que me ajudava. Um novo começo. Eu falo inglês. Sou esperta. Eu queria um emprego normal. Servir à mesa. Qualquer coisa assim. Porque… – A voz dela vacila. Leva uma mão aos olhos. Vejo o brilho de lágrimas. Limpa-as com a base da mão, de forma quase zangada, como se não dispusesse de tempo para chorar. – Não foi para isto que vim para cá. Vim em busca de uma nova vida.

E apesar de eu nunca chorar, sinto os meus olhos a picar. Entendo-a. Todas as mulheres o merecem. A oportunidade de uma nova vida.

Mimi

Quarto andar

Estou aqui sentada na minha cama, a olhar para a escuridão deste apartamento, a recordar. No computador portátil dele li, há três noites, algo sobre um lugar com uma divisão trancada. Sobre o que acontece nessa divisão. Sobre as mulheres. Os homens.

Sobre como estava – está – ligado a este lugar. A esta família.

Senti um mal-estar no estômago. Não podia estar correto, o que ele escreveu. Mas havia nomes. Havia pormenores. Tantos pormenores horríveis. E o papá…

Não. Não podia ser verdade. Recusei-me a acreditar. Só podiam ser mentiras…

E, então, vi o meu próprio nome, tal como o vi no seu bloco de notas, quando se revelara tão excitante. Só que agora encheu-me de medo. De certa maneira eu também estava ligada àquele lugar. Havia coisas horríveis que o meu meio-irmão mais velho dissera. Eu sempre achara que não passavam de insultos aleatórios. Agora, não tinha a certeza. Não achei que tivesse coragem para ler, mas sabia que tinha de o fazer.

O que vi a seguir… Senti toda a minha vida a desmoronar-se. Se era verdade, explicaria porque é que me senti sempre à margem. Porque é que o papá sempre me tratou daquela maneira. Por eu não ser verdadeiramente deles. E havia mais: vislumbrei uma frase, algo sobre a minha verdadeira mãe, mas não a consegui ler por ter os olhos embaciados por lágrimas…

Paralisei. A seguir, ouvi passos do lado de fora, a aproximarem-se da porta. *Merde*. Fechei o portátil com força. A chave estava a rodar na fechadura. Ele regressara.

Oh, céus. Não me sentia capaz de o enfrentar naquele momento, assim. Tudo se alterara entre nós, destroçara-se. Tudo em que eu acreditava desfizera-se em cacos. Tudo o que eu sempre soubera não passava de uma mentira. Eu já nem sequer sabia quem era.

Corri para o quarto. Não havia tempo a perder… O armário. Abri as portas e enfiei-me lá, agachada na escuridão.

Ouvi-o a pôr um disco no gira-discos na divisão principal e a música começou, tal como a música que eu ouvira em todas as noites quentes de verão, a flutuar até mim através do pátio. Como se ele pusesse a música para mim.

Senti o meu coração a ficar destroçado.

Não podia ser verdade. Não podia ser verdade.

Então, sobre o som da minha própria respiração, ouvi-o entrar no quarto. Pelo buraco da fechadura vi-o a andar de um lado para o outro. Despiu a camisola. Vi-lhe a barriga, aquele traço de pelo em que reparara no primeiro dia. Pensei na rapariga que eu fora, aquela que o observara desde a varanda. Odiei-a por ser uma idiota ignorante. Uma fedelha mimada. A achar que *ela* tinha problemas. Ela não fazia ideia. Mas, ao mesmo tempo, eu sofria com a perda dela. Sabendo que nunca mais voltaria a ela.

Passou perto do armário – encolhi-me nas sombras – e a seguir voltou a afastar-se, entrando na casa de banho. Ouvi-o a ligar o chuveiro. Naquele momento, eu só queria fugir dali. Era a minha oportunidade. Abri a porta. Ouvia-o a movimentar-se na casa de banho, a porta do duche a abrir-se. Comecei a avançar em bicos de pés. O mais silenciosamente possível. Então, bateram à porta do apartamento. *Putain*.

Voltei para trás a correr, de regresso ao armário, agachando-me na escuridão.

Ouvi o chuveiro a ser desligado. Ouvi-o a ir à porta ver quem era, cumprimentado quem quer que fosse.

E, então, escutei a outra voz. Reconhecia-a imediatamente, é evidente que sim. Conversaram um pouco, mas não percebi o que diziam. Entreabri um pouco a porta do armário, para tentar escutar.

A seguir, dirigiram-se ao quarto. Porquê? O que faziam eles no quarto? Porque é que aqueles dois vinham para aqui? Via-os apenas através do buraco da fechadura. Mesmo naqueles vislumbres fugazes percebi que se passava algo de estranho na linguagem corporal deles… algo que não estava a entender bem.

Mas sabia que se passava algo de errado… passava-se algo que não se devia passar.

E então aconteceu. Vi-os a moverem-se juntos, ambos. Vi os lábios deles a encontrarem-se. Era como se os visse em câmara lenta. Eu cravava as minhas unhas com tal força nas palmas que achei que poderia sair sangue. Aquilo não podia estar a acontecer. Aquilo não podia ser real. Embrenhei-me na escuridão, com o punho enfiado na boca, os dentes a morder os nós dos dedos para não gritar.

Uns momentos depois, ouvi o chuveiro de novo a ser ligado. Os dois a irem para a casa de banho, fechando a porta. Era a minha oportunidade. Não queria saber do risco, que pudessem apanhar-me. Nada importava tanto quanto sair dali. Corri como se fosse para salvar a minha vida.

De volta ao meu quarto, de volta ao apartamento, senti-me desfeita. Soluçava tanto que mal conseguia respirar. A dor era excessiva, insuportável. Pensei em todos os planos que traçara para nós os dois. Eu sabia que também ele o sentira, o que se passara entre nós no parque naquela noite. E agora ele destruiu tudo. Arruinou tudo.

Peguei nas pinturas que fizera dele e obriguei-me a olhar para elas. A dor tornou-se raiva. Filho da puta de merda. *Fils de pute,* mentiroso do raio. Todas aquelas palavras horríveis, retorcidas e mentirosas no computador. E depois ele e a mamã, os dois juntos daquela maneira…

Parei, recordando o que vira no computador dele. Eu tratara-a por mamã, mas depois de tudo o que li nem sabia ao certo o que representava agora ela para mim…

Não. Eu não podia pensar nisso. Não iria, não podia acreditar. Era tudo demasiado penoso. Só podia concentrar-me na minha raiva: essa era pura, descomplicada. Peguei na faca de cortar tela, a lâmina tão afiada que podemos cortar-nos só de lhe tocarmos com o polegar. Encostei-a à primeira tela e cortei-a. Senti o tempo todo que ele me observava com aqueles olhos maravilhosos, perguntando o que eu fazia, pelo que os furei para nunca mais os ver. E depois rasguei-os a todos, cravando a lâmina na tela, adorando ouvi-la rasgar-se. Puxei o tecido com as mãos, a tela a chiar conforme o rosto e o corpo dele eram desfeitos em pedacinhos.

A seguir, fiquei a tremer.

Olhei para o que fizera, a confusão, a violência de tudo aquilo. Sabendo que saíra de mim. Senti como se tivesse uma corrente elétrica a percorrer-me. Uma sensação que era uma mistura de medo, de entusiasmo. Mas não bastava.

Sabia o que tinha a fazer.

Jess

– Tenho de ir – diz a Irina. Um olhar nervoso para a rua escura e vazia para lá das janelas. – Já estivemos demasiado tempo a conversar.

Sinto-me mal por a deixar ir assim sozinha para a cidade. É tão nova, tão vulnerável.

– Ficas bem? – pergunto-lhe. Lança-me um olhar que diz: «Querida, há muito tempo que trato de mim sozinha. Confio em mim para fazer isso melhor do que qualquer outra pessoa.» E nota-se um certo orgulho na forma como se afasta, uma espécie de dignidade. A postura dela, tão direita. Uma postura de bailarina, calculo.

Recordo-me que o Ben prometeu cuidar dela. Eu também podia fazer promessas. Mas não sei se seria capaz de as cumprir. Não quero mentir-lhe. No entanto, juro a mim mesma, neste momento, que se encontrar forma de a ajudar, assim farei.

Enquanto eu o Theo nos encaminhamos para o metro, repasso mentalmente tudo o que a Irina nos contou. Será que todos eles sabem? Toda a família? Até o «simpático» do Nick? Só de pensar fico com náuseas. Penso no modo como me contou que estava «entre empregos», como isso claramente não pareceu incomodá-lo muito. Penso que não espanta, para quem não necessita de rendimentos, para quem o estilo de vida é alimentado por uma série de raparigas que vendem o próprio corpo.

E se a família Meunier soubesse que o Ben descobrira a verdade sobre La Petite Mort, o que poderiam ter feito para evitar que tal segredo fosse revelado?

Viro-me para o Theo.

– Se a história do Ben tivesse sido publicada, a polícia teria atuado, certo? Independentemente de os Meuniers terem contactos de alto nível. Por certo que haveria pressão da opinião pública para que investigassem.

O Theo assente com a cabeça, mas tenho a sensação de que não está verdadeiramente a ouvir.

– Então, afinal ele andava mesmo atrás de algo – murmura, de pronto, como se falasse para si mesmo. Soa muito diferente do seu habitual tom sarcástico e negativo. Parece… tento situar. Entusiasmado? Espreito para ele.

– Vai ser um grande furo – comenta. – É importante. É mesmo importante. Especialmente, havendo altas figuras envolvidas. É tipo o President's Club[5], mas bem mais sombrio. É o tipo de coisas que ganha prémios…

Estaco.

– Estás a gozar? – Sinto a fúria a pulsar dentro de mim. – Estás minimamente preocupado com o Ben? – Olho fixamente para ele. – Não, pois não? – O Theo abre a boca para dizer algo, mas não quero ouvir nem mais uma palavra. – Ugh. Sabes que mais? Vai-te lixar.

Afasto-me dele, o mais depressa possível nestes saltos altos ridículos. Não sei ao certo para onde vou e como é evidente o meu estúpido telemóvel esgotou os dados, mas hei de descobrir. Bem melhor do que passar mais um segundo que seja na companhia dele.

– Jess! – chama o Theo.

Já vou meio a correr. Viro à esquerda para outra rua. Já não o ouço, graças a Deus. Acho que é por aqui o caminho. Mas o problema é que todas as deprimentes lojas de telemóveis parecem iguais, em especial com as luzes apagadas e as grades baixadas, sem ninguém nas imediações. Sinto um cheiro estranho a vir de algures, pungente, tipo plástico queimado.

Que filho da mãe. Pareço estar a chorar. Por que diabo choro? A verdade é que sempre soube que não podia confiar nele; desconfiei desde o início que havia ali um interesse próprio. Por isso, não é grande surpresa. Deve ser tudo acumulado, o *stress* dos últimos dias. Ou a Irina: o horror de tudo o que nos revelou. Ou

simplesmente o facto de, apesar de eu até já o estar a prever, de certa maneira alimentar a esperança de me ter enganado, por uma vez que fosse.

E, agora, aqui estou sozinha, de novo. Como sempre.

Viro para outra rua. Hesito. Acho que não reconheço isto. Mas parece haver estações de metro por todo o lado nesta cidade. Se caminhar mais uns quarteirões, por certo que darei com uma. Sobre o turbilhão de pensamentos irados que me povoam a cabeça, apercebo-me vagamente de uma certa agitação aqui perto. Gritos e berros: uma festa de rua? Talvez deva seguir nessa direção. Porque acabo de perceber que se encontra um tipo sozinho a caminhar na minha direção desde a outra ponta da rua, de mãos nos bolsos, e tenho a certeza de que não há problema, mas escuso de confirmar.

Dou a volta, sigo na direção do ruído. E demasiado tarde percebo que não se trata de uma festa. Vejo uma massa de gente a investir na minha direção, alguns deles usando balaclavas e óculos de mergulho e máscaras de esqui. Enormes colunas de fumo negro erguem-se no ar em forma de cogumelos. Ouço gritos e berros, o som de algo a bater em metal.

Sinto uma onda intensa de calor a vir na minha direção e vejo o fogo no meio da rua: as chamas à altura das janelas do segundo andar dos prédios em frente. No meio, distingue-se apenas o esqueleto de uma carrinha da polícia que foi virada de lado e incendiada.

Agora, vejo a polícia a aproximar-se dos manifestantes com equipamento antimotim, capacetes e viseiras de plástico, brandindo cassetetes. Ouço a vergastada dos cassetetes ao estabelecerem contacto. E misturado com o fumo negro há outro tipo de vapor: acinzentado, a espalhar-se em todas as direções – a vir na minha direção. Por momentos paro, paralisada, a olhar. As pessoas correm nesta direção, desviando-se de mim. Empurrando, gritando, desesperadas, cobrindo a boca com lenços e *T-shirts*. Um tipo junto a mim vira-se e arremessa algo – uma garrafa? – na direção da polícia.

Dou a volta e sigo caminho, tentando correr. Mas há demasiada gente e o vapor cinzento está a apanhar-me, rodopiando a toda a volta. Começo a tossir e não consigo parar; sinto-me a sufocar. Tenho os olhos a arder, tão húmidos que mal consigo ver. Então, choco – bam! – contra alguém, uma pessoa parada no meio da debandada. Ricocheteio para trás, com o impacto a furtar-me o ar. Então, olho para cima, estreitando os olhos entre as lágrimas.

– Theo!

Puxa-me pela manga do casaco e eu agarro-me a ele. Juntos, damos a volta e fugimos, cambaleantes, a tossir e ofegantes. Com sorte, damos com uma rua lateral e conseguimos libertar-nos da torrente de gente.

Uns minutos mais tarde, irrompemos pela porta de um bar vizinho. Os meus olhos continuam lacrimejantes: olho para o Theo e vejo que também os dele estão raiados a vermelho.

– Gás lacrimogéneo – diz, esfregando-os com o antebraço. – Foda-se.

As pessoas rodam nos seus bancos ao balcão para olharem para nós.

– Temos de lavar os olhos – diz o Theo. – E já.

O *barman*, sem abrir a boca, indica-nos a direção.

Trata-se de uma casa de banho única e bastante grande. Abrimos a torneira e espalhamos água na cara, debruçando-nos juntos sobre o lavatório. Ouço uma respiração irregular. Não sei ao certo se é minha ou dele.

Pestanejo. A água ajudou-me a suavizar um pouco o ardor. Só agora, com a pulsação a regressar ao normal, é que recordo: não quero estar na companhia deste tipo. Deito a mão à porta.

– Jess – diz o Theo –, sobre o que se passou antes…

– Não. Nem pensar. Desaparece.

– Por favor, ouve-me. – Parece, pelo menos, um pouco envergonhado. Levanta uma mão e limpa os olhos. O facto de o gás lacrimogéneo fazer parecer que esteve a chorar é um estranho acrescento. Começa a falar, muito depressa, como se tentasse despejar tudo antes que eu o interrompesse: – Por favor, deixa-me explicar. Olha, este trabalho é uma grande dor de cabeça, paga mal, deu cabo da minha última relação… mas de vez em quando aparece algo assim e consegues expor os maus e de repente tudo parece valer a pena. Sim… sei que não tenho desculpa. Entusiasmei-me. Lamento.

Olho para o chão, de braços cruzados.

– E para ser sincero, não, não quis saber do teu irmão. Um fator essencial enquanto jornalista é ser capaz de interpretar as pessoas. E posso ser brutalmente sincero contigo? O Ben sempre me pareceu completamente interessado apenas em si próprio. Nunca querendo saber dos outros.

Odeio-o por dizer aquilo, quanto mais não seja por, em parte, desconfiar que pode ter razão.

– Como te atreves…

– Não, não. Deixa-me falar. Quando inicialmente me disse que tinha um grande furo, fiquei cético. Ele também tem um pouco de vendedor da banha da cobra, não é? Mas quando me reproduziste aquela mensagem de correio de voz, pensei: Pois, até pode haver aqui qualquer coisa. Talvez ele tenha tropeçado em algo horrível. Afinal, pode valer a pena ver onde levam estas pistas. Por isso, não, não quis saber do teu irmão. Mas sabes que mais, Jess? Quero ajudar-te.

– Oh, v…

– Não, escuta. Eu quero ajudar-te porque acho que mereces um descanso e acho que és corajosa como o raio e também acho que não há um pingo de maldade em ti.

– Ah! Então, não me conheces *mesmo*.

– Caramba, mas alguém conhece mesmo alguém? Mas eu não sou mau tipo, Jess. Para ser justo, também não sou completamente bom. Mas… – Tosse e olha para o chão.

Espreito para ele. Está a dar-me tanga? Os meus olhos começam a ficar de novo marejados: não quero mesmo que ache que são lágrimas.

– Au. Credo. – Retraio-me ao esfregá-los.

Ele dá um passo na minha direção.

– Ei, posso espreitar?

Encolho os ombros.

Estende a mão e inclina-me o queixo para cima.

– Pois… ainda estão muito irritados. Mas acho que só apanhámos um bocadinho, graças a Deus. Deve desaparecer não tarda nada.

O rosto dele está muito chegado ao meu. E não sei bem como acontece, mas num instante ele segura-me o queixo e olha para mim, o seu toque surpreendentemente gentil, e a seguir eu pareço estar a beijá-lo e ele sabe a cigarros e ao vinho do clube, o que é de repente um dos melhores sabores que consigo imaginar, e ele é muito mais alto do que eu, pelo que me dói o pescoço, mas na verdade não quero saber, na verdade até gosto, porque isto é excitante – excitante como o caraças – e também errado de tantas formas, quanto mais não seja por ter vestida a roupa da ex-namorada dele.

E apesar de ele ser muito maior do que eu, sou eu que o empurro contra o lavatório e ele permite e uma das suas grandes mãos enrola-se no meu cabelo e

depois pego na outra mão dele e puxo-a por baixo deste estúpido vestido minúsculo. E só agora me ocorre que se calhar seria melhor trancarmos a porta.

---

[5] Escândalo sexual ocorrido em 2018 num jantar de beneficência britânico. (*N. do T.*)

Sophie

Penthouse

Os outros saíram da *penthouse*. Mandei a Mimi para o apartamento dela, para esperar. Não quero que presencie o que está para acontecer. A minha filha é muito frágil. Tal como o nosso relacionamento. Temos de encontrar uma nova forma de lidar uma com a outra.

Entro na casa de banho, olho-me ao espelho, agarro as beiras do lavatório. Tenho um ar pálido e abatido. Pareço ter mesmo os meus cinquenta anos. Se o Jacques aqui estivesse neste momento, ficaria horrorizado. Aliso o cabelo com as mãos. Vaporizo perfume atrás das orelhas e no lado de dentro dos pulsos. Aplico pó no brilho da testa. A seguir, pego no batom e aplico-o nos lábios. A minha mão vacila apenas por uma vez; de resto sou precisa como sempre.

De seguida, regresso à sala principal do apartamento. A garrafa de vinho permanece ainda na mesa. Mais um copo, só para me ajudar a pensar…

Sobressalto-me ao perceber que não me encontro sozinha. O Antoine está junto às janelas que vão do teto ao chão, a observar-me: uma presença maligna. Deve ter ficado para trás depois de os outros dois terem saído.

– O que fazes aqui? – pergunto-lhe. Tento manter a voz controlada, apesar de sentir a pulsação junto à garganta.

Dá um passo em frente, sob os focos de luz. Ainda se vê a marca rosada da minha mão na face dele. Não me orgulho de ter perdido a compostura. É algo tão raro; com o decorrer dos anos tornei-me muito boa a controlar as minhas emoções. Mas nas raras ocasiões em que a provocação é suficientemente forte, pareço perder toda a noção das proporções. Sou tomada pela ira.

– Tem sido divertido – diz ele, aproximando-se ainda mais.

– O que é que tem sido divertido?

– Oh. – O sorriso que me mostra agora dá-lhe um ar tresloucado. – Mas por certo que já adivinhou? Depois daquilo tudo com a fotografia no escritório do papá? Já sabe. Deixar aqueles bilhetinhos na sua caixa do correio, por baixo da porta. À espera de recolher o meu dinheiro. Gosto muito do modo como o embrulha. Aqueles belos envelopes creme. Muito discreto.

Olho fixamente para ele. Sinto como se tudo tivesse sido virado do avesso.

– *Tu?* Foste sempre tu?

Ele faz uma imitação de uma vénia.

– Surpreende-a? Que eu tenha tido a coragem? Uma «flor de estufa inútil» como eu? Até consegui manter tudo em segredo… até agora. Não quis que o meu querido irmão também o tentasse. Porque, como muito bem sabe, ele é… qual foi a palavra que usou? Uma *sanguessuga* como eu. Só é mais hipócrita em relação a isso. Disfarça melhor.

– Tu não precisas de dinheiro – friso. – O teu pai…

– Isso é o que a Sophie pensa. Mas, está a ver, desconfiei há umas semanas que a Dominique podia tentar ir-se embora. Tal como suspeitei, está a tentar depenar-me por completo. Sempre foi uma puta gananciosa. E o querido papá é forreta como a merda. Por isso, quis um dinheirinho extra, percebe? Para amealhar.

– O Jacques contou-te?

– Não, não, descobri tudo sozinho. Descobri os registos. O papá faz um registo muito detalhado, sabia? Dos clientes, mas também das raparigas. Sempre tive as minhas suspeitas em relação a si, mas queria provas. Por isso, mergulhei mais nos arquivos. Descobri pormenores sobre uma Sofiya Volkova, que costumava «trabalhar» – desenha aspas no ar – no clube há quase trinta anos.

Aquele nome. Mas Sofiya Volkova já não existe. Deixei-a lá, fechada naquele lugar com a escadaria a dar para o subsolo, as paredes de veludo, o quarto trancado.

– Seja como for – diz o Antoine –, sou mais atento do que as pessoas pensam. Vejo muito mais do que todos pensam. – De novo aquele sorriso demencial. – Mas isso já sabe, não é?

Jess

Eu e o Theo seguimos juntos para o metro. É curioso como depois de se ter dormido com alguém (não que se possa chamar «dormir» ao que acabámos de fazer contra o lavatório) nos conseguimos sentir tão envergonhados, tão inseguros sobre o que dizer um ao outro. Sinto-me estúpida, ao pensar no tempo que poderemos ter desperdiçado. Mesmo que, reconhecidamente, nenhum de nós tenha levado assim tanto tempo. Também quase parece que aconteceu com outra pessoa. Em especial agora que voltei a vestir a minha roupa normal.

O Theo vira-se para mim, com uma expressão solene.

– Jess. É evidente que não podes regressar para aquele sítio. Enfiar a cabeça de novo na boca do leão? Só se fosses completamente louca. – O tom de voz dele já não apresenta aquele toque arrastado e irónico: há ali uma brandura. – Não me interpretes mal, mas acho que és o tipo de pessoa que pode ser um pouco… imprudente. Sei que achas que é a única forma de ajudares o Ben. E é mesmo de… louvar…

Olho para ele.

– *Louvar*? Não estou a tentar ganhar o raio de um prémio escolar. Ele é meu irmão. É literalmente a única família que me resta no mundo.

– *OK* – diz o Theo, erguendo as mãos. – Foi claramente uma palavra mal escolhida. Mas é muito, muito perigoso. Porque é que não ficas em minha casa? Tenho um sofá. Continuas em Paris. Vais continuar a poder procurar o Ben. Podes falar com a polícia.

– A mesma polícia que supostamente sabe da existência daquele lugar e nunca mexeu uma palha? A mesma polícia que até pode participar naquilo? Sim, vai

servir de muito.

Descemos os degraus do metro juntos, até à plataforma. Está praticamente vazia, apenas um bêbedo a cantar sozinho no outro lado. Ouço o estrondear de uma composição a aproximar-se, sinto-a atrás do esterno.

Então, tenho uma súbita e vincada sensação de que se passa algo de errado, embora não saiba o que é. Uma espécie de sexto sentido, calculo. Então, ouço algo mais: o som de pés em corrida. Diversos pares de pés.

– Theo – digo –, olha, acho que…

Mas, antes sequer de proferir as palavras, já está a acontecer. Quatro grandalhões derrubam o Theo. Percebo que usam farda – farda da polícia – e um deles segura triunfalmente no ar um saquinho cheio de algo branco.

– Isso não é meu! – grita o Theo. – Plantaram isso em mim… Foda-se…

Mas as palavras seguintes são abafadas e substituídas por um gemido de dor quando um polícia lhe encosta a cara à parede, enquanto outro o algema. A composição está a chegar à plataforma: vejo pessoas na carruagem mais próxima a olhar pelas janelas.

Então, vejo que outro homem se aproxima de nós na plataforma: mais velho, com um fato elegante sob um sobretudo cinzento igualmente elegante. Aquele cabelo grisalho cortado rente, aquele rosto de *pitbull*. Eu conheço-o. É o tipo a quem o Nick me levou na esquadra. Comissário Blanchot.

Agora, pensando bem, estabeleço outra ligação. O vulto que achei ter reconhecido entre a assistência no clube, logo antes de as luzes se apagarem. Era ele. Deve ter andado a seguir-nos toda a noite.

Os dois polícias que não estavam tão ocupados a segurar o Theo lançam-se então atrás de mim: é a minha vez. Sei que me restam apenas uns segundos para agir. As portas das carruagens abrem-se. De repente, toda uma multidão de manifestantes verte da carruagem, transportando tabuletas e armas improvisadas.

O Theo consegue rodar a cabeça na minha direção.

– Jess – chama ele por entre um lábio rachado, com uma voz arrastada. – Entra no raio da carruagem. – O tipo atrás dele dá-lhe uma joelhada nas costas; tomba na plataforma.

Hesito. Não posso abandoná-lo aqui…

– Entra no raio do metro, Jess. E não te atrevas a voltar lá.

O polícia que está mais perto lança-se a mim. Desvio-me rapidamente dele e dou a volta e avanço por entre a multidão que se aproxima. Salto para a carruagem mesmo antes de as portas se fecharem.

Sophie

Penthouse

– Bem – diz o Antoine –, por muito que tenha apreciado a nossa conversinha, gostava de receber agora o meu dinheiro, por favor. – Estende a mão. – Ocorreu-me vir recolhê-lo pessoalmente. É que já estou há três dias à espera. Sempre foi tão lesta no passado. Tão diligente. E deixei passar um dia devido a circunstâncias atenuantes, sabe… mas não posso passar a vida à espera. A minha paciência tem limites.

– Não o tenho – digo. – Não é tão simples como pensas…

– Eu cá acho que é muito simples. – O Antoine abarca o apartamento com um gesto. – Olhe só para este lugar.

Desaperto o meu relógio e entrego-lho.

– Muito bem. Leva isto. É um *Cartier Panthère*. Eu… eu digo ao teu pai que foi para arranjar.

– Oh, *mais non*. – Ergue uma mão, fingidamente afetado. – Não vou sujar as mãos. Afinal, sou o filho do papá, já deve ter essa noção, certo? Eu gostaria de outro envelope creme cheio de dinheiro, por favor. É mesmo seu, não é? Exterior elegante, realidade pobre e imunda por dentro.

– O que é que eu fiz para me odiares dessa maneira? – pergunto-lhe. – Nunca te fiz nada.

O Antoine ri-se.

– Está a dizer-me que não faz mesmo ideia? – Inclina-se um pouco mais para a frente e consigo cheirar o fedor a álcool no hálito dele. – A Sophie não é nada, *nada*, comparada com a mamã. Ela era de uma das melhores famílias de França. Uma linhagem francesa verdadeiramente importante: orgulhosa, nobre. Sabe que

a família acha que ele a matou? Os melhores médicos de Paris e não conseguiram descobrir o que a deixava tão doente. E quando ela morreu, ele substituiu-a por o quê… por si? Para ser sincero, eu nem precisava de ver aqueles registos. Percebi quem era desde que a conheci. Dava para sentir o *cheiro*.

A minha mão move-se um pouco para voltar a esbofeteá-lo. Mas não me vou permitir outra perda de controlo. Em vez disso, digo:

– O teu pai vai ficar muito dececionado contigo.

– Oh, não me venha com o trunfo do «dececionado». Já não resulta comigo. Ele sente-se dececionado comigo desde que saí da *chatte* da minha pobre mãe. E não me deu nada, porra. Pelo menos, nada que não viesse preso a uma carga de culpa e recriminação. Tudo o que me deu foi o seu amor por dinheiro e o raio de um complexo de Édipo.

– Se ele sabe disto, que me ameaças, ele… vai excluir-te.

– Só que não vai saber, pois não? Não pode dizer-lhe porque a ideia é precisamente essa. Não pode permitir que ele descubra. Porque há tanto que eu *podia* contar. Outras coisas que foram acontecendo entre estas paredes. – Mostra uma expressão reflexiva. – Como é mesmo aquele ditado? *Quand le chat n'est pas là, les souris dansent… – Com o gato fora, os ratos dançam.*[6] Ele pega no seu telemóvel, acena com ele diante da minha cara. O número do Jacques, ali mesmo no ecrã.

– Não o farias – digo. – Porque nesse caso não receberias o teu dinheiro.

– Bem, não é precisamente essa a ideia? O ovo e a galinha, *ma chère belle-mère*. Paga e eu não conto. E não quer mesmo que eu conte ao papá, pois não? Sobre as outras coisas que eu sei?

Lança-me um olhar lascivo. Tal como fez quando eu certa noite saí do apartamento do terceiro andar e ele surgiu das sombras no patamar. Olhou-me de alto a baixo de uma forma que um enteado não pode olhar para a madrasta. «O seu batom, *ma chère belle-mère*», disse, com um sorriso maldoso. «Está borratado. Ali.»

– Não – digo agora ao Antoine. – Não te dou mais nada.

– Desculpe? – Leva uma mão em concha atrás da orelha. – Lamento, mas não entendo.

– Não, não vais levar o teu dinheiro. Não to dou.

Franze o sobrolho.

– Mas assim vou contar ao meu pai. Vou contar-lhe a outra coisa.

– Oh, não, não vais nada. – Sei que piso território perigoso. Mas não resisto, enfrentando a chantagem dele.

Assente lentamente a cabeça, como se eu fosse demasiado estúpida para o compreender.

– Eu garanto-lhe, sem dúvida que o faço.

– Muito bem. Manda-lhe já uma mensagem.

Vislumbro um espasmo de confusão na expressão dele.

– Estúpida de merda – cospe. – Qual é a sua? – Mas de repente parece inseguro. Até receoso.

Falei ao Benjamin Daniels da Sofiya Volkova. Foi o meu ato mais imprudente. Mais do que tudo o que fiz com ele. Nessa tarde, tomáramos um duche juntos. Ele lavara-me o cabelo. Talvez tenha sido este simples ato – à sua maneira, mais intimista do que sexo – a libertar algo dentro de mim. A encorajar-me a contar-lhe da mulher que achei ter deixado trancada num quarto sob uma das ruas mais chiques da cidade. Ao fazê-lo, senti de repente como se estivesse eu ao leme. Quem quer que fosse que andasse a chantagear-me, deixaria de ter todos os trunfos na mão. Seria eu a contar a história.

– O Jacques escolheu-me – contei. – Podia escolher qualquer uma das raparigas, mas escolheu-me a mim.

– Mas é claro que te escolheu – disse o Ben, enquanto traçava um padrão no meu ombro despido.

Ele estaria talvez a elogiar-me, mas ao longo dos anos também vim a entender qual terá sido a atração para o meu marido. Mais valia ter uma segunda esposa que nunca o fizesse sentir-se inferior, oriunda de um lugar tão abaixo do dele, que iria sempre sentir-se grata. Alguém que pudesse moldar ao seu gosto. E eu sentia-me tão feliz por ser moldada. Por me tornar a *Madame* Sophie Meunier com os seus lenços de seda e brincos de diamante. Podia deixar aquele lugar para trás. Não iria acabar como algumas das outras. Como a pobre desgraçada que deu à luz a minha filha.

Ou assim pensei. Até aquele primeiro bilhete me mostrar que o meu passado pairava sobre a minha vida como uma lâmina a postos para decepar a ilusão que eu criara.

– Fala-me da Mimi – murmurou o Ben, com a boca encostada à minha nuca. – Ela não é tua… certo? Como é que encaixa nisto tudo?

Fiquei muito quieta. Foi o grande erro dele. Aquilo que finalmente me despertou do transe. Percebi então que não era a única com quem ele andava a falar. Compreendi então como fora estúpida. Estúpida, só e fraca. Revelara-me àquele homem, àquele estranho – alguém que eu ainda não conhecia verdadeiramente bem, apesar de todo o tempo que passáramos juntos. Olhando para trás, talvez até quando me falou da sua infância ele tenha estado a selecionar, editar… parte dele a escapar-me, sempre inescrutável. Facultando-me uma ou outra migalha previamente escolhida, o suficiente para em troca eu me expor. Ele era jornalista, por amor de Deus. Como pude ser tão parva? Ao falar, passara-lhe o poder para as mãos. Não arriscara apenas tudo o que construíra para mim, o meu próprio modo de vida. Eu arriscara também tudo o que desejava para a minha filha.

Soube o que tinha a fazer.

Tal como sei o que tenho a fazer agora. Ponho-me a postos, mostro o meu olhar mais fulminante ao Antoine. Pode ser mais alto do que eu, mas sinto-o a encolher-se. Acho que acabou de perceber que não cedo a pressões.

– Quero lá saber se envias ou não uma mensagem ao teu pai – digo. – Mas, de uma maneira ou de outra, não me sacas nem mais um euro. E neste momento acho que todos temos assuntos mais importantes a tratar. Não concordas? Sabes bem qual é a posição do Jacques em relação a isto. A família vem sempre primeiro.

---

[6] Um equivalente em português poderia ser «Patrão fora, dia santo na loja». (*N. do T.*)

Jess

Estou de volta a este lugar. De volta a esta rua pacata com os seus belos edifícios. Sou tomada por aquela sensação familiar: o resto da cidade, do mundo, parecem muito distantes.

Penso nas palavras do Theo: «*És o tipo de pessoa que pode ser um pouco… imprudente.*» Quando ele o disse, fiquei irritada, mas ele tinha razão. *Sei* que há uma parte de mim que sente atração pelo perigo, que até o procura.

Talvez seja loucura. Talvez se o Theo não tivesse acabado de ser detido eu tivesse ido para casa dele, como sugeriu que seria aconselhável. Para dormir no sofá dele. Ou talvez não. Mas, tal como as coisas estão, não tenho mais para onde ir. Sei que não posso ir à polícia. Sei também que se quero descobrir o que aconteceu ao Ben, só me resta vir para este lugar. A chave está no prédio, disso estou certa. Não é fugindo que encontrarei as minhas respostas.

Naquele dia com a mãe também tive um pressentimento. Ela naquela manhã estava a comportar-se de forma estranha. Melancólica. Não parecia ela. Com um sorriso ausente, como se já estivesse noutro lugar. Algo me disse que não deveria ir para a escola. Falsificar um atestado médico, como já fizera antes. Mas ela não estava triste, nem assustada. Apenas um pouco ausente. E era dia de desporto e eu em tempos fui boa a desportos e era verão e não queria estar por perto da mãe quando ela estava assim. Por isso, fui para a escola e por umas horas esqueci por completo a existência da mãe, que existia algo mais do que os meus amigos e a corrida a três pernas e a corrida de sacos e todas aquelas parvoíces.

Quando cheguei a casa às quatro menos dez, percebi. Antes sequer de chegar ao quarto. Antes sequer de abrir aquela fechadura e a porta. Acho que ela poderá

ter mudado de ideias, recordado que tinha filhos que necessitavam dela mais do que ela necessitava de partir. Porque não estava deitada tranquilamente na cama. Estava deitada como a foto instantânea de alguém a nadar *crawl*, paralisada a nadar na direção da porta.

Nunca mais ignorarei um pressentimento assim.

Se fizeram algo ao Ben, sei que disponho da melhor oportunidade de descobrir. Não a polícia que têm na mão. Ninguém, a não ser eu. Na verdade, nada tenho a perder. Na realidade, sinto neste momento uma espécie de atração por este lugar. Para rastejar, como o disse o Theo, para a boca do leão. Quando ele o disse, soou-me algo melodramático, mas, ao parar diante do portão e ao olhar para ele, faz sentido. O modo como este lugar, este prédio, parece uma criatura enorme pronta a engolir-me de uma só vez.

Não vejo ninguém quando entro no prédio de apartamentos, nem sequer a porteira. Nos apartamentos lá em cima todas as luzes estão apagadas. Parece tão sossegado como na noite em que cheguei. É tarde, calculo. Digo a mim mesma que deve ser a minha imaginação que atribui ao silêncio todo este peso, como se todo o edifício esperasse por mim.

Avanço para a escadaria. Estranho. Algo me atrai a atenção na semiobscuridade. Uma grande e desordenada pilha de roupa ao fundo das escadas, espalhada pela alcatifa. O que diabo faz aquilo ali?

Estendo a mão para o interruptor. A luz tremelica e acende.

Volto a olhar para o monte de roupa velha. Sinto um aperto no estômago. Ainda não vejo do que se trata, mas num instante percebo, simplesmente percebo. O que quer que se encontre ali ao fundo das escadas é mau. Algo que não quero ver. Dirijo-me até lá como se avançasse em água, resistindo, e todavia sabendo que tenho de ir espreitar. Ao aproximar-me, vejo com mais clareza. Há uma forma sólida visível dentro da suavidade do material.

Oh, meu Deus. Não sei se dei voz ao suspiro ou se foi apenas na minha cabeça. Vejo agora com uma clareza horrível que a forma é de uma pessoa. Estendida de cara para baixo, esparramada sobre as lajes. Não se mexe. Sem dúvida que não se mexe.

Outra vez não. Já passei por isto. O corpo diante de mim, tão horrivelmente imóvel. *Oh, meu Deus, oh, meu Deus.* Vejo pontinhos a bailar diante dos meus

olhos. *Respira, Jess. Respira.* Todas as partes do meu corpo querem gritar, fugir na direção oposta. Obrigo-me a agachar-me. Há uma hipótese de ela ainda se encontrar viva… Curvo-me, estendo uma mão… toco no ombro.

Sinto a bílis a subir pela garganta, engasgando-me. Engulo, com força. Rolo a porteira para o lado. O corpo dela move-se como se não passasse de uma mera coleção de roupa velha, demasiado flácido, demasiado inerte. Há umas horas ela avisava-me para ter cuidado. Estava assustada. Agora, está…

Encosto dois dedos ao pescoço dela, certa de que nada sentirei…

Mas acho que sinto algo. Será? Sim, sob as pontas dos dedos: um gaguejo, uma pulsação. Leve, mas inegável. Ainda estava viva, mas no limite.

Olho para cima para a escadaria nas sombras, para os apartamentos. Sei que não se tratou de um acidente. Sei que um deles fez isto.

Jess

– Consegue ouvir-me? – Credo, percebo que nem sequer sei o nome da mulher. – Vou chamar uma ambulância.

Parece completamente escusado. Tenho a certeza de que não me ouve. Mas vejo os lábios dela a apartarem-se, como se tentasse dizer algo.

Enfio a mão no bolso para pegar no telemóvel.

Mas não está lá nada. O bolso está vazio. O que raio…

Vasculho os bolsos dos meus *jeans*. Também não está lá. De volta ao casaco. Mas não está mesmo lá. Nada de telefone.

E, depois, lembro-se. Entreguei-o ao porteiro do clube, porque de contrário não nos deixava entrar. Fomos postos fora antes sequer de ter a oportunidade de o recolher – e estou certa de que ele não o teria entregado.

Fecho os olhos e inspiro fundo. *OK*, Jess: pensa. *Pensa*. Tudo bem. Tudo bem. Não precisas do telefone. Basta-te ir à rua e pedir a alguém que chame uma ambulância.

Abro a porta com força, corro pelo pátio até ao portão. Puxo a maçaneta. Mas nada acontece. Puxo com mais força: ainda nada. Não se move nem um milímetro. O portão está trancado; é a única explicação. Calculo que o mesmo mecanismo que permite que se abra com um código também possa ser utilizado para o trancar. Tento pensar de forma racional. Mas é difícil, pois começo a ceder ao pânico. O portão é a única forma de sair deste lugar. E se está trancado, então estou encurralada no interior. Não há saída.

Será que dá para trepar? Olho esperançosa para cima. Mas trata-se apenas de uma parede de aço, sem qualquer ponto onde apoiar um pé. E há ainda os picos

no alto para que ninguém invada, assim como os cacos de vidro ao longo do muro de ambos os lados que me retalhariam se tentasse passar por cima.

Corro de volta para o edifício, para a escadaria.

Quando regresso, vejo que a porteira conseguiu sentar-se, encostada à parede junto ao fundo das escadas. Mesmo na escuridão, percebo o corte na linha do cabelo onde terá batido com a cabeça no chão de pedra.

– Nada de ambulância – sussurra, abanando a cabeça. – Nada de ambulância. Nada de polícia.

– Está louca? Tenho de ligar…

Para a frase a meio, porque acabou de olhar para as escadas atrás de mim. Acompanho o olhar dela. Vejo o Nick lá parado, no topo do lanço de escadas.

– Olá, Jess – diz ele. – Temos de conversar.

Nick

Segundo andar

– Grande anormal – diz ela. – Foste tu que lhe fizeste isto? Que merda de pessoa és tu?

Ergo as mãos.

– Não… não fui eu. Só a descobri.

Foi o Antoine, claro. A ir demasiado longe, como era habitual. Uma velhota, por amor de Deus: empurrá-la daquela maneira.

– Deve ter sido um… um terrível acidente. Olha. Há umas coisas que tenho de explicar. Podemos conversar?

– Não – diz ela. – Não, não quero conversas, Nick.

– Por favor, Jess. Por favor. Tens de confiar em mim. – Tenho de me manter calmo. Não agir intempestivamente. Não me obrigar a fazer algo de que me arrependa. Ainda não sei ao certo se ela tem ou não um telemóvel.

– Confiar em ti? Como confiei antes? Quando me levaste a encontrar-me com aquele polícia manhoso? Quando me escondeste que vocês eram uma família?

– Olha, Jess – digo. – Eu posso explicar tudo. Mas… vem comigo. Não quero que te magoes. Não quero mesmo que mais alguém se magoe.

– O quê… – aponta para a porteira –, como ela? E como o Ben? O que fizeste ao Ben? Ele é teu amigo, Nick.

– Não! – grito. Tenho tentado tanto manter-me calmo, controlado. – Ele não é meu amigo. Nunca foi meu amigo. – E nem sequer tento manter a amargura ao largo.

Três noites antes, a minha maninha Mimi veio contar-me o que encontrou no computador dele.

– Dizia… que o nosso dinheiro não vem do vinho. Diz… diz que são raparigas. Homens a pagar por raparigas, não por vinho… aquele lugar horrível, aquele clube… *ce n'est pas vrai*… não pode ser verdade, Nick… diz-me que não é verdade. – Ela soluçava ao tentar falar. – E diz… – Fez um esforço para respirar. – Diz que não sou mesmo filha deles…

Suponho que sempre soubemos da Mimi, eu e o Antoine. Suponho que todas as famílias têm este tipo de segredos, estes logros comummente aceites nunca proferidos em voz alta. Sinceramente, tínhamos demasiado receio. Recordo como, quando ainda éramos praticamente uns miúdos, o Antoine fez um comentário que o nosso pai ouviu por acaso… alguma insinuação. O papá expulsou-o da sala à chapada. O assunto nunca mais veio à baila. Mais um esqueleto atirado para o fundo do armário.

O Ben visivelmente andou muito, muito ocupado. Aparentemente, terá descoberto mais sobre o papá do que eu alguma vez soube. Mas a verdade é que eu não quis saber dos pormenores sórdidos. Mantive o máximo de distância possível ao longo dos anos, sempre na ignorância. Ainda assim, estava tudo ligado com o que lhe contei confidencialmente há dez anos num café de erva em Amesterdão. A confissão que, prometera ele, com a mão sobre o coração, nunca partilharia com outra alma. O segredo no seio da minha família. A minha principal e terrível fonte de vergonha.

Ainda recordo as palavras do meu pai nos meus dezasseis anos, do lado de fora daquela porta trancada ao fundo da escadaria em veludo. Num tom de insulto: «Oh, achas que podes empinar o nariz diante disto, é? Achas-te superior a isto? O que achas que pagou a tua escola cara? O que achas que pagou a casa onde vives, as roupas que vestes? Umas garrafas velhas cheias de pó? A preciosa herança da tua santa mãe? Não, meu rapaz. É *daqui* que vem. Achas-te imune? Achas-te demasiado bom para tudo isto?»

Sabia muito bem o que a Mimi sentira, ao ler sobre o assunto no computador do Ben. Ao conhecer as raízes da nossa riqueza, da nossa identidade. Ao descobrir que fora dinheiro sujo a pagar por tudo. É como uma doença, um cancro, a espalhar-se e a deixar-nos a todos doentes.

Mas ao mesmo tempo não há como escolher o nosso sangue. Eles ainda são a única família que tenho.

Quando a Mimi me contou o que lera, de repente tudo – a mensagem casual do Ben meses antes, o nosso encontro no bar, a mudança para este prédio – se revelou algo muito bem pensado, mais do que resultado de uma feliz coincidência. Com um alvo definido. Ele usara-me para alimentar as suas ambições. E agora iria destruir a minha família. E, entretanto, não pareceu interessar-lhe o facto de também me destruir.

Pensei de novo naquele velho ditado francês sobre a família. *La voix du sang est la plus forte*: a voz do sangue fala mais alto. Não tive escolha.

Sabia o que tinha a fazer.

Tal como o sei agora.

Jess

– Por favor, Jess – diz o Nick, num tom moderado. – Peço-te que me escutes. Eu desço e podemos conversar.

Por momentos, penso: lá porque são uma família, não implica que sejam todos responsáveis pelo que aconteceu aqui. Recordo como o Nick se referiu de passagem ao seu pai como sendo «um bocado filho da mãe»: nitidamente nem todos alinhavam pelo mesmo diapasão. Talvez eu me tenha precipitado – talvez ela tenha mesmo caído. Uma idosa, frágil, a escorregar nas escadas à noite… sem que ninguém a ouvisse por ser demasiado tarde. E talvez o portão da entrada esteja trancado, também, por ser tarde…

Não. Não vou arriscar. Volto a olhar para a porteira, tombada no chão com um esgar de dor. E, ao fazê-lo, vejo a porta do apartamento do primeiro andar a abrir. Vejo o Antoine a sair para o patamar para se pôr ao lado do irmão – os dois muito mais parecidos do que eu percebera. Ele sorri-me, um sorriso horrível.

– Olá, minha menina – diz.

Para onde fugir? O portão da frente está trancado. Recuso-me a ser a rapariga dos filmes de terror que foge para a cave. Ambos os irmãos descem agora as escadas na minha direção. Não tenho tempo para pensar. Instintivamente, entro para o elevador. Primo o botão para o terceiro andar.

O elevador faz um tinido ao subir, com o mecanismo a ranger. Ouço o Nick a correr pelas escadas lá em baixo: através da grelha metálica vejo o cimo da cabeça dele. Persegue-me. Acabaram-se as dissimulações.

Chego por fim ao terceiro andar. O elevador tilinta ao parar de forma penosamente lenta. Abro a porta metálica e corro pelo patamar, enfio as chaves na porta do apartamento do Ben e abro-a, para a fechar com força ao entrar, trancando-a, ofegante.

Tento pensar, com o pânico a tornar-me estúpida quando preciso de o fazer com a máxima clareza. A escadaria dos fundos: posso tentar utilizá-la. Mas tenho o sofá à frente. Corro até lá, começo a tentar puxá-lo de frente da porta.

Então, ouço o som inconfundível de uma chave a começar a rodar na fechadura. Recuo. Ele tem uma chave. É claro que tem uma chave. Será que posso pôr algo em frente à porta? Não: não há tempo.

O Nick começa a avançar na minha direção, cruzando a sala. O gato, ao vê-lo, passa a correr e salta para cima da bancada da cozinha à sua direita, miando-lhe – quiçá com a esperança de ser alimentado. Traidor.

– Vá lá, Jess – diz o Nick, num tom persuasivo, e ainda assustadoramente ponderado. – Deixa-te estar onde estás…

Este novo tom ameaçador por parte do Nick é muito mais assustador depois de antes ter recorrido àquele disfarce de tipo simpático. Quer dizer, a violência do irmão pareceu estar sempre ali a ferver em lume brando. Mas o Nick – este novo Nick – é um verdadeiro mistério.

– E depois? – pergunto-lhe. – Para me fazeres o mesmo que fizeste ao Ben?

– Eu não fiz nada…

Nota-se uma ênfase estranha na forma como ele o diz. Um sublinhado no «eu»: «*Eu* não.»

– Estás a dizer que alguém fez? Algum dos outros? – Não responde. *Mantém-no a falar,* digo a mim mesma, *ganha tempo*. – Pensei que querias ajudar-me, Nick – digo.

Agora parece em sofrimento.

– E queria, Jess. E é tudo culpa minha. Pus tudo isto em marcha. Convidei-o a vir para cá… eu devia ter percebido. Ele começou a remexer onde não devia… foda-se.. – Esfrega as mãos na cara e quando as afasta vejo que tem os olhos raiados de sangue. – A culpa é minha… desculpa…

Sinto um arrepio frio.

– O que fizeste ao Ben, Nick? – Pretendi soar dura, autoritária, mas a minha voz saiu trémula.

– Eu não… não fiz… Eu não fiz nada. – Uma vez mais aquela ênfase: «*Eu* não, *eu* não fiz.»

A única forma de sair é passando pelo Nick, por aquela porta de entrada. Logo ao lado da porta fica a zona da cozinha. Está ali o pote dos talheres; lá dentro encontra-se aquela faca japonesa afiada como uma lâmina. Se conseguir mantê-lo a falar e de alguma maneira apanhar a faca…

– Vá lá, Jess. – Avança mais um passo na minha direção.

E, de repente, dá-se um movimento, uma mancha preta e branca. O gato saltou do balcão da cozinha para os ombros do Nick – da mesma forma que me cumprimentou quando entrei pela primeira vez no apartamento. O Nick vocifera e ergue as mãos para se livrar do gato. Corro em frente, arranco a faca do pote. E lanço-me para a porta para lá dele, abro-a e fecho-a atrás de mim.

– Olá, minha menina.

Viro-me: foda-se – está ali o Antoine, deve ter ficado à espera nas sombras. Aponto a faca na direção dele, cortando com tal violência o ar com a lâmina que ele cambaleia para trás e cai pelo lanço de escadas, tombando atabalhoadamente no patamar seguinte. Espreito para ele na escuridão, com o peito a arder. Parece-me que ouço um gemido, mas ele não se mexe.

O Nick há de sair a qualquer momento. Só me resta um caminho.

Subir.

Estou claramente em desvantagem numérica: eles são quatro. Mas talvez haja um lugar onde possa esconder-me, para tentar ganhar tempo.

Vá lá, Jess. Pensa. Sempre foste boa a livrares-te de apertos.

Mimi

Quarto andar

– O que se passa lá fora? Mamã? – Depois de tudo o que soube, a palavra ainda me soa estranha, penosa.

– Pronto – diz ela, afagando-me o cabelo. – Pronto, *ma petite*.

Estou enroscada na cama, a tremer. Ela veio cá abaixo ver como eu estava. Permiti que se sentasse ao meu lado, que pusesse um braço sobre os meus ombros.

– Olha – diz ela. – Fica aqui, está bem? Vou lá fora ver o que se passa.

Agarro-a pelo pulso.

– Não. Por favor… não me deixes aqui. – Detesto a carência na minha voz. A minha necessidade por ela, mas não consigo evitar. – Por favor – digo. – *Mamã*.

– É só por uns minutos – diz. – Só tenho de assegurar…

– Não, por favor… não me deixes aqui.

– Mimi – diz ela, num tom cortante. – Larga-me o braço, se faz favor.

Mas continuo agarrada a ela. Apesar de tudo, não quero que me deixe. Porque assim ficaria a sós com os meus pensamentos – como uma miudinha com medo dos monstros debaixo da cama.

Jess

Corro pelas escadas acima, dois degraus de cada vez. O medo leva-me a correr mais depressa do que alguma vez fiz na vida.

Chego por fim ao último andar, em frente à porta da *penthouse*, com a escada de madeira de acesso aos velhos aposentos dos criados diante de mim. Começo a trepar, subindo para a escuridão. Talvez consiga esconder-me aqui tempo suficiente para ordenar os pensamentos, perceber o que raio fazer a seguir. Já estou a arrancar as argolas das orelhas, dobrando-as na forma correta, para fazer a minha chave-mestra. Agarro o cadeado e lanço-me ao trabalho. Por norma, sou muito rápida, mas tremem-me as mãos – sinto que um dos dentes do fecho está encravado e não consigo exercer a pressão correta para que ceda.

Até que finalmente o fecho se abre, arranco o cadeado e empurro a porta. Volto a fechá-la rapidamente assim que entro. O cadeado aberto é a única coisa que me denuncia; vou ter de rezar para que não percebam de imediato que me enfiei aqui.

Os meus olhos começam a ajustar-se à escuridão. Olho para um sótão atulhado de tralhas, comprido e estreito. O teto acima de mim é muito inclinado. Tenho de me agachar para não bater com a cabeça numa das grandes traves de madeira.

Está escuro, mas há um brilho ténue que, percebo eu, se trata da lua cheia, a infiltrar-se pelas pequenas e manchadas janelas do sótão. Cheira a madeira velha e ar estagnado aqui em cima e a algo animal: suor ou algo pior, algo a apodrecer. Algo que me obriga a respirar de forma rasa. O ar está denso, cheio de partículas de pó que pairam no ar diante de mim nos feixes de luar. É como se tivesse

aberto uma porta para outro mundo, onde o tempo esteve suspenso por uma centena de anos.

Avanço, olhando em redor em busca de um lugar onde me esconder.

Ali no canto escuro mais afastado vejo o que parece ser um velho colchão. Parece ter algo por cima.

Surge-me de novo aquela sensação, como lá em baixo, ao descobrir a porteira. Não quero aproximar-me mais. Não quero olhar.

Só que olho, pois tenho de saber. Agora vejo do que se trata. Quem é. Vejo o sangue. Compreendo.

Ele esteve sempre aqui. E esqueço que é suposto estar a esconder-me deles. Esqueço tudo exceto o horror do que vejo. E grito e grito e grito.

Mimi

Quarto andar

Um grito irrompe no apartamento.

– *Ele está morto. Ele está morto… vocês mataram-no mesmo.*

Largo o braço da minha mãe.

A tempestade na minha cabeça torna-se cada vez mais ruidosa. É um enxame de abelhas… antes como se fosse esmagada debaixo de água pelas ondas, agora parada no meio de um furacão. Mas ainda não suficientemente alto para abafar os pensamentos que começam a infiltrar-se. As memórias.

Recordo sangue. Imenso sangue.

Estão a ver, quando se é criança e não se consegue dormir por recear os monstros debaixo da cama? O que sucede se começarmos a suspeitar que o monstro podemos ser nós? Então, onde nos escondemos?

É como se as memórias tivessem sido trancadas atrás de uma porta na minha mente. Conseguia ver a porta. Sabia que lá estava e sabia que havia algo terrível atrás. Algo que não quero ver… nunca. Mas agora a porta abre-se, deixando jorrar as memórias.

O fedor metálico do sangue. O chão de madeira escorregadio. E na minha mão a faca de cortar tela.

Recordo-me deles a levarem-me para o chuveiro. A mamã… e talvez mais alguém. A lavarem-me. O sangue a escorrer diluído e rosado pelo ralo, redemoinhando em redor dos meus pés. Todo o meu corpo tremia; não conseguia parar. Mas não por o duche ser frio; era quente, escaldava. Havia um frio profundo dentro de mim.

Lembro-me de a mamã me agarrar como fazia quando era uma criancinha. E apesar de me sentir tão zangada com ela, tão confusa, tudo o que o que eu queria, de repente, era agarrar-me a ela. Voltar a ser aquela menininha.

– Mamã – disse eu. – Estou assustada. O que é que aconteceu?

– Pronto. – Afagou-me o cabelo. – Está tudo bem – disse ela. – Não vou deixar que nada te aconteça. Vou proteger-te. Deixa-me tratar de tudo. Não vais ficar em apuros. A culpa foi dele. Fizeste o que tinha de ser feito. Aquilo que não tive coragem para eu própria fazer. Tínhamos de nos livrar dele.

– Como assim? – Olhei-a com atenção, a tentar compreender. – Mamã, como assim?

Ela fitou-me muito séria. Olhou-me nos olhos. A seguir assentiu a cabeça com veemência.

– Não te lembras. Sim, sim, é melhor assim.

Mais tarde, dei com algo enfiado nas minhas unhas, uma cor enferrujada castanho-avermelhada. Esfreguei com uma escova de dentes na casa de banho até começar a sangrar das unhas. Não quis saber da dor; só me queria livrar daquilo, fosse o que fosse. O resto era como um sonho.

E depois apareceu ela. E na manhã seguinte apareceu à porta. Bateu e bateu até eu ter de abrir. E depois ela disse aquelas palavras terríveis.

– O meu irmão… o Ben… ele… bom, ele a modos que desapareceu.

Foi então que percebi que afinal poderia ter sido real.

Acho que deve ter sido. Acho que posso tê-lo matado.

Sophie

Penthouse

– *Ele está morto. Ele está morto… vocês mataram-no mesmo.*

– Tenho de ir, *chérie* – digo à Mimi. – Tenho de ir tratar disto. – Saio para o patamar, deixando-a no apartamento.

Olho para cima. Aconteceu. A rapariga está nos *chambres de bonne*. Encontrou-o.

Recordo-me de abrir a porta do apartamento dele naquela noite terrível. A minha filha coberta de sangue. Ela abriu a boca como se fosse falar, ou gritar, mas não saiu nada.

A porteira também lá estava, não sei como. Mas é evidente que estava: ela vê e sabe tudo – movendo-se por este prédio de apartamentos como um fantasma. Fico a olhar para a cena diante de mim num estado de puro choque. Depois, sou tomada por um estranho sentido prático.

– Temos de a lavar – disse eu. – Tirar este sangue todo. – A porteira assentiu. Agarrou a Mimi pelos ombros e encaminhou-a para o duche. A Mimi murmurava uma torrente de palavras: sobre o Ben, sobre traição, sobre o clube. Ela sabia. E por algum motivo não veio falar comigo.

Depois de lavada, a porteira levou-a de volta para o apartamento dela. Percebi que a minha filha estava em estado de choque. Desejei acompanhá-la, confortá-la. Mas primeiro tinha de lidar com as consequências do que ela fizera. Aquilo que, com toda a sinceridade, eu própria ponderara fazer.

Procurei e usei todos os panos da loiça do apartamento. Todas as toalhas da casa de banho. Todas elas embebidas em carmim. Arranquei os cortinados das janelas e usei-os para embrulhar o corpo, atando-o cuidadosamente com os

cordões dos cortinados. Escondi a arma no elevador para comida, na sua cavidade secreta no interior da parede, e rodei a maçaneta para que se deslocasse para um espaço entre pisos.

A porteira trouxe lixívia; usei-a para limpar depois de ter lavado o sangue. Respirando pela boca para não lhe sentir o cheiro. Pressionei as costas da mão contra a boca. Não podia vomitar. Tinha de me controlar.

A lixívia manchou o chão, queimou o verniz da madeira. Deixou uma marca enorme, maior ainda do que a poça de sangue. Mas foi o melhor que consegui, melhor do que a alternativa.

E depois – não sei quanto tempo mais tarde – a porta abriu-se. Nem sequer se encontrava trancada, esquecera-me disso face à tarefa que tinha em mãos.

Eles ficaram ali parados. Os dois rapazes Meunier. Os meus enteados. O Nicolas e o Antoine. A fitarem-me horrorizados. A mancha de lixívia diante de mim, sangue até aos cotovelos. O rosto do Nick lívido.

– Aconteceu um acidente horrível – disse eu.

– Meu Deus – disse o Nicolas, engolindo em seco com força. – Isto é por causa…

Seguiu-se uma demorada pausa enquanto eu tentava pensar no que dizer. Eu não iria proferir o nome da Mimi. Entendi que o Jacques poderia arcar com as culpas, como o faria um pai. Afinal, esta confusão devia-se a ele. Resolvi contar:

– O vosso pai descobriu aquilo em que o Ben andava a trabalhar…

– Oh, céus. – O Nick levou as mãos à cara. E seguir chorou, como uma criancinha. Um som de uma dor terrível. Tinha os olhos humedecidos, a boca aberta. – Isto é tudo culpa minha. Eu contei ao papá. Eu contei-lhe o que a Mimi tinha descoberto, aquilo sobre o que o Ben andava a escrever. Eu não fazia ideia. Se eu soubesse, oh, céus…

Por momentos, ele pareceu balançar. A seguir, saiu a correr do quarto. Ouvi-o vomitar, na casa de banho.

O Antoine ficou ali parado, de braços cruzados. Pareceu igualmente nauseado, mas percebi que estava determinado a aguentar.

– Foi bem merecido, o *putain de bâtard* – disse, por fim. – Eu próprio o teria feito. – Mas não soou muito convicto.

Uns minutos mais tarde, o Nick regressou, com um ar pálido, mas determinado.

Ficámos ali os três parados, a olhar uns para os outros. Nunca até então formáramos algo que se parecesse com uma família. Agora, estávamos unidos de uma forma bizarra. Não foram trocadas palavras, apenas um assentir silencioso de solidariedade. E, a seguir, deitámos mãos à obra.

Jess

Até nos meus momentos mais sombrios nos últimos dias, mesmo ao perceber naquilo em que o Ben se envolvera, não me permiti a imaginá-lo. Nunca ponderei encontrar o meu irmão assim, tal como encontrei a minha mãe.

Deixo-me cair de joelhos.

Não se parece com o meu irmão, o corpo no colchão. Não o digo apenas por causa da pele pálida e cerosa, das órbitas fundas. O que se passa é que nunca o vi tão quieto. Não consigo pensar no meu irmão sem pensar no sorriso matreiro, na sua energia.

Observo a cor carmim escura e enferrujada da *T-shirt*. Vejo que o resto do tecido é claro. É uma mancha. Cobre toda a frente.

Ele deve ter estado sempre aqui, desde o início, enquanto eu andava de um lado para o outro em busca de pistas, tremendamente preocupada. A achar que de alguma maneira o ajudava. E só de pensar que logo na minha primeira manhã aqui vi aquela porta do sótão trancada.

Agachada ao lado dele, balanço-me para a frente e para trás ao mesmo tempo que as lágrimas começam a escorrer.

– Lamento – digo. – Lamento tanto.

Estendo o braço para lhe agarrar a mão. Quando foi a última vez que demos as mãos, eu e o meu irmão? Naquele dia na esquadra da polícia, talvez. Depois do que aconteceu à mãe. Antes de cada um seguir o seu caminho. Aperto os dedos dele com força.

Depois, quase largo a mão dele com o choque.

Era capaz de jurar que senti os dedos dele a mexerem. Sei que é a minha imaginação, claro. Mas por momentos achei mesmo que…

Espreito para cima. Os olhos dele estão abertos. Não estavam abertos antes… estavam?

Levanto-me, ponho-me por cima dele. O meu coração bate com intensidade.

– Ben?

Tenho a certeza de que acabei de vê-lo a pestanejar.

– Ben?

Mais um pestanejar. Não imaginei. Vejo os olhos dele a tentarem focar-se nos meus. E agora ele abre a boca, mas não sai qualquer som. E então:

– Jess.

É pouco mais do que uma exalação, mas sem dúvida que o ouvi dizê-lo. Volta a fechar os olhos, como se estivesse muito, muito cansado.

– Ben! – digo. – Vamos. Ei. Senta-te. – De repente, parece muito importante levantá-lo. Encaixo os braços debaixo das axilas dele. É praticamente um peso morto. Mas lá consigo içá-lo até que se sente. Quase tomba para a frente e tem os olhos turvos, confusos, mas abertos.

– Oh, Ben. – Seguro-lhe os ombros. Não me atrevo a abraçá-lo na eventualidade de estar demasiado magoado. Escorrem-me agora lágrimas pelo rosto; deixo-as cair. – Oh, meu Deus, Ben, estás vivo… estás vivo.

Ouço uma porta bater atrás de mim. É a porta de acesso ao sótão. Por momentos esqueci-me por completo de tudo e de todos.

Volto-me, lentamente.

Está ali a Sophie Meunier. Atrás dela: o Nick. E apesar de ainda me sentir abalada com que acabou de acontecer, consigo perceber que há uma grande diferença nas expressões deles. A cara da Sophie é uma máscara de intenso terror. Mas a do Nick, ao olhar para o Ben, revela surpresa, horror, confusão. Na verdade, o Nick – e esta é a única forma de o descrever – parece que viu um fantasma.

Nick

Segundo andar

Sinto-me a ser tomado pelo pavor ao interiorizar a cena no sótão. Vim para cá a correr quando ouvi os gritos, depois de ter arrastado o Antoine, semi-inconsciente, para o sofá do meu apartamento.

Ele está aqui. O Ben está aqui. Não parece nada bem, mas está sentado. E vivo.

Isto não pode estar certo. Não faz qualquer sentido. Não é possível.

O Ben morreu. Está morto desde sexta-feira à noite. O meu amigo de outros tempos, o meu velho colega de universidade, o tipo por quem fiquei caidinho naquela noite quente de verão em Amesterdão há mais de uma década e em quem penso desde então.

Ele morreu e foi culpa minha e desde esse dia tenho tentado viver com a culpa e com a dor: arrastando-me por aí praticamente como um *zombie*.

Olho para a minha madrasta, a contar ver o meu espanto refletido nela. Não está lá. Isto não parece surpreendê-la. Ela sabe. É a única explicação. De resto, como pode estar tão calma?

Por fim, lá consigo falar:

– O que é isto? – pergunto, com voz rouca. – O que é isto? O que raio se passa? – Aponto para o Ben. – Isto não é possível. Ele está morto.

Entendem, sei-o com certeza. Dispus de imenso tempo para interiorizar tudo: o horror indescritível daquela forma sem vida na sua mortalha improvisada. Esse facto inegável. Também do sangue, espalhado pelo soalho e embebido nas toalhas: muito mais sangue do que alguém pode perder e continuar vivo. Mas é mais do que isso. Há três noites, eu e o Antoine carregámos este corpo pelas escadas e escavámos uma vala rasa e enterrámo-lo no jardim do pátio.

Mimi

Quarto andar

Está tudo tão sossegado agora, depois do grito lá em cima. O que se passa? O que é que ela encontrou?

Esta é a parte que recordo. Depois disso, não há nada, até ao sangue.

Era tarde e sentia-me cansada com todos os pensamentos a redemoinhar na minha cabeça, mas não conseguia dormir. Não conseguia parar de pensar no que lera. No que vi. O Ben… e a minha mãe. Destruí as minhas pinturas dele. Porém, não me pareceu suficiente. Conseguia vê-lo lá no seu apartamento, a trabalhar arduamente no computador. No entanto, agora era tudo diferente. Sabia sobre o que ele escrevia e pensar nisso deixou-me nauseada, outra vez. Era algo que nunca poderia esquecer. Mesmo que me esforçasse por não acreditar. Mas acho que sim. Acho que acredito. Os tons sussurrados que toda a gente usa ao falar do negócio do papá. As coisas que ouvi o Antoine dizer. Começava tudo a fazer um sentido horrível.

O Ben veio à janela e olhou para cima. Esquivei-me para que não me visse. A seguir, voltei a observar.

Regressou para a secretária, olhando para o telefone, encostando-o à orelha. Mas, depois, olhou para cima. Rodou a cabeça. Começou a levantar-se. A porta estava a abrir-se. Alguém entrava na sala.

Oh… merde.

Putain de merde.

O que fazia ele ali?

Era o papá.

Não era suposto estar em casa.

Quando é que ele voltou? E o que fazia no apartamento do Ben?

O papá segurava algo nas mãos. Reconheci-o: era a garrafa *magnum* de vinho que oferecera ao Ben umas semanas antes.

Ele ia…

Não conseguia ver mais. Mas ao mesmo tempo não conseguia desviar o olhar. Vi o Ben a cair de joelhos. Enquanto o papá erguia repetidamente a garrafa. Vi o Ben a cambalear para trás, até tombar no chão, com o sangue a começar a embeber-se na frente da sua *T-shirt* clara, deixando-a vermelha. E percebi que a culpa era minha.

O Ben rastejou até à janela. Vi quando ergueu a mão, bateu com a palma no vidro. E então formou uma palavra com os lábios: *Socorro*.

Vi o meu pai a voltar a erguer a garrafa. E percebi o que ia acontecer. Ele ia matá-lo.

Eu tinha de fazer algo. Amava-o. O Ben traíra-me. Destruíra todo o meu mundo. Mas eu amava-o.

Peguei na coisa que tinha mais à mão. E então desci as escadas tão depressa que nem sentia os pés a tocar no chão. A porta do Ben estava aberta e vi o papá por cima dele e tinha de o fazer parar – tinha de o fazer parar e ao mesmo tempo talvez houvesse uma vozinha dentro de mim a dizer: ele não é mesmo o teu papá, este homem. E não é um bom homem. Fez coisas terríveis. E agora está também prestes a tornar-se um assassino.

Ben estava caído no chão de olhos fechados. E então eu estava atrás do papá – ele não me vira, não me ouvira a entrar sorrateiramente no quarto – e tinha a minha faca de cortar tela na mão, que é pequena, mas tem uma lâmina afiada, tão afiada, e levantei-a sobre a cabeça…

E depois nada.

E depois o sangue.

Mais tarde, pareceu-me ouvir o som de vozes no pátio. Ouvi pás a raspar. Não fazia qualquer sentido. A mamã gosta de jardinar, mas estava escuro, era de noite. Porque é que o fazia agora? Não podia ser real: só podia ser um sonho. Ou algum tipo de pesadelo.

Nick

Segundo andar

Recordo-me de ter saído do escritório do papá depois de lhe ter contado o que o Ben andava a tramar, aquilo sobre o que andava a escrever. Liguei-lhe para casa, disse-lhe que havia algo que ele precisava de saber. Ao descer as escadas pensei na expressão dele. A raiva mal contida. Uma dose de medo que me levou de volta à infância; quando ele mostrava aquela expressão, era hora de desaparecer do mapa. Mas ao mesmo tempo também senti um *frisson* de prazer perverso. Com o rebentar da bolha do Benjamin Daniels. Por mostrar ao papá que a famosa avaliação que ele fazia das pessoas nem sempre era tão precisa como achava, maculando o rapaz de ouro de quem por momentos pareceu mais chegado comparativamente aos próprios filhos. Traí o Ben, sim, mas de uma forma muito mais suave do que quando ele me traiu a mim e à hospitalidade da minha família. Ele estava a pedi-las.

Contudo, qualquer sensação de triunfo depressa esmoreceu. De repente, desejei sentir-me anestesiado. Ingeri quatro dos pequenos comprimidos azuis e estendi-me no meu apartamento num atordoamento alimentado a oxicodona.

Talvez estivesse consciente de uma certa agitação lá em cima, não sei – era como se acontecesse noutro universo. Mas ao fim de algum tempo, quando o efeito dos comprimidos começou a dissipar-se, achei que seria melhor ir dar uma vista de olhos.

Cruzei-me com o Antoine nas escadas. Cheirava a álcool: deve ter estado mergulhado noutro estupor embriagado.

– O que raio se passa? – perguntou. O tom dele era brusco, mas a sua expressão denotava algum receio.

– Não faço a mínima ideia – respondi. Não era bem verdade. Já começava a formar-se na minha mente uma suspeição que não conseguia descrever. Subimos juntos até ao terceiro andar. O sangue. Foi a primeira coisa que vi. Imenso. E a Sophie no meio.

– *Aconteceu um acidente horrível.* – Foi o que ela nos disse.

Percebi de imediato que a culpa era minha. Eu pusera tudo aquilo em marcha. Sabia que tipo de homem era o meu pai. Deveria saber do que seria capaz. Mas fiquei tão cego de raiva, por me sentir traído. Disse a mim próprio que protegi a minha família, mas também desejei atacar. De alguma maneira magoar o Ben. Mas isto… o sangue, aquela forma terrível inerte embrulhada na mortalha feita com os cortinados. Não era capaz de olhar para lá.

Na casa de banho vomitei como se conseguisse expulsar o horror, como se fosse algo que comera. Mas é evidente que não me abandonou, era agora parte de mim.

Sem saber muito bem como, consegui recompor-me. Já não havia nada a fazer pelo Ben. Eu sabia que tinha de fazer aquilo, pela sobrevivência da família.

O peso terrível do corpo nos meus braços. Mas nada daquilo pareceu real. Em parte, achei que se olhasse para o rosto do Ben tornaria aquilo real. Talvez isso fosse importante, para dar o assunto por encerrado. Mas acabei por não conseguir fazê-lo. Desfazer aquelas amarras bem cingidas, confrontar o que se encontrava dentro.

Estão a ver, foi isto que aconteceu. Há três noites o Ben morreu… e enterrámo-lo.

Foi, não foi?

Sophie

Penthouse

Assim que a vi, coberta de sangue – o sangue do meu marido – agi depressa, quase sem pensar. Tudo o que fiz foi para proteger a minha filha. É possível que também eu estivesse em choque, mas na minha mente pareceu-me tudo muito claro. Sempre fui determinada, focada. Capaz de extrair o melhor de uma situação complicada. Afinal, foi assim que conquistei esta vida.

Sabia que para obter a cooperação dos filhos dele, a ajuda deles nisto, o Jacques teria de permanecer vivo. Sabia que teria de ser o Benjamin o morto. Antes de embrulhar o corpo, encostei o telemóvel do Jacques à cara dele, desbloqueei-o, alterei a palavra-passe. Desde então que o guardei comigo, trocando mensagens com o Antoine e o Nicolas, passando-me pelo papá deles. Quanto mais tempo lograsse manter o Jacques «vivo», mais conseguiria obter da parte dos filhos dele.

Depois de ter feito o que podia pelo Benjamin – estancando o sangue com uma toalha, limpando os ferimentos – a porteira e eu trouxemo-lo cá para cima para os *chambres de bonne*. Ele estava demasiado atordoado para se debater; demasiado ferido para tentar libertar-se. Aqui, tenho-o mantido vivo… apenas. Tenho-lhe dado água, restos de comida: há dias uma *quiche* da padaria. Até conseguir decidir o que fazer com ele. Ele estava tão ferido que teria sido mais fácil deixar a natureza atuar. Contudo, tínhamos sido amantes. Ainda havia essa recordação do que tínhamos representado um para o outro. Sou muita coisa: prostituta, mãe, mentirosa. Mas não sou assassina. Ao contrário da minha adorada filha.

– O Jacques teve de se ausentar por uns tempos – contei aos meus enteados quando chegaram. – É melhor que ninguém saiba que ele esteve esta noite em Paris. Tanto quanto sei, se alguém perguntar, permaneceu sempre fora numa das suas viagens. Certo?

Anuíram ambos. Nunca gostaram de mim, nunca me aprovaram. Mas, na ausência do pai, agarravam-se a tudo o que eu dizia. Desejando que lhes dissesse o que fazer, como agir. Nunca chegaram a crescer, nenhum deles. O Jacques nunca lhes permitiu fazê-lo.

Penso na gratidão que senti no início em relação ao Jacques por me «salvar» da minha vida anterior. Não percebi na altura como fora comprada muito barata. Não me libertei ao casar com o meu marido, como pensara. Não subi a um patamar mais elevado. Fiz exatamente o contrário. Casei com o meu chulo: acorrentei-me a ele para toda a vida.

Talvez a minha filha tenha feito aquilo que não tive coragem de fazer.

Jess

Agarro a faca, pronta para defender o Ben, e a mim, na eventualidade de algum deles se aproximar. Estranhamente, agora não parecem tão ameaçadores. O ambiente já não parece tão tenso. O olhar do Nick saltita entre a Sophie e o Ben; o olhar dele é tresloucado. Passa-se ali algo mais, algo que não compreendo. Mas continuo a empunhar a faca. Não posso baixar a guarda.

– O meu marido morreu – diz a Sophie Meunier. – Foi isso que aconteceu. – Aquelas palavras levam o Nick a recuar, hesitante. *Ele não sabia?*

– *Qui?* – diz ele, num tom rouco. – *Qui?* – Acho que deve estar a perguntar quem.

– A minha filha – diz Sophie Meunier –, ela estava a tentar proteger o Ben. Tenho mantido aqui o seu irmão. – Aponta na nossa direção. – Tenho-o mantido vivo. – Profere-o como se merecesse algum tipo de crédito. Não encontro as palavras para reagir.

Olho de um para o outro, tentando perceber como agir. O Nick está todo encolhido; agachado, com as mãos na cabeça. A Sophie Meunier é a ameaça aqui, não duvido. Sou eu a segurar a faca, mas não ponho as mãos no fogo por ela. Ergo a faca e não parece minimamente perturbada.

– Vai deixar-nos ir embora – digo, tentando soar bem mais assertiva do que na realidade me sinto. Posso ter uma faca na mão, mas ela é que nos mantém aqui encurralados: o portão da rua está trancado. Percebo rapidamente que não há como escapar deste lugar sem a concordância dela. Duvido que o Ben se levante sem uma boa ajuda e há todo este edifício a separar-nos do mundo exterior. Ela provavelmente pensará o mesmo.

Abana a cabeça.

– Não posso permitir isso.

– Sim, tem de o fazer. Preciso de o levar a um hospital.

– Não…

– Eu não lhes conto – digo, de pronto. – Olhe… não digo como se feriu. Eu… eu… digo-lhes que caiu de moto, ou algo assim. Digo que deve ter regressado a casa… que eu o encontrei.

– Não vão acreditar – frisa ela.

– Eu arranjo uma maneira de os convencer. – Apercebo-me agora do desespero na minha voz. Imploro. – Por favor. Pode confiar em mim.

– E como posso ter a certeza?

– Que alternativa tem? – questiono. – O que mais pode fazer? – Aqui, eu arrisco. – Não pode manter-nos aqui presos para sempre. As pessoas sabem que aqui estou. Hão de vir procurar. – Não era propriamente verdade. Há o Theo, mas provavelmente está neste momento numa cela todo pisado e nunca lhe dei a morada: iria levar algum tempo a descobrir. Mas ela não precisa de o saber. Só tenho de lhe vender a ideia. – E sei que não é uma assassina, Sophie. Tal como disse, manteve-o vivo. Não o teria feito, se fosse uma assassina.

Ela olha-me muito séria. Não faço ideia se algo aqui resulta. Sinto que necessito de algo mais.

Penso no modo como ela disse «Minha filha», a intensidade da emoção. Tenho de apelar a isso.

– A Mimi está a salvo – digo. – Prometo. Se o que diz é verdade, ela salvou a vida ao Ben. Isso significa muito… isso significa imenso. Nunca contarei a ninguém o que ela fez. Juro. Esse segredo morre comigo.

Sophie

Penthouse

Posso confiar nela? Tenho alternativa?

«*Nunca contarei a ninguém o que ela fez.*» De alguma maneira, ela conseguiu adivinhar o meu maior receio.

Tem razão: se eu os quisesse matar, já o teria feito. Sei que não posso manter os dois aqui enfiados para sempre. Nem o desejo fazer. E não acho que os meus enteados continuem a cooperar comigo. O Nick parece de rastos com a constatação da morte do pai; o Antoine até agora ajudou por achar que fazia o que o pai pedia. Temo a reação dele quando descobrir a verdade. Terei de descobrir o que fazer com ele, mas esse não é agora o meu principal problema.

– Não vai contar à polícia – digo. Não se trata de uma pergunta.

Ela abana a cabeça.

– Eu e a polícia não nos damos bem. – Aponta para o Nicolas. – Ele pode confirmar. – Mas o Nicolas mal parece ouvi-la. Por isso, ela continua a falar, num tom baixo e urgente. – Olhe, vou contar-lhe uma coisa, se ajudar. O meu pai era bófia. Só que fez da vida da minha mãe um inferno. Mas ninguém acreditou em mim quando contei o modo como ele a tratava, como lhe batia. Porque ele era um «tipo porreiro», porque metia os maus na cadeia. E então… – Aclara a garganta. – E então um dia foi de mais para a minha mãe. Decidiu que seria mais simples desistir. Por isso… não. Não confio na polícia. Nem aqui, nem em lado nenhum. Antes até de ter conhecido o vosso tipo… o Blanchot. Tem a minha palavra de que não lhes conto nada.

Então, ela sabe do Blanchot. Cheguei a pensar ligar-lhe para vir dar uma ajuda. Mas sempre foi o homem do Jacques, não sei se a sua lealdade se estenderia a

mim. Não posso arriscar-me a que ele saiba a verdade.

Avalio a rapariga. Percebo que, apesar de contrariada, acredito nela. Em parte, por causa do que acabou de me contar, sobre o pai. Em parte, por ver na expressão dela que é verdade. E, por fim, por não ter a certeza se disponho de outra alternativa senão confiar nela. Tenho de proteger a minha filha a todo o custo: agora, só isso interessa.

Nick

Segundo andar

Sinto-me entorpecido. Sei que a dada altura hei de recuperar as sensações e sem dúvida que nesse momento a dor vai ser terrível. Mas, por ora, persiste apenas este atordoamento. Há nele um certo alívio. Talvez ainda não saiba o que sentir. O meu pai morreu. Passei a infância aterrorizado com ele, toda a minha vida de adulto a tentar escapar-lhe. E, todavia, Deus me ajude, eu também o amava.

Ajo por puro instinto, como um autómato, ao ajudar a erguer o Ben, para o transportar pelas escadas. E, apesar de atordoado, tenho a consciência do estranho e terrível eco de há três noites, quando transportei outro corpo, tão rijo e imóvel, para o jardim do pátio.

Por momentos, os nossos olhares cruzam-se. Ele está praticamente inconsciente, por isso talvez seja imaginação minha… mas parece-me ver algo na expressão dele. Um pedido de desculpa? Uma despedida? Mas depressa desaparece e os olhos dele voltam a fechar-se. E sei que de qualquer modo não confiaria. Porque a verdade é que nunca conheci o verdadeiro Benjamin Daniels.

Uma semana mais tarde

Jess

Estamos sentados em silêncio um em frente ao outro na mesa de fórmica. O Ben bebe de uma vez o seu *espresso* no copinho de cartão. Eu arranco a ponta de um *croissant* e mastigo. Pode ser o café de um hospital, mas estamos em França, pelo que a pastelaria é muito boa.

Por fim, o Ben fala:

– Não consegui evitar, sabes? Aquela família. Tudo o que nunca tivemos. Eu queria fazer parte daquilo. Queria que me amassem. E ao mesmo tempo queria destruí-los. Em parte, por viverem à custa de mulheres que poderiam ter sido a nossa mãe, a dada altura da vida dela. Mas também, calculo, apenas porque podia.

Está com péssimo aspeto: metade da cara coberta por uma pisadura verde-escura, a pele por cima da sobrancelha com agrafos, o braço engessado. Quando nos sentámos, a mulher ao nosso lado até se assustou e desviou rapidamente o olhar. Mas conhecendo o Ben, ele em breve ficará com uma pequena cicatriz para exibir, a qual utilizará nas suas investidas de charme.

Trouxe-o para o hospital de táxi: com dinheiro tirado da carteira dele, é evidente. Expliquei que ele caiu na *scooter* dele, perto de casa, e fez um grande ferimento na cabeça. Relatei que regressou a casa e tombou ali, completamente apagado, até eu aparecer e o salvar. Gerou uns quantos soergueres de sobrancelhas – turistas ingleses malucos – mas trataram dele.

– Obrigado – diz ele, de repente. – Nem acredito naquilo por que passaste. Bem sabia que te devia ter dito para não vires…

– Bem, graças a Deus que não o fizeste, certo? Pois não teria conseguido salvar-te a vida.

Engole em seco. Percebo que não lhe agrada ouvi-lo. É incómodo, perceber que se precisa dos outros. Eu sei-o.

– Desculpa, Jess.

– Bem, não fiques à espera que volte a salvar-te.

– Não só por isso. Por não ter estado presente quando precisaste de mim. Por não ter estado lá no momento que era mesmo preciso. Não devias ter dado com ela sozinha.

Um demorado silêncio.

A seguir, ele diz:

– Sabes, de certa forma sempre tive inveja de ti.

– Como assim?

– Pudeste vê-la uma última vez. Eu nunca pude despedir-me. – Não me ocorre nada que possa dizer. Não seria capaz de imaginar algo pior do que encontrá-la. Mas talvez em parte compreenda.

O Ben espreita para cima.

Acompanho o olhar dele e vejo o Theo com um casaco escuro e cachecol, de mão erguida, do outro lado das janelas. Posso ter perdido o meu telemóvel, mas felizmente ainda tinha o cartão de visita dele entre as minhas coisas. Com o seu lábio rachado, agora parece um pirata que esteve envolvido num duelo. Está também com bom aspeto.

Volto-me de novo para o Ben.

– Ei – digo –, o teu artigo, ainda o tens, certo?

Ele ergue as sobrancelhas.

– Sim. Só Deus sabe o que terão feito ao meu portátil, mas já tinha passado tudo para a nuvem. Qualquer jornalista de jeito sabe o que fazer.

– Tem de ser publicado – friso.

– Eu sei, estava a pensar o mesmo…

– Mas… – Ergo um dedo. – Temos de fazer as coisas bem feitas. Se for publicado, a polícia terá de ir ao clube. E as raparigas que lá trabalham… a maioria será deportada, certo?

O Ben assente com a cabeça.

– Então, vai ser pior para elas do que já é agora – comento. Penso na Irina. *Não posso voltar para lá… não era uma situação boa*. Recordo o modo como ela disse que desejava uma nova vida. Não vou ser, de maneira nenhuma, responsável por ela ser enviada de volta para casa. Se fizermos isto mal, sei que apenas os vulneráveis se tramam.

Olho para o Ben e a seguir para o Theo enquanto ele atravessa a sala para se juntar a nós.

– Tenho uma ideia.

Sophie

Penthouse

O envelope creme treme na minha mão. Deixado em mãos na caixa do correio do apartamento esta manhã.

Rasgo-o para o abrir, retiro uma carta dobrada. Nunca antes vi esta letra – uns sarrabiscos bastante desordenados.

> Madame Meunier,
>
> Houve algo que não tivemos a oportunidade de discutir. Acho que ambas teríamos outras coisas em que pensar? Seja como for, fiz-lhe uma promessa: não falei com a polícia e não o farei. Mas o artigo do Ben sobre La Petite Mort será publicado dentro de duas semanas, quer faça algo ou não.

Sustenho a respiração.

> Mas, se ajudar, terá uma ênfase diferente. Tanto pode fazer parte da história, assumir o papel principal, ou ele pode assegurar que nem seguer é mencionada, que é mantida o mais possível à parte. E a sua filha não será referida de todo.

Aperto a carta com mais força. A Mimi. Mandei-a para o sul de França, para pintar, para recuperar. Foi contra todos os instintos maternais; não queria afastar-me dela, sabendo como se encontrava vulnerável e zangada. Contudo,

sabia que não poderia ficar aqui, com a sombra da morte a pairar sobre este lugar. Mas, antes de partir, expliquei-lhe tudo, nas minhas próprias palavras. O quanto era desejada quando entrou na minha vida. O quanto era amada. Como nunca a encarei como não sendo verdadeiramente minha. O meu milagre, a minha menina maravilhosa.

Também tentei fazê-la ver que tendo em conta as circunstâncias fez a única coisa que poderia fazer naquela noite. Que salvou uma vida, além de tirar outra. Que também ela agiu por amor. Não lhe digo que eu poderia ter feito o mesmo. Que por um breve momento ele foi praticamente tudo para mim. Mas desconfio que, de algum modo, ela está a par do caso – se é isso que se pode chamar a umas semanas de insanidade egoísta, imprudente e gloriosa.

Sei que as coisas podem nunca mais voltar ao mesmo entre mim e a minha filha. Mas posso ter esperança. E amá-la. É tudo o que posso fazer.

Também deixaria este lugar para trás para me juntar a ela… se tivesse a oportunidade. Mas o meu falecido marido está sepultado no jardim. Pode ser uma gaiola dourada, mas é a vida que escolhi.

Continuo a ler:

> O Nick também não será referido. Se calhar não é mau tipo, por baixo daquilo tudo. Acho que terá feito algumas escolhas questionáveis. (Vire s.f.f.)

O Nicolas também partiu, com os poucos bens que aqui tinha. Acho que não vai voltar. Acho que será bom para ele deixar este lugar. Desenrascar-se sozinho.

O meu outro enteado permanece aqui e, apesar de não ser o mais simpático dos vizinhos, mais vale tê-lo onde posso estar de olho nele. E agora é uma presença menos ameaçadora. Acho que não vou receber mais dos seus bilhetinhos. Parece debilitado por tudo, pela dor que sente por um pai que pouco mais fez do que ser cruel com ele. Mesmo contrariada, sinto pena dele.

Viro a carta. Prossigo a leitura:

Eis o que lhe peço que faça. Aquelas raparigas? As do clube? As que têm a idade da sua filha, que estão a ser fodidas por tipos ricos e importantes para que todos vocês possam viver nesse sítio? Vai ser justa com elas. Vai dar a cada uma delas uma boa porção de dinheiro.

Abano a cabeça.

– Mas é que nem pensar…

Calculo que vá dizer que o prédio, tudo isso, está em nome do seu marido. Mas e aqueles quadros nas paredes? E aqueles diamantes nas suas orelhas, aquela adega de vinho lá em baixo? Não sou propriamente uma especialista, mas até na minha modesta estimativa está sentada sobre uma bela fortuna. Estou a dizer-lhe agora que deve vender isso a quem não deseje um rasto de papelada. A alguém que pague em dinheiro.

Dou-lhe umas semanas. Vai dar às raparigas uma oportunidade de resolverem também a vida. Mas, depois, a história do Ben terá de ser publicada. Afinal, ele tem um editor à espera. E aquele lugar tem de desaparecer. La Petite Mort tem de morrer a sua mortezinha. A polícia terá então de investigar. Talvez não com o empenho devido, tendo em conta que também terão ligações ao clube.

Peço-lhe que faça isto enquanto mãe, enquanto mulher. Além disso, algo me diz que não se importaria de se livrar por completo daquele lugar. Estou enganada?

Dobro a carta e devolvo-a ao envelope.

E assinto com a cabeça.

Espreito para cima, sentindo-me observada. O meu olhar incide diretamente no casebre no canto do pátio. Mas não há ninguém lá dentro. Procurei-a naquela noite. Vasculhei o prédio de cima a baixo, convencida de que ela não iria longe com os ferimentos. Até espreitei no casebre dela. Mas não havia sinais dela. A par das fotografias na parede, de vários dos artigos mais pequenos e, contudo,

valiosos do apartamento – aquele pequeno Matisse, por exemplo – e também do meu *whippet* cinzento, o *Benoit*, a porteira sumira.

Um artigo no Paris Gazette

Aparentemente, o proprietário do La Petite Mort, Jacques Meunier, desapareceu no seguimento das sensacionais alegações sobre o exclusivo clube noturno. A polícia procura agora levar a cabo uma investigação em larga escala, embora isto supostamente esteja a ser dificultado pelo facto de não haver testemunhas disponíveis para interrogatório. Todas as bailarinas que trabalhavam anteriormente no clube aparentemente desapareceram.

Isto pode revelar-se de certa forma um alívio para os clientes das atividades alegadamente ilegais do clube. No entanto, um *website* anónimo publicou recentemente o que alega ser uma lista de excertos dos registos do La Petit Mort, apresentando dezenas de nomes da nata da sociedade francesa.

Além disso, um oficial de alta patente da polícia, o comissário Blanchot, apresentou a sua demissão na sequência da circulação de imagens explícitas que alegadamente o mostram *in flagrante* com diversas mulheres num dos quartos subterrâneos do clube.

Tal como foi previamente relatado, o filho de Meunier, Antoine Meunier (alegadamente braço-direito do pai), suicidou-se com uma arma de fogo antiga para evitar a detenção.

Epílogo

Jess

Reboco a minha mala pelo átrio da Gare de l'Est, com a roda partida a prender a cada passo; preciso mesmo de a mandar consertar. Olho para o ecrã para procurar o meu comboio.

Ali está: o serviço noturno para Milão, onde mudo para seguir para Roma. Às primeiras horas da manhã viajaremos pela margem do Lago de Genebra e com o céu limpo será possível ver os Alpes. A mim, parece-me ótimo. Achei que estaria na altura da minha própria espécie de viagem pela Europa. O Ben vai ficar cá para tentar impor-se como jornalista de investigação. Assim, talvez pela primeira vez, sou eu a deixá-lo. Não a fugir de nada, nem de ninguém. Apenas em viagem, em busca da próxima aventura.

Até tenho um lugar à minha espera. Um estúdio, que é na verdade apenas uma palavra cara para um quarto minúsculo onde se chega a tudo sem sair da cama. Com uma certa graça, é a conversão de antigos aposentos de criados no cimo de um prédio de apartamentos. E, aparentemente, com um certo esforço dá para ver a Basílica de São Pedro. Provavelmente, não será muito maior do que o casebre da porteira. Mas a verdade é que não tenho muita coisa para lá pôr: o conteúdo de uma mala estragada.

Bem, mas é meu. Não, não é meu *meu*… Não o comprei, estão loucos? Mesmo que, por algum motivo, tivesse o dinheiro, não quereria o meu nome nos registos de nada. Não quero o meu nome preso a nada. Mas paguei o depósito e o primeiro mês adiantado. Tirei uma parte do dinheiro que as raparigas do clube iam receber. Uma espécie de comissão, se quiserem. Afinal de contas, não sou nenhuma santa.

Quanto às raparigas – as mulheres, melhor dizendo – é evidente que não podia segurar-lhes nas mãos e dizer-lhes que ia correr tudo bem. Mas é agradável saber que receberam o mesmo que eu. O que vai dar-lhes tempo. Um pequeno espaço para respirarem. Talvez até a oportunidade de fazerem algo diferente.

Vinte minutos antes de o meu comboio partir, olho em volta para ver se há algum sítio onde ir buscar um *snack*. E ao fazê-lo vejo de relance um vulto a avançar por entre a multidão. Pequena, com um andar que me é familiar, curvado, a arrastar os pés. Um lenço de seda na cabeça. Um *whippet* cinzento pela trela. A juntar-se à fila de gente à espera de embarcar num comboio – olho para o ecrã sobre a plataforma – para Nice, no sul de França. E depois desvio o olhar e não volto a espreitar até o comboio começar a abandonar a plataforma. Porque todos temos esse direito, não temos?

De tentar uma nova vida.

Agradecimentos

Adorei escrever este livro. Ao mesmo tempo, foi o livro que mais me custou escrever: por um lado, por ter sido a estrutura e a premissa mais complicadas que alguma vez tentei… por outro, por ter sido escrito, primeiro, enquanto me encontrava muito grávida e, depois, com um novo bebé a reboque. *E* durante uma pandemia, embora nesta matéria tenha a consciência da minha sorte em ter um trabalho que me permite facilmente trabalhar em casa, ao contrário de muitos, em especial aqueles trabalhadores essenciais incrivelmente corajosos.

Seja como for, orgulho-me deste livro e de o lançar no mundo. Não é algo muito britânico de se dizer, mas é verdade! Ao mesmo tempo, parece-me muito, *muito* importante vincar que nada teria sido possível sem o esforço árduo de pessoas muito bondosas, dedicadas e talentosas. Devia mesmo haver muitos nomes na capa: este livro resultou de um enorme esforço de equipa!

Obrigada à fenomenal Cath Summerhayes, pela tua interminável sagacidade e sabedoria e pelos conselhos sábios, e por ser tão divertido trabalhar, lanchar e tomar *cocktails* contigo… e por estares sempre lá para atender o telefone. Sou uma sortuda por contar contigo e sinto-me muito grata por tudo o que fazes.

Obrigada à incrível Alexandra Machinist, pelos teus conselhos infalivelmente excelentes e pelas inacreditáveis capacidades de negociação. E apesar de para já as nossas planeadas aventuras parisienses terem soçobrado devido ao norovírus, sei que tomaremos em breve uma *flute* de champanhe nos *terrasses* – anseio por brindar ao teu brilhantismo!

Obrigada à Kim Young, por seres a mais paciente e solidária das editoras, por teres defendido este livro desde o início e do primeiro rascunho (francamente,

muito fraco). Sabes sempre como extrair de mim o meu melhor – inspiras-me com a tua crença em mim e na minha escrita! Obrigada por me amparares ao longo de todo o processo – e por estares sempre a postos para pegar no telefone e discutir uma nova ideia louca para o enredo!

Obrigada à Kate Nintzel, pelo teu aconselhamento editorial magistral – pelo teu olhar acutilante e sabedoria editorial geral. Ainda me é difícil acreditar no que alcançaste com *The Guest List* nos EUA, levando o meu sombrio livrinho britânico a mais de um milhão de leitores! Tenho imensa sorte por te ter como minha defensora.

Obrigada à *tremendamente brilhante* Charlotte Brabbin. És uma editora muito talentosa e dedicada. Sinto-me grata por todo o esforço, conselhos, tato e criatividade, e por estares sempre pronta e disponível para uma *brainstorm* – por muito pequena ou pateta que seja a questão, seja de dia ou de noite!

Obrigada ao Luke Speed, por toda a bondade e sabedoria… e pela tua paciência inesgotável ao explicar-me o mundo mágico e desconcertante do cinema! E ao mesmo tempo obrigada por ser tão divertido trabalhar contigo. Tu e a Cath são a equipa de sonho! Que haja muitos mais almoços… e idas ao cinema!

Obrigada a Katie McGowan, Callum Mollison e Grace Robinson, pelo vosso trabalho incrível em descobrirem por todo o mundo tantas editoras para os meus livros. É uma emoção pensar neles a serem traduzidos para outras línguas e a encontrarem tantos novos leitores no mundo. Estou assombrada com o que fazem.

Obrigada à fabulosa família da HarperFiction: Kate Elton, Charlie Redmayne, Isabel Coburn, Abbie Salter, Hannah O'Brien, Sarah Shea, Jeannelle Brew, Amy Winchester, Claire Ward, Roger Cazalet, Izzy Coburn, Alice Gomer, Sarah Munro, Charlotte Brown, Grace Dent e Ben Hurd. Tenho imensa sorte por ser publicada por todos. Espero que em breve todos ergamos um copo juntos!

Obrigada à equipa brilhante da William Morrow: Brian Murray, Liate Stehlik, Molly Gendell, Brittani Hilles, Kaitlin Harri, Sam Glatt, Jennifer Hart, Stephanie Vallejo, Pam Barricklow, Grace Han e Jeanne Reina. Muito obrigada pelo trabalho e dedicação e por apoiarem os meus livros nos Estados Unidos. Estou ansiosa por vos visitar em Nova Iorque para festejarmos juntos!

Obrigada à maravilhosa equipa alargada da Curtis Brown: Jonny Geller, Jess Molloy e Anna Weguelin.

Obrigada à minha querida amiga Anna Barrett, por fazer uma leitura inicial e edição tão fantásticas de *The Paris Apartment* quando eu tanto receava mostrá-lo aos outros – por teres impulsionado de forma tremenda a minha confiança no livro com o teu encorajamento e sugestões. Recomendo *vivamente* a Anna a quem procure uma edição independente do seu romance – podem encontrá-la em: www.the-writers-space.com

Por último, mas não menos importante… obrigada à minha família:

Obrigada aos clãs Foley, Colley e Allen, por todo o apoio.

Obrigada aos meus maravilhosos irmãos, Kate e Robbie (outra vez – Graças a Deus! – nada como os irmãos neste livro!). Sinto imenso orgulho nos dois e imensa sorte por vos ter.

Obrigada aos meus pais, pelo vosso orgulho em mim e pelo apoio infinito e incansável. Obrigada por me perdoarem por aparecer de surpresa apenas para despejar o rapazinho em cima de vocês e desaparecer atrás do portátil. Por serem uns avós tão bondosos e carinhosos, por alimentarem, brincarem e tomarem conta do rapazinho com tanto amor e sem se queixarem enquanto eu estava concentrada em revisões e correções. Obrigada por me encorajarem a contar histórias desde que era uma criança a contar contos no banco de trás!

Obrigada a ti, Al, por literalmente tornares tudo isto possível. Por segurares o bebé; por pores coisas de lado para me ajudares; por conversares comigo durante crises de enredo às três da manhã e em passeios a pé e de carro e em jantares onde fomos e nas férias que fizemos para nos *afastarmos* do livro… pela tua sabedoria, apoio, crença, encorajamento. Por leres quase tantos rascunhos deste livro quanto eu li, de esferográfica na mão – mesmo quando exausto depois de um dia de trabalho ou de lidar com o bebé embirrento… ou ambos. Tu dizes vinte por cento – eu digo que te devo tudo.

Grupo Planeta

Planeta de Livros Portugal
Calçada Ribeiro Santos, n.º 37 – 2.º
1200-789 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2022, Lost and Found Books Ltd.
© 2022, Planeta de Livros Portugal

Título original: *The Paris Apartment*

Design da capa: Grace Han

Imagens da capa: © Elisabeth Ansley/Trevillion Images

Edição em epub: Janeiro de 2023

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-678-6 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo eletrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infração ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

www.planetadelivros.pt
planetaportugal
planetadelivros_pt
planetaportugal
planetadelivros_pt